



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ANA KARYNE LOUREIRO GONÇALVES WILLCOX FURLEY

**SER CRIANÇA COM CÂNCER NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: UM ESTUDO EM
MERLEAU-PONTY**

**VITÓRIA/ES
2019**



**Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

ANA KARYNE LOUREIRO GONÇALVES WILLCOX FURLEY

**SER CRIANÇA COM CÂNCER NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: UM
ESTUDO EM MERLEAU-PONTY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação, na Linha de Pesquisa “Educação Especial e Processos Inclusivos”, sob a orientação do Prof. Dr. Hiran Pinel.

VITÓRIA/ES

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

L892s Loureiro Gonçalves Willcox Furley, Ana Karyne, 1976-
 Ser criança com câncer na brinquedoteca hospitalar: um estudo
 em Merleau-Ponty / Ana Karyne Loureiro Gonçalves Willcox
 Furley. - 2019.
 278 f. : il.

 Orientador: Hiran Pinel.
 Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal
 do Espírito Santo, Centro de Educação.

 1. educação especial. 2. educação inclusiva. 3. fenomenologia.
 4. crianças-assistência hospitalar-educação. 5. brinquedotecas
 educação. 6. pacientes hospitalizados-crianças-educação. I. Pinel,
 Hiran. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de
 Educação. III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**ANA KARYNE LOUREIRO GONÇALVES WILLCOX
FURLEY**

**SER CRIANÇA COM CÂNCER NA BRINQUEDOTECA
HOSPITALAR: UM ESTUDO EM MERLEAU-PONTY**

Dissertação apresentada ao Curso
de Mestrado em Educação da
Universidade Federal do Espírito
Santo como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre em
Educação.

Aprovada em 15 de abril de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Doutor Hiran Pinel
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Denise Meyrelles de Jesus
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Vitor Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Sílvia Moreira Trugilho
Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória

DEDICATÓRIA

É muito pouco que eu tenho a oferecer às crianças que colaboraram com essa pesquisa. Depois dos procedimentos invasivos como a quimioterapia e a radioterapia, mesmo estando cansados, abatidos, ainda tinham forças para brincar. Por vezes, algumas delas ficavam caladas e seus olhares permaneciam distantes, imersas em seus pensamentos. E quando brincavam seus olhos ganhavam um novo brilho, uma nova tonalidade e, através desse brilho, percebi que meu ser criança não se apagou em mim. Dedico esse estudo, feito com carinho e cuidado, a todas vocês!

AGRADECIMENTOS

Sou grata

Eis me aqui, e comigo outros tantos...



A Nadir Willcox Silva (in memorian), cumpro com a promessa.

A Raphael Willcox Furley e Miguel Loureiro Furley, fortalezas em minha vida.

A Kamyla Loureiro, Ivanilda Loureiro, Antônio Gonçalves pela torcida.

Aos amigos José Raimundo Rodrigues, Gabriel Silva Nascimento, Marciane Cosmo, Jaqueline Bragio e Rute Léia Augusta Nascimento. Amigos! Respeito ao espaço do outro é o elo que nos une. Substantivo forte e verdadeiro que representa a alegria ao ver o outro brilhar. Enfim.... Por isso, brilhamos juntos, todas as vezes!

A CAPES, pela bolsa de estudo durante 23 meses.

A você, meu orientador Hiran Pinel, sempre atento à construção de minha subjetividade e na intersubjetividade enquanto ser no mundo. Orientador e orientanda, duas posições indissociadas em um ímpeto de constituição de experiência e saber científico. Levo comigo um pedacinho de ti e te dedico o meu melhor, meu título de mestre. Fizeste-me grande!

A Vera Lúcia e Cândida da BrinQSaúde - HUPE/UERJ, por me acolherem, serem meu apoio quando preciso e me ensinarem sempre, são referências para mim.

A Tatiana Heid Furley, por me apresentar a ACACCI.

Ao colega de estudo Cleyton Santana, pela parceria nas publicações em revistas qualificadas. Parceria breve, porém digna de respeito. Compromisso acadêmico em cumprir com a palavra. Obrigada!

A ACACCI, especialmente na pessoa de Regina Murad e de Luciene Sena, pela acolhida e confiança depositada em mim!

Às mães, aos responsáveis, às crianças e aos adolescentes que acolheram a mim e a minha pesquisa.

Aos funcionários e voluntários da Casa de Apoio, minha gratidão e meu respeito.

À médica oncologista do HINSG, Dra. Glaucia Perini Zouain Figueiredo, por me receber para uma conversa depois de um dia de trabalho. Ela sabe de cada detalhe das crianças da ACACCI. Sensibilidade! Obrigada, Luciene Sena por me apresentar a ela. Durante minha pesquisa, escutei muitas vezes “Tia, você tem que conhecer a Dra. Glaucia”. Pois bem, galerinha, agora conheço!!!!!!!

Às queridas renomadas professoras Beatriz Piccolo Gimenes, Maria Célia Malta Campos e Sirlândia Reis pelo apoio na caminhada pela defesa do brincar.

A todos os meus amigos brinquedistas da turma do “V Curso de Formação de Brinquedista”.

A todos os meus amigos pedagogos da Turma de Pedagogia da Multivix- Serra (2010-2014).

Aos professores Dr. Vitor Gomes, Dr^a. Silvia Moreira Trugilho e Dr^a. Denise Meyrelles de Jesus, pela colaboração e participação na banca.

Às professoras do Programa Dr^a. Denise Meyrelles de Jesus, Dr^a. Lucienne Matos, Dr^a. Sônia Lopes Victor e Dra. Elisa Bartolozzi.

Aos professores do Programa, Dr. Edson Pantaleão, Dr. Reginaldo Célio Sobrinho e Dr. Robson Loureiro.

Ao DTEPE e PROEX pela viabilização facilitadora do curso de extensão de 180 horas “Pedagogia, Brinquedoteca e Classe Hospitalar: um enfoque fenomenológico existencial”, cuja coordenação foi do prof. Dr. Hiran Pinel e eu como co-coordenadora e a colaboração de alunas do PPGE, Jaqueline Bragio, Marciane

Cosmo e Rute Léia Augusta do Nascimento. O curso foi avaliado como de sucesso após a entrega do relatório. Mérito de todos nós!

Aos queridos profissionais da secretaria do nosso PPGE, Roberta, Ana, Diego e Quézia que me auxiliaram sempre como aluna.

A Ricardo Portella, editor da *Revista Artefactum*, pela confiança.

A Lopes, o livreiro, pela atenção e respeito que teve comigo nessa minha caminhada enquanto aluna de mestrado.

A Rayane Cattem, Tatiane Policário e Viviane Jacob (Centro Educacional Castelo - CEC), anjos que estiveram ao lado do meu filho como aluno e criança.

Aos amigos que me receberam em seus lares para eu fazer minhas pesquisas: minha sogra Eliana Willcox Furley (Rio de Janeiro), Tia Carmita e Antonieta Mendes Pereira (São Luís), Tio Huet e Tia Jane Carol (Brasília), Rita e Glaison (São João Del Rei).

Aos meus afilhados Caio Mori, Isabella Colombi e Nicholas Loureiro Quiñónez e minha sobrinha Sophie Loureiro Quiñónez pelos momentos brincantes.

A Vitória Down, não tenho palavras para descrever tamanha gratidão.

Aos profissionais que me receberam nas brinquedotecas que visitei: Karleyla Fassarella e Mariana (INCA - Praça Vermelha/RJ), Elisabeth (Hospital Jesus/RJ), Jacione (Hospital Universitário da UFMA) e Arely (Centro de Reabilitação SARAH Kubitschek - Unidade São Luís) e ao Hospital Pequeno Príncipe (PR), Instituto Boldrini (SP) e ao Projeto Bom Jesus Social (PR) pela ajuda no envio de materiais para estudo.

E não menos importante... estão aqui no final pois desejo que esses nomes sejam os últimos a serem lidos e que vocês o guardem em suas mentes. A partir de agora toda a leitura será por eles. Por uma fenomenologia do brincar é sobre eles. Crianças e adolescentes que, mesmo após de 12 horas quimioterapia, brincam e se

desvelam através do brinquedo. No jardim da ACACCI, estive com flores de todas as espécies possíveis. Cada uma com uma peculiaridade...únicas em suas essências!

RESUMO

Este estudo qualitativo, do tipo fenomenológico-existencial, envolve a temática da Educação Especial, no seu sentido amplo e específico e das brinquedotecas hospitalares. As pessoas que colaboram com nossa pesquisa foram crianças e ou adolescentes com câncer, acolhidas pela instituição ACACCI, que atende pacientes dessa esfera. Os objetivos visam compreender o que é ser uma criança com câncer, enquanto sujeito com necessidades educacionais especiais inseridas em uma brinquedoteca hospitalar, bem como de mostrar o como se revela a “corporeidade, a experiência e a percepção” desses sujeitos diante do brinquedo e do brincar. Para tal propósito, recorreremos fundamentalmente ao marco teórico Merleau-Ponty (1984, 1999, 2006) e os modos como essa produção discursiva produziu atitudes na pesquisadora. Como instrumentos de pesquisa, utilizamos de base uma ferramenta denominada de Diário de Campo e foi nele que escrevemos descrições compreensivas, postamos desenhos, fotografias, diálogos etc. Falas de adulto são postados, desde que relacionadas ao nosso objetivo de pesquisa. Todo processo durou dezoito (18) encontros na brinquedoteca hospitalar da instituição. Analisando os conceitos de “corporeidade, a experiência e a percepção” (MERLEAU-PONTY, 1999), que foram vividos como movimentos indissociados, a criança foi então “inserida” no mundo e o brinquedo e a brincadeira, tudo em uma brinquedoteca hospitalar, que acabaram significando o ser existencial de comunicação. Ocorreu também um silêncio que pode ter sido a ausência da fala, mas desvelada na fala gestual - são as diversas formas de linguagem do ser criança e ou adolescente. Assim, sentimos a criança na totalidade: o corpo, ao perceber objetos (brinquedos) diante de si e de se posicionar frente a eles, pontuando uma “fenomenologia do brincar”, através da experiência, da percepção e de inclusão de si e do outro - no mundo. Quanto às implicações do estudo, também buscamos demonstrar os caminhos possíveis aos pedagogos em geral, voluntários etc., profissionais responsáveis por esses espaços-tempos nos quais a criança é lançada à própria existência, diante da finitude da vida, quer seja no ambiente hospitalar, no domiciliar, escolar, comunitário etc.

Palavras-Chave: Educação Especial, Brinquedoteca Hospitalar, Câncer infantil, Merleau-Ponty.

ABSTRACT

This qualitative study through a phenomenological-existential perspective entails the theme Special Education in its wide and strict sense, as well as the hospital playroom. Those who collaborate with this research were children and/or teenagers with cancer housed by the ACACCI facility, which treats patients within this pathologic board. The objectives lead towards comprehending what it means to be a child with cancer, thus far being a person with special education needs inside the walls of a hospital playroom, as well as depict how “corporeality, experience and perception unveil in these individuals when they are put before the toy and the playing role. To this end, we set the theoretical grounds by taking as milestone, Merleau Ponty (1984, 1999, and 2006), and how this discourse production caused stances to unfold in the researcher. As research tool, we deploy the field journal through which we put down comprehensive descriptions, posted drawings, photographs, dialogs etc. The registered records concerning adult people remained under the condition of strict relation to the research objective. The whole process longed eighteen (18) meetings inside the hospital playroom of the institution portrayed. By analyzing the concepts of “corporeality, experience and perception” (MERLEAU-PONTY, 1999), experienced as intertwined movements, the child was “inserted” in the world, and the toy and the playing role, all within the walls of a hospital playroom and ended up meaning the existential being of communication. The silence that also arose might have been the absence of speaking, but unveiled through the gestures – those are among the several forms of language to the child being and or teenager. Therefore, we felt the child as a whole: the body, through noticing the objects (toys) given to them and their positioning before it, marking off the “playing phenomenology”. The experience, the perception of themselves and the others – in the world. Regarding the study implications, we sought to demonstrate possible ways for the educationalists in general, volunteers, etc. Those are the professionals in charge of these space-times where the child is unleashed

to his own existence, before life finitude, whether in a hospital environment, home, school or community.

Key words: Special Education, hospital playroom, child cancer, Merleau Ponty.

LISTA DE SIGLAS

ABBri - Associação Brasileira de Brinquedotecas

ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

CNE - Conselho Nacional de Educação

COCIPE - Corredor Cultural Prof^a Edna Ferreira da Cunha

DETEPE – Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais

ENADE - Exame Nacional de Desempenho de Estudantes

EBSERH - Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares

HUPE - Hospital Universitário Pedro Ernesto

HINSG - Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória

INCA - Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MUSPE- Movimento Unificado dos Servidores Públicos Estaduais

ONU - Organização das Nações Unidas

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação

PROEX - Pró-Reitoria de Extensão

SEDU - Secretaria de Estado da Educação

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei



“Considerar apenas o tratamento médico, deixando de lado o psiquismo, é retardar a cura.”
(LINDQUIST, 1993, p. 24).



A MAIOR RIQUEZA DO HOMEM É A SUA INCOMPLETUDE. NESSE PONTO SOU ABASTADO. PALAVRAS QUE ME ACEITAM COMO SOU – EU NÃO ACEITO. NÃO AGUENTO SER APENAS UM SUJEITO QUE ABRE PORTAS, QUE PUXA VÁLVULAS, QUE OLHA O RELÓGIO, QUE COMPRA PÃO ÀS 6 HORAS DA TARDE, QUE VAI LÁ FORA, QUE APONTA LÁPIS, QUE VÊ A UVA ETC. ETC. PERDOAI. MAS EU PRECISO SER. OUTROS. EU PENSO RENOVAR O HOMEM USANDO BORBOLETAS
(BARROS, 1998, p. 79).



Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma do nosso corpo... e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares... É o tempo da travessia... e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado para sempre à margem de nós mesmos
(ROSA, 1994, p. 409-413).

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Incidências do câncer infantil	53
Figura 2 - Como surge o câncer	54
Figura 3 - Tipos de Câncer infantil	54
Figura 4 - Procedimento radioterápico	60
Figura 5 - Equipamento de radioterapia	60
Figura 6 - Selo da ACACCI	67
Figura 7 – Livro Dibs: Em busca de si mesmo	88
Figura 8 - Vestido rosa de princesa usado por Verônica.....	97
Figura 9 - Decoração para comemoração do Dia de Brincar	99
Figura 10 - Lado de fora da casa de bonecas	101
Figura 11 - Lado de dentro da casa de bonecas	101
Figura 12 - Jogo: Eu sou?	103
Figura 13 - Ana Karyne participando da brincadeira	104
Figura 14 - Espaço da brinquedoteca/oficina	107
Figura 15 - Espaço da brinquedoteca/caixa do médico.....	107
Figura 16 - Boneco Beto, nome dado por Narciso ao boneco com quem brincava.....	108
Figura 17 - Desenho feito por Flamboyant, representando a ACACCI.....	110
Figura 18 - Fantasia da personagem Ana - filme Frozen	119
Figura 19 - Fantasia escolhida e usada por Cravo.....	132
Figura 20 - Fantasia escolhida e usada por Cravo.....	132
Figura 21 - Livro escolhido por Magnólia para Cravo realizar a atividade que acontecia na brinquedoteca ,proposta pela professora da classe hospitalar.....	133
Figura 22 - Livro escolhido por Magnólia para Cravo realizar a atividade que acontecia na brinquedoteca ,proposta pela professora da classe hospitalar.....	134
Figura 23 - Livro escolhido por Magnólia para Cravo realizar a atividade que acontecia na brinquedoteca ,proposta pela professora da classe hospitalar.....	134
Figura 24 - Livro escolhido por Magnólia para Cravo realizar a atividade que acontecia na brinquedoteca ,proposta pela professora da classe hospitalar.....	135
Figura 25 - Vestido branco escolhido por Cravo	138

Figura 26 - Capa do filme Frozen: Uma Aventura Congelante.....	140
Figura 27 - Castelo do Batman.....	152
Figura 28 - Desenho feito por Flamoyant	166
Figura 29 - Brinquedos entregues pela pesquisadora através de uma ação voluntária	174
Figura 30 - Recibo de doação de brinquedos entregues pela pesquisadora através de uma ação voluntária	175
Figura 31 - Jogo de Pescaria, produzido manualmente por AR	177
Figura 32 - Jogo de Pescaria, produzido manualmente por AR	177
Figura 33 - Capa do filme The AntBully.....	183
Figura 34 - Capa do filme Irmão Urso	183
Figura 35 - Entrada da ACACCI	186
Figura 36 - Jogo Minecraft.....	188
Figura 37 - Uma competição de Downhill Bike	190
Figura 38 - Personagens do mangá Dragon Ball	191
Figura 39 - Espaço da brinquedoteca que representa uma parte da rotina de uma casa	194
Figura 40 - Boneca escolhida por Anis para brincar.....	196
Figura 41 - Anis brincando com a boneca.....	197
Figura 42 - Anis brincando com a boneca.....	197
Figura 43 - Jogo X-Box 360.....	198
Figura 44 - Copo de Leite brincando com caminhão azul	210
Figura 45 - Copo de Leite brincando com caminhão azul	210
Figura 46 - Filme Timão e Pumba.....	213
Figura 47 - Cartaz da brinquedoteca da ACACCI	216
Figura 48 - Diário de campo	221
Figura 49 - Cabelo da pesquisadora doado para a instituição.....	222
Figura 50 - Planta baixa da brinquedoteca hospitalar da ACACCI.....	262
Figura 51 - Congresso Internacional "A brinquedoteca e a sociedade".....	263
Figura 52 - Prof. Aidyl Macedo Queiroz Pérez Ramos.....	263

Figura 53 - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo	264
Figura 54 - Hospital Jesus.....	264
Figura 55 - Centro de Reabilitação SARAH Kubitschek	265
Figura 56 - Hospital Aldenora Belo.....	266
Figura 57 - Hospital Universitário da UFMA	266
Figura 58 - Santa Casa de Misericórdia de São João Del Rei	267
Figura 59 - INCA - Rio de Janeiro	267
Figura 60 - Certificado do curso de Extensão/PROEX/UFES	268
Figura 61 - Certificado do I Módulo de Curso de Brinquedista-HUPE/UERJ- ABBri ...	268
Figura 62 - Entrevista com a Ms. Regina Murad no Jornal A Gazeta de 22/04/2018..	269
Figura 63 - Formulário de registro de atendimento da brinquedoteca da ACACCI.....	270
Figura 64 - Atividade da Classe Hospitalar da ACACCI que foi desenvolvida na brinquedoteca.....	271
Figura 65 - Artigo publicado no Jornal A Gazeta online.....	272
Figura 66 - Certificado do II Módulo de Curso de Brinquedista-HUPE/UERJ- ABBri...	272
Figura 67 - Conteúdo programático do II Módulo de Curso de Brinquedista-HUPE/UREJ- ABBri.....	273
Figura 68 - Reconhecimento pelo Prêmio Científico no I Congresso Internacional do Brincar-UERJ. Coluna AT2 do jornal A gazeta-08/11/2018.....	273
Figura 69 - Carta de Parabenização concedida pela UERJ-HUPE.....	274
Figura 70 - Carta de Congratulações concebida pela ABBri.....	275
Figura 71- Carta de agradecimentos concebida pelo PPGE/CE/UFES.....	276

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
1.1 SER PEDAGOGA: O REAPRENDER A VIVER DIANTE DAS VICISSITUDES DA MATERNIDADE.	18
1.4 INTERROGAÇÕES E/OU A QUESTÕES DA PESQUISA.....	24
1.3 OS OBJETIVOS DESTA PESQUISA.....	24
1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	24
1.5 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	28
1.6 METODOLOGIA PARA PRODUÇÃO DE DADOS.....	28
1.7 INSTRUMENTOS PARA A PRODUÇÃO DE DADOS	30
1.8 PROCEDIMENTOS REALIZADOS NA PESQUISA.....	30
1.9 ÉTICA NA PESQUISA.....	33
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	34
2.1 BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: UMA HISTÓRIA PARA CONTAR	34
2. 2 A BRINQUEDOTECA HOSPITALAR	36
2.3 TEORIAS DO BRINCAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA	39
2.4 O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA.....	52
2.5 INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO E SAÚDE: COMPREENDENDO “UM POUCO” DO CÂNCER NA INFÂNCIA.....	52
2.5.1 A quimioterapia	58
2.5.2 A radioterapia	59
2.6 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DAS ONGs.....	60
3 O LOCAL DA PESQUISA	66
3.1 A ACACCI: PERCORRENDO O ESPAÇO-TEMPO.....	66
4 ENVOLVIMENTO REFLEXIVO COM A LITERATURA CIENTÍFICA: A FENOMENOLOGIA.....	70
4.1 PERCORRENDO CAMINHOS: A PESQUISA A PARTIR DE LEITURAS EM MAURICE MERLEAU-PONTY	72
4.2 POR UMA FENOMENOLOGIA DO BRINCAR.....	77
4.3 CONCEITOS MERLEAU-PONTYANOS DE CORPOREIDADE, EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO.....	79
4.4 A CRIANÇA DESEJA BRINCAR.....	84
4.5 LUDOTERAPIA EM VIRGÍNIA MAE AXLINE.....	85
5 RESULTADOS DO “DIÁRIO DE CAMPO: (COM)VIVENDO COM AS CRIANÇAS EM SUAS BRINCADEIRAS”	90

5.1 O ACOLHIMENTO- 18/05/2018	90
5.2 I ENCONTRO: O TEMPO DE RODODENDRO- 23/05/2018	92
5.3 II ENCONTRO: SER IMORTAL – 25/05/2018	96
5.4 III ENCONTRO: O SEGREDO DE ORQUÍDEA- 28/05/2018	99
5.5 IV ENCONTRO: UM JARDIM COM MUITAS FLORES- 29/05/2018	109
5.6 V ENCONTRO: ESCONDER E REVELAR-SE - 05/06/2018	111
5.7 VI ENCONTRO: ROSA RETORNARÁ À ESCOLA- 07/06/2018	118
5.8 VII ENCONTRO: O CRAVO BRINCOU COM A ROSA - 08/06/2018.....	128
5.9 VIII ENCONTRO: A CASA DE MALMEQUER- 12/06/2018	140
5.10 IX ENCONTRO: DEPOIS DO HOSPITAL TEM BRINQUEDOTECA- 14/06/2018.....	147
5.11 X ENCONTRO: AZALÉA SENTE SAUDADE DE CASA -15/06/2018	155
5.12 XI ENCONTRO: SOU EU! SOU O FLAMBOYANT! - 26/06/2018	158
5.13 XII ENCONTRO: SEMPRE HAVERÁ UMA COLOCAÇÃO PARA TODOS- 28/06/2018	171
5.14 XIII ENCONTRO: HOJE VAI TER PESCARIA! - 29/06/2018	175
5.15 XIV ENCONTRO: O DESEJO DE GLADIÓLO- 03/07/2018.....	188
5.16 XV ENCONTRO: ANIS CUIDA - 10/07/2018.....	194
5.17 XVI ENCONTRO: A NOTÍCIA DO ÓBITO DE RODODENTRO- 17/07/2018...	202
5.18 XVII ENCONTRO: A SENSIBILIDADE DAS FLORES- 19/07/2018	207
5.19 XVIII ENCONTRO: O DIA DO AMIGO! - 20/07/2018	216
6 PÓSCRITO.....	224
REFERÊNCIAS.....	227
APÊNDICE	239
ANEXO A – LISTA DE FLORES	251
ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO	255
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO	257
ANEXO D – LEI Nº 11.104/05.....	261
ANEXO E – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	262
ANEXO F – IMAGENS.....	264

1 INTRODUÇÃO

1.1 SER PEDAGOGA: O REAPRENDER A VIVER DIANTE DAS VICISSITUDES DA MATERNIDADE.

Tudo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido e, se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente o seu sentido e o seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é experiência segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que é uma determinação ou explicação dele (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 3).

Em 41 anos, tanta coisa para contar. Vivo intensamente cada momento, através da experiência me constituo ser no mundo¹ e ser para o mundo e sou grata às pessoas que de alguma forma participaram desse processo singular, na pluralidade de ser ao meu lado. Vou descrever aqui, um pedacinho da minha caminhada, a fim de que o leitor, ao percorrer essas linhas, perceba um ser que se apresenta ao mundo através de sua subjetividade em corpo, percepção e experiência e vive, sendo.

No ano de 2010, após uma depressão pós-parto, com a ajuda da minha psicóloga Ingrid Bravim (*in memoriam*) e da minha família resolvi voltar a estudar, cursar pedagogia em uma instituição privada, na tentativa de vivenciar novas realidades além da depressão. A pedagogia de certa maneira fez parte da minha infância através dos trabalhos voluntários que minha mãe fazia com crianças no Círculo Militar em Marabá, no estado do Pará. Minha mãe sempre foi presente em trabalhos voluntários, acredito que, no período da minha infância, não usávamos a palavra ONG, mas ajudar o próximo foi algo muito presente na minha criação. Neste contexto, convivi com muitas crianças, algumas eram crianças com necessidades educacionais especiais. Minha mãe ajudava financeiramente, fosse com comida, com remédios, com despesas para velórios. Recordo-me da minha casa sempre cheia de pessoas simples esperando por minha mãe chegar do Hotel Del Príncipe². Muitas vezes, ela se vestia de coelho nas festas de Páscoa ou fazia peças para que as crianças se divertissem. Enquanto criança que percebe o mundo com um olhar ímpar, me constituí assim, estando ao lado de muitas crianças com deficiências físicas e intelectuais. É inegável que isso mais tarde, me levou a ser monitora aos 10

¹ Ser no mundo: um ser que se constitui no mundo e com o mundo, com o outro.

² Hotel Del Príncipe: hotel na cidade de Marabá (PA).

anos de idade, na cidade de Serra dos Carajás no Pará, numa colônia de férias da Companhia Vale do Rio Doce. E, mais de trinta anos depois, me fez ser voluntária como estagiária de pedagogia, de 2011 a 2013, na ONG Vitória Down³ e estar ao lado de crianças com necessidades educacionais especiais duas vezes por semana foi uma das minhas melhores aprendizagens. Estive com elas através do meu ofício. E envolvi-me, participei de eventos, escutei os sonhos dos adolescentes que desejavam apenas serem eles mesmos em uma sociedade excludente.

Em julho de 2014, concluí o curso de pedagogia. Era o ano do Enade e tive a informação da instituição de que não seria necessária a apresentação do TCC para que todos os alunos pudessem ficar focados na prova avaliativa. Todavia fiz questão de apresentar meu TCC. A temática apresentada, no dia 17 de julho de 2014, foi “Bullying: a influência das relações sociais na gestão escolar”. Após a apresentação, escutei da Prof.^a Ms. Camila Reis dos Santos, uma das componentes da banca: “Ana, por que você não apresenta esse trabalho no seminário que acontecerá na UFES?” Fiquei empolgada. Imagina eu uma aluna de uma instituição privada apresentar um trabalho em uma universidade federal? Submeti. Aprovado. A instituição que, para mim, era tão distante do povo, não era tão distante assim. Julgá-la sem conhecê-la foi um erro.

Chega o dia do III Seminário de Educação Especial e fui recebida de braços abertos, sentia-me cuidada, acolhida. Saio dali querendo estudar mais, não quero parar. Recorri à internet e pesquisei diversos *Lattes*, disciplinas e fui ao encontro de um sonho. Ser ouvinte era uma oportunidade, mas como ser ouvinte se não conhecia ninguém? A única coisa que eu tinha era um papel, uma carta de aceite com uma assinatura, naquele momento, a mais importante na minha vida acadêmica. Foi essa simples folha de papel que estive ao meu lado por horas, em busca da dona da assinatura e dizer para ela que tinha apresentado um trabalho, queria ter a oportunidade para ser ouvinte, mas como localizar Sonia Lopes Victor? Chego ao corredor do PPGE, a emoção extravasando meu corpo, sentindo meu existir, desorientada e com muito medo. O livreiro, Lopes, me ofereceu ajuda e eu contei a ele toda a minha história. Porém, eu queria falar com a mulher da assinatura, e eis que ela surge, com pressa. Lopes me olha e diz: “É ela, vai!”. Foi muito rápido, ela

³ Vitória Down: Associação de pais, amigos e pessoas com síndrome de Down. Situada à rua Nahum Prado, 50 - República, Vitória.

estava com pressa para buscar a filha na escola, mas me orientou a ir à sala do Professor Dr. Hiran Pinel, ele poderia se interessar pela temática. Bato na porta. “Entre”. “Com licença”. “Sente-se”. A sala é fria, me sento ao seu lado no computador e despejo ali, naquele momento, meus sonhos. “Não pesquiso a temática, mas se você quer ser ouvinte, minha aula acontece na sexta feira, se você quiser”. Pergunto se preciso comprar algum livro e o professor pega um pedaço de papel e anota: “BOCK; FURTADO; TEIXEIRA. Psicologias; uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo, Saraiva, 14ª edição. Capa verde”. (Tenho guardado esse papel até hoje) e “FORGHIERI, Y.C. Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, Método e Pesquisa. São Paulo: Pioneira, 1993”. Fui ouvinte do Prof. Dr. Edson Pantaleão e tentei seleção para a linha de pesquisa “Políticas educacionais” em 2015/2016, ficando como suplente. No ano seguinte, continuei ouvinte, mas apenas do Prof. Dr. Hiran Pinel, estudando efetivamente, participando de atividades, congressos, seminários e submissões de artigos em revistas qualificadas. Foi como aluna ouvinte que tive o privilégio de assistir à apresentação da defesa de dissertação de mestrado do aluno Ruy Antônio Wanderley Rodrigues de Miranda, intitulada “Corporeidade, percepções e modos de ser cego em aulas de educação física: um estudo fenomenológico existencial”. A partir desse dia, me envolvi com as leituras de Maurice Merleau-Ponty, marco teórico de MIRANDA (2016). Inscrevo-me para a linha de pesquisa “Educação especial e Processos Inclusivos” sendo aprovada em 1º lugar/geral, resultado de muita dedicação. Eis me aqui, uma aluna de mestrado da Universidade Federal do Espírito Santo e bolsista da CAPES, em um processo de subjetividade através de experiências vivenciadas por todos os sentidos do meu corpo, através do mundo e do outro, tão percebido por mim.

Não te deixes destruir... ajuntando novas pedras e construindo novos poemas. Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça. Faz de tua vida mesquinha um poema. E viverás no coração dos jovens e na memória das gerações que hão de vir. Esta fonte é para uso de todos os sedentos. Toma a tua parte. Vem a estas páginas e não entres seu uso aos que têm sede (CORALINA, 2011, p. 243).

Inquietude. Silêncio. Reflexões. Procura. Fui ao encontro do fenômeno que a todo tempo se apresentava ao meu ser na constituição da minha própria subjetividade como pesquisadora e aluna de mestrado. Escolher uma temática para a pesquisa não é tarefa fácil, apresentei um projeto, mas, no decorrer do semestre, percebi que

já não era mais a mesma aluna de meses atrás, o projeto não cabia mais em mim. Queria ir além, porém algo me incomodava.

Nas leituras, uma imersão e depois? Eu queria mais. Desejava encontrar uma brinquedoteca hospitalar como a descrita na obra de Cunha (2011) e Gimenes (2011). Entrei em contato com a ACACCI e, após conhecer a brinquedoteca daquela instituição, tive a certeza de que ali seria meu *lócus* de pesquisa. No entanto, eu sentia necessidade de saber mais sobre a brinquedoteca hospitalar e sobre o profissional brinquedista que é destacado na Lei nº11.104/05.

“Não te deixes destruir”, a leitura desse poema de Cora Coralina despertou em mim o desejo de ser além das minhas leituras. Constituo-me Aninha, nesse momento sento-me em frente ao meu computador, abro a porta de vidro da varanda do meu quarto de estudos e permito que o vento toque minha face, há paz. Pesquiso na internet e eis que aparece na tela uma instituição chamada Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri) vejo que oferecem cursos de capacitação, faço minha inscrição no curso oferecido no hospital Universitário Pedro Ernesto - UERJ. Entro em contato por telefone com a Neri, da ABBri em São Paulo e via e-mail com Vera no Hospital Universitário Pedro Ernesto. Inscrição feita, família avisada sobre a viagem e eu tomada pela euforia e empolgação, essências da minha individualidade como ser em busca de elucidações. “Bom curso, amor”, escuto de meu marido ao chegar à entrada do hospital. Minhas pernas tremem, meu corpo todo se fragiliza diante da expectativa que move meu ser. Vazio, calma, silêncio, tristeza tomam conta do meu ser ao ver meu entorno. Um entorno no qual percebo a saúde sucateada e os funcionários que a compõem humilhados sem poder dar um mínimo de subsistência a seus lares, pois me deparo com cartazes espalhados em murais pedindo cestas básicas como ajuda a funcionários do sistema de saúde, inclusive médicos. Após me identificar, fui orientada a seguir pelo corredor.

Abro uma grande porta de vidro, é o Corredor Cultural Prof.^a Edna Ferreira da Cunha (COCIPE) e, mais à frente, o auditório, locais disponibilizados pelo hospital para o curso. Sou a primeira a chegar, uma mulher com bobes no cabelo está arrumando uma mesa com muitos brinquedos da lojinha Ateliê do Pano. Penso comigo: Já vou gastar um pouquinho nesse lugar! Quero comprar tudo. São muitas novidades para mim. Comprei alguns brinquedos e encomendei, ao final do curso,

uma boneca de meia. Encosto-me a uma parede e me sento no chão, fico a observar. As pessoas vão chegando e eu me desconheço, apática, sem muita ação, travada. Tudo é novo, tantos rostos, tantas vozes, sorrisos, sensações e eu ali, ainda em suspensão. Que lugar é esse? Quem trabalha nele? Quem o frequenta? Pelas leituras, eu sabia da importância da brinquedoteca, principalmente para as crianças da educação especial, eu almejava mais que nunca conhecer o que é esse lugar e quem o constituiu. Intensamente, vivenciei 5 dias e trouxe comigo experiências vividas em um corpo que sente, que age, que se transforma através do outro num fluxo contínuo de vida.

Desde então, eu busco novas experiências a partir das relações com o mundo e comigo mesma. Tenho visitado brinquedotecas hospitalares em alguns lugares, algumas visitas são específicas, outras são ocasionais, busco aproveitar o fato de estar em alguma cidade participando de congressos para pesquisar e aprender reaprendendo. Tive a oportunidade de conhecer, em outubro de 2018, após a produção de dados na ACACCI, a brinquedoteca do Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes (HUCAM-UFES). Em todas essas visitas, presenciei gestos, olhares, sorrisos, toques (sentidos), afetos nas relações através do brinquedo e do brincar. Compactuo da ideia que brincar não é perder tempo, é investir no presente, é criar laços, é desenvolver capacidades sensórias motoras e cognitivas, pois “brincar tem a alegria cognitiva e afetiva do processo vivido” (PINEL, 2018, p. 1). Em uma fenomenologia merleau-pontyana do brincar, somos todos convidados a perceber o mundo e nos percebermos como seres no mundo através de sensações e experiências vivenciadas pelo brinquedo e pela brincadeira, pois a corporeidade e a percepção de sentido (*Sinngebung*⁴) em nossos entrelaçamentos nos constituem de fato produtores de inclusão.

Para eu alcançar o objetivo dessa pesquisa, dois movimentos da investigação fenomenológica foram fundamentais, sendo eles: “1) envolvimento existencial com o fenômeno; 2) distanciamento reflexivo do mesmo fenômeno – momento da descrição do fenômeno” (BRAGIO, 2014,p. 16). O trabalho desenvolvido para o projeto de qualificação foi extenso, volumoso, um total de 177 laudas num processo de envolvimento existencial com meus referenciais teóricos e eles foram “meu escudo” quando fui a campo coletar, vivenciar a pesquisa.

⁴ *Sinngebung*: percepção de sentido (MERLEAU-PONTY, 1999).

Nesse intervalo de aproximadamente um ano, entre a qualificação e a defesa, muitas coisas boas aconteceram em minha vida acadêmica. Dentre elas, publicação de artigos em revistas qualificadas, capítulo de livro (no prelo), participação em seminários e congressos, premiação de terceiro lugar no I Congresso Internacional do brincar⁵ e tive a honra e oportunidade de ser co-coordenadora do Curso de extensão: “Pedagogia, brinquedoteca e classe hospitalar: um enfoque fenomenológico existencial”⁶.

O envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo são indissociados na pesquisa e no existir de um pesquisador fenomenológico. Ir a campo, observar, descrever e organizar um diário de campo com cuidado, com respeito, com carinho na realização de um sonho. Confesso que li muitas vezes meu diário de campo, meus olhos deslizavam sobre o papel e, com as pontas dos meus dedos, eu buscava sentir novamente através daquelas folhas marcadas por canetas coloridas, rasuras, fotografias, as histórias vividas nos 18 encontros que vivenciei na brinquedoteca da ACACCI, onde meu existir se entrelaçava como se fosse um dos personagens. Afinal de contas ninguém está imune à presença do outro.

Era chegada a hora de organizar, de enxugar, de dar destaque às minhas interrogações e objetivos de pesquisa e, novamente, me envolvi e me distanciei num movimento de escolhas. Uma sensação de maturidade, hora de deixar o outro brilhar e para isso “cortei” mais de 100 laudas de minha qualificação. Foram palavras, frases, laudas inteiras como se eu sentisse cortar a própria carne, um pedaço de mim e da minha história sendo guardadas, recolhidas e, aqui – agora, num ímpeto através de meu ser, as tenho em minha memória, junto a mim para sempre como se fossem flores que apontam em cada um de nós o despertar de uma existência e de uma finitude. Que floresçam as novas flores!

⁵ I Congresso Internacional do brincar: Congresso realizado pela UERJ/RJ e ABBri em setembro de 2018.

⁶ Curso de extensão 180 horas: “Pedagogia, brinquedoteca e classe hospitalar: um enfoque fenomenológico existencial”: realizado pelo PROEX/UFES e ACACCI no período de 29 de setembro de 2018 a 15 de dezembro de 2018.

1.4 INTERROGAÇÕES E/OU A QUESTÕES DA PESQUISA

O que é ser uma criança ou adolescente com câncer descrita com necessidades educacionais especiais inserida na brinquedoteca hospitalar da ACACCI segundo conceitos merleau-pontyanos?

Como se revela a corporeidade, a experiência e a percepção de uma criança com câncer diante do brinquedo e do brincar?

1.3 OS OBJETIVOS DESTA PESQUISA⁷

Descrever, compreensivamente, o que é ser uma criança ou adolescente com câncer, descrita com necessidades educacionais especiais, inserida na brinquedoteca hospitalar da ACACCI, segundo conceitos merleau-pontyanos.

Descrever, compreensivamente, como se revela a corporeidade, a experiência e a percepção de uma criança com câncer diante do brinquedo e do brincar.

1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A Educação Especial assume, na sociedade contemporânea, a necessidade de inclusão de fato, de superar as dificuldades enfrentadas no sistema de ensino e da superação da exclusão em ambiente escolar através de reconstruções estruturais escolares e de sistemas educacionais com a finalidade de atender os alunos e alunas em suas especificidades, possibilitando a formação de estudantes com vistas à independência e autonomia dentro e fora da escola para a eliminação de barreiras que se interpõem nos processos inclusivos.

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola, definindo como seu público-alvo os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos (BRASIL, 2008, p. 15).

⁷ Dentre de uma perspectiva fenomenológico-existencial, nossa pesquisa apresenta dois objetivos - sem especificar um ou mais gerais e ou específicos - simplesmente dois objetivos que vão ser respondidos ao longo da pesquisa. A pesquisa fenomenológica está interessada no fenômeno, fenômeno este, aberto a mais possibilidades, sem planejamento prévio, algo que facilita a epoché na Educação e Pedagogia. Aqui, inclusive, podemos dizer: sem planejamento muito prévio.

Parte-se da premissa que o aluno/aluna, agora paciente hospitalizado e afastado da escola, necessita de acompanhamento especializado para exercer seu papel de cidadão em direitos e a pedagogia hospitalar e os conteúdos escolares, entre outros, possibilitará ao mesmo dar continuidade a seu desenvolvimento cognitivo através da brinquedoteca e de sua ludicidade.

Como pesquisadora, busco um novo olhar. Para isso, mudo a direção do meu corpo. Assim, posso enxergar para além do meu habitual. Meu olhar não é mais o mesmo diante do mundo e do outro, assim como o outro e o mundo não são mais como era há exatamente 1 minuto atrás, o reinventar-se se faz necessário diante da vida e das vicissitudes que ela apresenta.

Diante do exposto, o presente estudo poderá demonstrar caminhos possíveis, novos olhares e novas práticas de atuação aos pedagogos e profissionais responsáveis pelas brinquedotecas hospitalares a respeito da importância do brinquedo e da brincadeira em um processo de subjetividade no qual a criança é lançada à própria existência. É preciso que, neste processo, a criança possa sentir-se interligada ao mundo através de relações sociais nas quais uns se preocupam com os outros. Haverá resgate da cidadania e humanização da criança enferma em um ambiente onde a perda da identidade de ser-sendo-criança é reforçada a todo o momento durante os procedimentos médicos executados e pelas próprias características arquitetônicas - que tendem para o isolamento - em uma percepção sentida, vivida, experienciada e corporificada do a-dor-é-ser⁸.

A motivação para a pesquisa é o desejo de coletar dados que apresentem a subjetividade da criança com necessidades educacionais especiais em uma brinquedoteca hospitalar em espaço hospitalar e em outros espaços.

Portanto, fundamentada no Parecer CNE/CEB/17/2001(BRASIL, 2001), que é uma política relacionada com os direitos humanos na busca por uma superação da lógica de exclusão na sociedade contemporânea que defende a ideia de que a segregação e a exclusão foram sendo construídas em um espaço histórico e social, as políticas devem ser voltadas para um processo de alinhamento em inclusão no qual nosso

⁸ A-dor-é-ser: enquanto pesquisadora e ser em construção pude observar que o adoecer é um acontecimento que dói, que marca e que a doença é apenas um dos fragmentos do ser no mundo. Porém, nesse processo, a criança não deixa de ser criança. A- dor é ser... E, mesmo com dor, essa criança ainda é um ser criança. É ser sendo, existindo, percebendo, experienciando através de um corpo que sente, que percebe.

tempo histórico e realidade social nos permitem e clamam que, como pesquisadores, apreendamos novos olhares em busca de direitos de sujeitos "determinados" por políticas, donde: "Considera-se que as pessoas se modificam continuamente, transformando o contexto no qual se inserem" (BRASIL, 1994, p. 16).

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica destacam, no artigo 3º, a promoção do desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos da educação especial e, mais adiante no artigo 5º, evidencia que os sujeitos da educação especial vão além dos categorizados politicamente.

A fim de despertar o interesse de outros pesquisadores pela temática apresentada e "defender" a concepção de que todas as crianças e adolescentes hospitalizados ou em tratamento hospitalar, conforme o Parecer CNE/CEB nº 17/2001 que institui diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica, são sujeitos da educação especial, mesmo que por períodos temporários:

Tradicionalmente, a educação especial tem sido concebida como destinada apenas ao atendimento de alunos que apresentam deficiências (mental, visual, auditiva, física/motora e múltiplas); condutas típicas de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos, bem como de alunos que apresentam altas habilidades/superdotação.[...] Dentro dessa visão, a ação da educação especial amplia-se, passando a abranger não apenas as dificuldades de aprendizagem relacionadas a condições, disfunções, limitações e deficiências, mas também aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica, considerando que, por dificuldades cognitivas, psicomotoras e de comportamento, alunos são frequentemente negligenciados ou mesmo excluídos dos apoios escolares.[...] Assim, entende-se que todo e qualquer aluno pode apresentar, ao longo de sua aprendizagem, alguma necessidade educacional especial, temporária ou permanente, vinculada ou não aos grupos já mencionados, agora reorganizados em consonância com essa nova abordagem:[...] (BRASIL, 2001, p. 20).

O sujeito da educação especial para nós, como pesquisadores, perpassa a categorização atribuída ao quadro de deficiência nos quais estão enquadrados devido a estarem acometidos patologicamente pela vulnerabilidade que a doença representa cognitivamente, socialmente e psicologicamente e, conseqüentemente, debilitados e com comprometimentos de capacidades cognitivas em um processo de adoecimento e tratamento no qual os usos de fármacos acarretam danos cognitivos temporários ou de longo prazo. Logo, são sujeitos da educação especial escolar ou não escolar.

A Lei nº11.104/05⁹ estabelece a obrigatoriedade em hospitais que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Esta lei não está inserida nos hospitais capixabas que tenho visitado, tampouco é conhecida por funcionários dessas instituições hospitalares e menos ainda pelos gestores que são responsáveis pela implementação das mesmas nesses espaços. O brincar é a garantia de direito à infância, mas não é apenas brincar, vai além. A brincadeira, o brinquedo e a ludicidade que ambos representam vão além das cores.

Muitas vezes é alívio psicológico para pais e filhos hospitalizados ou em tratamento que, por meses ou anos, são afastados do mundo real e da infância, mesmo que no seu imaginário os castelos continuem sendo cor de rosa e os príncipes lutam com dragões. Instituições não governamentais como a ACACCI são mais que uma casa de apoio para essas crianças e adolescentes em tratamento, são asas que abraçam e acalentam, cuidam, estimulam o seguir em frente não apenas do adoecido, mas de toda a família dando suporte emocional e social.

Considero meu corpo, que é meu ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos desse mundo. A consciência que eu tinha de meu olhar como meio de conhecer, recalco-a e trato meus olhos como fragmentos de matéria. Desde então, eles tomam lugar no mesmo espaço objetivo em que procuro situar o objeto exterior, e acredito engendrar a perspectiva percebida pela projeção dos objetos em minha retina. Da mesma forma, trato minha própria história perceptiva como um resultado de minhas relações com o mundo objetivo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 108).

Assim, como percebo meu corpo como extensão de um mundo vivido, percebo a ACACCI como extensão dessa criança ou adolescente em tratamento oncológico. Um complementa o outro como suporte em uma existência de vida sentida na carne e na experiência tocante a um ser que clama pela vida e por um presente vivido em sua essência em que: "O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 273).

E:

Se eu sou capaz de sentir por um tipo de entrelaçamento de meu corpo próprio e do sensível, eu sou capaz também de ver e de reconhecer outros corpos e outros homens. O esquema do corpo próprio, pois eu me vejo, é participável para todos os outros corpos que eu vejo, é um léxico da corporeidade em geral, um sistema de equivalências entre o dentro e o fora,

⁹ Lei nº 11.104/05 em anexo

que prescreve para um se aperfeiçoar no outro (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 380).

A partir daí, buscarei descrever a magnitude da relação brinquedo, brincadeira e ser no mundo no espaço da brinquedoteca da ACACCI a fim de permitir que a própria criança se desvele a partir do brinquedo e do brincar. A brinquedoteca hospitalar é pouco pesquisada no âmbito acadêmico e pouco divulgada socialmente, acredito que quanto mais pesquisas, mais possibilidades de apreender e divulgar a temática. Uma sociedade que a desconhece não tem condições de cobrar o cumprimento da lei. Também não consegue incentivar nem movimentar ações para que organizações como essa recebam o apoio necessário a fim de cada vez mais ofertar o melhor para crianças nessa condição.

1.5 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Essa pesquisa terá como participantes de estudo, crianças ou adolescentes com câncer, de ambos os sexos, todas estudam ou estudaram, assim como todas estão sendo "acolhidas"¹⁰ pela instituição, dentro da sua proposta para a comunidade. Tais pessoas colaboradoras com a nossa pesquisa são descritas com necessidades educacionais especiais inseridas na brinquedoteca hospitalar da ACACCI além da participação de familiares, educadores e equipe da instituição.

1.6 METODOLOGIA PARA PRODUÇÃO DE DADOS¹¹

Para essa pesquisa será utilizado um tipo de método típico das assim denominadas pesquisas qualitativas. Nesse sentido, buscamos analisar, de modo profundo e na busca do sentido, depoimentos, falas, obras (desenhos, fotografias etc.), escuta no tempo e no espaço etc. Trata-se de uma proposta não-quantitativa, onde o enfoque numérico, se existe, existe de modo coadjuvante, não é o que anima tais pesquisas.

¹⁰ Acolhimento, aqui-agora, aparece no sentido da ACACCI se desvelar, através de seus funcionários e voluntários, nos modos de ser em receber o outro com carinho, atenção, cuidado, ternura e objetividade frente ao fato do câncer, assim como destaca as responsabilidades parentais, da saúde, da educação etc. É um ato de receber o outro, mas sempre considerando o existir desse mesmo outro, sua vida, seu respirar. No mais, que puder, esse fenômeno pode ser vivido com gratuidade e hospitalidade.

¹¹ Por nos propor a trabalhar com um fenomenologista que valoriza um texto também poético, produzido com o outro, nos propomos a isso: produzir dados e não coletá-los. O dado está lá, mas o ato mesmo do investigar é junto com o outro, em um movimento de produzir esses dados, a pesquisadora, então, é presença.

E isso ganha destaque, ao estar aqui-agora informando ao leitor, mais uma vez, que nosso método, dentro das metodologias qualitativas, é o fenomenológico-existencial, que é movido pela produção de Merleau-Ponty, especificamente "Fenomenologia da Percepção", como veremos no próximo parágrafo.

Em relação ao marco teórico, devemos admitir que a abordagem terá entrelaçamentos com conceitos da obra "Fenomenologia da Percepção" (1999). Nesse livro, Merleau-Ponty enfatiza a presença permanente do corpo na experiência perceptual do ser no mundo e propõe retornar à questão do que é a fenomenologia, iniciando um retorno aos próprios fenômenos, no qual " [...] a fenomenologia é uma fenomenologia, quer dizer, estuda a aparição do ser para a consciência, em lugar de supor a sua possibilidade previamente dada" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 96), numa perspectiva em que "o mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 5) numa compreensão de mundo e de homem a partir de sua "facticidade" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1). Por esse marco teórico, vai se configurando o método fenomenológico como nossa trajetória na produção de dados, que nos indica que uma redução fenomenológica (epoché) nunca é completa na sua totalidade (MERLEAU-PONTY, 1999).

Minha produção de dados aconteceu durante 18 encontros na brinquedoteca dessa instituição. Esse espaço fica localizado no segundo andar do prédio Convivendo com Arte e funciona de segunda a quinta-feira, no horário das 9h às 18h e sexta-feira no horário das 9h às 17h. A brinquedoteca é composta por 3 salas climatizadas e interligadas. Possui dois banheiros, uma pia e um setor administrativo. Está em funcionamento desde 2006. A responsável pelo setor é uma funcionária com formação em serviço social, aqui denominada de **AR**, e conta com o apoio de voluntários da comunidade local e estagiários de instituições de ensino superior¹².

¹² Um outro tipo de pesquisa, que o leitor poderá imaginar nesse estudo, é a pesquisa intervenção, típica dos estudos fenomenológicos, pois a pesquisadora é presença, é provocação - crescimento e aprendizagem, educação, no caso, educação não escolar. Evitamos essa modalidade, reservando-a para estudos posteriores.

1.7 INSTRUMENTOS PARA A PRODUÇÃO DE DADOS

Recorremos à observação livre das crianças e adolescentes com câncer, acolhidas pela instituição ACACCI. Tais pessoas são "ser no mundo", em sua totalidade, incluindo aí a subjetividade que é nosso foco.

Para tal observação, utilizamos os seguintes dispositivos: diários de campo - que é a ferramenta base onde os outros instrumentos serão acoplado; relatos autobiográficos, através de desenhos e imagens fotográficas e verbalizações dialogais; observação livre com olhar que vai de direcionando ao vivido: de pessoas e de objetos; na observação de pessoas, focamos uma escrita compreensiva acerca da subjetividade das crianças/adolescentes; conversas informais sem roteiro estruturado, todavia tivemos também uma perspectivas na condução das perguntas, ainda assim, preferindo as não diretivas.

1.8 PROCEDIMENTOS REALIZADOS NA PESQUISA

- a) Encontrei-me, fui tocada, sensibilizada, por um tema e/ou fenômeno a ser pesquisado;
- b) Levantei duas interrogações para a pesquisa, acreditando estar em acordo com a corporeidade, experiência e percepção ali vividas, sentidas;
- c) Defini dois objetivos de pesquisa, tendo por fundamentos as interrogações;
- d) Construí uma revisão de literatura a partir de um levantamento bibliográfico;
- e) Descrevi o marco teórico;
- f) Escolhi e descrevi os métodos e técnicas a serem utilizados;
- g) Planejei a produção de dados;
- h) Para a produção de dados, foram propostos 18 encontros que aconteceram a partir das 14h, às terças, quintas e sextas-feiras. Esses encontros tiveram a duração de 180 minutos nas terças e quintas-feiras e 120 minutos às sextas-feiras devido à brinquedoteca funcionar em horário especial neste dia da semana. Na maioria das vezes que a pesquisadora chegou à brinquedoteca, as crianças e adolescentes da instituição já se encontravam no local, bem como os voluntários que atuam na instituição. Eu chegava até essas crianças, conversava, escutava, ficava ao lado e aguardava o "rapport", o criar um vínculo de relação (AXLINE, 1972). O número de participantes nos encontros era

determinado pelo número de crianças e adolescentes presentes na instituição naquele dia. Há grande rotatividade por causa do tratamento. Alguns dias, muitas crianças, e, em outros dias, apenas uma ou duas, porém muitos voluntários para brincar com elas na brinquedoteca. Muitas dessas crianças retornavam do hospital por conta do tratamento oncológico, por vezes consultas e hemogramas, radioterapia e, na maioria das vezes, quimioterapia cuja sessão pode durar até 12 horas. A criança, às vezes, não se sente bem para ir até a brinquedoteca por causa de enjôo, dores, cansaço e fica em seu quarto. Esse espaço possui uma peculiaridade. Ele recebe crianças oncológicas que, muitas vezes, estão não apenas longe de seus lares e de sua rotina. Elas carregam em seu ser, ser encarnado, os efeitos fármacos da quimioterapia e as mutilações em seus corpos e, estar ali, naquele espaço tempo, após o tratamento, mesmo em silêncio é direito delas. Direito ao brincar, garantido por lei. A observação, a escuta, a empatia, o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo foram condutas assumidas por mim diante do silêncio e da dor física e emocional que os sujeitos dessa pesquisa vivenciam. Em alguns momentos, trabalhei brincadeiras dirigidas, outros momentos brincadeiras não dirigidas com cuidado para que não se machucassem, não corressem e não se cansassem. Dentre essas atividades jogamos dominó, o jogo “Quem sou?”, pescaria, sinuca, totó e atividades manuais como desenhos. Em alguns momentos, fui convidada a estar do lado de algumas dessas crianças apenas para assisti-las brincando. Em outros, brinquei junto, me envolvendo por inteiro nas brincadeiras de ser paciente, de ser filha mais velha e de ser professora; registramos a produção de dados em um diário de campo ao final de cada encontro a partir de minhas anotações em um bloco, minhas memórias e algumas gravações em um celular. Assim, observando e participando, procurei analisar os possíveis sentidos que pudessem pontuar, através de uma descrição compreensiva, o que é ser essa criança ou adolescente com câncer na brinquedoteca hospitalar e como se revela a corporeidade, a experiência e a percepção de uma criança com câncer diante do brinquedo e do brincar.

- i) As narrativas foram descritas a partir do diário de campo. As descrições/relatos dos participantes da pesquisa, onde o pesquisador se debruça sobre o texto com intenção de destacar o que está sendo dito em relação à interrogação “expondo-se em gestos, ações, movimentos cujo sentido se compreende no contexto da

cena, em que estão figura e fundo” (BICUDO, 2011, p. 26). Assim, o pesquisador, aos poucos, leva o leitor a estar em locais onde nunca estivera através da relação eu-outrem, um ser a dois, através de “expressões eidéticas do vivido em busca do intersubjetivo” (p. 83).¹³ E, nessa escrita, “a voz do autor acaba por induzir em mim seu pensamento” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 28).

- j) Cada criança ou adolescente recebeu o nome de uma flor como nomeação. Por que escolhi nome de flores? Inicialmente, busquei por um nome que pudesse nomeá-las diante da minha postura ética em não identificar os meus participantes de pesquisa. Pela finitude e delicadeza do ser, do ser humano enquanto ser no mundo, refleti que flores melhor os representariam. Pinel (2012) ao referir-se a flor de cerejeira, nos diz da enfermidade delas que “devido à enfermidade dessas flores, pois depois de abertas duram apenas uma semana. É preciso então comemorar a vida enquanto ela dura na sua imprecisão, na sua enfermidade” (173). Nomeando-os como flores, também me incluo como esse ser, esse modo de ser na minha finitude, fragilidade de mãe, pessoa, pesquisadora enquanto ser no mundo. Na vida, nascemos e morremos como fica muito evidente com as flores. Tudo tem seu fim, “mas sem um ‘the end’ dourado” (PINEL, 2012, p. 183).
- k) Os funcionários da instituição que participaram do estudo foram três assistentes sociais responsáveis por diversos setores da instituição e a professora da classe hospitalar, nomeados por mim com o nome dos 4 elementos da natureza, como “sendo raízes”, constituição de matéria, de ser, de vida. Foram escritas nessa pesquisa em letras maiúsculas para facilitar a leitura e a localização de suas falas. Água, terra, fogo e ar também são palavras utilizadas no decorrer do texto, por isso a escrita em caixa alta (maiúsculo);
- l) Eu revelei as fotografias para utilizá-las enquanto fazia a leitura do diário de campo., buscando a atitude de envolvimento existencial e distanciamento reflexivo durante o processo da escrita, deixando o fenômeno mais uma vez mostrar-se por si só, a partir do diário de campo, de minhas memórias, de minhas sensações e percepções do vivido em cada encontro. A partir desses movimentos, redigi o texto final. Ao final de cada encontro, analisei os resultados obtidos relacionando a narrativa com o marco teórico a fim de que esse

¹³ Eidética: tudo o que se refere às essências. (ABBAAGNANO, 1998, p.308).

movimento possibilitasse o aparecer da corporeidade, experiência e percepção em Merleau-Ponty de cada um e do grupo deles, o seu ser total;

m) Inserir os apêndices;

n) Fizer a redação do relatório final de pesquisa.

1.9 ÉTICA NA PESQUISA

Os procedimentos éticos dessa pesquisa estão pautados na Resolução 510 de 07 de abril de 2016, do Ministério da Saúde, da Comissão Nacional de Ética em pesquisa. O presente projeto registrado na Plataforma Brasil CAAE nº 04351518.8.0000.5542 obteve o Parecer Consubstanciado do CEP, número do parecer: 3.147.737¹⁴.

Elaboramos para esse estudo o documento Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias exclusivamente, resguardando ambas as partes de possíveis complicações futuras. Além do TCLE, foi elaborada a Carta de Anuência da Instituição Coparticipante e o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Outro aspecto ético, não contemplado por projetos e registros, é a atitude fenomenológica pautada pela presença, estar-com, escuta, respeito às diferenças etc. Muito mais do que as leis, está a postura da pesquisadora de compromisso e paixão, conhecimento e ousadia.

¹⁴ Parecer Consubstanciado do CEP: em anexo

2 REVISÃO DE LITERATURA

No decorrer dessas páginas, apresentaremos para o leitor um texto escrito por uma pedagoga orientada de um também pedagogo. A intenção é levar o leitor a mergulhar nesse ambiente chamado “brinquedoteca hospitalar” e imaginar cada cantinho, cada movimento, cada sorriso e construção de subjetividades que acontecem ali. As datas, marcas históricas em um mundo que não estagna que se constitui em um movimento de rotação e translação, assim somos constituídos, como o planeta Terra que ao mesmo tempo circula ao seu próprio redor e ao redor de uma grande estrela, num movimento internamente temporal “O tempo não para” e Cazuza afirmou brilhantemente. Abordaremos, a partir de agora, o conceito de brinquedoteca e sua história, na sequência, apresentaremos pesquisas já existentes na temática que nos darão aporte em uma reflexão fenomenológica baseada nos conceitos de corporeidade, experiência e percepção de Merleau-Ponty em busca de uma fenomenologia do brincar.

2.1 BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: UMA HISTÓRIA PARA CONTAR

Em 1950, na Suécia acontecia um debate sobre a reabilitação e reintegração das crianças com deficiências motoras no qual os educadores estavam muito envolvidos, e, a partir de estudos, descobriu-se que o jogo era uma maneira de se estimular a redução funcional motora cerebral. Diante desse fato, nos anos 1950, o Ministério Nacional de Saúde busca fazer com que educadores de crianças pequenas conheçam, através de uma pesquisa, a necessidade de formação especializada para atender crianças hospitalizadas. A partir do interesse desses profissionais, foi criado, no Instituto de Pedagogia Superior de Estocolmo, uma cadeira especializada com duração de 3 anos. Eram propostos estudos de métodos pedagógicos para crianças enfermas e deficientes (LINDQUIST,1993).

Na época, não podia imaginar que esta atividade fosse atingir tanta importância. Atualmente o hospital central tornou-se um centro universitário moderno e dispõe de um departamento de ludoterapia que recebe crianças hospitalizadas. Como alguns colegas na Suécia, e ainda hoje no exterior, eu acreditava, na época, que as crianças hospitalizadas sofriam apenas de eczemas, apendicite, otite, fraturas. Mas meu primeiro paciente foi um garoto gravemente vítima de câncer. Foi um choque (LINDQUIST, 1993, p. 17).

Para Lindquist (1993), a situação e o ambiente em que essas crianças se encontravam a comoveu, já que as mesmas permaneciam por dias e até meses hospitalizadas. Essa educadora partia do princípio: “Nossa meta: a criança, no momento de sua entrada no hospital, deve encontrar um ambiente que seja adequado a ela, onde se sintam bem” (LINDQUIST, 1993, p. 21).

A brinquedoteca, o espaço de brinquedos e de empréstimo de brinquedos estavam diretamente ligados ao departamento de ludoterapia, o qual Lindquist fundara. Era permitido aos pais o uso de brinquedos, assim como a orientação de como utilizá-los para a terapia de seus filhos, no desenvolvimento motor e cognitivo das crianças hospitalizadas ou em tratamento hospitalar ou em tratamento hospitalar domiciliar.

“Muitas crianças hospitalizadas não conseguem verbalizar seus desejos e necessidades. É importante (eu diria legítimo), portanto, reconhecer sua capacidade de se exprimirem através de atividades lúdicas.” (LINDQUIST, 1993, p. 22). Na obra *“A criança no hospital”*, Lindquist (1993) evidencia que viu através do brincar crianças de diferentes tipos de necessidades especiais se ajudarem mutuamente e enfrentarem juntas o processo de tratamento.

Se uma criança se sente descontraída e feliz, sua permanência no hospital não será somente muito mais fácil, mas também seu desenvolvimento e cura serão favorecidos. [...] Considerar apenas o tratamento médico, deixando de lado o psiquismo, é retardar a cura (LINDQUIST, 1993, p. 24).

Assim, sensibilidade, respeito, carinho, cuidado tendo o outro como extensão de si mesmo, no trajeto da autora, é descrito com precisão quando ela indaga: “o que posso fazer quando estou deitado e só posso utilizar os braços com dificuldades?” (LINDQUIST, 1993, p. 28). E colocar-se no lugar do outro como se o outro fosse você, uma continuidade de seu corpo, de seu ser. E quando as crianças não podiam ir até o departamento do Hospital de Umeo, o departamento ia até elas, fosse em seus leitos ou em suas residências.

Em 1974, o Ministério Nacional da Saúde da Suécia, passou a inserir as crianças hospitalizadas em suas diretrizes e leis, propondo departamentos de ludoterapia e formação de equipe. Após 3 anos, em 1977, foi sancionada a lei “Sobre os cuidados com a criança” no qual se insere o relatório “O brinquedo cura”. No ano seguinte, em 1978, lançou-se um programa de informação sobre a criança hospitalizada e a

ludoterapia. Em 1982, a lei é reforçada dando direito ao paciente ter acesso a informações claras e precisas sobre seu estado de saúde (LINDQUIST, 1993).

“A brinquedoteca hospitalar tem a finalidade de tornar a estadia da criança no hospital menos traumatizante e mais alegre, possibilitando assim melhores condições para sua recuperação” (CUNHA, 2001, p. 96).

Gimenes (2011) em sua obra descreve sobre a instalação em 1956, da primeira sala de brinquedos em hospital brasileiro, na Seção de Higiene Mental (atual Instituto da Criança) da Clínica Pediátrica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, através do trabalho da psicóloga e pedagoga Dra. Aidyl Macedo de Queiroz Pérez-Ramos. No departamento de psicologia clínica do hospital, na área de saúde pediátrica, essa profissional recebia para atendimento bebês em situação de risco. Então, implementou a Ludoterapia e, a partir do brinquedo, pôde observar melhoras psicológicas que a criança enferma desenvolvia através da interação médico-brinquedo-paciente enfatizando a importância do brincar no espaço de internação hospitalar.

2. 2 A BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

Brinquedoteca hospitalar é um “local provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar. Autores como Pinel e Sobroza (2016) e Pinel, Colodete e Sant'Ana et al. (2015) também focam a Lei nº 11.104/2005 dispõe sobre sua obrigatoriedade:

Art. 1º Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.

Parágrafo único. O disposto no caput deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação (BRASIL, 2005).

Alguns objetivos desse espaço, segundo Cunha (1998, p. 41): “Preparar a criança para as situações novas que irá enfrentar”, “Preservar a saúde emocional”, “Dar continuidade ao processo de estimulação de seu desenvolvimento” e “Preparar a criança para voltar ao lar”. Às vezes, a criança fica hospitalizada por meses, anos e ser inserida em uma vida fora do hospital é algo muito delicado que deve ser trabalhado por todos, pais, criança e família. Em muitos casos, o hospital é um ambiente com estrutura muito melhor que seu lar, muitas crianças não têm vontade

de sair de lá, já que são bem tratadas por todos e as condições financeiras em que estão inseridas são de extrema pobreza.

Nesse local, a seleção e higienização/desinfecção de brinquedos são feitas com cuidado extremo já que se recebem crianças com imunodeficiência, internadas ou em tratamentos, além de ter um giro grande de pessoas no local. Essas crianças e adolescentes hospitalizados, na maioria das vezes, frequentam a brinquedoteca pela segurança que ela representa de vínculo de mundo, de vida. Mas a brinquedoteca hospitalar é muito mais que isso. Para os profissionais é espaço de estímulo psicomotor e de observação emocional da criança. Além de proporcionar à criança a segurança de ter um espaço onde sua vontade é prioridade, nesse espaço não é permitido medicar. Ele deve proporcionar novas experiências através da ludicidade, do brincar e do brinquedo, como o relacionamento, regras e desenvolvimento cognitivo, emocional e social de forma agradável e espontânea.

Autores como Cunha (2011), Friedmann (1998), Gimenes (2011), Kishimoto (1995), defendem a presença de um profissional qualificado presente nesse espaço, o brinquedista hospitalar, para dar orientações e higienizar os brinquedos após o uso, conforme orientações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Assim como a presença dos espaços definidos para cada tipo de atividade como o Cantinho do afeto, o Cantinho do faz de conta, o Cantinho da imaginação e teatro, Cantinho da leitura, o Cantinho dos jogos, o Cantinho das invenções e o Cantinho do acervo. Além da classificação dos brinquedos e jogos, sendo uma delas, o Sistema ESAR, elaborado pela psicóloga canadense Denise Garon, em sua tese de doutorado em 1982 que tem como base as teorias Piagetianas, indicando as etapas do desenvolvimento humano para melhor aproveitamento de sua função e acima de tudo do brincar como direito e a brincadeira tem importante papel nesse espaço. Este método de análise visa avaliar a contribuição psicológica e pedagógica dos acessórios das brincadeiras utilizadas pelas crianças, é estruturado de acordo com as etapas do seu desenvolvimento, da infância até a fase adulta a partir de 4 facetas: E- estímulos; S - simbólico; A - acoplagem e R - regras. (KOBAYASHI, 2018).

Tabela 1- Estágios de Desenvolvimento Cognitivo de Piaget

Tabela 2 – Estágios de desenvolvimento cognitivo de Piaget.		
Estágio	Idade aproximada	Capacidades
Sensório-motor	0 a 2 anos	Conhecimento do mundo baseado nos sentidos e habilidades motoras. No final do período, emprega representações mentais
Pensamento pré-operatório	2 a 6 anos	Uso de símbolos, palavras, números para representar aspectos do mundo. Relaciona-se apenas por meio de sua perspectiva individual. O mundo é fruto da percepção imediata
Pensamento operatório-concreto	7 a 11 anos	Aplicação de operações lógicas a experiências centradas no aqui agora. Início da verificação das operações mentais, revertendo-as e atendendo a mais de um aspecto
Pensamento operatório-formal	Adolescência em diante	Pensamento abstrato, especulação sobre situações hipotéticas, raciocínio dedutivo. Planejamento, imaginação

Fonte: <https://psicologado.com>

A orientação para a escolha de brinquedos não pode ser baseada simplesmente no critério de indicação por faixa etária. Isto seria um grande erro, especialmente em um país como o Brasil, com tantas etnias misturadas e tantas diferenças socioeconômicas (CUNHA, 2011, p. 36).

Através da brincadeira, várias áreas do desenvolvimento serão estimuladas, dentre elas: coordenação viso-motora, motricidade fina, motricidade ampla, percepção tátil, percepção olfativa, percepção auditiva, percepção gustativa, percepção visual, percepção estereognóstica, pensamento, linguagem, sociabilidade, esquema corporal, estrutura tempo-espacial, entre outros.

A intenção aqui não é aprofundar as teorias construtivistas Piagetianas, apenas descrevê-las já que, nas fontes bibliográficas, os autores com os quais nos orientamos trabalham o brinquedo em uma linha classificatória. Ressalta-se que discordamos da teoria piagetiana a qual aborda a criança como um ser voltado para o mundo exterior. Em uma visão merleau-pontyana, existe grande lacuna entre o que Piaget escreve e o que a criança expressa, num intuito de traduzir as concepções do ser criança para uma concepção a partir de visão de um adulto, donde: “Não haverá possibilidade de sair da infância sem chegar a esse estágio de que fala Piaget?” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 507), deixando, por assim dizer, escapar o mundo percebido pela criança. “Na criança, o mundo percebido precede o

mundo concebido (pela inteligência). Piaget nega a esse mundo percebido qualquer estrutura estável, que só poderia ser introduzida pela inteligência” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 192). E a percepção, nesse sentido, só acontece através de associação, acomodação ou organização lógica, ignorando o que “há de mais original em nossa percepção, a organização imanente revelada pela *Gestalttheorie*” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 196), teoria que acredita que para compreender as partes, é preciso compreender o todo.

2.3 TEORIAS DO BRINCAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Analisando a produção no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando as palavras chaves: “brinquedoteca” e “brinquedoteca hospitalar”, identificamos 25 produções, sendo 20 dissertações de mestrado e 5 teses de doutorado, das quais selecionamos para a presente pesquisa as que tangenciam com nossa temática.

Digitando o termo “brinquedoteca” (ou “ludoteca”) no respeitado sítio científico Scielo, encontramos 06 (seis) artigos. Quando digitamos “brinquedoteca (ou ludoteca) hospitalar” não encontramos artigo algum.

Quando, nesse mesmo sítio, digitamos “brincar no hospital” e “brincar terapêutico” encontramos um artigo de Motta e Enumo (2004)¹⁵ fruto da dissertação de mestrado de Alessandra Brunoro Motta, intitulado: **Brincar no Hospital: câncer infantil e avaliação do enfrentamento da hospitalização**, da Universidade Federal do Espírito Santo, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, que concluem: “[...] o brincar pode ser um recurso adequado para a adaptação da criança hospitalizada, permitindo personalizar a intervenção” (MOTTA; ENUMO, 2004, p. 1). As palavras chaves foram: “estratégias de enfrentamento; hospitalização infantil; brincar terapêutico; psicologia pediátrica” (MOTTA; ENUMO, 2004, p. 1).

¹⁵ ENUMO, Sônia Regina Fiorim; Motta, Alessandra Brunoro. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. (2004). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100004 Acesso em: 08 de Novembro de 2017.

Nessa busca, foram localizados 10 trabalhos que possuíam pontos de tangência com os apresentados nesse projeto de pesquisa, sendo 8 dissertações e 2 teses. Essas pesquisas localizadas aconteceram nos seguintes Estados do Brasil: Pará: 1 dissertação, Sergipe: 1 dissertação, Paraná: 1 dissertação, Rio de Janeiro: 2 dissertações, Espírito Santo: 1 dissertação, Bahia: 1 dissertação, Minas Gerais: 1 dissertação e 1 tese, São Paulo: 1 dissertação e 1 tese. Entre as quais destacamos:

Lima (2011) em sua dissertação intitulada: **“Descrição e Avaliação das Brinquedotecas Hospitalares em Belém”**, da Universidade Federal do Pará, do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, objetiva através de sua pesquisa apresentar os espaços e as condições de serviços prestados nas brinquedotecas hospitalares de Belém, no Estado do Pará. Em Belém, em 2010, de acordo com o Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNESnet), existiam 32 hospitais com leitos pediátricos, mas apenas 5 deles ofertavam brinquedotecas.

Em suas análises, Lima dialoga com: Carvalho e Pedrosa (2002); Cunha (2008); Kishimoto (2008); Viegas (2006); entre outros. Apresenta o brincar como instrumento de intervenção no campo da psicologia, a curto e longo prazo, associados à criatividade e à versatilidade do ser humano no seu processo de evolução, sendo assim relevante a criança no seu processo de desenvolvimento.

A instituição hospitalar, assim como a internação, gera na criança uma série de alterações de conduta, tais como: medo, ansiedade, diminuição de estímulos motores, agressividade, dificuldades ao retornar a rotina escolar e social. Fatores psicológicos e patológicos durante a hospitalização devem ser observados, tanto nas crianças como em seus acompanhantes para garantir que as sequelas após o tratamento sejam as mínimas possíveis. No caso da criança, destaca: “A respeito disto, Viegas (2006) destaca que elas podem desenvolver uma doença denominada de nanismo psicossocial¹⁶, devido à influência do hormônio do hipotálamo, a criança para de crescer” (LIMA, 2011, p. 7).

¹⁶ Nanismo psicossocial ou nanismo por privação emocional: Quando a criança fica internada muito tempo, muitas vezes, é acometida por uma doença chamada nanismo psicossocial, ela para de crescer. Ou seja, por influência de hormônio do hipotálamo, no cérebro, a criança para de crescer e de se desenvolver também. O estresse que ela sofre a leva ao amadurecimento emocional. É lógico, a criança que está doente, internada, numa situação grave, com muito sofrimento, tende a amadurecer. A nossa intenção com a brinquedoteca hospitalar é que amadureça, se possível, sem

Questionamentos sobre a prática e de cunho teórico são feitos pela pesquisadora Lima (2011), em relação à brinquedoteca hospitalar, espaço destinado ao brincar na instituição hospitalar. Destaca ainda, o papel dos órgãos de fiscalização em verificar o funcionamento das brinquedotecas. Assim como a importância de catalogar esses espaços em todo o País, traçando o perfil de cada uma e a construção de critérios avaliativos que possam revelar a eficácia das mesmas, apresentando resultados das pesquisas no campo da psicologia com intuito de demonstrar o processo saúde e doença nas áreas comportamentais, inerentes ao ser humano.

Para isso, Lima (2011) procurou enfatizar os objetivos da brinquedoteca hospitalar em Cunha (1998) e a sua criação em Oliveira (2008), salientando que é necessário que seja projetada e estudada antes de sua fundação, e a escolha do profissional que atuará nesse espaço é parte fundamental nesse processo. No Brasil, segundo Lima (2011) a ABBri é "a" instituição capacitada para formar esse profissional¹⁷, oferecendo formação teórica voltada para o desenvolvimento infantil, jogos, aprendizagem, brincar, conhecimento acerca da doença, aspectos físicos, psicológicos, tratamento e prognósticos, além de sensibilidade, entusiasmo, encantamento diante do lúdico. Mas há outras observações acerca de tema como Gonçalves (2016) que pontua outras instituições formadoras desse profissional.

Os resultados do estudo de Lima (2011) apontam para a necessidade de uma filiação à ABBri para a manutenção e capacitação dos sujeitos envolvidos nesse espaço. Espaço esse que deve ser visto pela academia como *lócus* de cientificidade em uma aproximação do saber científico e do saber prático em busca de novas teorias que possibilitem à criança hospitalizada, assim como aos envolvidos nesse processo, o enfrentamento do adoecer de maneira menos dolorosa possível.

Oliveira (2012) em sua dissertação intitulada: **“A brinquedoteca no contexto hospitalar pediátrico: o cotidiano da enfermagem”**, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Enfermagem, tem como objetivo apresentar e discutir as implicações da brinquedoteca hospitalar em

sequelas ou com menos sequelas possíveis. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/documentos/relatorios-de-atividades/brinquedoteca120307.pdf>

¹⁷ Lima (2011) em sua pesquisa descreve a ABBri como "a" instituição capacitada para formar esse profissional, o brinquedista. No entanto, mais adiante, Gonçalves (2016) descreverá em sua pesquisa, outras instituições que também formam esse profissional, entre elas, o PRONATEC e a IPA.

uma visão através do setor da enfermagem, em um hospital federal do município do Rio de Janeiro, servindo-se da teoria do cotidiano.

Em suas análises, Oliveira (2012) dialoga com: Agnes Heller (1994); Kishimoto (2002; 2007); Oliveira (2007); Viegas (2007), entre outros fazendo uma reflexão donde o brincar possibilita “a modificação do ambiente hospitalar” (p.24), sendo considerado uma intervenção na continuidade do desenvolvimento infantil. Sua inquietude foi: “A equipe de enfermagem conhece as características e objetivos da brinquedoteca hospitalar? Como a brinquedoteca influencia no cotidiano da enfermagem no cenário hospitalar?” (OLIVEIRA, 2012, p. 25).

E, a partir da teoria do cotidiano, (Agnes Heller, 1994) discutirá em sua pesquisa que as relações humanas devem ser intensas. A partir daí, o homem reproduz a si mesmo e seu mundo diretamente, e indiretamente reproduz o conjunto da sociedade. Quando uma criança adoece, o hospital e as pessoas que fazem parte desse cenário passam a fazer parte do cotidiano da mesma, assim o mundo da criança é transformado. O movimento de transformação acontece através da capacidade que a própria criança possui para essa nova vivência e adaptações para vivê-lo e o profissional da enfermagem também deve participar desse movimento através de práticas assistenciais em um contato direto, estabelecendo positivamente novas condutas.

Em sua conclusão, destaca o brincar frente ao adoecimento e a hospitalização como possibilitador de expressão de medo, angústia e amenização das consequências devastadoras que esse processo acarreta na criança e na infância em si, em uma ambivalência onde tem a brinquedoteca como um espaço saudável em uma realidade adoecida. Logo, é necessário que os profissionais recebam capacitação para o conhecimento da função da brinquedoteca hospitalar, inserindo novas possibilidades na conduta do profissional de enfermagem.

Moraes (2013), em sua dissertação intitulada: **“Brincando e sendo feliz: pedagogia hospitalar como proposta humanizadora no tratamento de crianças hospitalizadas”**, da Universidade Federal do Sergipe, do Programa de Pós-Graduação em Educação, apresenta a distância afetiva que os estudantes de medicina tinham das crianças e de seus acompanhantes, distantes da almejada humanização hospitalar analisada em sua pesquisa, através das políticas de

humanização hospitalar e da análise das práticas pedagógicas no processo de internação hospitalar.

Dialoga com Airés (1981); Ceccim (1997); Corsaro (1997, 2001); Lindquist (1993) entre outros e tem como referência os conceitos-ferramenta foucaultianos de: ética como cuidado de si.

“A brinquedoteca hospitalar é apresentada, diante do que é proposto pela Política Nacional de Humanização, a partir da ludicidade que a representa.” (MORAES, 2013, p.22) e destaca, em suas análises, a brinquedoteca como um empreendimento de humanização para as crianças hospitalizadas, no qual, através da ludicidade, incentiva a construção da integridade física (patologia), psíquica (emocional) e moral (proteção) pela própria criança hospitalizada a partir da segurança que esse ambiente propicia, onde o profissional e as oficinas de ludoterapia no espaço são tidas como paraísos em uma visão de Corsaro (2001).

Na discussão, aponta “os olhares da equipe de saúde sobre as atividades pedagógicas no hospital” (MORAES, 2013, p. 141), desde a oncologia, a enfermagem, e enfatiza **a importância do profissional ser capacitado para a brinquedoteca hospitalar, para não atrapalhar ao invés de ajudar.**

Em sua conclusão, afirma que o trabalho desenvolvido pelas pedagogas é muito mais lúdico do que escolar, por falta de materiais entre outros, mas todos envolvidos na pesquisa apontaram apenas pontos positivos na atuação pedagógica, afirmando a proposta da pesquisadora em apresentar a humanização, o cuidado de si e do outro através do brincar e da sensibilidade que mobiliza os envolvidos nesse processo.

Oliveira (2013), na dissertação intitulada: **“A brinquedoteca hospitalar como forma de humanização: cartografando o traçado dessa rede”**, da Universidade Federal de São João Del Rei, do Programa de Mestrado em Psicologia, baseando-se na Lei n º 11.104/05 descreve as trajetórias das brinquedotecas hospitalares e a articulação das mesmas com o processo de humanização através de uma investigação pela metodologia da cartografia das controvérsias, preconizada pela Teoria Ator-Rede (PEDRO, 2008).

Dialoga com Brougère (2008); Cunha (1993, 2007, 2008); Friedmann (2006); Gimenes (2007); Huizinga (1980); Kishimoto (2008); Lindquist (1993); dentre outros.

Para o estudo, utiliza da teoria ator-rede baseada na ideia “de fabricar e transformar os fatos e artefatos” (OLIVEIRA, 2013, p. 21), e, sob essa perspectiva, aborda o advento da brinquedoteca e da brinquedoteca hospitalar e, especificamente neste hospital, uma brinquedoteca móvel. Aponta também o profissional brinquedista, sua formação e as práticas de humanização na medicina descrevendo o processo histórico das mudanças e garantias de direitos que ocorreram desde 1970. O brinquedista, profissional formado pela ABBri no curso de capacitação em brinquedista, para atuar nesse espaço, proporciona o desenvolvimento da criança hospitalizada em diversas necessidades através da ludicidade.

Nessa situação, o brincar foi analisado em diferentes ângulos: pela sociologia, através das influências exercidas na brinquedoteca pelos brincantes; educacional, pelas influências do brincar no desenvolvimento cognitivo; psicológico, pela influência do brincar nas emoções dessa criança compreendendo sua maneira de atuar e ser no mundo; antropológica, pela influência do brincar sobre os costumes (cultura) de cada um. O brincar é um mediador na interação social considerando ser uma das possibilidades de organizar o mundo interno através de um objeto transicional (mediador), o brinquedo.

Conclui que a brinquedoteca como forma de humanização é constituída através de rede, de interlocuções de diversos atores que a tornam possível através da humanização que perpassa o ser humano em sua individualidade e pesa em sua totalidade de mundo e de humanidade.

Lopes (2014), na dissertação intitulada: **“Um espaço de brincar: o cotidiano numa brinquedoteca hospitalar”**, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Aplicadas, analisa a função e o cotidiano da brinquedoteca do Hospital da Criança Prefeito João Vargas de Oliveira, em Ponta Grossa, Paraná. Inspirada na psicanálise e na psicologia, a infância era percebida como um “ins-fans’, aquele que não fala” (LOPES, 2014, p. 14).

Dialoga com os autores: Brougère (1997; 1998), Friedmann (1992) dentre outros. Apresenta, em sua pesquisa, os conceitos de cotidiano, poder disciplinar e instituição hospitalar através do brincar e do seu significado para a construção de

subjetividade do paciente/criança hospitalizada. Através da metodologia de estudo de caso, investiga a função e funcionamento da brinquedoteca hospitalar. Espaço esse que rompe com a ideia de que a criança hospitalizada está impossibilitada de brincar.

Defende a ideia de que é impossível entender a função da brinquedoteca hospitalar sem conhecer como se deu a constituição da instituição hospitalar em seu processo histórico.

O adoecer, a hospitalização é apresentada na teoria do cotidiano, que é uma das referências para estudar a sociedade, pensar como o ser humano constrói e interpreta o seu próprio cotidiano, conferindo significados a sua existência. A experiência, lugar e tempo de constituição do cotidiano afeta diretamente o sujeito em seu cronograma de vida diário e, a partir da hospitalização, o tempo antes da “criança” passa a ser o tempo do hospital.

Fundamenta-se em Friedmann (1992) e Brougère (1998) afirmando que o espaço da brinquedoteca é um local de brincadeiras espontâneas, como prática à compreensão da expressão cultural e conduta social na socialização entre seus pares. É percebida, nesse tempo, a desvalorização desse espaço já que faltam profissionais capacitados para atuarem nele.

Conclui que a falta de recursos humanos é um grande problema para a brinquedoteca hospitalar apesar da obrigatoriedade. Ressalta ser de suma importância que todos percebam que o direito ao brincar não é o final, e sim o Norte de uma infância /criança integrante de uma sociedade a se constituir.

Bragio (2014), na dissertação intitulada: **“O sentido de ser educadora das/nas brinquedotecas do hospital infantil de Vitória/ES: um estudo a partir dos conceitos de experiência, narrativa & cuidado”**, da Universidade Federal do Espírito santo, do Programa de Pós-Graduação em Educação, apresenta como objetivo através do método fenomenológico, desvelar o sentido de ser educadora na brinquedoteca do Hospital Infantil de Vitória/ES.

Dialoga com os autores: Àires (1981), Forghieri (2008), Benjamin (2010), Boff (2013), Cunha (2007;1988), Trugilho (2003), Viegas (2006), entre outros.

A pesquisadora salienta que o brincar é vital à condição humana e que, indissociavelmente, a mente, o físico, o intelectual e o emocional estão presentes quando uma criança está brincando. Ainda: “A brinquedoteca hospitalar pode ser uma experiência” (BRAGIO, 2014, p. 80). Participaram dessa pesquisa 6 pessoas denominadas como Alegria, Calma, Coragem, Saudade, Direito e Humanização, através de entrevistas não dirigidas totalmente por meio de produção de imagens (fotografias) da brinquedoteca e, logo após, a produção de um texto para afirmar o sentido desse espaço. Essa experiência foi sentida para essas educadoras da brinquedoteca através de atitudes como o cuidado (Sorge), onde cuidar é (pré) ocupar-se e interessa-se com o outro através de uma escuta empática em um **“processo vivido e não o produto final”** (BRAGIO, 2014, p. 86).

Em sua conclusão, destaca que as práticas educativas levam à lume a necessidade de humanização percebida “nas situações de dor inevitável” (BRAGIO, 2014, p. 125), já que estão em condição de vulnerabilidade e que esse espaço é vivido pelas educadoras que nele atuam.

Lima (2014), na dissertação intitulada: **“O brincar da criança hospitalizada na brinquedoteca hospitalar”**, da Universidade Guarulhos, do Programa de Mestrado em Enfermagem, tem como objetivo identificar os jogos e brinquedos selecionados pelas crianças na brinquedoteca hospitalar, assim como o significado do brincar expressado pelas mesmas. Através de uma pesquisa de campo descritiva, transversal com abordagem quanti-qualitativa pela análise de conteúdo de Bardin (2011) onde foram pesquisadas 60 crianças em regime de internação hospitalar em 2 instituições de rede pública do município de São Paulo.

Dialoga com os autores: Cunha (1998, 2007); Ceccim e Carvalho (1997); Piaget (1975); Ribeiro e Borba (2004); Silva (2009); Vigotski (1991) entre outros.

Conclui, em sua pesquisa, que as crianças brincam e gostam de brincar quando hospitalizadas. Brincadeiras que demonstram o cotidiano hospitalar e doméstico devem ser assistidas de forma holística permitindo que a criança simbolize conteúdos e compreenda o que está acontecendo com ela. É de suma importância que a equipe de enfermagem agregue o brincar ao cotidiano da criança hospitalizada visto que é uma das maneiras do paciente pediátrico lidar com sua situação de hospitalização.

Gonçalves (2016), na dissertação intitulada: **“O brincar e a criança hospitalizada: um estudo sobre a brinquedoteca e os seus profissionais”**, da Fundação Oswaldo Cruz- Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde, tem como objetivo estudar a brinquedoteca hospitalar, a legislação que a constitui, discutindo as funções do brincar no desenvolvimento da criança hospitalizada e a humanização hospitalar, evidenciando os profissionais que atuam nesse espaço.

Dialoga com os autores: Benjamin (1984), Huizinga (2010) entre outros para a produção de sua pesquisa.

Acentua, em sua pesquisa, que o despreparo dos profissionais é um dos aspectos que mais chama atenção em suas observações e estudos em relação às ações de promoção da saúde, diante da necessidade de compreender a criança em sua totalidade e individualidade e que esse profissional “brinquedista” pode ser formado pelas instituições, destacando: PRONATEC, IPA, ABBri e ABBri-HUPE.

Conclui que o brincar é garantido através da Lei nº 11.104/05 e o profissional brinquedista necessita ter formação específica na área. Ressalta que a sociedade atual tem defendido a ideia do brincar como direito da infância em todas as esferas e espaços sociais. “Obviamente, entendemos que uma capacitação com maior carga horária, oferta mais oportunidades de reflexão e prática acerca do currículo que se pretende estudar” (OLIVEIRA, 2016, p. 81), visto que o profissional brinquedista está sendo tramitado a partir da ABBri, instituição que defende a formação com menor carga horária.

Bahia (2016), na dissertação intitulada: **“A construção de zonas lúdicas no hospital: transformações sobre tempo, espaço e rotina por crianças”**, da Universidade Federal da Bahia, do Programa de Pós-graduação em Psicologia, objetiva apresentar como as crianças brincam no hospital e como constroem zonas lúdicas nesse espaço. Através das análises de observação, mediada por uma questão: desenhe o lugar que você mais gosta de brincar no hospital. Os sujeitos da pesquisa são 18 crianças hospitalizadas em um hospital em Salvador, no estado da Bahia.

Dialoga com autores como: Aydt e Corsaro (2013), Anes e Obi (2014), Barros (1998), Bechara (1994), Paula (2007), Saccol et al (2004), Yamamoto e Carvalho (2002), entre outros.

Baseada em Lordelo e Bichara (2009), enfatiza que o homem é um ser inacabado biologicamente, quer dizer, nasce prematuro e necessita de um adulto para assegurar sua existência e dar-lhe estímulos para seu desenvolvimento. Logo, certos aspectos da infância não podem ser percebidos como preparo para uma vida adulta e sim como projeção (*ek-stase*) para que a criança tenha uma adaptação à sua existência de acordo com sua necessidade momentânea e não necessariamente ao futuro. Assim o ato de brincar e a imaturidade não são simples coincidências e sim estratégias de aprendizados e adaptações para cada fase da infância em benefícios imediatos como a adaptação física, habilidade de afiliação e de teoria da mente através das brincadeiras sociais e simbólicas, permitindo vivenciar vários tipos de atitudes influenciados por fatores socioculturais, psicológicos e genéticos.

Para a psicologia evolutiva, o ambiente tem papel de suma importância no comportamento e desenvolvimento humano, portanto o brincar é adaptado ao contexto em que a criança está inserida e em processos de constituição de relações, reforçada a ideia de que a brincadeira está relacionada a condições contextuais do local em que acontece.

Pois bem, “o hospital não deve se limitar, portanto, a um ambiente de dor, de sofrimento e de intervenções técnicas exclusivamente médicas” (p.40), logo a importância da constituição de ambientes lúdicos, agradáveis, de uma brinquedoteca hospitalar. A brinquedoteca hospitalar é, para a pesquisadora, um espaço de brincar, de ação de domínio da criança e ratificado por documentos internacionais como: a Carta da criança hospitalizada, a Resolução n °41 de 13/10/1995 - o Programa Humaniza SUS - a partir do qual a atividade lúdica passa a ser uma das principais ações previstas na Lei n°11.104/05.

“Como as crianças constroem, através de brincadeiras espontâneas, zonas lúdicas no ambiente hospitalar?” (BAHIA, 2016, p. 66). Portanto, o predomínio são as brincadeiras de regras, com pouca movimentação já que não ocorrem nos corredores, sendo interpretada pela pesquisadora como uma espécie de afirmação

de ser brincante. Esse é o imperativo da enfermagem como se a criança fosse um sujeito sem direitos, condenado ao silêncio. Essa observação nos remete ao reordenamento, disciplina do hospital no passado segundo as leituras de Foucault (1979/1984). “[...] não seria a escolha por brincadeiras nos seus leitos uma maneira de preservar a sua ação no mundo?” (BAHIA, 2016, p. 110).

Conclui que a brinquedoteca cumpre a função decretada pela Lei 11.104/05 em que o brincar é o estímulo para o desenvolvimento das capacidades da criança. A partir do espaço “brinquedoteca hospitalar”, o hospital deixa de ser percebido apenas como local de sofrimento já que passa a contar com as zonas lúdicas criadas pelas crianças e ressignificados em cenários compostos por extraordinários enredos.

Oliveira (2015), na tese intitulada: **“A brincadeira no espaço hospitalar - um estudo etnográfico do efeito terapêutico à criança enferma”**, da Universidade Federal de Mato Grosso, do Programa de PósGraduação em Educação, objetivou compreender as implicações do brincar terapêutico em 14 crianças, de 6 a 13 anos, internadas na clínica pediátrica do Hospital Escola Júlio Muller, em Cuiabá, MT. A pesquisa é qualitativa de cunho etnográfico, interpretativo-compreensível, com captação de dados através de observação participante e de entrevista dialogada.

Dialoga com autores como: Benjamin (1984), Brougère (2002), Corsaro (2011), Friedmann (1998), Huizinga (2005), Kishimoto (1998), entre outros.

A ludicidade, na pesquisa de Marlene Gonçalves de Oliveira, é apresentada como “essencial ao viver” (p.35), tendo papel de destaque no propósito de evidenciar seu real significado. No hospital, crianças estão internadas por diversas patologias, com corpos lesados, fadigados, sem energia e mesmo assim vivenciam o cenário da ludicidade. Baseada em Luckesi (2005), no qual o ser humano é percebido em todas as suas experiências, isto é, sistêmica, estética, ética e comportamental para uma plenitude a partir da experiência vivida reproduzida através da alegria.

Para o estudo, observou diversos tipos de brincadeiras entre elas, condicionantes e livres, em espaços como: *playground*, escola de informática, brinquedoteca. A partir de leituras em Huizinga, a pesquisadora apresenta o jogo/brincar como algo que “Transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação” (p.89), visto que, em uma forma educativa, torna-se importante instrumento de

desenvolvimento infantil no processo de aprendizado frente à dor e ao adoecer. O pedagogo e o psicólogo, muitas vezes, induzem a criança ao brincar na brinquedoteca hospitalar, consequentemente muitas se sentem inibidas frente a situações como essa, mas a ludicidade que o brinquedo apresenta rompe com as ações regulatórias resignificando emoções e percepções num estado de alma vivido, chamado de direito à infância.

Potasz (2013), na tese intitulada: **“Brinquedoteca em hospital pediátrico: diminuição do estresse agudo e crônico e a relação com o sono da criança”**, da Universidade Federal de São Paulo, do Programa de Pós-Graduação em Medicina Translacional, estuda como a brincadeira livre como intervenção pode influenciar o sono e o estresse de crianças em regime de internação hospitalar por conta de patologias respiratórias infecciosas. A metodologia para a pesquisa foi bibliográfica e métodos clínicos de avaliação através de medição do nível de cortisol (estresse).

Dialoga com os autores: Áires (1986), Benjamin (1984), Brougère (1995), Huizinga (1996), Klein (1997), Kishimoto (1990), dentre outros.

Descreve, em sua pesquisa, que foi a partir do séc. XX, com advento da psicologia infantil, que pesquisadores como Froebel (Teoria da metafísica), Piaget (Teoria do construtivismo), Vygotsky (Teoria do sociointeracionismo), Bruner (Teoria da psicologia cognitiva), Freud (Teoria da psicanálise), Watson (Teoria do behaviorismo), Selye (Teoria do stress), Spencer (Teoria do excedente de energia) explanaram sobre o brincar e a ludicidade, mas todos assumiram a ideia de que o brincar é imprescindível para o desenvolvimento da criança e, através do prazer, o brincar pode se tornar uma válvula de escape para a ressignificação das emoções negativas e acontecimentos traumáticos frente à internação hospitalar.

Evidencia o trabalho da enfermeira britânica Florence Niggthingale (1820-1910) e a hospitalização infantil no período de 1950-1980. Durante a internação, a criança era separada da sua mãe e, com isso e em decorrência disso, essa criança sofria situações maléficas somáticas e psíquicas. Estudou-se a criança durante esse período e após a alta. O hospitalismo ¹⁸, na década de 1980, passa a ser visto como

¹⁸ Hospitalismo: O hospitalismo é o conjunto de perturbações que o bebê pode sofrer devido a carências maternas. Na ausência da mãe, as reações da separação, podem provocar uma depressão, devido à falta da figura materna. Fonte: <http://psicob.blogspot.com.br/2008/06/hospitalismo.html> Acesso em: 10 de Março de 2018.

algo devastador, por isso reloca-se a mãe no processo de internação da criança com a finalidade de amenizar a dor infantil e possibilitar melhora da patologia. Ambientes lúdicos são criados, bem como os períodos de internação e permanência nos leitos são reduzidos a fim de reduzir o sofrimento. "O doente passará então a ser visto como o corpo doente será o porta-voz da doença e sua narrativa será filtrada, conduzida à clareza e objetividade das informações desejadas pelo médico" (p.51).

Potasz (2013) destaca, em sua pesquisa, os estímulos recebidos nas conexões nervosas através do estresse "em adaptações generalizadas ou síndrome do estresse" (*apud* CHROUSOS; GOLD, 1992, p. 267), concebendo certas situações percebidas como perigosas.

O sono, na pesquisa de Clarisse Potasz (2013), é descrito como uma condição fisiológica em estado cíclico, apontado como situação e descanso não há certezas de que através do sono aconteça a cura, mesmo que a temática seja estudada há mais de 100 anos, nada foi provado sobre o assunto.

Diante dessas análises, pode ser observado que, em período de internação hospitalar quando a criança sai da rotina habitual, ela é conduzida a uma deterioração da qualidade de vida. Visto que a má qualidade do sono deixa a criança irritada, estressada, acionando os sistemas de liberação de hormônios do estresse e elevados níveis de adrenalina e cortisol. Elementos na literatura indicam que esses distúrbios se relacionam ao acordar com respostas reduzidas de cortisol, gerando implicações negativas na saúde da criança como a baixa imunidade, já que o sono em pesquisas apresentadas por Opp (2006) é um dos comportamentos que sofreram alteração na pesquisa de respostas a desafios de imunidade. Pesquisas apontam que, durante o adoecer, a qualidade do sono é alterada, fez-se necessário que buscássemos possibilidades de atenuar essa dificuldade encontrada por muitos em período de internação. Adaptar-se ao estresse, é buscar a resiliência em um processo de recuperação a partir de apoio social, no caso das crianças, apoio familiar e na brincadeira a criança vai revelar como age em situações de estresse e os terapeutas ocupacionais estarão ao lado observando e intervindo para o retorno do bem-estar.

2.4 O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA

A brincadeira possui um grande valor simbólico e sua representação ocorre no âmbito da intimidade e individualidade. A criança, enquanto ser brincante, vivencia na representação. A função social é marcada a todo tempo, seja no brinquedo ou no jogo, a partir de representações da vida cotidiana social, do meio em que a criança está inserida, através de meios de conduta social. Diante desse processo de aprendizagem social, meninas e meninos brincam, e ao brincar aprendem a desempenhar papéis sociais de mulheres e homens na vida adulta, posição almejada por ambos. A criança, a partir da ludicidade do brincar, “é conduzida a manipular uma imagem de si mesma, transposta para um mundo diferente ao qual pode dar vida e com o qual pode se identificar ao mesmo tempo” (BROUGÈRE, 1988, p. 46) como se, intencionalmente, reproduzisse essa função social.

E o próprio Brougère destaca Rousseau (1712-1778) em sua obra. Para ele, o romantismo “que forneceu o cenário no qual se pôde pensar numa valorização da brincadeira” (p. 92). Ele enfatiza que, a partir desse educador, um novo olhar foi dado para a criança e para a infância, possibilitando uma relação da mesma com a natureza. A criança passa de um ser em miniatura, tal como um animal, para um ser conduzido pela natureza, tendo a brincadeira como principal meio de educação. Resultado da seleção natural, como um instinto que guia a aprendizagem através da vivência em relações interindividuais no próprio processo de maturação corporal para a vida adulta em uma mutação de sentidos da vida diária.

2.5 INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO E SAÚDE: COMPREENDENDO “UM POUCO” DO CÂNCER NA INFÂNCIA

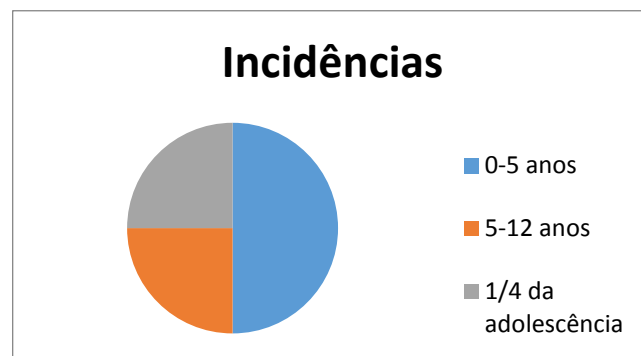
Segundo dados obtidos no INCA, câncer é:

O nome dado a um conjunto de mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desordenado (**maligno**) de células que invadem os tecidos e órgãos, podendo espalhar-se (**metástase**) para outras regiões do corpo. Dividindo-se rapidamente, estas células tendem a ser muito agressivas e incontroláveis, determinando a formação de **tumores** (acúmulo de células cancerosas) ou **neoplasias malignas**. Por outro lado, um tumor benigno significa simplesmente uma massa localizada de células que se multiplicam

vagarosamente e se assemelham ao seu tecido original, raramente constituindo um risco de vida. (INCA)

A metade dos casos ocorre até os cinco anos de vida, um quarto dos casos de cinco aos doze anos de idade e um quarto a partir dos doze anos de idade.

Figura 1 - Incidências do câncer infantil



Fonte: DALMASIO, 2009.

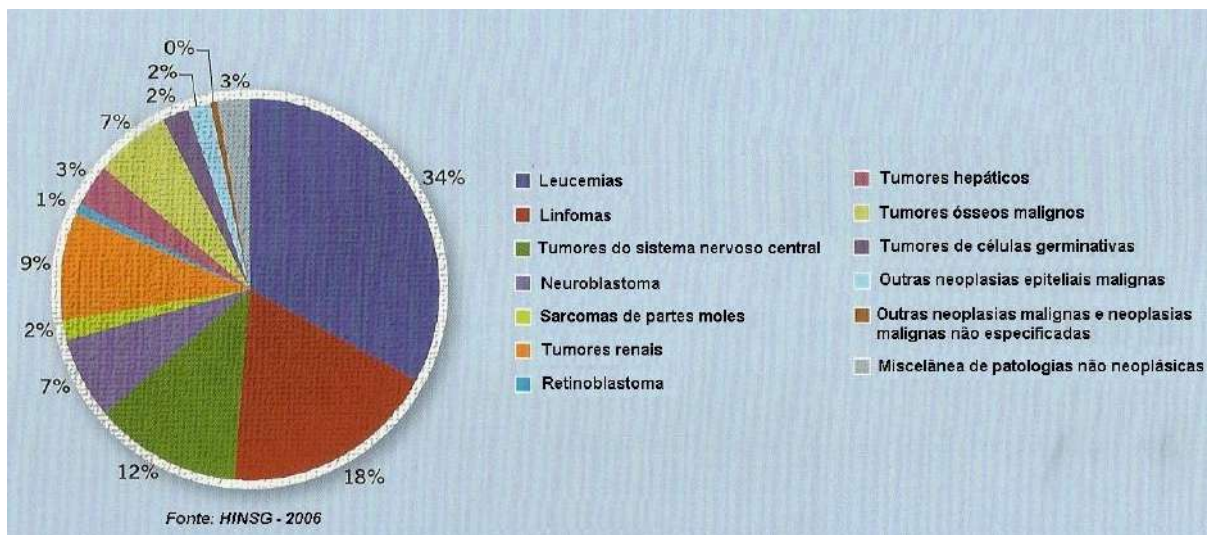
De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA), o câncer não tem uma causa única, podendo ser de 10% a 20 % causado por fatores como hormônios, condições imunológicas e mutações genéticas e 80% a 90% por fatores externos (meio ambiente). Estima-se 420 mil novos casos da doença a cada ano, no biênio 2018/2019, porém, devido ao avanço da medicina, hoje mais de 80% dos casos de câncer infantil tem estimativa de vida de 5 anos ou mais após a descoberta da doença. O processo de formação do câncer (carcinogênese ou oncogênese) é lento e acontece em três estágios. Estágio de iniciação, momento em que os genes sofrem ação dos agentes cancerígenos e, nessa fase, não é possível detectar tumores. Estágio de promoção, nesse período, a célula iniciada sofre efeito dos agentes oncopromotores, sendo transformada de forma lenta, em célula maligna. Estágio de progressão: é a multiplicação acelerada dessas células alteradas, nesse estágio, o câncer já está instalado. Nesse processo, as células cancerosas vão substituindo as normais e os tecidos, antes saudáveis, vão perdendo suas funções. É o caso do pulmão que perde em parte sua capacidade respiratória.

Figura 2 - Como surge o câncer



Fonte: <https://www.inca.gov.br/como-surge-o-cancer>

Figura 3 - Tipos de Câncer infantil



Fonte: DALMASIO, 2009, p. 24

As crianças e adolescentes acolhidos pela ACACCI são encaminhadas pelo HINSO e, diante disso, senti necessidade de entrar em contato com uma das médicas do setor de oncologia do Hospital. Algumas crianças da minha pesquisa me indicaram procurar a Dra. Gláucia Perini Zouain Figueiredo: **"Tia, você não conhece a Dr^a. Gláucia? Ela é a melhor!"**. Pois bem, a partir de um pedido feito pela ACACCI, fui recebida por ela. Sentamos em um café, na tarde do dia 13 de dezembro de 2018. Apresentei-me, falei da minha pesquisa e através de uma entrevista não diretiva, pedi que ela me falasse sobre o câncer, sobre quimioterapia e sobre os impactos do tratamento. Na conversa, percebi porque ela é a "melhor". Enquanto ela conversava comigo, ia detalhando de forma clara ao meu entendimento (não sou da área da

saúde) a rotina dessas crianças e eu percebia que a rotina era deles todos, tamanho envolvimento e doação desse ser existir sendo, Dra. Gláucia. Apresento aqui agora, a fala dessa profissional, tão querida pelas crianças:

Um dos motivos dessas crianças estarem na instituição é que acabaram de fazer um bloco de quimioterapia (QT) e existe uma suscetibilidade grande delas pegarem uma infecção e, se isso acontecer, essa criança terá que voltar rapidamente para o hospital. É preciso que seja feita a conduta correta, no tempo certo.

Essa criança tem que estar no hospital às 7 horas da manhã. Acordam às 6 horas, vão para o ambulatório, fazem consulta, fazem quimio e o carro já está esperando para voltar para a ACACCI. No trajeto, o carro passa em outros locais para apanhar outras crianças, como na radioterapia. É muito cansativo.

Impactos do diagnóstico e do tratamento devem ser considerados. A quimioterapia provoca náuseas e vômitos e, no caso da náusea, tomar o remédio não garante 100% de efeito antimetotogênico. Muitas vezes elas ficam até três dias com enjoo após uma sessão de quimio. Essas crianças e seus acompanhantes vivem em uma montanha russa ¹⁹ interna. Fazem a quimio e vão embora, acham que vão ficar em casa por 10 a 15 dias e, de repente, tem uma febre, é necessário que voltem imediatamente para o hospital. Falo mais da leucemia, pois são 30% dos casos. E a maioria tem o tratamento mais longo, de 2 a 3 anos. No tratamento, elas ficam internadas de 4 semanas a 8 semanas e tudo depende da doença, da resposta ao tratamento, das intercorrências. Depois, a criança tem alta hospitalar e segue para o tratamento no ambulatório de oncologia. É feito um bloco de quimio, tem um intervalo de 10 a 15 dias e retorna para fazer um novo hemograma. Esse intervalo é o tempo em que a medula se recupera para o próximo bloco. Quando a criança pensa que se recuperou, começa tudo de novo. A gente não pode dar chance para a doença voltar. Vamos controlando os efeitos colaterais e a questão emocional, essa hora não é hora de parar.

¹⁹ Montanha russa: conjunto de trilhos que formam um circuito com subidas e descidas, e por onde desliza uma espécie de trem que atinge alta velocidade. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/montanha-russa>

Dependendo, vai precisar de outras internações para a quimio. O tratamento dura em torno de 2 a 3 anos e, após a alta, essa criança ainda é acompanhada pela equipe médica por 5 anos. Geralmente, com 8 meses de tratamento, liberamos a criança para voltar à escola, porém orientamos a não participar das aulas de educação física e não deve ficar em locais com aglomerados de pessoas. A quimioterapia compromete a produção do sangue, logo anemia, imunidade baixa, baixas plaquetas. A criança com plaquetas baixas corre o risco de ter traumas ou lesões que podem ter complicações mais sérias. Não pode andar de bicicleta, porque não pode cair. Não pode jogar futebol, porque não pode tomar uma bolada, o hematoma pode complicar. Uma coisa que me incomoda é a criança ficar deitada o tempo todo na cama, isso atrofia e, quando essa criança tem alta, ela precisa de ajuda de um fisioterapeuta para voltar à rotina. A criança precisa circular, andar, se mexer, não ficar só deitada, mas não tem espaço para isso. Eu sou apaixonada pelo projeto da classe hospitalar lá do hospital. Todas as vezes que vou dar aula sempre separo 1 ou 2 *slides* para falar da classe. Esses espaços, brinquedoteca e classe hospitalar, são importantes para a criança. São espaços que tiram o foco da doença. Não é mais “eu tenho leucemia”. Quando estão lá, nesses espaços, elas querem estudar para fazer uma prova, pois querem ser médicos, dentistas, bombeiros, querem um futuro e isso as mantém firmes em suas lutas. Eu amo a classe hospitalar (Dra. Gláucia Perini Zouain Figueiredo).

A partir da fala da oncologista, “**A gente não pode dar chance para a doença voltar**”, percebo que “**a gente**” são todos os envolvidos nessa luta diária. Luta diária com os diversos tipos de câncer, e não podemos deixar de citar, o rabinomiossarcoma (tumores que se formam nos músculos esqueléticos), tumor de Wilms ou nefroblastoma (tumor no rim), linfomas de Hodgkin (câncer que se origina no sistema linfático), com alto índice de atendimentos no Hospital Infantil (HISNG), pontuados em outro momento²⁰.

Crianças, adolescentes, acompanhantes, equipe do hospital. Pessoas que atuam como heróis, cada um em terreno no campo de batalha. Persistência e

²⁰ Durante a defesa da Dissertação de Mestrado a prof^a dr^a Silvia Moreira Trugilho pontuou outros tipos de câncer com altos de índices de atendimentos do HISNG. A professora atua como assistente social nesse hospital.

perseverança armas de um “herói” que cuida, que segue diante dos obstáculos, diante das vicissitudes que o labor da medicina oncológica apresenta. Saber, ousar, querer e calar em diversas maneiras de manusear suas armas e “lutar com seus dragões” (MÜLLER, 1987, p. 34). Heróis que permitem uma abertura de seu ser no mundo ao novo, pois tem em sua essência a necessidade de entender as inter-relações e a coragem para arriscar-se apesar de todas as adversidades no lidar com a cura e a morte, como se fosse um subir e descer de uma montanha russa. Por vezes, manter-se fiel ao seu propósito é calar, interiorizar suas próprias emoções e seguir com seu escudo (proteção) e sua espada (ataque). Manusear esses instrumentos requer, segundo Müller (1987), estar ancorado no próprio centro de si, superando as adversidades, as decepções, as críticas para resistir aos “golpes do destino” (p. 54).

No estudo aqui apresentado, os “golpes do destino” são os diversos tipos de câncer, e no caso da instituição *lócus* de pesquisa, a ACACCI, os tipos de câncer mais incidentes são a leucemia, os tumores do Sistema Nervoso Central, o osteossarcoma e o neuroblastoma.

A leucemia é uma doença maligna dos glóbulos brancos, que são as células de defesa do organismo produzidas na medula óssea e no tecido linfático. Tem como principal característica o acúmulo de células doentes na medula óssea. Isso impede que as células normais sejam produzidas acarretando febre, sangramentos, infecções, dor nas articulações e nos ossos, fadiga, palidez, fraqueza e perda de peso. De acordo com o INCA, são mais de doze tipos de leucemia, dentre elas, a leucemia mieloide aguda (LMA), leucemia mieloide crônica (LMC), leucemia linfocítica aguda (LLA) e leucemia linfocítica crônica (CLL). Existe cura em 90% dos casos.

Os Tumores do Sistema Nervoso Central são, na escala do HINSO, o terceiro mais incidente. São tumores que provocam compressão e/ou infiltração do sistema nervoso central, podendo causar dores de cabeça, vômitos em jato e letargia (alteração do comportamento). De acordo com os dados obtidos através do *site* do Hospital do Câncer de Barretos²¹, esse tipo de câncer evolui com “irritabilidade,

²¹ Hospital do Câncer de Barretos: <https://www.hcancerbarretos.com.br>

anorexia, atraso de desenvolvimento e/ou perda de aquisições”. O tratamento acontece através de procedimentos cirúrgicos, quimioterápico e radioterápico.

O osteossarcoma é o tumor maligno ósseo. Ele pode se localizar no fêmur distal, área do joelho (tíbia proximal) e no ombro (úmero proximal) mais comum na infância e adolescência. Comumente está associado a dor, ao inchaço e alteração na marcha como também provoca alterações ósseas. Na maioria dos casos, o diagnóstico é realizado em estágio avançado, as metástases costumam se espalhar, geralmente, para pulmões e outros ossos, sendo assim:

A cirurgia oncológica ortopédica de ressecção em conjunto com a quimioterapia (adjuvante) é o principal tratamento, sendo uma opção que evita a amputação na maioria dos pacientes com esse tumor. Ao contrário de outros tumores, a radioterapia não tem valor no tratamento destes tumores. O diagnóstico precoce ainda é o maior trunfo para a cura e preservação dos membros afetados (HOSPITAL DO CÂNCER DE BARRETOS).

O neuroblastoma é um câncer que surge, em geral, nas glândulas adrenais, localizadas na parte superior do rim e leva normalmente ao aumento do tamanho do abdome, muitas vezes sendo confundido com verminoses. A maioria dos casos é em crianças menores de 10 anos. Apresenta quadro de irritabilidade, febre, emagrecimento, palidez e dor óssea. Esse tipo de câncer, segundo o INCA, é tratado com cirurgia e quimioterapia. Porém, em alguns casos, indica-se transplante de medula e radioterapia.

O tratamento oncológico tem por finalidade o alívio dos sintomas da doença ou a cura e podem ser feitos através de procedimentos cirúrgicos, radioterápicos e quimioterápicos. A intensidade e o período do tratamento variam de acordo com a necessidade de cada paciente, assim como os efeitos colaterais.

2.5.1 A quimioterapia

É um dos tipos de tratamento para combater o câncer. Acontece após a consulta médica e exames laboratoriais. Pode ser por via intravenosa (pela veia), intramuscular (pelo músculo), via oral (pela boca), intratecal (pela espinha dorsal), tópica (sobre a pele) ou subcutânea (abaixo da pele, nesse caso, o medicamento atuará na corrente sanguínea, sendo distribuído por todos os tecidos do corpo destruindo as células doentes e impedindo que elas se espalhem).

Durante a quimioterapia, o paciente pode sentir desconforto (Instituto Oncoguia; Hospital do câncer de Barretos), deve evitar “atividades físicas exageradas” e manter-se com alimentos leves e saudáveis, acompanhado por nutricionista. Os efeitos colaterais da quimioterapia podem acabar após o ciclo de medicamentos ou durar meses/anos. São efeitos colaterais da quimioterapia: anemia, diarreia, dor, fadiga, mudança de apetite, infecção, náusea e vômito, perda de cabelo, sangramento. Após a sessão de quimioterapia, o paciente deve se proteger durante 48 horas, período em que o organismo está metabolizando e eliminando os medicamentos quimioterápicos. Assim, é preciso evitar contato com vômito, urina, lágrimas, pois os mesmos podem queimar e irritar a pele.

Alguns tipos de quimioterapias podem causar efeitos colaterais permanentes a seu corpo, podendo causar problemas ao seu coração, ao fígado, pulmões, nervos e até aos órgãos reprodutivos. Alguns tipos de quimioterapia podem até gerar algum segundo tipo de câncer, anos depois (HOSPITAL DO CÂNCER DE BARRETOS).

O tratamento acontece em ciclos, com intervalos para descanso a fim de que o corpo se recupere. Podem durar algumas semanas até anos. Ainda:

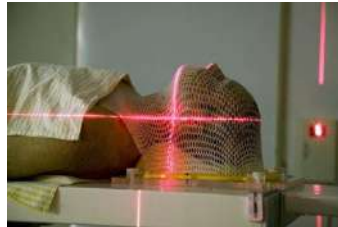
Nem todo paciente que tem câncer precisa receber quimioterapia. Muitos tipos de câncer são curados apenas com cirurgia ou radioterapia. Entretanto, quando o câncer é diagnosticado, vários fatores são analisados pelo oncologista para traçar um plano de tratamento que pode incluir cirurgia, quimioterapia e radioterapia, sozinhas ou em combinação. Quando existe um maior risco da doença voltar depois da cirurgia, pode ser necessário completar o tratamento com quimioterapia. Isso é chamado de quimioterapia adjuvante. Algumas vezes essa quimioterapia é realizada antes mesmo da cirurgia para melhorar os resultados, o que chamamos de quimioterapia neoadjuvante. Em alguns casos, a doença é diagnosticada quando a cura não é mais possível, no entanto, podemos frear o avanço da doença com a quimioterapia e assim aumentar o tempo de vida do paciente. Neste caso, chamamos de quimioterapia paliativa (HOSPITAL DO CÂNCER DE BARRETOS)

2.5.2 A radioterapia

Como dito anteriormente, “[...] Muitos tipos de câncer são curados apenas com cirurgia” (HOSPITAL DO CÂNCER DE BARRETOS). A radioterapia é um tipo de tratamento do câncer utilizado tanto em doenças benignas, quanto em doenças malignas. Esse tratamento é feito através de radiações ionizantes que atuam inibindo ou destruindo as células doentes que formam o tumor. Ele pode ser realizado isoladamente ou combinado com a quimioterapia e a cirurgia. “No entanto, sempre haverá tecido saudável que será afetado pelo tratamento, causando

possíveis efeitos colaterais” (ONCOGUIA). Após a radioterapia, o paciente pode sentir enjojo, cansaço, náusea, vômito, falta de apetite, ardência urinária, diarreia e sua pele pode ficar avermelhada, escamada e com bolhas, por isso é importante que o paciente evite o contato com o sol.

Figura 4 - Procedimento radioterápico



Fonte: <http://www.campinas.sp.gov.br>

Figura 5 - Equipamento de radioterapia



Fonte: <http://www.oncomedmt.com.br>

2.6 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DAS ONGs

Partindo do pressuposto de que a presente pesquisa aconteceu em uma Organização Não Governamental (ONG), buscarei, de forma sucinta, descrever o conceito ONGs, a fim de situar o leitor no mundo vivido e experienciado por mim durante a produção de dados.

As Organizações Não Governamentais, popularmente conhecidas como ONG's, são conhecidas desde a década de 1950 quando a ONU as apresenta como entidades que desempenhavam trabalhos humanitários, particularmente, na área educacional. Práticas de solidariedade, vinculadas às igrejas, propiciaram acordos de cooperação internacional com instituições que se dispunham a contribuir para melhorias em várias partes do mundo. No Brasil, conforme GOHN (1997), tal prática ganhou ênfase na década de 1970, quando as ONGs estavam muito ligadas aos movimentos sociais e colaboraram em diferentes ações com projetos populares de educação de inspiração freiriana que buscava transformação social via conscientização de democracia e autonomia além de denunciar as violações dos

direitos humanos através do apoio de Agências Internacionais e da igreja por meio das Comunidades Eclesiais de Base(CEBs).

Uma grande mudança na área econômica trouxe impactos para as práticas das ONGs. No contexto da década de 1990, quando o capitalismo ganha caráter de globalização, há um retrocesso das ações do Estado em relação aos cidadãos. Diante do crescimento de mazelas sociais, irrompem práticas das ONGs que começam a articular ações que visam suprir as demandas das populações mais empobrecidas. Todavia, as ONGs ultrapassam este público e começam a realizar ações com outros grupos, assumindo uma postura de cidadania, distanciando-se dos movimentos sociais. As ONGs passam a estabelecer parcerias com empresas que, por sua vez, tentam responder às críticas sociais de que seus lucros geram prejuízos ambientais, culturais etc.

Esses movimentos sociais formaram uma representação que envolvia diversos grupos de pessoas, demandando em diferentes espaços sociais algum tipo de bem simbólico ou material. O Estado e a sociedade se relacionavam através de um novo ordenamento sociopolítico em uma era de institucionalização, sendo interpretados a partir de alterações nas ações coletivas, nos modelos de análises e na disposição econômica e política que envolvia um fazer pensar baseado em uma *práxis* que fundamentava a ação desses grupos. Organizou-se uma busca de garantias de seus interesses, suas reivindicações e das demandas junto ao poder público através de uma correlação de força social ganhando poder a partir dos veículos de expressão. A partir desse movimento, cria-se uma identidade de solidariedade, de interesses comuns e, conseqüentemente, de inovações nas esferas privada e pública retirando o Estado e seu poder de legitimação da esfera social.

Em 1992, aconteceu no Rio de Janeiro, a ECO-92, uma conferência organizada por ONGs que procurou ampliar a visão de desenvolvimento autossustentável. A ideia era disseminar a economia-comunitária que tinha como meta a filantropia e a parceria com o Estado (GOHN,1997). A economia informal passa a ganhar ares de recomendável e a luta passa a ser pela garantia do emprego e não mais a garantia dos direitos estabelecidos para cada categoria em uma economia capitalista.

Nesse contexto, destacam-se a diminuição de empregos formais, a longa jornada de trabalho e a contratação de funcionários por setores não afiliados a sindicatos e com

direitos não garantidos. Na economia informal, o setor semi-artesanal ganha destaque, e isso garante alicerce para economias semicomunitárias. A era da globalização perpassa a lógica do menor custo. É a lógica do sistema mundial de produção. A logística do Estado é responder à demanda da sociedade civil através de parcerias entre sociedade e Estado, incumbindo a sociedade privada de responsabilidades que não lhe competem. A cidadania toma o cerne de discussão da qual o outro que até então era excluído passa a ser uma demanda de direito legitimado por esses grupos de pessoas que buscam o bem comum através de uma cidadania ampliada.

Nesse cenário, movimentos como o Movimento Sem Terra (MST), Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua, Movimento Viva Rio se destacam no Instituto de Estudos Superiores da Religião (ISER) e Instituto brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE). Esses institutos eram associados às redes de cooperação internacional ligadas às igrejas e, assim, as ONGs passam a receber dessas instituições financiamento a partir de apresentação e aprovação de projetos os quais, muitas vezes, eram apoiados por grandes ONGs como o Greenpeace. A miséria nos grandes centros urbanos e os direitos das classes/grupos desfavorecidos serviram de alicerce para essa nova representação de sociedade cidadã. Diferente do Estado, a ONG, para continuar, precisa ser eficiente e atender a clientela com eficácia, baixo-custo e agilidade.

Nesta nova configuração, as ONGs também fazem parcerias não só com empresas particulares, mas também com o Estado. Desta maneira, as ONGs tornam-se, na prática, uma ação paliativa do Estado. Elas respondem a uma necessidade que o Estado não seria capaz de suprir completamente, mas que, em parceria, procura minimizar determinados problemas. Distanciando-se de questões mais humanitárias, as ONGs introduzem outros atores sociais, novas frentes de trabalho, diferentes modos de agir.

O poder público se transforma em agente repassador de recursos. A operação é intermediada pelas ONGs. Na prática, as ONGs é que têm tido o papel principal no processo, pois são elas que estruturaram os projetos e cuidam da organização e da divisão das tarefas. A questão do saber acumulado se faz presente e a dependência das organizações populares dos técnicos das ONGs é bastante visível. Ou seja, as ONGs saíram da sombra, deixaram de ser meros suportes técnicos em orientações tidas como "pedagógicas" e financeira às lideranças populares, e passam, elas

próprias, a desempenhar os papéis centrais nas ações coletivas (GOHN, 1997, p. 315).

Montaño (2002) apresenta uma crítica ao Terceiro Setor, o que inclui as ONGs, pelo fato de que os debates que defendem as ações voluntaristas do Terceiro setor concebem a sociedade civil como uma totalidade orgânica, relativamente homogênea, consensualmente voltada ao bem-comum e à participação cidadã.

Para Montaño (2002), a concepção dominante do Terceiro Setor (aqui entendida como neoliberal) desconsidera a existência de interesses contraditórios e conflitantes presentes nas lutas travadas no espaço da sociedade civil, gerando a auto-responsabilização dos sujeitos, individuais e coletivos, por efetivar as respostas às suas necessidades sociais; o que, por conseguinte, contribui para que a retirar do Estado a responsabilidade na atenção à questão social (efetivação de políticas públicas universais de atenção aos direitos sociais), que passa à cotidianidade individual dos sujeitos.

Ainda, segundo Montaño (2002), de articuladora da captação de recursos para os movimentos sociais, nas décadas de 1970-1980, na virada do século XX para o XXI, as ONGs passaram a ocupar o lugar dos movimentos sociais, o que contribui, sobremaneira, para o enfraquecimento dos movimentos sociais que desafiam o modelo de economia neoliberal. Para o autor, as ONGs obtêm maior respaldo, credibilidade, adesão da população e maior espaço na mídia a partir de uma lógica gerencial que lhes confere um ar de maior eficiência, na medida em que se convertem em parceiro do Estado, esvaziando a luta dos movimentos sociais, que mantém relação conflitante com o Estado.

Portanto, como denuncia Montaño (2002), a lógica neoliberal reconhece a importância das ONGs tendo em vista que elas contribuem para o processo de desresponsabilização do Estado em suas funções sociais. As ONGs não atuam no sentido de assegurar a efetivação de políticas públicas universais, mas de ações compensatórias, focalizadas e clientelistas.

Entre tendências que buscam justificar ou condenar a existência das ONGs, essas organizações se multiplicaram por todo o Brasil e são responsáveis por grande parte dos atendimentos feitos à população, constituindo-se num Terceiro Setor que, no Marco Legal, é assim compreendido:

[...] inclui o amplo espectro das instituições filantrópicas dedicadas à prestação de serviços nas áreas de saúde, educação e bem-estar social. Compreende também as organizações voltadas para a defesa de grupos específicos da população, como mulheres, negros e povos indígenas, ou de proteção ao meio ambiente, promoção do esporte, cultura e lazer. Engloba as experiências de trabalho voluntário, pelas quais cidadãos exprimem sua solidariedade mediante doação de tempo, trabalho e talento para causas sociais (BRASIL, 1998).

A Lei nº 13.019/14 estabelece normas para as parcerias voluntárias com as ONGs, agora denominadas Organização da Sociedade Civil (OSCi). Destaca-se, no art.2, o conceito de OSCs:

Art. 2º Para os fins desta Lei considera-se:
I - organização da sociedade civil: pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos que não distribui, entre os seus sócios ou associados, conselheiros, diretores, empregados ou doadores, eventuais resultados, sobras, excedentes operacionais, brutos ou líquidos, dividendos, bonificações, participações ou parcelas do seu patrimônio, auferidos mediante o exercício de suas atividades, e que os aplica integralmente na consecução do respectivo objeto social, de forma imediata ou por meio da constituição de fundo patrimonial ou fundo de reserva (BRASIL, 2014, s.p.)

Tachizawa (2007) destaca que, nos anos de 1990, aumentou o número de empresas que criaram fundações e institutos para ações sociais. O trabalho do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, a campanha Ação da Cidadania contra a fome, a Miséria e pela vida, foi um marco para esse período. Através dessa campanha, a sociedade passou a cobrar das empresas uma postura de participação e responsabilidade social.

Este setor ocupa espaços que não preenchidos pelo Estado (Primeiro Setor) e pela atuação do setor privado, que enfatiza a comercialização de bens e serviços, a fim de atender as expectativas de um mercado comercial (Segundo Setor) (TACHIZAWA, 2007, p. 18).

As ONGs atuam, obrigatoriamente, com órgãos de natureza decisória (Diretoria ou Conselho Administrativo) e natureza deliberativa (Assembleia Geral) e um Conselho Fiscal (caráter não obrigatório, mas recomendado) e têm como foco de atuação as áreas: educação, cultura, saúde, parceria com o governo, voluntariado, apoio à criança e ao adolescente, entre outras. A captação de recursos de uma ONG acontece através de parcerias com outras organizações, fontes governamentais, organismos financiadores internacionais, doações de pessoas físicas e de empresas, entre outros.

A fiscalização e o monitoramento dessas Organizações são feitos pelo Ministério da Justiça. O título de cada uma delas ocorre a partir de seu cadastro (CNPJ) junto ao Ministério da Justiça. O Conselho de Direitos Humanos da ONU instituiu, em 2010, uma Relatoria Especial para avaliar e assegurar direitos à liberdade dessas

associações num Estado democrático a partir de três dimensões de direitos: direito à participação, a não interferência do estado e ao financiamento.

É inegável a importância do Estado no que se refere às propostas de atender aos cidadãos nas suas demandas, porém, o que tenho vivenciado, enquanto cidadã de direitos e obrigações, é que esse Estado não tem oferecido aparatos suficientes para realizar políticas públicas que atendam abrangentemente a população - ou não tem ou ele "não tem interesse", muito provavelmente. Nesse contexto social vivido, a sociedade civil tem sido chamada e tem tomado para si, a responsabilidade do Estado, devido mesmo às pressões recebidas, criando e unindo-se em Organizações Não Governamentais (ONGs) numa tentativa de fazer justiça e inclusão - ou o que isso possa significar.

As atuações dessas organizações, em boa parte delas, estão voltadas para o interesse do seu povo, seja pela qualidade de serviços oferecidos, seja atuando e prestando contas à sociedade, sendo transparentes, com qualidade, boa produção e eficiência. Tais características são aquelas que a população civil não tem encontrado por parte do Estado. Diante disso, as pessoas criam práticas de resistência onde reivindica que o Estado cumpra seus deveres e obrigações em áreas de urgência²² e por isso, indispensáveis.

Como dito anteriormente, na introdução dessa pesquisa, vivencio desde criança os movimentos de ações do terceiro setor e das ONGs. Reconheço o papel do Estado, aliás sua omissão. Porém, faço parte de uma parcela da sociedade que enfrenta e tenta de alguma maneira, apoiar esses novos modelos de trabalho que demonstram modos mais eficientes de resolver os problemas sociais.

²² Podemos citar a educação, saúde e segurança.

3 O LOCAL DA PESQUISA

O foco da presente investigação será a brinquedoteca da ACACCI, uma Ong localizada no município de Vitória, no Estado do Espírito Santo. Nessa instituição são atendidos alunos com necessidades educacionais especiais em regime de semi-internação e em idade escolar. Segundo o material impresso disponibilizado para divulgação, Relatório Anual 2014, existe uma brinquedoteca hospitalar em espaço não hospitalar, que garante às crianças/alunos em tratamento o direito ao brincar, estipulado pela lei nº 11.104/05. A ACACCI segue as normas de controle de precaução regulamentada pela Agência Nacional de Segurança Nacional, do Ministério da Saúde. Tive a oportunidade de conhecer esse espaço em janeiro de 2017.

3.1 A ACACCI: PERCORRENDO O ESPAÇO-TEMPO

“ao trazer toda a sociedade capixaba para seus projetos, a ACACCI rompe as barreiras do preconceito e avaliza iniciativas do terceiro setor como indispensáveis ao estado moderno, que compartilha responsabilidades com aqueles que são vocacionados para suas missões específicas.” (DALMASIO, 2009, p. 121).

Em 1987, Glicer Dável da Penha, na tentativa de buscar tratamento que fosse referência para seu filho, paciente do HINSG, com câncer, o leva ao Hospital do Câncer A. C. Camargo. Com o apoio dos médicos Carlos Magno Bortolin e Maria Magdalena Frechiani, alguns pais decidiram montar uma associação que estivesse disposta a cobrar providências ao Estado, mas que se mobilizassem para além das ações do próprio Estado. Em 1988, iniciando com 4 pais, foi criada a Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil (ACACCI) que tinha como objetivo promover ações que facilitassem não apenas o tratamento, mas que considerasse os aspectos psicológicos e sociais da criança em tratamento. Em 16 de Dezembro de 1990, a expensas da prefeitura de Vitória, foi alugada, por meio de edital, uma casa no Bairro de Lurdes, em Vitória. Com capacidade para receber 6 famílias, esse espaço existiu até 1994, mudando de endereço com o apoio do novo prefeito, Paulo Hartung. Um ano antes, a instituição recebeu um terreno da Fundação de Assistência Social (FAZ) dirigido pela primeira dama do Estado, Waldicéia Azeredo. Em 28 de Dezembro de 1994, foi inaugurado no bairro Jardim Camburi, na Rua Elzira Vivacqua, a primeira sede própria da instituição. Em 2002, foi adquirida

através dos recursos captados em parceria com o Mc Dia Feliz 2002, o terreno na Rua Domingos Póvoa Lemos, no mesmo bairro. A obra teve início no ano de 2004 e conclusão no ano de 2006. No mais, desde o seu início, a ACACCI favoreceu e intermediou melhorias na estrutura e na qualidade dos serviços prestados pelo HINSG e, entre esses compromissos, (DALMÁSIO, 2009) destaca o Projeto Classe Hospitalar Canto do Encanto, inaugurado em agosto de 2001, fruto da parceria entre a instituição, o hospital, a Secretaria de Saúde (SESA) e Secretaria de Educação (SEDU) viabilizado através de contribuições da sociedade e da parceria Mc Dia Feliz e ACACCI. Parcerias que desenvolveram melhorias como a reforma na Unidade de Onco-hematologia iniciadas em 1999; Campanhas como o Bazar no Hospital; Parcerias com a Unimed para doações de 5 aparelhos de televisão para a Unidade de Onco-hematologia; a Campanha Troco-Pedágio promovida pela Rodosol (Concessionária do sistema Rodovia do Sol; a Fundação Banco do Brasil (FBB) que, em 2002 e em 2004, repassou equipamentos para o HISNG, entre eles, computadores para a classe hospitalar.

A instituição, desde 1999, possui um serviço de telemarketing para captar recursos financeiros junto à sociedade e, em 2002, o selo de Compromisso com a criança foi lançado buscando divulgar a instituição e captar recursos ou serviços através de parcerias com empresas.

Figura 6 - Selo da ACACCI



Fonte: <http://asesonline.org.br/pt-br/publicacoes/ases-adere-ao-selo-compromisso-com-a-crianca-acacci/>

Hoje, a instituição possui diversos espaços de acolhimento tanto para a criança/adolescente quanto para o acompanhante. São eles: a Casa da Família: um prédio que acolhe criança/adolescente e responsável. São 12 suítes, refeitório, lavanderia, cozinha, capela. Classe Hospitalar, brinquedoteca Hospitalar, sala de TV, sala de música, bazar, auditório.

O Recrearte é um projeto elaborado a partir de atividades recreativas com o objetivo de minimizar os impactos psicossociais que advêm da doença ou do tratamento. Essas atividades são fundamentais para garantir à criança o direito à infância. Compõe o projeto a brinquedoteca com atividades livres e direcionadas como: roda de leitura, comemoração de aniversariantes do mês e datas comemorativas. Os passeios externos também fazem parte desse projeto. Acontecem comemorações de aniversários em shopping e passeios culturais a centros históricos do município.

A Classe hospitalar é um projeto que segue normas estipuladas pela SEDU. O Prover é um projeto voltado para a família em vulnerabilidade social. O tratamento tem reflexo na vida financeira da família e, muitas vezes, a instituição ajuda com cestas básicas, assistência financeira como vale transporte, fralda, algum medicamento que não é fornecido pela rede pública, peruca, colchão. Todo esse apoio é dado para que seja garantida a continuidade do tratamento, para que eles tenham e consigam todo o suporte necessário para um tratamento de qualidade.

O Projeto Bem-me-quer é voltado para os acompanhantes e responsáveis. Nesse projeto, acontecem aulas de meditação e *yoga*, atividades de nutrição, atividades de fisioterapia. O foco é a criança/adolescente, mas a equipe também consegue atender o cuidador. Esse cuidador está aqui e, às vezes, tem diabetes ou está com dores na coluna, pois o filho passou a ser cadeirante devido ao câncer. Cuidar de quem cuida, pois esse responsável precisa estar bem. Ainda dentro desse projeto, o fisioterapeuta faz a liberação da órtese e prótese quando há necessidade do paciente que passou pela amputação de algum membro e o acompanha para a readequação da mobilidade mesmo sem amputação. O serviço de nutrição acontece através de consultas marcadas, mensalmente, na ACACCI. Existe ainda a Capelania, um projeto que acontece duas vezes por semana. Ele conta com o apoio de voluntários em um espaço reservado e sem denominação religiosa específica. Há também o Projeto Convivendo com Arte. Acontecem, dentro desse projeto, oficinas de artesanato que, muitas vezes, potencializam os responsáveis em trabalhos manuais, gerando renda familiar. No prédio principal, a casa da família, são 12 suítes que acomodam 24 pacientes e seus acompanhantes. Na maioria das vezes, são do interior do Estado do Espírito Santo, Sul da Bahia e Leste de Minas Gerais. Essas pessoas recebem cinco refeições diárias e a flexibilidade de alterar horários de refeições e cardápios de acordo com a necessidade de cada um. A ACACCI

disponibiliza transporte para eles irem para o centro de tratamento não só no HINSG. A radioterapia é feita no Hospital Santa Rita, alguns exames são feitos na Clínica dos Acidentados. A rotina das crianças e dos adolescentes da instituição é voltada para o tratamento, para a cura do câncer. O primeiro carro parte da instituição para o HINSG, às 7 horas da manhã, retornando a partir das 12horas.

Em uma entrevista não diretiva com a assistente social da ACACCI, denominada por mim como **TERRA**, lancei como pergunta disparadora “me fale sobre a criança da ACACCI e o acolhimento que é dado a ela e ao acompanhante na instituição”.

Quando essa criança e sua mãe chegam do hospital, nós os acolhemos evitando falar sobre o câncer logo de cara. Falo no feminino, assim pois 90% são acompanhantes do sexo feminino. Essa família precisa de um momento para refletir, tanto tempo dentro do hospital. Damos um abraço e entregamos para ela o *kit* com materiais de higiene pessoal e informamos o horário das refeições. Só no segundo dia que recebemos o “paciente e a acompanhante”. Primeiro, recebemos a pessoa, elas têm um nome e quando estão no hospital se tornam pacientes e acompanhantes. Primeiro, é preciso resgatar a identidade dessas pessoas (Assistente Social TERRA).

4 ENVOLVIMENTO REFLEXIVO COM A LITERATURA CIENTÍFICA: A FENOMENOLOGIA

Pois bem, após descrevermos sobre o espaço da pesquisa, partiremos para uma nova etapa, para mim enquanto ser no mundo, uma das mais importantes nessa pesquisa: o envolvimento literário reflexivo a cerca da fenomenologia. Definir ou conceituar “fenomenologia” revela-se como tarefa complexa. “A palavra ‘fenomenologia’ significa ‘o estudo dos fenômenos’, onde a noção de um fenômeno e a noção de experiência, de um modo geral, coincidem” (CERBONE, 2012, p. 13). Historicamente, a “fenomenologia”, enquanto corrente filosófica, tem seu início no século XX, desenvolvendo-se de forma diversificada, concentrando sua reflexão em torno de nossa experiência do mundo.

O termo “fenomenologia” foi criado no século XVIII por J. H. Lambert (1728-1777) para designar o estudo descritivo dos fenômenos. Hegel (1770-1831) o utiliza para definir a ciência da experiência da consciência. A partir do contato de Husserl com as ideias de intencionalidade ²³de Franz Brentano (1838-1917), a fenomenologia vai se caracterizar como uma reação ao empirismo²⁴ e ao psicologismo²⁵ e, conseqüentemente, às posturas realista²⁶ e idealista²⁷. Em uma direção intencional em que todo fenômeno mental é definido a partir de um objeto dentro de si mesmo através de sentimentos e emoções em uma experiência sensível através de falantes e ouvintes.

O movimento reflexivo iniciado por Husserl será seguido por Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty entre outros. A definição mesma de “fenomenologia” terá nuances distintas em cada um dos expoentes do método fenomenológico, todavia, há um traço comum que se refere ao conceito de “intencionalidade”. Isto evidencia que a noção de sujeito tem papel imprescindível na compreensão fenomenológica.

²³ Intencionalidade: Referência de qualquer ato humano a um objeto diferente dele: p. ex., de uma ideia ou representação à coisa pensada ou representada, de um ato de vontade ou de amor à coisa querida ou amada etc (ABBAGNANO, 2007, p. 576);

²⁴ Empirismo: Corrente filosófica para a qual a experiência é critério ou norma da verdade, considerando-se a palavra “experiência” no significado. (ABBAGNANO, 2007, p. 337)

²⁵ Psicologismo: Doutrina na qual a psicologia, como descrição da experiência interna, torna-se a única filosofia possível. (ABBAGNANO, 2007, p. 811)

²⁶ Realista: origina do realismo no qual o objeto imediato ao conhecimento é uma essência, ao passo que a existência nunca é apreendida imediatamente ou intuída, mas apenas afirmada. (ABBAGNANO, 2007, p. 835)

²⁷ Idealista: Ideia que admite que os corpos têm somente existência ideal em nosso espírito, negando assim a existência real dos próprios corpos e do mundo (ABBAGNANO, 2007, p. 523)

Conquanto, devemos voltar a Husserl, fonte de inspiração do filósofo Merleau-Ponty. Husserl (1859-1938), criticando o naturalismo²⁸, procura entender a estrutura essencial da experiência, ou seja, aquilo que a torna experiência. Husserl propôs-se discernir e descrever a estrutura essencial da experiência; perguntar e responder questões transcendentais sobre a experiência; atingir a certeza epistemológica. Husserl exclui questões referentes às fontes e sucessos da experiência, procurando executar a “redução fenomenológico-transcendental”, estabelecendo como foco a própria experiência e não o que a circunda. No segundo passo que é a descrição fenomenológica, Husserl se detém nas questões sobre a estrutura da experiência, a possibilidade de a experiência consciente alcançar um objeto. Husserl então propõe a seguinte relação estrutural que tem o tempo (presente) como elemento fundamental: retenção; protensão; horizonte e síntese. A experiência em sua complexidade envolve o processo de experienciar (noesis) e o conteúdo experienciado (noema), bem como aquele a quem pertence a experiência (ego) e é continuamente auto constitutivo.

Husserl concebe uma “segunda redução” que se refere ao momento em que o observador intervém mais ativamente no processo, delineando as categorias essenciais da experiência. A fenomenologia de Husserl, base de estudo de Merleau-Ponty, não compactuava com as ideias do dualismo cartesiano. Ao contrário de Descartes, afirmava que corpo e mente são indissociados, um não pode ser pensado sem o outro. E fundamentado nessa teoria, Merleau-Ponty estudando o conceito de corpo em Husserl, precisamente a obra “Teorias II”, no qual “O corpo é, em primeiro lugar, o meio de toda percepção; é o órgão da percepção e está necessariamente envolvido em toda percepção” (*Ideas II*, p.18 *apud* CERBONE, 2012, p. 151), aprofunda sua pesquisa em “Fenomenologia da percepção”, onde o conceito de corporeidade recebe novos contornos. A partir desse estudo, novos campos de estudos são lançados fenomenologicamente como ciência e o nosso filósofo marca um território com sua ciência. Nesse território, muitos vieram após ele e a partir dele.

A tarefa da fenomenologia é despertar o para-si (ser que não é o que é e é o que não é), para sua auto responsabilidade. A “tarefa da filosofia é reaprender a ver o

mundo e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo” (MERLEAU-PONTY, 2006b, p. 21). Assim sendo, quando um pesquisador se envolve, traz à lume não apenas a essência do objeto ou do ser pesquisado, mas também o irrefletido. É a partir de uma consciência própria que esse pesquisador projeta o mundo, mundo no qual cada ser possui uma história social e peculiar, “não há uma palavra, um gesto humano, mesmo distraído ou habitual, que não tenha uma significação” (MERLEAU-PONTY, 2006b, p. 19). Nessa visão, toda redução é *eidética*, não há para Merleau-Ponty (2006b, 1999) uma essência separada da existência, assim como não há a possibilidade de um afastamento e um retorno ao observar esse sujeito (ser) em pesquisa, como descrevia Husserl.

Há, portanto, uma certa consistência de nosso ‘mundo’, relativamente independente dos estímulos, que proíbe tratar o ser no mundo como uma soma de reflexos - uma certa energia da pulsação de existência, relativamente independente dos nossos pensamentos voluntários, que proíbe tratá-lo como um ato de consciência. É por ser uma visão pré-objetiva que o ser no mundo pode distinguir-se de todo processo em terceira pessoa, [...] (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 119).

4.1 PERCORRENDO CAMINHOS: A PESQUISA A PARTIR DE LEITURAS EM MAURICE MERLEAU-PONTY

Foi exatamente em 14 de março de 1908, na cidade de Rochefort-sur-Mer, na França que nascia em um lar católico e de classe média, o filósofo Maurice Merleau-Ponty. Perdeu o pai, um artilheiro de guerra, vítima de uma doença no fígado, aos 5 anos de idade. Foi criado, juntamente com seu irmão que, mais tarde se tornaria um banqueiro e uma irmã, mais velhos que ele, pela mãe cuja devoção se dará até o final da vida. A ponto de romper o casamento com Elisabeth Le Coin ou Lacoïn, a “Zazá”, moça de família burguesa, descrita por Beauvoir como sua melhor amiga em algumas de suas memórias.

Aos 18 anos, ingressou na École Normale Supérieure, sendo aluno de Léon Brunschvicg²⁹, e recebendo desse professor influências que mudariam o rumo da

²⁹ Léon Brunschvicg (1869-1944) francês, intelectual que exerceu forte presença filosófica no séc. XX até a segunda guerra mundial. Professor de Sorbonne, apreciador de Kant e da filosofia transcendental e de Fichte e Espinosa. Suas ideias contestavam o idealismo alemão através de um positivismo espiritual. Cardim (s/d) destaca em seu artigo: “o idealismo novo de Léon Brunschvicg se opõe ao idealismo alemão por seu positivismo espiritual, que se dá por tarefa exclusiva conhecer o espírito vivo, isto é, acompanhar o homem em sua lenta conquista de seu

fenomenologia até então existida. Aos 19 anos, em 1927, conheceu Simone de Beauvoir, também com 19 anos de idade, ela ficou em segundo lugar nos exames de filosofia e ele queria conhecer “a mulher que o vencera” (BAKEWELL, 2017, p. 112), e tornaram-se grandes amigos. Essa intimidade é marcada nas obras de Beauvoir que o apelida como “Merloponi” e ainda na sua autobiografia com o pseudônimo de “Pradelle”. Através dela, conheceu Sartre ainda na faculdade. Tornaram-se companheiros de pesquisas de quase uma vida toda. Merleau-Ponty, assim como Sartre e Beauvoir, era de família burguesa, mas diferentemente dos dois, se sentia à vontade no meio burguês, e se relacionava com todas as pessoas com muita facilidade.

Não conheci nenhuma outra pessoa de quem pudesse aprender a arte da alegria. Ele carregava com tanta leveza o peso do mundo inteiro que deixou de pesar sobre mim também; nos Jardins de Luxemburgo, o azul do céu da manhã, os gramados verdes e o sol brilhavam como em meus dias mais felizes, quando os dias sempre eram bonitos (BAKEWELL, 2017, p. 115).

Aos 22 anos, em 1926, Merleau-Ponty atua como professor e pesquisador bolsista na Caise Nationale de la Recherche Scientifique, formando-se em filosofia em 1930. Em 1929, o próprio Husserl lecionou na École Normale Supérieure, mas foi através da disciplina Filosofia Alemã Contemporânea, ministrada pelo professor Georges Gurvitch (1894-1965), sociólogo russo que defendia a ideia de uma sociedade participativa nos direitos sociais e nas políticas públicas que, nesse clima, Merleau-Ponty teve seu primeiro contato com a fenomenologia husserliana, além da filosofia de Heidegger, sendo influenciado por esse pensador na expressão consciência, “ser-ao-mundo”, originário de “se-no-mundo”, semelhante em uma visão ontológica. Em 1929, Simone de Beauvoir conhece Sartre e seu grupo de estudos, apresentando, logo em seguida, seu amigo Merleau-Ponty ao grupo.

Já como filósofo formado, leciona nas seguintes instituições: Liceu de Beauvais, de 1931 a 1933; Liceu de Chartres, de 1934 a 1935; Escola Normal Superior, de 1935 a 1939. Retorna à École Normale Supérieure para o doutorado sendo influenciado

espírito, pedindo à ciência para preparar e marcar as etapas de sua conquista”. No período da ocupação nazista da França, Brunschvicg foi obrigado a deixar o seu lugar na Sorbonne e procurar refúgio na zona livre para escapar à perseguição resultante das suas origens judaicas. Fonte: <http://anpof.org/> Acesso em 12 de Março de 2018.

pela psicologia da Gestalt e as ideias de estrutura holística da experiência, sentidos, percepção através do professor Aron Gurwitsch que, em suas ideias, aproximou as pesquisas fenomenológicas husserianas das pesquisas científicas da Psicologia. Entretanto, não se submete às descobertas empíricas, expondo suas teorias e hipóteses em relação à natureza e às concepções da própria atividade humana, através da corporificação e percepção em um retorno aos fenômenos. Aos 30 anos, em 1938, apresenta a síntese preliminar da sua tese de doutorado “A estrutura do comportamento”, publicada após 4 anos. Nessa pesquisa, faz uma crítica à teoria behaviorista-gestalt, pois acreditava que o olhar condicionado era falho ao explicar o significado e o sentido dos movimentos. Partindo da premissa das relações da natureza com a consciência, onde os movimentos não poderiam ser considerados apenas fisiológicos e sim intencionais.

Nesse período, 1940, participa da fundação e da edição da Revista *Les Temps Moderns* (Os Tempos Modernos) ao lado de Sartre, seu grande amigo. O marxismo influenciou esse filósofo e a literatura afirma que Maurice Merleau-Ponty participou intensamente de movimentos políticos assumindo seu posicionamento social e político através da publicação de artigos em jornais e revistas.

No ano de 1941, juntamente com Sartre, filia-se ao Grupo Socialismo e Liberdade, pequeno grupo burguês intelectual que fazia resistência ao poder em uma visão marxista a partir de princípios de fenomenologia e existência. Sua vida política sempre esteve vinculada a seu trabalho e a sua vida pessoal. Sentindo necessidade de aprofundar estudos focando a percepção apontada na “Estrutura do Comportamento”, buscou analisar os resultados apresentados, com o comportamento do ser em relação ao meio, onde o corpo atua em primeiro plano a partir de um ser sensível dando origem a sua tese de doutorado “Fenomenologia da Percepção”, em 1945, sua principal obra. Nessa pesquisa, Merleau-Ponty faz uma crítica ao cogito cartesiano, à psicologia clássica e ao mecanicismo da filosofia da época, revelando o ser humano como ser-ao-mundo, em um movimento de consciência (*cogito*) através das sensações. Ao contrário do processo de estímulo-resposta, mas instrumentalizada em um pensamento a partir da psicologia, do corpo em movimento como preceptor de toda a experiência a fim de desvelar uma verdade última.

Em 1945, aos 37 anos, passa a lecionar na Universidade de Lyons. É designado professor 3 anos mais tarde. É indicado coeditor do Jornal “Les Temps Modernes” com publicações sobre política, literatura e filosofia, denunciando as injustiças do nazismo e pensando no comunismo como a única opção de uma sociedade mais altruísta. Merleau-Ponty, mesmo com reservas, escreve o artigo Humanismo e Terror em 1947, publicado nesse jornal. Em 1948, ao lado de Sartre, participa da fundação do Partido da Renovação Revolução Socialista, com o propósito de produzir uma revolução socialista na Europa. “Em 1949, assume a cátedra de psicologia e pedagogia da Sorbonne, sucedendo-a, após sua morte, a Jean Piaget” (BAKEWELL 2017, p. 225). Em 1950, durante a ausência de Sartre, escreve um artigo criticando o comunismo soviético, pois a agressividade que o imperialismo soviético impunha, o incomodava profundamente.

Seu ápice profissional acontece entre os anos de 1949 a 1952, período que passou a ocupar cadeiras de pedagogia e psicologia na instituição onde Jean Piaget, o nome mais influente no campo da educação durante a segunda metade do século XX, o sucederia. Em 1952, 11 anos após a ocorrência da morte de Bergson, aos 44 anos de idade, é designado para ocupar a posição deixada por Henri Bergson (1859-1941), marco da filosofia moderna que, por suas ideias, representa o fim da era cartesiana, na Cátedra de Filosofia no Collège de France. Seu posicionamento político leva à ruptura, em 1952, da amizade com Sartre e tudo que os envolvia em um processo que durou 10 anos através de cartas³⁰ trocadas entre ele e Sartre que estava em férias em Roma. Hoje, essas cartas são públicas.

Em 1953, precisamente em 15 de janeiro, Sartre assistiu à aula inaugural de Merleau-Ponty no Collège de France, não dando muita importância, pois não o cumprimentou com calorosas congratulações. As cartas começam com Sartre criticando Merleau-Ponty “que quem não estivesse ‘engajado’ politicamente não devia se pôr a criticar quem estivesse” (BAKEWELL, 2016, p. 254). O Jornal “*Les Temps Modernes*” estava a fechar as portas e precisavam entregar um artigo pró-soviético sob encomenda. Merleau-Ponty escreveu no prefácio do texto uma nota editorial declarando que a revista não compactuava com aquelas afirmações.

³⁰ Cartas entre Merleau-Ponty e Sartre: ver em Marilena Chauí em: <http://www.revistas.usp.br/dissenso/article/view/105038/103781> Acesso em: 10 de Janeiro de 2018 .Ver em BAKEWELL(2016, p. 254-257).

Porém, ao ler, Sartre retira essa observação e não avisa ao coeditor. Merleau-Ponty, com isso, por telefone, se desvinculou do jornal em uma longa conversa com Sartre.

Parece-me então que Merleau-Ponty foi um ser que percebeu o mundo através de experiências no sentido da corporeidade que ele tanto defendia. Um ser resistente, lutador, que conseguia perceber o mundo e as pessoas em suas individualidades, sabia ser existencialista e respeitar a burguesia, seus laços familiares e sociais. Sentiu a necessidade de demonstrar sua posição política negando informações para os soldados nazistas no período em que o nazismo invadiu a França e isso, para ele, era deselegante, de acordo com Bakewell (2016). Percebo um Merleau-Ponty antes e após a ruptura com Sartre e Beauvoir, de um coeditor que na verdade escrevia absolutamente tudo para um filósofo que consegue em curto tempo de vida criar o seu próprio método fenomenológico, onde o ser percebe o mundo através da percepção e da experiência. Em suas publicações, enfatizava isso, como em *Aventuras da Dialética* em 1954. Em 1960, seu interesse pela psicologia e pela psicanálise, o leva a receber o convite para participar do VI Colóquio de Bonneval, sobre o inconsciente, e mais tarde revertido na obra *O visível e o invisível*. Em uma noite parisiense, em 3 de maio de 1961, falece aos 53 anos, vítima de um derrame cerebral na mesa de escritório, em seu belo apartamento no Boulevard Saint-Michel, em Paris. Ele estava a fazer anotações em seu gabinete para um discurso que faria no dia seguinte sobre Descartes, sentou e não levantou mais. Seu corpo está ao lado de sua mãe, de Suzanne, sua esposa, que faleceu em 2010, no cemitério Père-Lachaise, em Paris.

Principais obras em vida: *Estrutura do comportamento* (1942), *Fenomenologia da percepção* (1945), *Humanismo e terror* (1947), *Sentido e não sentido* (1948), *Aventuras da dialética* (1955), *Elogio à filosofia e outros ensaios* (1960). Após sua morte, com autorização de sua esposa, alguns livros foram publicados e materiais originais doados ao acervo da Biblioteca Nacional da França em Paris. Dentre eles: *O olho e o espírito* (1964), *O visível e o invisível*, a partir de manuscritos e notas, obra inconclusa (1964), *A prosa no mundo* (1969), *Conversas - 1948* (2002).

4.2 POR UMA FENOMENOLOGIA DO BRINCAR

Após a leitura e reflexão a respeito da fenomenologia, comentaremos a partir de agora, sobre o cerne, sobre a essência dessa pesquisa: a criança e a relação da mesma com o brinquedo.

Quando as crianças brincam. E eu as ouço brincar. Qualquer coisa em minha alma. Começa a se alegrar. E toda aquela infância que não tive me vem, numa onda de alegria que não foi de ninguém. Se quem fui é enigma, e quem serei visão, quem sou ao menos sinto isto no coração (PESSOA, 1942, p. 169).

Apresentamos nesse estudo autores que, para nós, sempre serão referências em pesquisas sobre infância: Áires (1981), Benjamin (1984), Corsaro (2002; 2011), Huizinga (2010), Lebovici (1985), Flores (2016). Para nós, a data da década de edição coincidirem não é mera coincidência, é a certeza de que a infância teve, no Brasil, na década de 1980, seu ápice com novos meios de ensinamentos pedagógicos. Além de Bomtempo (1986; 2006), Brougère (1995), Oliveira (1992; 2000; 2010;2011), Pérez-Ramos e Oliveira (2010), Gimenes (2011; 2017), Machado (2007), Merleau-Ponty (1984,1999), Axline (1972,1985).

É verdade que frequentemente o conhecimento do outro ilumina o conhecimento de si: o espetáculo exterior revela à criança o sentido de suas próprias pulsões propondo-lhes uma meta. Mas o exemplo passaria despercebido se ele não se encontrasse com as possibilidades internas da criança. O sentido nos gestos não é dado, mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador. Toda a dificuldade é conceber bem esse ato e não confundi-lo com uma operação e conhecimento. Obtém-se a comunicação ou a compreensão dos gestos pela reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro, entre meus gestos e intenções legíveis na conduta do outro. Tudo se passa como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 251).

Furley et al (2017a, s/p) destaca que “em uma visão merleau-pontiana o mundo não é um simples objeto de conhecimento, vai além, torna-se objeto de conhecimento para metamorfosear-se em experiências em carne e osso através da percepção – algo encarnado”. O mundo é perceptível, é algo que emana sensibilidade e o profissional pedagogo inserido em uma brinquedoteca hospitalar deve buscar estar posicionado ao lado do educando, da família e da equipe envolvida no tratamento desse paciente. Precisa identificar o sujeito relacional (real), suas inquietações e as relações de mundo desse ser e suas particularidades na garantia de um retorno ao ambiente formal escolar e sua inserção junto ao mesmo, visto que o processo de adoecer e tratamento são apontados como possíveis fracassos em âmbito escolar.

Não obstante, apenas o retorno à escolarização formal, e sim um retorno a uma vida social desconhecida para muitos durante muitos anos.

Mais adiante, Furley et al (2017b, s/p) descreve em seu artigo publicado sobre a pesquisa de Mol (2010):

[...] dissertação intitulada “O (re) conhecimento do lazer em brinquedotecas hospitalares”, tem como objetivo analisar e diagnosticar a realidade das brinquedotecas em Unidades Hospitalares da rede Pública de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais. O autor identifica quem são os profissionais responsáveis pelas brinquedotecas, os atendimentos, os projetos executados, os programas a que estão ligados e a humanização nesse espaço. Destaca ainda que as atividades nas brinquedotecas podem ser utilizadas tanto para a inclusão como para a exclusão e afirma que, a ludicidade não se encontra na própria atividade, mas no jeito como ela é oferecida por uma atitude, como podemos inferir, no que pode dar significado à proposta realizada (SILVA, 2007, in MOL, 2010). Assim, um jogo/e ou uma brincadeira podem ser ou não inclusivos, dependendo de como são utilizados o envolvimento do professor/ educador com a proposta, a filosofia subjacente à proposta da brinquedoteca e disposição (interesse, vontade, motivação) e a formação do profissional que ali atua (FURLEY, et al 2017b, s.p.).

Na obra “No café existencialista: o retrato da época em que a filosofia, a sensualidade e a rebeldia andavam juntas” de Sarah Bakewell (2017), o filósofo Merleau-Ponty é descrito como um homem cortês que gostava de se vestir bem e trabalhar muito, e a infância é pontuada por ele como o “*retorno as coisas mesmas*”:

É claro que temos de aprender essa habilidade de interpretar e antecipar o mundo, que se dá no começo da infância. Por isso mesmo, que Merleau-Ponty pensava que a psicologia infantil era essencial para a filosofia. Esta é uma percepção extraordinária. Antes dele à exceção de Rousseau, pouquíssimos filósofos haviam levado a infância a sério: em sua maioria, escreviam como se toda a experiência humana fosse de um adulto plenamente consciente, racional e verbal que tivesse caído do céu aqui na Terra - talvez trazido por uma cegonha. [...] para ele, não podemos entender nossa experiência se não pensamos em nós mesmos, ao menos em parte, como bebês crescidos (BAKEWELL, 2017, p. 227).

Partindo da premissa de que o sujeito é um *ser no mundo* e, através do outro, ele vivenciará suas experiências. Situações em sua existência como o adoecer/a-dor-é-ser doente, pode restringi-lo de estar possibilitado de suas totais capacidades, pode ser vital que o profissional da pedagogia capacite-se na ludicidade que a brinquedoteca representa, (des)velando suas práticas pedagógicas e (re)significando sentidos de uma educação especial inclusiva, trazendo à lume possibilidades e impossibilidades de ser pedagogo nos seus modos de cuidar (cuidando) da criança hospitalizada ou em tratamento, em uma perspectiva de

cuidado, de humanização para uma reintegração social positiva dando um novo significado à reinserção de maneira significativa e menos traumatizante.

Nos sofrimentos orgânicos e psicológicos, justo nesses momentos entre a vida e a morte, o brinquedo e o brincar pode emergir na educação especial hospitalar. Surge como uma possibilidade de trazer à vida nos frágeis corpos, pela via da imaginação, da invenção, da criação (PINEL, 2018, p. 1).

Dentro dessa perspectiva, cabe ressaltar a brincadeira (o brincar) como oportunidade de criar mundos imaginários para as crianças com necessidades educacionais especiais em tratamento hospitalar ou hospitalizada, a fim de desenvolver habilidades nas quais esse educando é um ser-lançado em sua própria existência, mudando seu futuro nesse processo de confrontação e super (ações) e como instrumentos de práticas pedagógicas inclusivas e humanizadoras.

4.3 CONCEITOS MERLEAU-PONTYANOS DE CORPOREIDADE, EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO

Através das leituras em Merleau-Ponty (1984; 1999; 2006), percebemos que as coisas estão ligadas a nós por elos indissolúveis nos quais se evidenciam profundidade em um campo onde o corpo-encarnado não endossa algo estabelecido, e sim se constitui a partir de experiências vividas através de atos intencionais numa dimensão mediada pela linguagem a partir de uma exploração e de atribuição de significados às experiências percebidas e vividas em um corpo-próprio que incorpora em si o cuidado e o cuidar.

Ao afirmar que o fenômeno é o que se mostra em um ato de intuição ou de percepção, a Fenomenologia está dizendo que não se trata de um objeto objetivamente posto e dado no mundo exterior ao sujeito e que pode ser observado, manipulado, experimentado, medido, contado por um sujeito observador. Não se trata, portanto, de tomar sujeito e objeto como geneticamente separados no desenrolar do processo de conhecer. Mas está afirmando que fenômeno é o que se mostra no ato de intuição efetuado por um sujeito individualmente contextualizado, que olha em direção ao que se mostra de modo atento e que percebe isso que se mostra nas modalidades pelas quais se dá haver no próprio solo em que se destaca como figura de fundo (BICUDO, 2011, p. 20).

A partir das leituras em Merleau-Ponty, selecionou-se, para a presente pesquisa, os conceitos de “percepção, corporeidade, experiência” e, baseados nessa tríade, buscou-se através de uma *fenomenologia do brincar* desvelar a subjetividade da

criança com necessidades educacionais especiais através da relação da mesma com o brinquedo e a brincadeira em uma brinquedoteca hospitalar. Pois bem: “Em suma, para a criança, assim como para o adulto, a percepção implica, por um lado, uma relação entre as diferentes partes do corpo entre si e, por outro, uma relação com um mundo exterior” (MERELAU-PONTY, 2006, p. 183).

Mas o que difere a criança do adulto são as estruturas que, à medida que a criança se desenvolve, vão se desenvolvendo como lacunas sendo preenchidas. A criança se fixa nos detalhes e não no conjunto, em uma percepção fragmentada como um caos completo, mas que vai ganhando forma, ao contrário da visão gestaltista que aborda condições estipuladas e subestima as condições internas de cada um. É através da percepção que a criança será “inserida” no mundo, num corpo “animado” e o brinquedo e a brincadeira em uma brinquedoteca hospitalar são instrumentos da significação existencial da linguagem. O silêncio é ausência da fala falante, mas não da fala gestual. A criança percebe objetos (brinquedos) diante de si e se posiciona diante deles.

Souza e Rojas (2010) enfatizam no artigo “O brincar uma percepção” que, para Merleau-Ponty: “É no campo corporal que a criança cumpre o ato do desenvolvimento, ultrapassando seus primeiros estados, mas conservando o que aprendeu” (SOUZA; ROJAS, 2010, p. 292). A psicomotricidade precisa ser entendida como um movimento espontâneo do ser criança no qual o brincar e o brinquedo fazem parte de uma etapa da infância, mesmo que baseados em uma visão social e histórica, e essa visão deve ser abstraída pelo professor em um processo de reflexão onde “a reflexão passa pelo observar, na pureza original” (SOUZA; ROJAS, 2010, p. 299). Sendo assim, cabe a nós práticas pedagógicas fenomenológicas para termos consciência de mundo, mundo no qual nos constituímos como seres e a infância faz parte dele.

“A percepção existe sempre no modo do ‘se’. Ela não é um ato pessoal pelo qual eu mesmo daria um sentido novo à minha vida” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 322). É a primeira camada de experiência, de abertura ao mundo em uma reflexão (cogito). Ter uma experiência é “vivê-la, retomá-la, assumi-la, reencontrar seu sentido

imane³¹ (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 348). Ainda: “O mundo percebido não é apenas meu mundo, é nele que vejo desenhar-se as condutas de outrem, elas também o visam e ele é o correlativo, não somente de minha consciência, mas ainda de toda consciência que eu possa encontrar.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 453).

Quando falo em percepção, não obstante devo falar em projeção de mundo, visto que: “O mundo é separado do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo [...], mas de um mundo que ele mesmo projeta” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 576). Cabe aqui destacarmos a projeção, pois muito se fala em “extensão de corpo; sentir-se através do outro e coisas e tal”, mas é preciso ir além, buscar embasamento teórico para a compreensão de frases fragmentadas da obra “Fenomenologia da Percepção” de Maurice Merleau-Ponty, de 1945. Eu me vejo através do outro, pois não consigo ver meus olhos, meu rosto, meu campo visual não permite que eu veja minhas costas, posso tocá-la e senti-la, porém não posso vê-la. O corpo é uma estrutura física da espécie humana e tem características distintas que sustenta sua estrutura. Para a criança, a percepção pressupõe uma relação entre sua estrutura corporal em sua totalidade entre si e também com o mundo externo ao seu corpo perceptível.

Não é o olho que vê. Tampouco é a alma. É o corpo como totalidade aberta. Consequências para as coisas percebidas: correlações de um sujeito carnal, réplicas de seu movimento e de seu sentir, intercaladas em circuito interno, elas são feitas do mesmo material que ele: o sensível é a carne do mundo, isto é, o sentido no exterior (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 280).

Ainda:

Se eu sou capaz de sentir por um tipo de entrelaçamento de meu corpo próprio e do sensível, eu sou capaz também de ver e de reconhecer outros corpos e outros homens. O esquema do corpo próprio, pois eu me vejo, é participável para todos os outros corpos que eu vejo, é um léxico da corporeidade em geral, um sistema de equivalências entre o dentro e o fora, que prescreve para um se aperfeiçoar no outro (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 380).

O quiasma é pontuado na obra “O Visível e o invisível” (1992), através da carne (corpo próprio) que o vidente e o visível vão entrelaçar, retalhados pela experiência de mundo que cada um traz em sua historicidade. O visível é visível para mim, é o que eu vejo, é o que eu alcanço como corpo sensível e o invisível é o corpo como “sentiente”, “objetivo”, “fenomenal” (p. 133).

³¹ Imanente: Comum a esses três significados do termo é o conceito de imanente como tudo que, fazendo parte da-substância de uma coisa, não subsiste fora dessa coisa (ABBAGNANO, 2007, p.540).

[...] Dizemos, assim, que nosso corpo, como uma folha de papel, é um ser de duas faces, de um lado, coisa entre as coisas e, de outro, aquilo que as vê e toca; dizemos, porque é evidente, que nele reúne essas duas propriedades, e essa dupla pertença à ordem do “sujeito” nos revela entre as duas ordens relações muito inesperadas. [...] onde colocar o limite do corpo e do mundo, já que o mundo é carne? (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 133-134).

O autor se desprende de uma filosofia da consciência (Husserl), para uma filosofia da existência. O corpo (*Corps*), a corporeidade, vai além de existência corporal encarnada, vivenciado e sendo influenciado. Não se abstém a isso, se supera. O corpo encarnado “se volta sobre o mundo para o significar e sobre os outros homens para o cuidar” (CAPALBO in PEIXOTO; HOLANDA, 2011, p. 37). Ainda: “Ter um corpo é olhar-se e ser olhado, é ser visível” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 183), objeto (porque é observável) de percepção de mundo objetivo e das relações que o permeiam. “Só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou corpo que se levanta em direção ao mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 114). Destacamos aqui, a *agnose* e o membro fantasma, discutidos e apresentados na obra “Fenomenologia da percepção”. O autor enfatiza que “não há meio-termo entre presença e ausência” (p. 120) e diante da temática apresentada aqui, destacamos:

O corpo é um veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles. [...] Mas, no momento mesmo em que o mundo lhe mascara sua deficiência, ele não pode deixar de revelá-la: pois se é verdade que tenho consciência de meu corpo através do mundo, que ele é, no centro do mundo, o termo não-percebido para o qual todos os objetos voltam a sua face, é verdade pela mesma razão que meu corpo é pivô do mundo: sei que os objetos têm várias faces porque eu poderia fazer a volta em torno deles, e neste sentido tenho consciência do mundo por meio do meu corpo.[...] Portanto, o doente sabe de sua perda justamente enquanto a ignora, e ele a ignora justamente enquanto a conhece (*id ibid*, p. 122).

Os doentes, as crianças com necessidades educacionais especiais em tratamento ou internação hospitalar, através de seu corpo próprio, executam os movimentos concretos a que estão habituados. Eles têm consciência do seu espaço corporal e a estimulação através do brincar funciona como um mecanismo diante de si mesmo no qual não pensa o tempo e o espaço, e sim presentifica e o abarca, expressando em uma singularidade única através de esquemas corporais dos quais (re)significam-se situações vividas, pois compreender o próprio corpo é senti-lo, é vivê-lo. A experiência (*Expérience*) vai ao encontro da percepção, é através da experiência com o meu corpo que eu percebo o outro, o mundo. “O vidente prova o

visível, mas ao mesmo tempo é provado ou posto à prova pelo visível [...]” (MERLEAU-PONTY, 1992, p.180). Ainda: “A noção de experiência (*Erfahrung*) põe em evidência o que há de original em nossa relação com o ser; assim também, para que outrem passe a ser problema, não deve ser proposto de modo absoluto, mas como experiência progressiva” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 538).

A experiência é singular, o outrem não reside em seu corpo assim como sua percepção de mundo não está localizada em um corpo encarnado que não lhe cabe. Para a criança, essa experiência não é feita apenas de objetos, mas também é constituída no mundo, configuração do universo infantil e é a partir delas que a experiência se faz fecunda como uma “grande” e absoluta verdade no campo fértil da ludicidade do qual a imaginação perpassa uma realidade muitas vezes, assim como a própria criança, adoecida. Machado (2013) postula uma nova conduta dos profissionais da psicologia, de ensino-aprendizagem e de arte-educação, no qual se faz necessário para a compreensão do ser criança. “É meu ponto de vista que partir do que é simples, pueril, daquilo que se faz evidente, aproxima-nos do lema da fenomenologia, ação e pensamento filosóficos: De volta às coisas mesmas” (p.251). Visto que, na atenção à criança, voltar às coisas mesmas, é voltar à infância, voltar a ter o olhar da criança e respeitar suas etapas cognitivas e psicomotoras como presença possível em uma presentificação onde o profissional estabeleça um vínculo de co-pertencimento com o ser criança para que a mesma não seja submissa, ao contrário, se doe por inteiro em uma vivência criativa e plena.

Em uma visão merleau-pontyana, a criança não caminha para explicações “mágicas” e sim para explicações naturais que acontecem a partir de percepções de mundo vivido e, nesse percurso, buscamos desvelar o sentido do brinquedo e da brincadeira em um processo de constituição de subjetividade em uma brinquedoteca hospitalar. Seguindo o modelo terapêutico em Axilne (1972,1985), a criança é percebida em sua totalidade e singularidade. Na fenomenologia do brincar, a criança é ela mesma em sua essência. É preciso que a criança com necessidades educacionais especiais possa sentir tocar, perceber, recusar, falar, calar, ser, estar, presenciar, experimentar, significar e (re)significar o brinquedo e a brincadeira em um processo de construção de subjetividade em uma brinquedoteca hospitalar.

Prestem atenção no que eu digo, pois eu não falo por mal: os adultos que me perdoem, mas ser criança é legal! Vocês já esqueceram, eu sei. Por isso

eu vou lhes lembrar: [...] quando julgarem o que eu faço, olhem seus próprios narizes: lá no seu tempo de infância, será que não foram felizes? Mas se tudo o que fizeram já fugiu de sua lembrança, fiquem sabendo o que eu quero: mais respeito eu sou criança! (BANDEIRA, 2002, s/p).

Defendemos a ideia de que faz-se necessária nova abordagem da linguagem a fim de reciclar as relações criança-corpo, criança-outro, criança-espaco, criança-tempo, criança-linguagem, criança-cultura, como “voltar às coisas mesmas” e descrever a experiência infantil seja como ela se apresenta e não como modelos designados a partir de etapas pré-estabelecidas, recusando um conceito inarredável de mentalidade infantil, onde a criança possa ser percebida como um ser-no-mundo, mesmo que na mais tenra idade. O corpo e os sentidos brincam. Ao brincar, através de seu corpo vivido, a criança expressa suas emoções e interage com seu semelhante num entrelaçamento de si com seu consciente. Em um movimento fenomenológico, o sujeito da experiência nunca é separado do mundo percebido, ao contrário, sujeito e mundo percebido são indissociados de acordo com as estruturas e habilidades corporais de cada um. A criança vive em um corpo fenomênico e indiviso, está no campo social e no seu corpo ao mesmo tempo. Ela não representa o mundo, ela o vive.

4.4 A CRIANÇA DESEJA BRINCAR

Destacamos aqui, fenomenologicamente que, quando uma criança brinca ela vivencia o brincar através de seu corpo em uma totalidade de sentidos; são seus gestos, suas expressões, seu ser criança que falam através de um corpo em movimento, no qual projetará o tempo, o passado vivido e o presente por meio da relação com o brinquedo, com a brincadeira, com o outro e com o mundo.

A criança é o que nós acreditamos que ela é. Reflexo do que queremos que ela seja. Somente a história pode fazer-nos sentir até que ponto somos os criadores da mentalidade infantil. As relações de repressão com a criança, que acreditamos fundadas numa necessidade biológica, são na realidade expressão de certa concepção das intrasubjetividades (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 85).

A partir de leituras em Merleau-Ponty (2006), observa-se que a criança através de um espaço seu (corpo) e do outro (eu-outro, eu-mundo), busca-se uma sintonia que dê significado a sua existência e maneiras de se situar diante de um mundo que não é construído para a criança e sim a partir dela. Busca-se uma criação de si-própria, através de um eu-corporal para um eu-social, a partir de uma intersubjetividade que

é estabelecida através do contato com o outro. Um mundo que cria instrumentos a partir do servir, do ser útil e, por vezes, esquece do ser, do sentir, do significar.

Pois bem, após descrevermos alguns aspectos relativos ao brinquedo e à brincadeira que impulsionam o desenvolvimento da criança de diversas maneiras em contextos culturais diferentes, devemos enfatizar que, socialmente, o brincar é um direito. Desde a Revolução Industrial, o direito natural do homem e do cidadão vem adquirindo novos patamares, mas, antes disso, o direito à infância é destacado na literatura na obra de Rousseau (*apud* FURLEY et al, 2018). Em Rousseau, a criança brinca, percebe, toca, explora, vivencia, se permite novas experiências através dos seus sentidos e do seu corpo em contato com a natureza. No início do séc. XX, devido às grandes guerras, muitas crianças ficam órfãs, abandonadas e em situações de vida desumana com altos índices de mortalidade. De acordo com Flores (2016), a partir desse momento, a ONU estabelece a Convenção dos Direitos da Criança, art. 31, voltado para a igualdade de direito das crianças. No Brasil, a Carta Magna no Brasil, art. 31; O ECA, art. 4 e 16; Lei da Brinquedoteca Hospitalar nº 11.104/05 e o Marco Legal Primeira Infância em 2016, Art. 5 e 17.

As crianças com necessidades educacionais especiais são citadas no art. 27, inciso 15 da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência: “ acesso da pessoa com deficiência, em igualdade de condições, a jogos e a atividades recreativas, esportivas e de lazer, no sistema escolar; ” (BRASIL, 2015).

O momento de experiência na brinquedoteca é importante e necessário para a recuperação emocional desse ser lançado à sua própria existência. A retomada de percepção, através de estímulos para o aprendizado e para o processo de uma subjetividade em busca de sentidos e singularidades que perpassam uma fase da vida, vale para uma vida inteira.

4.5 LUDOTERAPIA EM VIRGÍNIA MAE AXLINE

No decorrer da pesquisa, no processo de Revisão de Literatura, fui tomada de agradável alegria pela leitura e estudo da dissertação de Bragio (2014), fonte de inspiração não somente para a temática brinquedoteca hospitalar, como também para o estudo das obras de Axline (1972; 1985). Fui tocada pela sensibilidade da

escrita nas obras de Virginia Mae Axline, e a maneira como a ludoterapia na sala de brinquedos propiciava ao garoto Dibs desvelar-se não apenas para si mesmo mas também para o mundo, para o outro. Axline tem marcas humanistas-existenciais produzindo pelo método fenomenológico, mesmo que isso não seja explicitado na sua obra - focando nas descrições compreensivas do fenômeno. Partindo desse princípio, podemos sentir as relações dela com Rogers, seu mestre e amigo. Já Moreira (2007) pontua as possíveis relações de Rogers com Merleau-Ponty, e daí inventamos/ criamos essa possibilidade.

Virginia Mae Axline (1911-1988), psicóloga e professora da Faculdade de Medicina da Universidade de Nova York, foi uma das pioneiras no uso da terapia de brincar, começando a desenvolver uma terapia de jogo não diretiva na década de 1940, baseada na abordagem emergente centrada em pessoa, Atenção Centrada no Paciente/Pessoa (ACP), de Carl R. Rogers (1902-1987), seu professor. Buscava desvendar, através da Ludoterapia, o ajustamento pessoal nos pacientes tidos como crianças problemas. Em 1947, publica a obra “Play Therapy” (Ludoterapia) estabelecendo oito princípios básicos da terapia de marca não-diretiva, sendo eles:

1. O terapeuta deve desenvolver um amistoso e cálido relacionamento com a criança, de forma que logo se estabeleça o “rapport”.³²
2. O terapeuta aceita a criança exatamente como ela é.
3. O terapeuta estabelece uma sensação de permissividade no relacionamento, de tal modo que a criança se sinta completamente livre para expressar seus sentimentos.
4. O terapeuta está sempre alerta para identificar os sentimentos que a criança está expressando e para refleti-los para ela, de tal forma que ela adquira conhecimento sobre seu comportamento.
5. O terapeuta mantém profundo respeito pela capacidade da criança em resolver seus próprios problemas, dando-lhe oportunidade para isto. A responsabilidade de escolher e de fazer mudanças é deixada à criança.
6. O terapeuta não tenta dirigir as ações ou conversas da criança de forma alguma. Ela indica o caminho e o terapeuta segue.
7. O terapeuta não tenta abreviar a duração da terapia. O processo é gradativo e assim deve ser reconhecido por ele.
8. O terapeuta estabelece somente as limitações necessárias para fundamentar a terapia no mundo da realidade e fazer a criança consciente de sua responsabilidade no relacionamento (AXLINE, 1972, p. 69).

Destaca, na obra, como deve ser montada a sala da Ludoterapia tanto para terapias em grupo como individuais. Deve ser uma sala à prova de som, com pia de água quente e fria, janelas com grades, chão e teto protegidos para serem lavados, pois

³² Rapport: Termo usado na psicologia. Significa criar uma relação. A primeira relação, a que acolhe que recebe. Observado na obra de Virginia Axline: Dibs: em busca de si mesmo (ver referências bibliográficas)

nesses espaços materiais como tintas e argila são permitidos. Além de possuir gravadores, filmadoras para uso de estudo sem que a criança perceba o uso. Mamadeiras, casinha de boneca, família representada por bonecos, animais, soldadinhos, panelas, roupas de bonecas, fantoches, papel, tintas, revólver, argila, areia, caixa de areia, teatrinho, palco e outros. Enfatiza que, no decorrer da obra, algumas sessões aconteceram a partir de uma maleta de brinquedos selecionados para a sessão específica. Muitos pesquisadores partiram dessa ideia para suas pesquisas de campo e muitos psicólogos e terapeutas utilizam a maleta sugerida pela referida psicóloga. Em suas sessões, apresenta diversos casos, entre eles está Ernest que, aos 3 anos, engoliu soda cáustica, "um menino enfeitado de seis anos, com uma constrição na garganta, tímido, infantil e antissocial" (p. 303), "uma criança com defeito físico" (p. 342), em uma das sessões foi levado à Ludoterapia para ser preparado psicologicamente para uma cirurgia na garganta, mas pediu para voltar para a terapia assim que saísse do hospital. "Por certo, este contato evidencia que a vida emocional de uma criança é, frequentemente, a base de suas brincadeiras e, através delas, encontra alívio para suas tensões" (p. 172-173).

Em 1964, ela publicou "Dibs in Search of Self " (Dibs em busca de si mesmo). Após a leitura da obra acima intercalando a original²⁷ com a traduzida, dou sequência em Dibs, a sequência de estudos em Axline (1985). A obra Dibs foi apresentada por Bragio (2014) e a Ludoterapia de Axline (1972) por Colodete (2009).

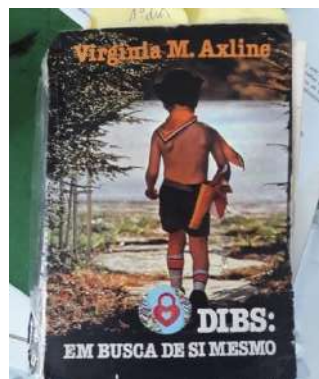
Mas o que é Ludoterapia? *Ludo*, do latim, jogo. E terapia assim como a placa que Dibs encontra na sala de brinquedos, e a própria Axline responde quando foi indagada:

- Diria que terapia quer dizer esta oportunidade de vir aqui brincar com o que você quer falar sobre o que mais deseja. É o tempo em que você pode ser da maneira que quiser. É um período que você pode usar do modo que mais lhe agrada. Enfim, uma hora que você aprende a ser, de fato, você. Esta é a melhor explicação que lhe posso dar agora (AXLINE, 1985, p. 156-157).

Os fenômenos de comportamento exterior estão submetidos à experiência vivida por cada pessoa e, quando esse indivíduo cresce com essa experiência, ele se aceita e aceita seu mundo em um conceito de si próprio o qual cada indivíduo tem dentro de si a capacidade de resolver seus próprios problemas. A linguagem através do brinquedo permitirá a libertação de todas as amarras que prendem suas emoções e

liberta desses sentimentos negativos tornando-o pessoa, centro do universo de sua existência.

Figura 7 – Livro Dibs: Em busca de si mesmo



Fonte: Acervo da pesquisadora

Dibs, uma criança talentosa de 6 anos de idade, aluno problema prestes a ser convidado a se retirar da escola pela direção, mas suas duas professoras não desistiam dele. A última tentativa seria feita por meio da ludoterapia nas sessões com a psicóloga D.A e, a partir do trabalho de uma psicóloga em uma sala de terapia, essa criança sai do casulo e alça voos para a vida. “Como você disse que queria. Como eu falei que desejava. Como nós conversamos que queríamos” (AXLINE, 1985, p. 285). Sensibilidade em estar junto com uma criança que até então não era diagnosticada, que apenas suspeitas a rondavam onde a escuta e o cuidado como elo de confiança e limite de sequência de atitudes por parte do profissional e do paciente.

As regras não precisaram ser impostas, os olhares eram suficientes e, na única vez que Dibs ousaria quebrá-las no quesito segurança, foi permitido e felicitado. Lançar uma mamadeira de vidro na parede tinha muitos significados para uma criança que vivenciou com seu corpo sessões em caixas de areia, permitindo rolar, tocar, sentir, saborear aos poucos o gosto da areia assim como ambos, ele e D.A, saborearam

cada evolução no desabrochar de uma individualidade sentida, percebida, consciente e significada. Um garotinho com transtornos globais do desenvolvimento, uma mãe cirurgiã, um pai cientista e uma irmã mais nova em um processo que eu diria, de *epoché*, suspendendo todas as barreiras em busca de vida.

A dinâmica da vida é tal, que qualquer experiência, atitude ou pensamento de todo indivíduo está constantemente mudando em relação à interação das forças psicológicas e ambientes sobre todos e cada um dos indivíduos, de maneira que o que aconteceu ontem não tenha para ele o mesmo sentido que tinha quando sucedeu, por causa do impacto das forças da vida e da interação dos indivíduos; da mesma forma, amanhã a experiência será integrada diferentemente (AXLINE, 1972, p. 11).

Assim como em uma brincadeira, através do brinquedo, que como um quebra-cabeças onde peças são encaixadas nos seus devidos lugares e nos momentos certos, a ludoterapia apresentada pela psicóloga Virgínia Mae Axline nos mostra a importância do brinquedo e da brincadeira diante das crianças com necessidades educacionais especiais na estratégia utilizada pelo psicoterapeuta, a fim de que se possa rumar no sentido da autenticidade através da linguagem corporal inigualavelmente revelada em um processo de “busca de si mesmo”.

5 RESULTADOS DO “DIÁRIO DE CAMPO: (COM)VIVENDO COM AS CRIANÇAS EM SUAS BRINCADEIRAS”

5.1 O ACOLHIMENTO- 18/05/2018

Procurando acolhimento e sendo efetivamente acolhida. Vou começar conversando “assim” com o leitor – um modo simples, complexo e profundo de ser pesquisadora da esfera da Fenomenologia-Existencial na Educação Especial Hospitalar/Saúde escolar e não escolar.

Após o contato telefônico, fui recebida por Regina Murad, uma das fundadoras da ACACCI, a Associação Capixaba contra o Câncer Infantil – diretora presidente, ex-professora do Serviço Social da UFES, mestra em Educação. Também sou acolhida por Luciene Senna, superintendente da instituição. Como estou a dizer/escrever: Que acolhida! A senhora (Murad) que eu vi em um jornal³³ capixaba, e vi dias atrás, estava me recebendo – para mim, como mestrandia, é algo de muito significado. Uma grande responsabilidade estar ali, adentrando o mundo e aos sonhos do outro impactando nos meus.... Fica evidenciado e com sentido, que a professora Murad sonhou aquilo tudo que eu via e sentia de modo encarnado, tudo que estava diante dos meus olhos.

- Vou ser sincera com você...

Essa frase foi repetida por Regina muitas vezes indicando uma demanda subjetiva que aqui-agora, naquela instituição, o fenômeno sinceridade cabe, tem uma medida. Ela continuou.

- Não sabíamos quem você era e ninguém daqui sabia de sua existência. Quem é você?

Continuamos a conversa e eu expliquei toda a minha trajetória para chegar até ela e a Luciene. No diálogo, no qual havia hospitalidade, teve uma frase que me (co)moveu a ir a diante, a convencê-las sobre a importância de minha pesquisa. É certo que não me conhecia, mas ambas iriam me conhecer e bem – era um sentimento muito forte que me impulsionava.

³³ Reportagem no Jornal A Gazeta do dia 22 de Abril de 2018, na sessão Zig-Zag. Reportagem de Renata Rasseli. (ver nos anexos).

Peço ao leitor que compreenda que esse é o meu sonho. A minha dissertação é o meu sonho. Certo?

Na conversa, eu falei do meu tema preferido, o da brinquedoteca, mais especialmente da brinquedoteca na esfera da saúde, que se denomina de brinquedoteca hospitalar.

Nesse encontro entre a diretora-presidente e a mestranda em Educação, Regina falou-me de modo sinceramente interessada:

-Não conheço em detalhes sobre a lei da brinquedoteca hospitalar que você está me contando.

Nesse sentido, de poucas palavras, mas de muito acolher corporal, algo encarnado, senti a professora Regina finalmente interessada pela minha proposta. Passava a existir ali, naquele instante, pois é preciso que o outro nos indique no nosso processo de aprender na alteridade de ser no mundo.

Regina foi me contando alguns detalhes da instituição. Falava dos planos para o agora e para o futuro da instituição. A sua postura ética em lidar comigo e os colegas de seu imediato – um respeito pela criança com câncer.

Nossa conversa durou mais de 2 horas – muitas palavras perdidas, pois não foram gravadas, outras retidas na minha memória, outras ainda que vou elaborando ao sentir a ACACCI e, especialmente, o seu foco, a criança e o adolescente.

Ela então me pediu, diante do meu orgulho de me ter autorizado brinquedista e tendo certificação oficial, que eu ensinasse tudo o que sei para a pessoa responsável que atua na brinquedoteca da instituição. Mesmo questionando o que é e como ensinar alguém ser brinquedista apaixonada por esse labor, e mantendo minha postura diante da “minha” vida, fiz questão de deixar explicitada minha motivação para fazer isso, em um processo ensino-aprendizagem “junto com” quem se dispuser aprender comigo e eu com eles. Eu disse que sim, mas quis destacar que minha preocupação primeira era com minha pesquisa de dissertação de mestrado e eu estava ali com foco na produção de dados.

Luciene, a superintendente e que também é assistente social, interessou-se pela visita que eu havia feito à brinquedoteca do Hospital Universitário Pedro Ernesto do

Rio de Janeiro, ligado à Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ. O interesse dela pôde se desvelar quando ela demonstrou uma demanda: querer obter modos de contatar com os profissionais cariocas. Fiquei satisfeita de ter conquistado outra profissional dali, e sinto que tudo devido meu entusiasmo, quase incontido, com o evento encarnado “ser brinquedista”, um curso oficial de que participei e coloquei como parte do meu mestrado.

Como minha ideia era obter permissão de estar presente na brinquedoteca da ACACCI, de modo comum, conversei sobre minha formação de brinquedista, meus sentimentos, emoções, desejos, bem como modifiquei minhas linhas de pensamento e raciocínio acerca da pessoa com câncer e outros etc.

Entreguei meu projeto de pesquisa de mestrado para ela, o projeto de qualificação, já aprovado. Justíssimo, se vai me acolher como estou, nada mais justo do que saber qual é minha proposta ali dentro. Creio que elas vão fazer leitura do mesmo – e é sempre bom ser lida por alguém interessado em nosso tema. Como eram assistentes sociais, elas indicaram também o desejo de “ver” as leis e ler sobre Maurice Merleau-Ponty, um teórico que perpassou a graduação delas. Combinei levar meu orientador, o professor Hiran, no dia 24 de Maio, para elas o conhecerem pessoalmente – afinal ele com o orientador também influenciaria nosso pensamento, sentimento e ação na produção dos dados.

“- Entra, Ana³⁴. Você não precisa pedir licença” (BANDEIRA, 1961; p. 85)

5.2 I ENCONTRO: O TEMPO DE RODODENDRO- 23/05/2018

*Rododendro: 15 anos
Narciso: 10 anos*

Cheguei às 14 h, na ACACCI. Identifiquei-me na recepção informando para a recepcionista meu nome, meu telefone e o setor em que eu iria. Em seguida, ela telefonou para um dos setores e uma jovem veio ao meu encontro. FOGO, estagiária de serviço social, me recepcionou carinhosamente:

³⁴ O poeta, no seu famoso e popular texto original, escreve “- Entra, Irene”.

- Boa tarde Ana. Seja bem-vinda! Vou levar você até a brinquedoteca. Pode me seguir, por favor.

Em sua companhia, fiz o trajeto em silêncio até a porta da brinquedoteca. Ao virar à direita, no corredor, avistei uma placa com a palavra Brinquedoteca. Aproximamo-nos e FOGO com um sorriso doce, se dirigiu a minha frente e me falou:

- Chegamos. Seja bem-vinda ao seu destino!

Essa frase traz um sentido lúdico e, naquele momento, selava um instante de sentido de minha existência enquanto ser no mundo. As duas portas brancas de correr foram abertas por ela, movimentando-as para suas laterais, permitindo o entrar por inteiro. Nesse momento, percebo-me como se eu fizesse parte dali, com meu ser corporal adentrando aquele espaço, naquele tempo, por completo, como parte dele. Quando uma porta é aberta, o nosso corpo entra a partir de seu movimento, nosso corpo segue a estrutura da porta como se ela nos apresentasse. Mas, nesse caso, a porta foi aberta e meu próprio ser, meu corpo, naquele momento se apresentou por completo.

Fui apresentada a AR, a assistente social ³⁵responsável pela brinquedoteca. Ela me acolheu com um abraço e, em seguida, me mostrou a brinquedoteca. Conversamos na sala de entrada e decidimos juntas que a proposta para hoje seria eu conhecer e sentir o espaço, a rotina e as crianças no intuito de eu me integrar ao local. Uma sexta feira tranquila, em uma sala linda, colorida, limpa, organizada e cheia de vida num movimento de um garoto que brincava com seu pai. Observei que o olhar do pai muito se assemelhava ao do filho, um olhar sério e, juntos, brincavam de carrinhos, sentados no chão. Narciso, 10 anos, vestia uma bermuda jeans e uma camisa social de manga curta, parecia um homenzinho.

AR se dividiu entre as atividades com Narciso e eu. Pedia para eu acompanhá-la e ia me explicando os procedimentos de segurança como tirar os sapatos, higienizar as mãos com álcool em gel assim que entrar etc. Além de me contar sobre a sala de recreação, mostrando que era um espaço destinado a crianças maiores de 10 anos, destacando os procedimentos para o uso da mesma. A sala possuía uma mesa de sinuca e uma mesa de totó cujas bolas para o jogo ficavam guardadas em um

³⁵ Na ACACCI os setores de acolhimento são ocupados por assistentes sociais.

armário, assim quando alguém desejasse brincar deveria solicitá-las a ela e, depois, devolvidas para serem novamente guardadas. De imediato percebi AR interessada em colaborar comigo, com minha pesquisa. Ela estava, eu senti, acolhendo-me pelo cuidado. Pacientemente, ela me explicava sua rotina diária:

- Ana, hoje farei um bingo. Nas sextas feiras, o movimento aqui na brinquedoteca é bem menor. Muitas crianças voltam para suas casas ou passam o final de semana na casa de algum amigo ou de um parente na Grande Vitória. Aproveito para fazer uma atividade da qual os responsáveis ou os pais possam participar. Acolher quem acolhe, é o que fazemos também.

AR já tinha planejado essa atividade, os presentes/brindes estavam separados e embalados em sacos transparentes. Ela convidou Narciso e o responsável dele, eles aceitaram participar da brincadeira. Cada um escolheu um lugar para marcar sua cartela e eu fui a responsável em cantar o bingo. Era uma estratégia de AR para meu primeiro contato com eles. Após começarmos o bingo, um adolescente, com a perna amputada na altura do joelho, chegou à brinquedoteca e, calmamente, encostou suas duas muletas na lateral do palco. Veio em minha direção e sorriu, novamente sorriu. Sentou-se no tablado ao meu lado e pediu para eu ajudá-lo no bingo. **Rododendro**, 15 anos, com câncer do tipo osteossarcoma³⁶ frequenta a ACACCI há bastante tempo. Sua mãe sentou-se em uma das cadeiras da mesa para crianças e pediu para AR uma cartela e uma caneta vermelha para que ela também participasse da brincadeira. A pedido de **Rododendro**, eu o acompanhei durante a marcação de sua cartela, pois ele sentia dificuldades em localizar os números.

- Sou muito lerdo. Demoro muito em ler o que está escrito. É um custo de entender.

Ele repetiu essa frase duas vezes. Pareceu-me que ali ele podia ser ele mesmo, falar de suas dificuldades. Ele estava à vontade, seu corpo estava em uma posição confortável. Sentado sobre o palco, ele esticou sua perna, neste momento, ele usou as mãos como apoio. Isso facilitava quando precisava movimentar-se. A mão dava

³⁶ Osteossarcoma: Conhecido também como Sarcoma Osteogênico é o tumor ósseo maligno primário mais comum em crianças e adolescentes, com pico de incidência entre a segunda e terceira décadas de vida. Os locais mais frequentes em que esse tipo de câncer afeta são o fêmur distal, área do joelho (tíbia proximal) e o ombro (úmero proximal). Fonte: <https://www.hcancerbarretos.com.br/osteossarcoma>

equilíbrio ao seu corpo. Enquanto cantava as pedras do bingo, eu respondi **Rododendro**:

- Te ajudo. Pode deixar que vou cantar as pedras bem devagar.

Sorriu e, calmamente, arrastou o corpo dele pelo chão, encostando seu ombro no meu. Com um tom de voz baixo, falou-me:

- Não vou sair do seu lado.

Fixou-me seu olhar por alguns segundos e eu percebi o desejo dele em participar por inteiro. O interesse dele em se envolver com a brincadeira era muito grande. A caneta azul estava sempre apontada para a cartela do bingo. Definitivamente, ele não desejava perder nenhum lance, estava se divertindo muito:

- Passei. Essa não tenho, não vale!

Balançava a cabeça em sinal de desagrado. As portas de correr foram abertas novamente, era FOGO. Entrou e foi em nossa direção avisando que estava na hora de **Rododendro** ir embora. A instituição possui um ônibus e um automóvel para transportar as crianças que fazem tratamento oncológico, sejam moradoras temporárias da ACACCI ou moradoras da Grande Vitória. O ônibus chegou e **Rododendro** precisou partir, mas antes de ir anunciou:

- Se eu ganhar, guarde para mim, por favor, Ana. Quando eu voltar aqui de novo eu pego. Isso se eu ganhar.

Apoiando o corpo sobre a mão, ergueu o seu tronco e levantou-se, deixando sobre o palco a caneta e a cartela do bingo. Sua mãe levantou-se e entregou o material e a cartela para AR. Mãe e filho despediram-se e desejaram sorte aos que continuaram na brincadeira. Eu continuei a cantar o bingo e a marcar a cartela de Rododendro, pois sentia sua presença mesmo na distância.

Eis que uma cartela preenche os requisitos do jogo. O primeiro prêmio do bingo foi um quebra-cabeça e saiu para a cartela dele. Entreguei para AR a prenda e continuamos o bingo até que todos ganhassem algum prêmio. Narciso também ganhou um brinde, um gibi³⁷. Ao receber o prêmio, Narciso correu em direção ao pai,

³⁷ Gibi: foi o título de uma revista em quadrinhos brasileira, cujo lançamento ocorreu em 1939 publicada pelo Grupo O Globo. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gibi_\(revista_em_quadrinhos\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gibi_(revista_em_quadrinhos))

dando-lhe um forte abraço. Ele e seu pai combinaram de ler o gibi juntos no final de semana.

Às 17 horas, as atividades foram encerradas e, antes de eu ir embora, AR, timidamente, me perguntou:

- Ana, você gostou?

Respondi dando-lhe um forte abraço:

- Sim, claro. Muito obrigada por tudo e desculpe qualquer coisa. Já me sinto envolvida, motivada.

Fui embora com a cabeça fervilhando, o desejo em começar a escrever pulsava em meu ser pesquisadora.

17h. Hora de partir.

Em casa, dias depois³⁸, recorri a minhas memórias e me perguntei:

- Como uma criança com necessidades educacionais especiais na brinquedoteca hospitalar se identifica estando ele diante do brinquedo e do brincar em um processo de subjetividades recorrendo ao conceito merleau-pontyano de corporeidade, experiência e percepção? Porém não reponderei aqui e mais a frente vocês entenderão o porquê. São apenas perguntas sopradas metaforicamente ao vento que cuidadosamente irei compreender.

5.3 II ENCONTRO: SER IMORTAL – 25/05/2018

*Menta: 15 anos
Verônica: 11 anos*

Cheguei às 14h. Após passar pela recepção, fui direto para a brinquedoteca. Segui os procedimentos de segurança, tirando os sapatos e higienizando as mãos com álcool em gel. O ar condicionado estava ligado e a sala estava muito fria. Caminhei calmamente até o palco e encontrei uma moça sentada no chão. Menta, 15 anos, ela estava retornando do hospital após fazer as revisões do tratamento oncológico e na volta foi para a ACACCI. O motivo para ela vir para cá, era para fazer o acompanhamento individual com a nutricionista. Sentei-me ao seu lado e observei

³⁸ Dias depois, pois não programei o início da produção de dados para essa data. Mais adiante explicarei melhor.

que ela estava usando seu celular para jogar. Fiquei observando o movimento das crianças que pareciam descontraídas e alegres naquele ambiente, davam sensação de conforto.

Uma das crianças era Verônica, uma garota alta e magra, uma garota bem crescida para sua idade, 11 anos. Ela estava usando uma fantasia cor de rosa, de princesa. Ela estava brincando com uma boneca e, ao me avistar, pediu-me que colocasse o CD da *Dupla Sandy e Junior*³⁹. Atendi seu pedido e me dirigi até uma bancada com um pequeno rádio que também tocava CD. Ao som da melodia, ela cuidava da boneca como se realmente fosse um bebê. Colocava-a no colo, trocava a roupa da boneca e a balançava cantando uma canção de ninar para acalenta-la, ao fim colocou-a em um bebê conforto. Durante toda a tarde, o mesmo CD tocou.

Figura 8 - Vestido rosa de princesa usado por Verônica



Fonte: acervo da pesquisadora.

Verônica cantava a música *Quatro estações*⁴⁰ e andava pelo palco como se fosse a própria Sandy, como uma estrela, permitindo-se brilhar. Gesticulava, movimentava-se, abria os braços e fechava os olhos. Nada mais a interessava, apenas o seu mundo, ali agora, com tons de ilusão. Cantava o refrão da canção: *Pois não tem jeito não, é imortal!* Abrindo seus braços e rodando seu corpo num giro de 360º graus. Por um momento pensei que fosse deslizar e cair. Sorrindo e segurando a ponta do vestido novamente cantou o refrão: *“Uhu, uhu, uhuu, é imortal”*.

³⁹ Sandy e Junior: dupla de cantores que fez muito sucesso nos anos 90, mas ainda é muito escutada.

⁴⁰ Música Quatro Estações, da dupla Sandy e Junior.

Menta estava sentada no chão do palco e, timidamente, olhou sorrindo para a colega, enquanto manuseava seu celular. Ela olhou para mim e me perguntou:

- Como você se chama?

Respondi:

- Me chamo Ana Karyne. E você?

- Sou Menta vou começar a fazer um estágio na Vale do Rio Doce como menor aprendiz, não é legal? Fiquei sabendo disso hoje.

Sorriu discretamente, olhou para baixo, colocou o fone de ouvido e continuou a jogar no seu celular sem me dar a oportunidade de continuar a conversa. Verônica percebendo o diálogo foi em nossa direção e me disse:

- Tia, eu adoro Sandy e Junior.

Olhei para ela e perguntei:

- Qual música você gosta mais?

Ela respondeu colocando as mãos na cintura em um gesto de desapontamento por causa da minha pergunta.

- Essa tia. Amo essa do imortal. Ela vem nesse CD aqui.

Verônica saiu em direção a uma estante, procurar a capa do CD para me mostrar. Não encontrou o CD, porém me garantiu que ele existia e que deveria estar em algum lugar guardado. Voltou-se para a outra sala da brinquedoteca e eu continuei ali a observá-la. Como ser imortal? Um ser criança que deseja ser imortal? Que não deseja partir? Que sabe e convive com essa partida algo vivido diariamente ali, como acontece na brinquedoteca, não seria diferente. Verônica estava ali por inteiro como uma criança fantasiada. Ela canta porque adora a canção bonita e seus ídolos também. A letra da música dá sentido ao sonho, à ilusão, ser imortal.

O objeto do mundo nesse momento era uma canção e até poderia descrever Verônica através de um agrupamento de experiências percebidas a partir de relações de corpo e mundo. Assim, ela se envolvia na fantasia da melodia e voltava à sua realidade, num processo "de voltar a tomar consciência de nosso verdadeiro contato com o mundo; *ver como o mundo nos fala do homem*" (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 540). Uma criança de 11 anos que parecia desejar ser... Imortal. E quem não quer?

17h. Hora de partir.

5.4 III ENCONTRO: O SEGREDO DE ORQUÍDEA- 28/05/2018

Orquídea: 5 anos
Narciso: 5 anos
Girassol: 10 anos
Acácia: 10 anos
Magnólia: 9 anos
Amor-perfeito: 7 anos
Dente-de-leão: 13 anos
Lírio: 17 anos

Cheguei às 13h20. Subi a rampa que dá acesso ao segundo andar e, pela tela de segurança, observei o movimento das crianças no pátio. Eram muitas e algumas estavam a brincar, outras estavam sentadas na companhia de seus responsáveis. Combinei com AR, no encontro anterior, que chegaria mais cedo para juntas programarmos as atividades de comemoração do Dia do Brincar. Exatamente hoje, 28 de Maio, “Dia do Brincar”, nesse dia aconteceu algo que me (co)moveu, os modos do ser no mundo estão sempre por aparecer e a pedir para descrevê-los compreensivamente, visto que, em uma pesquisa fenomenológica, o fenômeno não é posto a partir da égide do “planejamento”.

Figura 9 - Decoração para comemoração do Dia de Brincar- 28 de Maio



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Com pressa, abri as portas e entrei. As portas correm e ao correrem anunciam através do barulho de suas roldanas que alguém está a entrar, outro possível

significado da porta. Logo após minha chegada, Orquídea, 5 anos, loira, cabelos cacheados e curtos, bem magra, meiga, manhosa entrou em companhia de sua mãe que a deixou com AR. Orquídea de imediato dirigiu-se para uma das salas da brinquedoteca, para a casinha de boneca de madeira, nós a acompanhamos. Sentou-se no chão e por ser a única criança no momento, nossa atenção era somente para ela.

Dirigiu-se a AR, revelando uma expressão de preocupação, e falou:

- Tia, você viu que tenho um machucado? Um machucado aqui na boca?

Ela tinha um pequeno machucado no canto direito do lábio inferior e isso a incomodava. Com uma das mãos, passava a ponta da camisa no canto da boca como a limpar-se, que nos leva ao sentido de cuidar-se, curar-se.

AR respondeu:

- Ui. Você já mostrou para sua mãe? Passou remédio?

Orquídea fixando o olhar em AR respondeu:

- Sim, tia. Minha mãe passou remédio em minha boca.

Eu, AR e uma voluntária estávamos sentadas no chão, brincando com Orquídea na casa de bonecas. Ela dirigiu-se ao interior da casa de bonecas, saiu com um boneco Ken nas mãos. Algo a desagradou, sua expressão era de desapontamento. Ela gaguejando, disse assim:

- Tem um boneco pelado aqui. Olha!

E entregou o boneco pelado para AR, que respondeu:

- Vamos vesti-lo? O que você acha? Vou apanhar as roupas na gaveta.

Ao escutar essa frase, Orquídea agachou-se e falou próximo a AR:

- Sim, tia. Não pode ficar pelado, fica gripado, fica doente.

Provavelmente, alguém dissera isso a ela, e ela ali reproduzia ao brincar. AR balançou com a cabeça concordando com a postura de Orquídea, levantou-se, dirigiu-se a um gaveteiro branco, abriu uma gaveta cheia de roupas de bonecos e bonecas. Muitas roupas, vestidos, casacos, shorts, chapéus, acessórios dentro de um saco de plástico. Abriu o saco e o despejou no chão. Com passos tranquilos, Orquídea aproximou-se e pediu para vestir todas as bonecas.

- Tia, podemos brincar de vestir as bonecas e os bonecos?

AR respondeu que sim e ficamos ali, por um bom tempo, em um estado de calma, vestindo os bonecos e bonecas e criando visuais de moda para os bonecos Ken e Barbies. As portas foram abertas e algumas crianças entraram fazendo barulho e

interrompendo a aparente calma do local. Eles foram em direção à sala de recreação/sala de jogos. AR levantou-se para ver o que estava acontecendo e atender o chamado das outras crianças que desejavam que ela instalasse a senha no computador e ligasse o jogo X-Box 360 para eles brincarem. A estagiária que estava conosco acompanhou AR para dar atenção aos demais, já que eu estava com Orquídea. AR retornou a nossa presença e, ao chegar, escutou de Orquídea:

Figura 10 - Lado de fora da casa de bonecas



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 7 - Lado de dentro da casa de bonecas



Fonte: Acervo da pesquisadora.

- Tia, não! Estou contando um segredo para a tia.

Esticando o braço direito, Orquídea estabeleceu o espaço que AR poderia pertencer e ali não a cabia, não naquele momento. A tia? Era eu! Foi exatamente nesse momento que eu percebi que era a hora de iniciar a minha pesquisa de produção de dados. Fui tocada por essa frase: “Estou contando um segredo para a tia”. Acolhimento é a palavra que define esse instante.

A luz entrava na sala através dos janelões de vidro e eu estava ali sentada no chão, diante de uma sensível criança brincando em uma grande casa de bonecas. Eu observava aquele movimento todo, no meu segundo dia, e ainda perplexa com tanta informação visual e emocional. O que ela queria me contar que ninguém mais poderia saber?

De repente, Orquídea com sua voz doce, levantou o rosto enquanto vestia a Barbie com um vestido azul e me perguntou:

- *Você quer saber um segredo?*

Senti medo em saber qual segredo era, pois aquela garotinha tinha acabado de chegar do hospital. Pensei no tema morte e a minha dificuldade em abordar esse fenômeno, parte integral da vida. Respondi com voz firme:

- *Se é segredo, eu não posso saber.*

Ela insistiu, como se dissesse não é isso e pegou com força em minha mão que estava sobre a minha perna cruzada, numa tentativa de chamar minha atenção. Sua postura era ereta, ela se direcionou em minha frente ficando de joelhos, equiparando a minha altura. Falou com firmeza:

- *É um segredo meu e seu. E eu vou te contar. Preste atenção!*

Respondi falando baixinho:

- *Tudo bem. Estou escutando.*

Orquídea tocou levemente meu braço, arregalou seus olhos castanhos, suspirou fundo como quisesse dizer “vou começar” e, detalhadamente, descreveu:

- *Sabe o médico ortopedista que veste uma roupa branca lá do hospital? Hoje fez uma magia para mim.*

Eu respondi demonstrando curiosidade sobre o assunto:

- *Foi mesmo? Uma magia? Me conte mais.*

E ela continuou a contar a novidade gesticulando com seu corpo. Jogava o cabelo para trás, passava as mãos no peito, tocava as mãos, batia palmas dando vida ao vivido horas atrás.

- Ele tirou de dentro do casaco branco dele a carta que eu tinha escolhido. Vou te dizer uma coisa. Isso deve ser um truque bem treinado. Só pode ser. Você não acha?

Orquídea colocava as duas mãos no peito, afirmando que era um truque muito bem treinado, me perguntando se eu achava isso também. Respondi que sim balançando a cabeça e sorrindo. A magia da garotinha presenciou aquela atmosfera, por um certo encanto e uma sensação de alegria de uma infância que tudo pode, que tudo crê.

Segredo, desvelar da confiança, poder da empatia, escuta, acolhimento... É o acontecer do *rapport* que estudei através da obra da psicóloga Virginia Mae Axline. Fiz algo, acolhi, escutei, participei. Ela autorizou meu *rapport*.

O relógio marcava 14h42 e AR dirigiu-se até a casa de madeira, através de um sinal com a mão me chamou para começarmos as comemorações do *Dia do Brincar*⁴¹. Eu e AR, juntas, apresentamos o significado da data através da leitura de um texto e, em seguida, demos início à brincadeira de mímica com o jogo *Quem Sou?*

Figura 12 - Jogo: Eu sou?



Fonte: acervo da pesquisadora

⁴¹ O dia do brincar é uma data muito importante para nós brinquedistas da ABBri. O World Play Day (Dia Mundial do Brincar) foi criado na 8ª Conferência Internacional de Ludotecas, em Tóquio, no ano de 1999, por iniciativa da então presidente da International Toy Library Association (ITLA) – Freda Kim. O Dia Mundial do Brincar celebra o artigo 31º da Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas, reforçando que Brincar é um direito. Relembra que o Brincar é uma fonte inesgotável de alegria, uma atividade fundamental para o desenvolvimento do ser humano, essencial para a saúde física e mental. Fonte: <http://www.iacrianca.pt/index.php/setores-iac-al/dia-internacional-do-brincar>

Figura 13 - Ana Karyne participando da brincadeira



Fonte: acervo da pesquisadora

AR se dirigiu ao palco e colocou o jogo Eu Sou? no centro e convidou todos os participantes para sentarem formando um círculo. Narciso, Amor-perfeito, Magnólia, Orquídea, Dente-de-leão, Girassol, Acácia e Lírio estavam reunidos sobre o palco, aliás, ludicamente, eu diria sobre um jardim e entre eles decidiram a organização e sequência do jogo.

Lírio se dispôs a ser responsável pela ampulheta (o tempo); Dente-de-leão se dispôs a ser responsável em colocar as cintas de plástico na cabeça dos participantes; Orquídea se dispôs a distribuir as cartas; Narciso, Amor-perfeito, Magnólia, Girassol e Acácia seriam os participantes que usariam as cintas com as cartas para serem adivinhadas.

O primeiro a jogar foi Narciso, que recebeu de Orquídea a carta com o desenho de um computador. Acácia pediu para começar a dar as dicas para Narciso adivinhar o que ele representava. Sentado, ele falou apontando para uma das salas da brinquedoteca:

-Ei, gente! Olhem todos para mim que essa é muito fácil e tem bem ali naquela sala! Olhem para minha mão, vou fazer agora! Prestem atenção!

Ele esticou os braços para frente de seu corpo e movimentou os dedos dando a entender que estava digitando em um teclado e Narciso rapidamente falou, nem dando tempo para a ampulheta ser colocada sobre o palco:

- É o computador! Só pode ser o computador! Tire a carta de cima de minha cabeça, eu quero ver se acertei! Essa foi muito fácil!

Em seguida, Orquídea mais uma vez entregou uma carta. De joelhos, moveu-se até Girassol e colocou na cinta que ele estava usando, o desenho de um caranguejo.

Lírio girou a ampulheta dando início ao jogo e todos os participantes começaram a dar pistas para que Girassol acertasse no tempo definido.

-É um bicho da praia!

-Ele é vermelho!

-Não é vermelho nada! Ele é cor de areia!

-Tem gente que come! Eu tenho nojo, não como de jeito nenhum!

O tempo estava correndo e Girassol demonstrava estar perdido em meio a tantos palpites, porém Magnólia esticou os dois braços e encolheu-os junto ao seu tronco gesticulando com as mãos, abrindo e fechando os dedos. Nesse momento Girassol gritou:

-Caranguejo! Aff, um caranguejo! Achei que não fosse conseguir! Ficava olhando para o tempo e não via vocês, só via essa areia chata correndo rápido demais! Ufa!

Fui convidada a participar do jogo. Sentei no círculo e Dente-de-leão e Orquídea foram ao meu encontro para me preparar para a partida. Eu teria que adivinhar a carta que estava sobre minha cabeça. Lírio girou a ampulheta do tempo e todos os participantes falavam ao mesmo tempo, pareciam eufóricos e desejosos em que eu acertasse e não perdesse para o tempo.

- É de comer!

- É doce!

-É doce nada! Comi uma azeda um dia desses!

- Rápido, tia! Olha aqui é uma fruta escura!

-É escura nada! Eu comi uma verde e tava azeda!

- Tia, é uma fruta que fica com um monte de frutas juntas em um cacho!

Eu falei:

- É uma uva?

E Orquídea respondeu:

-Sim! É uma uva! Ainda bem que você venceu o tempo!

TERRA anunciou que era a hora do lanche e os participantes da brincadeira guardaram o jogo dentro da caixa e desceram para o pátio.

Após o intervalo do lanche, um grupo de voluntárias realizou uma roda de leitura. Após essa atividade, Narciso, um garoto de 5 anos, que até então não me dava atenção, me chamou para brincar. Uma criança que tem em seu ser uma energia que extrapola o seu pequeno corpo infantil, assim é o Narciso. Convidou-me para

acompanhá-lo até a casa de bonecas de madeira. Falava frases inteiras com pressa e sem espaço para respiração.

- Quer ir comigo brincar? Lá dentro. Vem! Vem logo. Vem aqui. Bora logo.

Saiu em direção à outra sala da brinquedoteca e continuou a falar comigo enquanto andava:

- Vem! Tia, me feche aqui dentro. Ande logo! Deixa de ser lerda!

Ao chegar à casa de madeira cor-de-rosa, eu o fechei no lado de dentro. Ficou brincando em silêncio e eu fiquei observando através de uma pequena janela na lateral, com meu bloquinho preto de anotações. Mas ficou ali por pouco tempo, ele não conseguia ficar muito tempo fazendo a mesma coisa.

- Me tire daqui logo. Abra aqui!

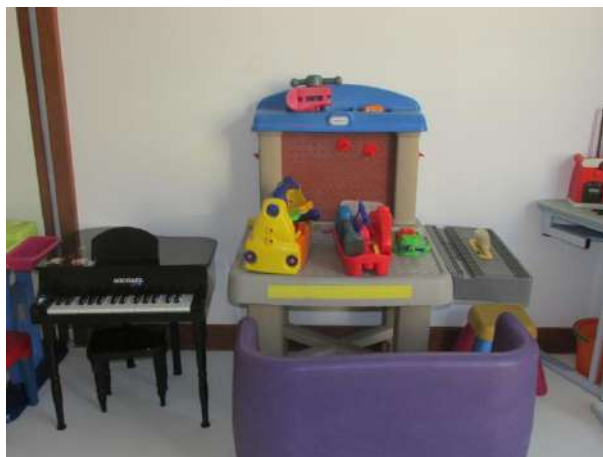
Eu abri a porta e o convidei para brincar de lava-jato com carrinhos, porém ele não quis. Sentei no chão e comecei a brincar sozinha, fazendo sons de carros e conversando sozinha como se fosse o motorista do carro indo para um lava-jato. Ele deu uma volta na sala lentamente a me observar. Logo Narciso, sentou-se perto de mim e, aos poucos, foi se aproximando até ficar ao meu lado. Do lava-jato, dirigiu-se para uma bancada de oficina mecânica de brinquedos com martelos, furadeiras. Puxou a poltrona de plástico, sentou-se e brincou com as ferramentas da caixa da oficina, Narciso estava elétrico. O menino apanhou uma furadeira colorida e começou a imitar o som enquanto simbolicamente furava a parede que estava a sua frente. Levantou-se e saiu imitando um caubói montando seu cavalo imaginário e sua imaginação fluíu. Como caubói, ele prestou socorro para um carrinho que estava no meio do caminho, porém algo chamava minha atenção, Narciso me dava ordens o tempo todo. Era agitado ao falar comigo, ficava bravo, eu estava sentada e ele, de repente dirigia a palavra a mim apresentando autoridade em sua fala, dava ordens, um pequeno ditador:

- Faz você! Você não está fazendo nada! Vai trabalhar! Conserte o brinquedo que está quebrado ali!

Eu respondia sem ceder às suas investidas:

- Narciso, não fui eu que quebrei, então não vou consertar.

Figura 14 - Espaço da brinquedoteca/oficina



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 15 - Espaço da brinquedoteca/caixa do médico



Fonte: Acervo da pesquisadora

Ao escutar minha resposta, me olhou insatisfeito, assumindo um tom de piedade e mudou a brincadeira. De imediato, arrumou um boneco para ser motorista para o carro azul com que estava brincando e eu, sensibilizada com o olhar de tristeza que ele tinha me lançado, perguntei qual nome poderíamos dar ao boneco. Ele falou:

- Qual nome? Qual nome, diz!

Sugeri Bob e ele mais que depressa respondeu:

- Bob? Como? Bob é nome de cachorro, diz outro logo! Anda. Diz logo.

Figura 16 - Boneco Beto, nome dado por Narciso ao boneco com quem brincava



Fonte: Acervo da pesquisadora

Sugeri Beto e ele sorriu colocando a mão na cabeça e dando gargalhadas.

Com Beto em mãos, ele dava piruetas, manobras radicais e ia narrando em alto e bom tom:

- Beto acelera o carro e muito rápido bate o carro. Beto! Beto!

Murmurou. Novamente puxou o pequeno banco de plástico da oficina, sentou-se e fingindo ser um mecânico atendeu uma ligação imaginária em um monólogo. Ele mesmo ligava, ele mesmo atendia.

- Aqui é o mecânico Beto. Vou atender você.

Olhou para mim e disse em tom bravo:

- Brinca comigo! Anda logo.

Nessa hora, minha mão foi transformada, ludicamente, em um telefone e eu disse fazendo som de telefone:

- Trim, trim. Alô, aqui é da oficina do Narciso.

Narciso deu um grito e interrompeu minha fala dizendo:

- Não sou o dono da oficina. Sou o Narciso.

Respondi tentando acalmá-lo:

- Tudo bem. Mas se a oficina não tem dono, como será brincadeira? Quem vai atender ao telefone?

Franziu a testa, respirou fundo e não muito satisfeito me respondeu:

- Tá bom, então serei o Beto, o dono da oficina. Gostei de ser Beto. Então você pega o parafuso e faz direito, tia.

AR apareceu para ver se estava tudo sob controle, pois ela escutou o grito que ele deu para mim. Narciso a convidou para se juntar a nós. Ela sentou-se no chão e

permanecemos ali brincando com um garoto que através de sua agressividade tentava ser doce ao permitir que entrássemos em seu mundo.

Ademais, somos não só um corpo sensorial, mas também um corpo portador de técnicas, estilos e condutas aos quais corresponde toda uma camada superior de objetos: objetos culturais aos quais as modalidades de nosso estilo corporal conferem certa fisionomia. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 542).

Um garoto de 5 anos, ao contrário das outras crianças não tinha sua mãe presente, seu acompanhante era seu pai. Narciso não sorria, algo tão simples, e ele não emitia. Era agressivo, gritava em seu protesto, era seu escudo de proteção. Corporeidade, percepção e experiências sentidas, vividas e significadas a partir de uma cultura de ser num processo de dor e perda no qual seu ser, se mostra, seu único abrigo.

17h. Hora de partir.

5.5 IV ENCONTRO: UM JARDIM COM MUITAS FLORES- 29/05/2018

Acácia: 10 anos
Lírio: 17 anos
Flamboyant: 10 anos
Tulipa: 15 anos
Cornizo: 13 anos
Íris: 3 anos

Cheguei às 14h. Pois bem, aqui estou com meu bloquinho.

Passei a tarde de hoje interagindo com seis crianças. Uma sensação única, como se meu corpo, minha existência abraçasse um buquê com seis tipos de flores e cada uma com uma beleza própria. Propus-me, para o dia de hoje, escolher uma criança ou adolescente para ser meu sujeito de pesquisa. Vou compartilhar com vocês, nesse tempo vivido, o meu olhar diante de uma escolha:

Flamboyant, 10 anos, deficiente físico, membro inferior amputado devido ao câncer do tipo osteossarcoma. Desde o momento em que chegou na brinquedoteca, ele brincou. Sua deficiência física não era impedimento para ele. Suas muletas permaneceram encostadas na parede de entrada e ele circulou por todo o espaço da brinquedoteca pulando em um pé só. Sentou-se em uma cadeira e desenhou em companhia de Tulipa. Chamou-me e disse que estava desenhando a ACACCI para

eu lembrar dos dias em que fiquei ali estudando. Sentava-se no chão e se levantava com ajuda das mãos e da força do próprio corpo que o impulsionava a ir adiante;

Cornizo, 13 anos, deficiente físico, com membro inferior amputado na altura do quadril devido ao câncer do tipo osteossarcoma. Ele usava muletas para se locomover pela sala de adolescentes até decidir-se ficar sentado em uma cadeira verde jogando vídeogame com as muletas sempre ao seu lado;

Tulipa, 15 anos, câncer do tipo leucemia, durante toda a tarde permaneceu quieta como se estivesse “se guardando, se protegendo”. Ela coloria desenhos impressos e disponíveis em uma pasta vermelha sobre a mesa e fazia recortes com papel colorido;

Lírio, 17 anos, câncer do tipo leucemia, bem magro. Ele jogava sinuca com Acácia e conversavam sobre a pontuação das bolas do jogo. Ele tem uma longa caminhada enquanto paciente oncológico, é um dos pacientes mais antigos da casa;

Acácia, 10 anos, câncer do tipo leucemia, um garoto que apesar de toda a dor sorria com o olhar, seus olhos brilhavam. Um brilho diferente, percebi, ali, um garoto que se comunicava, se expressava e permitia ser entendido através do seu olhar;

Íris, 3 anos, câncer do tipo leucemia, recém descoberto. Uma garotinha que apresentava o início de alopecia, queda de cabelo. Seus braços estavam marcados por hematomas de picadas de agulhas. Ela escolhia com quem brincar e recusava outra pessoa por perto.

Figura 17 - Desenho feito por Flamboyant, representando a ACACCI



Fonte: Acervo da pesquisadora

O brincar hoje não foi descrito como nos encontros anteriores. Hoje, para mim enquanto ser pesquisadora, foi tempo de escolhas em um espaço onde todos chegam em busca do mesmo objetivo, o brincar. Todas essas “flores” têm algo em comum, o câncer. Como indivíduos, cada um é um ser no mundo, únicos em suas essências e subjetividades que despertaram em mim uma sensibilidade que eu ainda não conhecia. Como escolher apenas um (a) se sobre o palco existe um “jardim”?

17h. Hora de partir.

“Não se pode tratar mais de descrever o mundo vivido que ele traz em si como um dado opaco, é preciso constituí-lo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 94). E constituir é incluir, incluir o outro, mas também incluir eu mesma, meu desejo. Desejo em descrever não apenas uma única “flor”, mas todo o “jardim” num sentido, vivido e experienciado em meu ser sensível. Eu não me permito dissociar as essências que formam o perfume que exala nesse lugar. Entrego-me aqui ao vivido e ao fenômeno que a cada encontro será desvelado e, ao final de dezoito encontros, encerrarei meu diário de campo.

5.6 V ENCONTRO: ESCONDER E REVELAR-SE - 05/06/2018

Magnólia: 9 anos

Íris: 3 anos

Açafrão: 13 anos

Aro: 8 anos

Rosa: 9 anos

Cheguei às 13h57. O dia estava agradável, nem calor, nem frio. A atividade do dia era enfeitar a brinquedoteca com o tema da Copa do Mundo⁴². Voluntários e estagiários estavam sentados em cadeiras nas mesinhas de criança quando cheguei naquele espaço lúdico. Estavam fazendo atividades manuais com tinta guache, cartazes, colagens com revistas e conversando sobre seu cotidiano.

⁴² Copa do Mundo: *Copa do Mundo FIFA de 2018* ou o Campeonato Mundial de Futebol FIFA de 2018 foi a vigésima primeira edição deste evento esportivo, um torneio internacional de futebol masculino organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), que ocorreu na Rússia (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA_de_2018).

Eu, com meu bloquinho, sentei-me em um canto no chão na sala da brinquedoteca e fiquei observando o meu entorno. AR veio até mim, sorriu e, com voz baixa, me disse observando o que acontecia:

- Ana, só tem uma criança.

Balancei a cabeça, concordando e confirmando que eu tinha entendido que até então apenas uma criança estava no local. AR virou-se e voltou para a sala da recepção, ela tinha outros afazeres a concluir sobre a decoração com as voluntárias. Continuei ali sentada até escutar um barulho que vinha da casa de bonecas. Mãe e filha brincavam. Arrastando meu corpo no chão para não atrapalhar a conexão entre as duas, me aproximei. Lá estava ela, Íris, três anos, cabelos na altura do pescoço, cachos dourados, pequenina e muito falante, desfilava vestindo um vestido rodado com paetês cor de rosa. Usava uma fantasia de princesa e uma coroa na cabeça que permitiam ser criança, experienciar, ser uma princesa de verdade. Ao andar pelo espaço da brinquedoteca, movimentava seu corpo e fazia com que o vestido rodado balançasse. Suas duas mãos tocavam a saia do vestido em um gesto encantador, como se reconhecesse a etiqueta da realeza e dos contos de fadas. Íris podia ser ali, naquele tempo vivido, tudo o que sua imaginação desejasse e seu ser permitisse. Assim circulava entre as duas salas da brinquedoteca, desde o palco onde estavam os voluntários até a casinha de bonecas, local onde estava sua mãe.

Ela era o centro das nossas atenções. Caminhava delicadamente ficando nas pontas dos pés e com as mãos tocava na saia do vestido usando as pontas dos dedos. Andava e percebia nosso olhar encantado a observá-la. Assim, parecia demarcar seu território. Sentou-se novamente ao lado da mãe que estava com os olhos a lacrimejar, próxima a um fogão. O fogão de brinquedo, as frutas, as verduras, as panelas, todo o espaço parecia estar representando algo que ela conhecia bem: seu lar, sua casa, sua rotina. Ao aproximar-se da mãe, falou:

- Espere mamãe, já vou fazer o seu papá.

Ela dirigiu-se a uma prateleira com muitas bonecas. Escolheu uma boneca que aparentava ser um bebê “de verdade”. Íris parecia representar ser a mãe e sua mãe fazia o papel da filha, papéis invertidos e tão importantes para uma criança que

parecia necessitar de apoio para sentir-se segura nessa nova rotina, a-dor-é-ser⁴³. A descoberta do câncer era algo recente e ela estava indo pela primeira vez para a instituição. Íris brincava com uma boneca no carrinho de bebê. Ela cantava:

- Mamãe. Dorme neném, dorme neném.

Ela com voz fina de uma garotinha de três anos de idade, dava carinho, conforto, proteção, sua maior demanda. Sua mãe, afetosamente, a observava. Eu percebia seu olhar perdido no ar que, por vezes, parecia evitar a realidade. Toda essa vivência, logo foi interrompida ao escutar o chamado da sua filha. Voltou sua atenção para a brincadeira. Através de um sorriso, a menina Íris se voltou para a mãe e lhe entregou com cuidado um copo de plástico, dizendo:

- É suco, mamãezinha.

Entregou o copo para a mãe e, em seguida, saiu brincando de faz de conta de princesa, andando pelo espaço da brinquedoteca. Sua mãe, uma jovem senhora, cabelos castanhos, expressão de cansaço num rosto que lágrimas recentes haviam deixado vestígios, com um olhar triste que não a impediu de cuidar da filha, participando da brincadeira, respondeu:

- Delícia, é docinho. Glu, glu, glu. Bebi tudo.

Por um longo período, continuaram a brincar juntas. Íris levou um milho em um pequeno prato cor de rosa que cabia na palma de sua mão para ela, equilibrando-se toda para não deixar cair o milho que seria a próxima refeição da brincadeira. O cuidado era algo notável, pois ela mal conseguia andar, fazendo-a enrijecer seu corpo para não perder o equilíbrio e derrubar a “refeição”. Era importante que o alimento chegasse com cuidado e intacto. De repente, ela se dirigiu a outro brinquedo, um caixa de vendas com calculadora e telefone. Olhou para a mãe que a observava, sorriu, pegou o telefone e falou:

- Alô, vovó. Oi, vovó.

A mãe sorriu e a surpreendeu falando:

- Fale assim: Testando, testando.

⁴³ A-dor-é-ser: termo usado por mim enquanto pesquisadora, pois parto do princípio que, como sujeito no mundo, somos inteiros em nossas experiências e a dor e o processo de adoecimento é algo experienciado e vivenciado.

Ela reproduziu a fala que a mãe ensinava. Íris falava e ficava na pontas dos pés. A alegria parecia tanto que precisava ficar mais alta, ser maior, como se a alegria não coubesse no próprio corpo. Mesmo tendo passado de manhã, como todas as demais crianças da ACACCI pelo tratamento oncológico.

- Olha, mamãe! Olha, mamãe! Fumiga, fumiga, fumiga. Xiiiiii.

No entanto, o que ela desejava dizer era “comida, comida, comida”. Fazia sons imitando o barulho feito durante o preparo do alimento. A mãe de Íris avisou a ela que era hora de sair para ir para o Projeto Bem me Quer⁴⁴. Íris ficou ali conosco e a ela foi dada toda a atenção possível para que não sentisse falta da mãe. Uma das voluntárias se prontificou a brincar com ela e jogaram peteca e Íris sorria, vivendo um despertar, um fascínio em seu olhar ao ver o brinquedo no ar. Batia com uma das mãos fazendo a peteca ir alto. Dirigiu-se ao escorregador e, cuidadosamente, subiu degrau por degrau. Ao chegar ao topo, estendeu sua mão para a voluntária que brincava com ela e escorregou de mãos dadas. Porém, ao escorregar, quase no final, deparou-se com a boneca com que estava brincando e, rapidamente, alcançou o brinquedo em sua brincadeira. Com a ajuda da voluntária, subia no escorregador e lá de cima colocava sua boneca para escorregar. Íris, a voluntária e a boneca, possibilidades na brinquedoteca.

O barulho das roldanas da porta de correr anunciava a chegada de alguém. Aproximei-me para ver quem chegava. Era Aro, oito anos, aproximando-se de mim, sorriu seus olhos olhando em meus olhos e, com as mãos, acenou para que eu o seguisse. Fui ao seu encontro na sala de jogos da brinquedoteca, espaço que chamam de Sala de Recreação, destinada a crianças acima de 10 anos. Esse espaço possui um jogo de sinuca, um jogo de totó, dois computadores, uma televisão que não funciona, e jogos variados de videogame. Aproximou-se do computador que já estava ligado, sentou-se e colocou o jogo *Minecraft*⁴⁵, jogo este

⁴⁴ PROJETO BEM ME QUER: Projeto que acontece em um dos espaços da ACACCI, onde responsáveis fazem atividades manuais como pintura e bordados e meditação também.

⁴⁵ MINECRAFT: Eu sou mãe de Miguel. Pois bem, sendo mãe de menino procuro me informar sobre coisas de menino com ele. Contou-me que é um jogo de sobrevivência, que quem joga deve construir uma casa com blocos para sobreviver e que passa a vida lutando. Confirmei na internet: Criado em 2009. Nesse jogo, os jogadores passam a maior parte de seu tempo simplesmente minerando e construindo blocos de material virtual, daí o nome do jogo. Uma das possibilidades do jogo é o modo sobrevivência como uma forma de empurrar o jogador através dos primeiros estágios do jogo, e construir um senso de imersão no mundo. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Minecraft>

que aprendi a respeito junto ao meu filho. Meu filho me contou que é um jogo de sobrevivência. Aro permaneceu ali naquele espaço para jogar no computador, ele sabia as regras e ali elas são bem definidas para todos que frequentam aquele espaço. Quando o jogo começou, seu olhar de imediato parou em frente à tela do computador. Inclinou seu corpo para frente como se fosse entrar naquele mundo, no mundo virtual. Boquiaberto e com a coluna ereta, suas mãos apoiavam seu corpo segurando firmemente na lateral da cadeira. Seu corpo parecia falar através de suas expressões faciais. Parou e observou seu entorno. Percebendo minha presença, disse:

- *Você pode puxar a minha cadeira para frente?*

Respondi que sim e o ajudei a ficar em uma posição confortável na cadeira verde. Sorriu e me disse:

- *Obrigada. Tá?*

Esfregou as mãos uma na outra e acomodou-se a ponto de relaxar na cadeira verde, sentando-se com as pernas cruzadas e apoiando as mãos na lateral do encosto. Com a cabeça e com o tronco seguia os movimentos do personagem do jogo. Cada novo comando, um novo movimento corporal. Fascínio pelas superações, fascínio pelos novos comandos dados pelo jogo. Divertia-se, sorrindo olhou pra mim e falou:

- *Senta aqui. Fica aqui atrás de mim para você também assistir.*

Posicionei-me no local que ele desejava e escutei as portas da brinquedoteca correrem. Outro garoto chegou. Agora, um pré-adolescente. Entrou, tirou o chinelo, higienizou as mãos e veio em nossa direção dizendo em tom áspero:

- *Vou jogar sinuca sozinho. É legal.*

Fiquei a observá-lo. Açafrão, treze anos, jogava sinuca e a cada tacada ele lançava um vago olhar para o alto. Olhava para cima e permanecia assim por **instantes, como se procurasse algo. Ele abandonou o taco da sinuca**, colocando-o sobre a mesa, olhou para minha direção. Sorriu para mim.

Através do olhar de Açafrão, acreditei que ele desejava alguma coisa:

- *Posso jogar sinuca com você. Você quer que eu jogue?*

Ele sorriu, colocou as mãos sobre a mesa de sinuca já pegando um taco para mim e falou:

- *Você sabe, tia? Você sabe jogar?*

Parecia interessado, Açafrão desejava alguém para brincar, e independente de saber jogar ou não, não cabia a mim ali, naquele momento, dar uma resposta negativa. Respondi que sim e fui ao seu encontro apanhar o taco de sinuca que tinha escolhido para a nossa partida. Durante o jogo, ele disse:

- Obrigado por brincar comigo.

Talvez essa situação deixasse em evidência uma das suas sensibilidades, a necessidade do outro. A linguagem oral tão pouco externada dá lugar à linguagem corporal e esse corpo que se expressa é o que procuramos, compreensivelmente, descrever aqui nesse tempo vivido. A vivência dolorosa pela manhã no hospital, ao nosso sentir, reflete frontalmente na linguagem oral, porém o brincar não cala a linguagem corporal. Não importa a qual brinquedo tenha acesso, com o outro certamente o brincar torna-se menos vazio. Percebendo a minha dificuldade, disse:

- *Você pode jogar qual bola quiser no buraco. Não vamos jogar contando pontos. Vamos apenas brincar, tudo bem? Mas vamos nos concentrar, tá certo?*

Eu concordei e jogamos em silêncio e concentrados. Açafrão venceu a partida, colocando no buraco mais bolas que eu. Chegou a hora do intervalo e as crianças e os adolescentes desceram para o lanche.

Após o lanche, Rosa e Magnólia entraram na brinquedoteca irradiando alegria naquele local.

- *Tiaaaaaaaaaaaaa! Vamos brincar?*

Agitada e alegre, Rosa, 10 anos, se apresentou na tarde de hoje. Para começarmos a brincar, era preciso saber quem seria o primeiro na brincadeira e Rosa, colocando as mãos na minha frente, revelou:

- *Pedra, papel, tesoura!*

Sem entender o que essa frase significava, questionei:

- Não entendi nada Rosa, me explique o que significa isso.

Com a mão na cintura e com ares de deboche, me explicou fazendo os gestos com as mãos:

- Tia, você joga com a mão fechada, assim. Se for pedra ganha, pois a pedra é mais forte e quebra a tesoura. Mas, se você for a tesoura, você corta o papel, mas perde para a pedra. E se você for papel, você consegue embrulhar a pedra, mas a tesoura te corta. Entendeu? Podemos começar? Vou fazer primeiro com Magnólia, depois é a sua vez com quem ganhar agora. Está certo? Tem certeza que entendeu?

Após o comando dado, Magnólia foi a primeira a contar e começamos a brincar de pique esconde. Davam gargalhadas, gritavam, corriam a ponto de eu pedir para acalmarem os ânimos. A criança em tratamento oncológico não pode fazer atividades físicas de impacto, essa é uma das orientações que a família e a equipe que a acompanham recebe do oncologista. Evitar intercorrências é algo bem claro para todos os envolvidos no acompanhamento dessa criança, devido às plaquetas estarem baixas, assim como todo o sistema imunológico, o correr deve ser evitado.

Na brincadeira, elas se escondiam onde podiam, podiam ocultar o que quisessem naquele momento. Mas, no momento de brincar, quando elas eram reveladas, encontradas em seus esconderijos, davam gargalhadas permitindo que o outro revelasse seu esconderijo, seu segredo. Magnólia, 9 anos, que usava um gorro de lã para encobrir a cabeça careca devido ao tratamento de câncer, deixou o acessório cair e assim continuou a brincar. Que percepção era essa que acontecia através de uma experiência vivenciada através de um corpo e suas fragilidades?

É como se fosse impossível estabelecer uma separação entre o que é vivenciado pelo indivíduo e o que é expresso por ele. Essa convencionalidade e essa regularidade não excluem a sinceridade; o que se faz, mais que manifestar os próprios sentimentos, é manifestá-los para os outros (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 555).

Magnólia sorria, permitindo ali, naquele espaço tempo, que seu sorriso fosse mais importante que seus medos, de mostrar-se através de sua cabeça raspada. O brincar é universal e ali, naquele espaço ela pôde ser apenas uma criança, algo em plenitude, sendo um ser criança!

17h. Hora de partir.

5.7 VI ENCONTRO: ROSA RETORNARÁ À ESCOLA- 07/06/2018

*Rosa: 10 anos
Coroa Imperial; 9 anos
Hortênsia: 4 anos
Lírio: 17 anos
Magnólia: 9 anos*

Hoje fui à ACACCI pela manhã. Fui convidada para conhecer um grupo de pesquisa de mestrado e pós-doutorado da UFES que também está pesquisando a instituição. Cheguei antes do combinado, às 7h43min e me sentei no banco da recepção. Uma criança que ontem atendi em minha pesquisa, estava sentada próximo dali, usando um celular de verdade, vestia um short jeans curto e uma camiseta. Com seu jeitão meninona de ser, espalhou seu corpo no sofá, ficando bem à vontade, mostrando acidentalmente sua calcinha. Naquele momento, uma funcionária da instituição passou e chamou a atenção dela dizendo:

- Olha os modos, Rosa!

Ela rapidamente se recompôs e, ao notar minha presença, sorriu, achando graça por ter levado bronca. Eu, ao perceber que ela me olhava, falei:

- Bom dia!

Imediatamente, parou de assistir ao celular, aproximou-se de mim e me apresentou o vídeo a que assistia:

- Você conhece esse filme, tia? É o Rei Leão⁴⁶. Deixa eu te mostrar.

Ela estava empolgada escutando a trilha sonora do filme. Contei a ela que meu afilhado mais velho assistia muito a esse filme, “ele era pequeno e eu tinha que fazer companhia para ele”. Ela foi aproximando o seu corpo perto do meu e quando eu percebi, dividíamos a mesma cadeira. Deslizou o dedo indicador na tela do celular e procurou outro vídeo. Agora, culinário. Eram tortas, diversas tortas, de frango com vários recheios. Parecia que era tudo um desejo de chamar minha atenção.

⁴⁶ Filme Rei Leão: Filme na categoria longa metragem animado. Produzido pela Walt Disney Animation Studios e distribuído pela Walt Disney Pictures. Foi dirigido por Roger Allers e Rob Minkoff, Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Rei_Le%C3%A3o

- Hum, essa aqui é deliciosa. Olha aqui. Tem recheio de frango. Eu adoro comer frango. Você sabe cozinhar?

Respondi que sim, mas não entrei em detalhes. Queria saber mais sobre ela.

Ela prosseguiu:

- Peraí. Vou procurar uma coisa legal aqui. Olha que legal esse vídeo! É uma amoeba. Que tal? Não é legal? Vamos fazer?

Chamou minha atenção. Na verdade, queria dividir comigo seu tempo, criar laços de afeição. Eu assisti ao vídeo com ela. Era um tutorial que ensinava a fazer um brinquedo. Respondi a Rosa que precisaríamos ver essa possibilidade de fazer o brinquedo com AR para captação de materiais com antecedência.

AR, como sempre me recebeu na brinquedoteca com um sorriso. Hortênsia tem quatro anos, careca por conta da quimioterapia, já se encontrava no espaço e estava usando uma fantasia da personagem Ana do filme infantil Frozen⁴⁷. A voluntária que brincava com ela perguntou:

- Vai colocar alguma coroa na cabeça?

Figura 18- Fantasia da personagem Ana - filme Frozen



Fonte: acervo da pesquisadora

⁴⁷ Frozen - Uma Aventura Congelante é uma animação musical da Disney baseada no conto de fadas da Rainha da Neve. Fonte: <https://www.omelete.com.br/frozen-uma-aventura-congelante>

Ela foi curta e direta respondendo que “não”. Nessa hora, Magnólia e Rosa chegaram e também queriam brincar com a voluntária. Um pequeno tumulto aconteceu, Hortênsia desejava brincar de fantasiar-se de personagem do filme Frozen com a ajuda da voluntária e as meninas desejavam brincar de bola com a mesma profissional. A voluntária conversou com as três garotas alegando que poderiam brincar juntas de coisas diferentes e todas as três garotas gostaram da ideia.

Hortênsia, vestida de Ana, lentamente deslizava usando pantufas sobre o piso da brinquedoteca. O ar condicionado direcionava o ar para baixo fazendo com que a capa da fantasia plainasse lentamente como num conto de fadas, uma beleza no devir ser criança. Percebendo que sua capa flutuava, sorriu e estendeu as mãos para a voluntária e a tomando para si, como se quisesse tomar posse daquela profissional. Elas, juntas, giravam de mãos dadas, cantando e circulando, dançando pela brinquedoteca num parecer, revelar, momento de confiança, amizade e segurança.

Rosa enciumada, ao ver a cena, disse, repetindo as recomendações de cuidados recebidos, completou:

- Estão correndo demais! Não pode correr aqui! Agora vamos contar uma história, tia?

A voluntária sorriu para ela, achava graça, pois não estava circulando e correndo. Isso não a impediu que fosse ao encontro de Rosa. Mais que depressa, com sua calça corsário vermelha e regata amarela, Rosa escolheu um livro na estante e, com sua voz firme, começou a contar a história. Rosa, ao ler o livro, caminhou como se demarcasse seu território, aquele era o seu momento de ser o centro das atenções. Quando percebeu que ninguém mais a observava, alterou o tom de sua voz alta para mais alta ainda como se estivesse dizendo: “Ei, estou aqui”. Intercalando como percurso o chão e o espaço do tablado do palco do teatro, que deveria ter, mais ou menos, 30 cm a mais de altura do piso original. Lia sem parar a ponto de sua respiração ficar ofegante, e, ao ler, mantinha seu olhar, concomitantemente, no livro e na plateia. Ao acabar, num gesto ríspido fechou o livro e falou:

- Fim.

Chegou a hora do intervalo. Todos foram lanchar acompanhados pelos responsáveis. Também desci para tomar café. Quando retornei, avistei Rosa sentada em uma cadeira em frente ao computador e fui até ela. Percebi que tinha, sobre a mesa do computador, um caderno, um lápis e uma borracha e que a folha do caderno estava toda rasurada. Ela me fez um pedido que me deixou extremamente feliz:

- Tia, você me ensina? Por favor, tia.

Mas ensinar o quê? O que ela queria? Olhei para a tela do computador e vi que ela estava assistindo a um tutorial que ensinava dicas de tabuada de multiplicação. Com o lápis na mão, ela ia reproduzindo o que o vídeo ensinava, mas, nitidamente, eu podia perceber, ela não estava entendendo muito daquilo. Posicionei-me ao seu lado e falei:

- Rosa, espere que vou fazer com você como eu faço com o meu filho.

Fui até AR. Pedi autorização para abrir o armário com materiais e peguei um pote de maionese vazio com pequenas peças coloridas. Sentei-me no chão e fui montando continhas e orientando Rosa a olhar, a sentir, toda a capacidade de compreensão florescia em Rosa, a beleza e a força da linguagem era algo impressionante. Algo a incomodava e ela não sabia como dizer. Abaixou a sua cabeça, fixando seu olhar longe do meu campo de visão e me falou:

- Amanhã, eu volto para a escola e só retornarei para cá daqui a 6 meses e não sei mais fazer nenhuma conta. Como eu fui esquecer? Isso não podia ter acontecido! Eu estudei muito aqui sabia? Mas por que eu esqueci se estudei muito? Que vergonha! Isso não está certo! Me ajude, tia! Amanhã não terei mais a tia ÁGUA que tem paciência em me ensinar! Todo mundo vai ficar me olhando e vão rir de mim. O que eu vou fazer? Estou com medo.

Rosa estava desvelando seus medos, mas, ao mesmo tempo, ela estava trocando seu pavor por esperança. A ansiedade, a angústia nesse sentimento de derrota a incomodava, ela parecia não se permitir desapegar. Era hora de voltar à escola, de (re) começar, de seguir por um lugar do qual não se lembrava mais o caminho. Ela sempre tão firme, tão cheia de iniciativa, também tinha seus medos e com eles significados ali agora vivido e diante da minha proposta em ensiná-la, falou:

- *Eu prefiro contar nos dedos. Tem jeito não! Nos dedos é mais rápido. Estou acostumada com meus dedos e eu escondo eles e ninguém vê, entendeu?*

Ela não estava à vontade com o pote de peças coloridas, tinha pressa, desejava o imediato, recuperar algo e proteger a si mesma do outro. Assim, combinamos de estudar usando os dedos, então me levantei e fui até o armário para guardar o pote com peças.

Ao chegar à sala de AR, encontrei Lírio, 17 anos, em pé, parado prestando atenção na nossa conversa. Direcionei meu olhar para ele que gesticulou apontando o dedo indicador na sua face, como pedindo cumprimento, beijos formais. Olhei para AR aguardando a aprovação de como proceder e ela sorriu, entendi como permissão. Dei um beijo de cumprimento em seu rosto e ele sorriu. Adolescentes, geralmente, me parecem enclausurados, ficando a maioria do tempo em aparelhos celulares ou assistindo a filmes em computadores, porém ali percebi, ainda, como eles também sofrem e precisam de carinho. Como o toque, o abraço, o afeto, que são importantes! Eu sou afetado pelo outro, mas é necessário que exista um espaço a ser preenchido sob a égide da confiança e da permissão.

Na brinquedoteca, essas crianças e adolescentes podem se soltar e no tempo delas, reconstituindo e reconfigurando aquele espaço. Saber que sou bem-vinda por Lírio, é algo bom de sentir. O afetar permite acolher e o acolher permite afetar, é algo indissociado. Percebi o toque como uma permissão de estar ali, de boas-vindas no espaço de que Lírio também faz parte. Voltei para a sala para ensinar matemática para Rosa e Lírio me acompanhou sentando-se no chão. Lá fora, os pássaros cantavam, as pessoas trabalhavam na construção de um edifício ao lado e as motos aceleravam na rua da frente e ali estávamos em meio ao barulho, aprendendo matemática. Lírio percebendo a dificuldade de Rosa, falou:

- *Rosa, tabuada você precisa aprender e não decorar.*

Rosa largou o caderno e olhando para mim disse que ia estudar depois e saiu para a outra sala da brinquedoteca.

No outro espaço, Hortênsia e uma voluntária brincavam sentadas sobre o palco com o jogo Pula-Macaco. Com as falas rápidas, confirmavam repetidamente numa

dinâmica elétrica entre elas. Hortênsia falava, dando os comandos do jogo, ensinando a voluntária a brincar, um labor que sabia que pertencia ao ser criança.

- Agora é o seu! Aperta na pontinha da peça do macaco, ele vai voar bem alto e ficar pendurado lá na árvore!

E a voluntária respondia pegando uma das peças do jogo que estava dentro de uma caixa de papelão:

- Agora é o meu! Vou jogar! Torce por mim. Vou ser o azul!

Hortênsia sorria e se divertia. Batendo as mãos no chão, como se estivesse reivindicando uma nova oportunidade para a “amiga” exclamou:

- Não valeu! Você consegue! Vai, tia! Eu tô aqui! Tô torcendo! Não vou sair do seu lado!

Hortênsia encontrava-se deitada de bruços no chão do palco e com seu queixo encostado sobre suas mãos. Seus pés descalços tocavam o chão e a cada jogada, vibrava sapateando, quando a voluntária conseguia alcançar o objetivo do jogo que era pendurar um macaco na árvore. Como é estar no palco? Que lugar é esse que todos querem estar? O que ele representa? Será muito diferente do palco da vida? Fui pega me indagando após perceber o tamanho da alegria dessas crianças quando estão sobre o tablado no palco. Que percepção é experienciada quando Hortênsia se veste de Ana, personagem do filme infantil *Frozen* e toma o palco para local seu? O corpo que se espalha através dos braços e das pernas a movimentam. O movimento de abrir e sentir vestido em seu corpo e as pantufas verdes em formato de sapo. Ela se entregava deliciosamente ao brincar e ao jogar. As regras existem e ela as conhecia muito bem, mas sua alegria não era vencer sozinha, ela queria que o outro vencesse também. Ela tem apenas 4 anos de idade e vibrou:

- Viva! Viva! Você conseguiu!

Assim comemorou ao lado da voluntária. Quando o jogo foi finalizado, já não se encontrava mais deitada e sim sentada na mesma posição que sua adversária. Com as pernas cruzadas como na posição da *yoga*, encolheu seu corpo de 4 anos de idade e arrastando-se no tablado de madeira, deitou-se no colo da voluntária e permanecendo deitada deu nela um abraço de comemoração.

Nesse momento, Coroa Imperial, 9 anos chegou na brinquedoteca e, ao ver as duas jogando, pediu para participar do finalzinho do jogo. Andou pelo espaço à procura do que brincar. Ele vestia uma calça jeans frouxa na cintura, ela caía e o incomodava. Puxando para cima, reclamava:

- Droga! Droga de calça!

Quando percebeu que as pessoas ao seu redor olhavam para ele, aparentou ficar sem graça e pegou um velocípede que tinha forma de trator para brincar. Sentou-se no brinquedo e arrastou-se pela sala usando a força de suas pernas. Fiquei em um canto da sala anotando minhas observações e escutei o som de uma criança cantando a música Asa Branca de Luiz Gonzaga. Escutei uma voz alta:

- É o Coroa Imperial! O Coroa Imperial, minha gente!

Segui a direção do som. Em um pequeno piano preto, um garoto deu uma gargalhada e encerrou a canção. Foi em direção ao palco/tablado no outro espaço e subiu numa ligeireza que nem deixou tempo para os presentes entenderem de que Coroa Imperial ele estava falando, se era Luiz Gonzaga ou ele, o menino Luiz. No centro do palco, ele sinalizou com a mão direita e convidou a todos os presentes para assisti-lo.

- Olhem aqui gente! Coroa Imperial chegou! Venham ver! O grande show vai começar!

Pegou uma pequena sanfona, colocou um chapéu de caubói e saiu andando a tocar sua sanfona pelo espaço da brinquedoteca. Havia em sua face a promessa de um sorriso, mas esse desejo era meu, não dele. Enquanto ele tocava, outras crianças brincavam e o barulho, a bagunça do menino Coroa Imperial não incomodava as outras crianças que estavam ali, naquele espaço, conversando, brincando com jogos ou desenhando. Às vezes, é difícil entender que crianças podem criar suas regras sem ajuda dos adultos, elas sabem se relacionar e fazem isso o tempo todo.

De longe, observei que, na sala ao lado, Hortênsia estava sentada no computador assistindo a vídeos curtos, no *Youtube*⁴⁸. Nos vídeos, uma garotinha se caracterizava

⁴⁸ Youtube: O Youtube foi criado em fevereiro de 2005, por Chad Hurley e Steve Chen, dois funcionários de uma empresa de tecnologia situada em São Francisco, EUA. O site permite que os usuários coloquem seus próprios vídeos na rede, sendo visualizados por qualquer pessoa no mundo.

usando maquiagem e vestia fantasias de várias princesas da Disney como se fosse um truque de magia, através de um processo de edição. As cores da tela do computador chamaram minha atenção e, movida pela curiosidade, me aproximei. Ela falou sinalizando com uma das mãos o local em que ela desejava que eu sentasse:

- Tia, senta aqui! Assista comigo! Vem, senta aqui!

Uma garotinha que aparentava ter a mesma idade de Hortênsia apareceu no vídeo usando uma fantasia de princesa. Durante o vídeo, o desempenho acontecia através de várias caracterizações feitas pela “atriz”. Ao aparecer na tela, a personagem do filme *A Bela e a Fera*, Hortênsia estava tão envolvida com a ludicidade que, com suas expressões faciais, demonstrava encantamento, envolvimento com o outro que, me olhou colocando a mão na boca e arregalando os olhos, timidamente falou:

- Óhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

Olhava para mim fazendo caras e bocas. Interagindo com o vídeo sorria, divertia-se e conversava comigo pedindo minha opinião em relação aos resultados das transformações.

- Uauuuuu! Que linda! Olha! O que você achou? Ela está vestida de Bela! Tenho uma roupa de Bela!

Eu estava sentada ao seu lado e respondi:

- O que você achou Hortênsia? De qual gostou mais?

De repente, algo chamou atenção de Hortênsia. No vídeo, apareceu um cachorro de pequeno porte que derrubou o vaso de planta da sala onde era o cenário da história. A pergunta que eu fizera foi ignorada por ela, sua atenção estava ali, naquele cachorro bagunceiro. Sua expressão era de raiva, seus lábios estavam presos, suas pequenas mãos estavam encolhidas junto ao seu corpo na cadeira. Ela inclinou seu corpo para frente do computador, apontou o seu dedo indicador na tela do computador na imagem do animal e falou em tom de desapontamento:

- Não pode! Não pode derrubar o vaso! Sujou tudo! Estragou a brincadeira!

Hortênsia aparentava nervosismo e preocupação. Séria e com o corpo enrijecido, virou-se para mim e falou-me:

- A mãe dela vai brigar quando chegar em casa e ver tudo sujo! Cachorro feio!

Dava a impressão de que conhecia de fato, em suas experiências infantis, o que era fazer algo que desagradasse à mãe. Ali, ela se via através daquele corpo que se fantasiava e, mesmo em uma tela de computador, era muito real para ela. Ela sentiu, expressando emoções através de seu corpo, o outro assemelhava-se a sua realidade.

Respirou profundamente e inquieta, mudou os vídeos. Escolhia rolando o *mouse* com a mão e assistia um a um. Não queria mais nada de princesas, apenas desenhos animados que apareciam, aleatoriamente, no lado esquerdo da tela do computador. Vez em quando me pedia para alterar a exibição para tela cheia:

- Arruma! Arruma!

Fiquei ao seu lado e depois de quatro vídeos me chamou para ir brincar. Saímos da sala de jogos e fomos para o espaço com brinquedos. Ela pegou em minha mão até a cozinha e pediu que eu sentasse no chão. Deixou-me e dirigiu-se a uma prateleira de bonecas. Escolheu uma única boneca e a apanhou, levando-a até a mim e a colocou em meu colo, me orientando:

- Toma conta de sua irmã! Ela é um bebê! Você já é uma mocinha!

Observei que a boneca era um bebê com chupeta. Sorri e obedeci às regras estipuladas por ela, ela era a mãe, a boneca era a filha caçula e eu a filha mais velha. Enquanto eu segurava a “minha irmã mais nova”, Hortênsia cozinhava e se entretia com um morango de plástico que poderia ser partido com uma faca de plástico, sendo unido por um velcro entre suas partes, pode ser reconstruído várias vezes. O morango foi transformado em comida, depois em suco e ela se divertia no seu labor infantil, brincar.

O clima era de tranquilidade e no decorrer da brincadeira ela imitava sons de liquidificador, sons de comida sendo preparada em panelas de brinquedo. A calma do lugar foi rompida com um som alto e agudo que ressoou no ar. Era Hortênsia usando o liquidificador para fazer suco, fazendo o barulho bem alto. O

ritual do cuidado, do preparo da refeição, de servir era representado ali, naquele momento, com intensidade. Aproximou-se lentamente e me entregou um pequeno copo de plástico:

- *Só pode beber após a janta!*

Deu-me as costas e voltou para a cozinha. Continuou a fazer comidas para mim e para a “filha mais nova”. Preparava a refeição comprando verduras e frutas no mercado que ficava ao lado do fogão. Ao mesmo tempo em que cozinhava, observava sua “prole”, como se fosse uma mãe de verdade:

- *Segura ela sentada! Minha filha me ajude com sua irmã!*

Falou com voz firme como se estivesse me advertindo a respeito do cuidado com “minha irmã”. Eu tomei um susto e ela sorriu. Indicou através de gestos que era a hora de dar a refeição para a filha mais nova, pois se aproximou de mim, abaixou seu corpo e pegou com cuidado a cabeça da boneca falando:

- *Quer milho? Você gosta de milho? Ah, não? Não acredito!*

Em seguida, me entregou o milho e logo o tomou da minha mão. Eu também tinha que me alimentar e rápido. Tudo o que envolvia o brincar com ela era muito rápido. Nessa movimentação, direcionou-se para uma pia com um fogão, puxou a poltrona lilás para perto de mim e sentou-se. Abaixou o tronco, ficou séria, posicionou o rosto bem em frente ao meu e disse:

- *Vou para casa ver o seu irmão e o seu pai. Você vai ficar aqui com as tias desse lugar. Se comporte. Eu volto. Entendeu, filha?*

Pegou na minha mão e me abraçou como se fosse um abraço de despedida. As regras estavam claras, ela iria, mas voltaria. Dava a entender que confiava em todas as pessoas que estavam ali na ACACCI, por isso iria confiante para casa, para sua rotina familiar e seria substituída por alguém nesses dias, um segundo responsável. Muitas vezes essas mães têm outros filhos que ficam em casa com o pai, com algum amigo ou com um parente. Desejava que a filha ficasse bem, confiante na certeza de que sua mãe estaria de volta em breve. Que experiência essas crianças vivenciam nesse espaço? Que subjetividades são constituídas a partir do

brinquedo? E muitas vezes ali, desvelam suas dificuldades, seus medos em retornar a sua rotina de origem. A partir de corporeidade, experiência e percepção?

“Viver em sociedade significa viver uma experiência mais ampla que a experiência estritamente individual” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 87). O estar doente é apenas um fragmento da vida dessas crianças/adolescentes e eles têm consciência disso. As regras estão a todo o momento sendo vivenciadas e sentidas, sendo reveladas em gesto sentidos através de seus corpos, seja no retorno à escola, seja na rotina diária. O ser está no mundo! E no mundo é que definitivamente, se constitui.

17h. Hora de partir.

5.8 VII ENCONTRO: O CRAVO BRINCOU COM A ROSA - 08/06/2018

Girassol : 10 anos

Rosa: 9 anos

Cravo: 7 anos

Cheguei às 14h em ponto. Apressadamente, abri a porta de correr. Fui recebida por AR e por FOGO, estagiária do serviço social da instituição. Em seguida, Girassol chegou à brinquedoteca e, após higienizar as mãos, seguiu em silêncio para o computador. Esperei ele se acomodar e procurei um pufe para me sentar próximo a ele. A sala estava silenciosa e também estava fria por causa da temperatura do ar condicionado. Sozinho no computador, Girassol assistia a um filme e ao perceber minha presença me convidou para sentar ao seu lado.

-Ana, por favor senta aqui hoje. Estude perto de mim. Prometo que vou fazer silêncio e não vou te atrapalhar.

Com meu bloco de anotações, fiquei sentada em uma cadeira ao seu lado, a observá-lo e a descrever o fenômeno Girassol. Seu olhar parecia-me triste, solitário. Vez em quando, eu o flagrava desviando o olhar da tela do computador e me olhando. Num desses olhares, rompendo a promessa, ele me disse:

- Podemos brincar de quê?

Eu percebi ali, naquele momento, que promessas poderiam ser rompidas. O ser no mundo pode, por vezes, não conseguir reprimir sentimentos de dor, de solidão. Girassol rompia algo, as condições eram claras, o “fazer silêncio” e assim sujeitava-se a perder a companhia do outro. No entanto, arriscou ir além, após uma manhã difícil no hospital durante o tratamento oncológico. Eu me aproximei dele e respondi:

- Oba! Me deixa pensar! Estou tendo algumas ideias!

Observei que um grande sorriso iluminou o rosto de Girassol. Coloquei meu bloquinho de anotações sobre a mesa do computador, fiquei em pé e falei:

- Vou te dar quatro opções, você escolhe. Tudo bem? Preste atenção! Vou começar! Podemos jogar Uno, dominó, sinuca, mas, por favor, menos o totó, pois esse jogo faz muito barulho, me desconcentra e eu também não sei. A quarta opção você escolhe!

Girassol nem deu oportunidade de eu continuar falando, me interrompeu e falou:

- Totó! Se posso escolher, escolho totó!

Olhei para ele com a expressão de quem foi enganada. Caminhei a sua frente, sorrindo e me divertindo com a rebeldia dele, me dirigi para a mesa de totó e me posicionei para a partida. Não satisfeito, me indagou:

- Aqui? Aqui não! Não, não! Hoje, quero brincar lá na sala da brinquedoteca de brinquedo!

O desejo da sala de brinquedos me chamou atenção, não o vejo com frequência nesse espaço brincando. Fui guiada por ele que caminhava em minha frente e de vez em quando virava o seu corpo e sorria para mim. Quando chegamos à mesa de totó, ele posicionou seu corpo e se calou. Intencionalmente pegou o balde de plástico com as bolas do jogo e colocou sobre a lateral da mesa, próximo ao seu corpo. Permaneci ali, na minha posição e refleti sobre o silêncio de Girassol, possivelmente por causa da medicação, da quimioterapia. Penso que cada criança deveria ter o direito de calar-se e hoje dava a entender que ele não desejava apenas calar-se. Desejava e necessitava ser pequeno, ser cuidado, queria colo, atenção. Fitou-me e vi seus olhos cheios de lágrimas e, ali brincando, extravasou.

Girassol segurando firme o canhão do totó, pulou, girou o corpo, com a destreza de um campeão, arremessando as bolas para o gol várias vezes seguidas. Pude perceber uma força em meus movimentos tensos, e ali, através daquele brinquedo, ele demonstrou precisão, agilidade, concentração em busca de objetivos que somente ele conhecia. Como se estivesse ali, naquele tempo vivido, prestando contas com ele mesmo.

Girassol, um garoto que na maioria das vezes em que estivemos juntos, se apresentou para mim através de seu sorriso. Sorri com seus lábios e com a sua expressão corporal demonstrando gestos de felicidade, sempre participativo nas atividades que envolvem o brincar, mas hoje seu comportamento está diferente. O fato é que hoje ele não sorriu e com uma aparência de cansaço, de tanto movimentar seu corpo, falou:

- Ganhei. Ponto meu. Minha vez de ganhar. Você viu, tia?

Olhou dentro dos meus olhos e pude perceber que seus olhos estavam lacrimejando. Apenas balancei a minha cabeça e um som de criança que ecoou no segundo andar, chamou nossa atenção. Eu fui até a janela, olhei e avistei Cravo chegando do Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória (HINSG) no carro da instituição.

Voltei meu olhar para Girassol que estava saindo para o lanche. Ao chegar à porta entre as duas salas da brinquedoteca, ele virou seu corpo para trás e disse:

- Você não vem? Vem! Vem comigo hoje!

Eu balancei minha cabeça afirmando que sim e juntos descemos para o pátio. Foi ao encontro de sua mãe e a abraçou como se reconhecesse ali, uma proteção que só sua mãe poderia dar. Por alguns instantes, ficaram abraçados. Sua mãe afastou o corpo dele e levantou o rosto de Girassol e olhos em seus olhos. Tem palavras que são ditas em silêncio e pude perceber que, através daquele olhar, naquele momento, ele recebeu, através de sua mãe, o que desejava.

Eu voltei para a brinquedoteca na companhia de Rosa que até então estava dormindo, descansando, pois teve tratamento pela manhã no hospital. A subida pela rampa teve mais uma companhia, ÁGUA. Ela é a pedagoga, professora da classe

hospitalar da ACACCI e DT⁴⁹ pela Secretaria de Educação (SEDU). Ao chegar à brinquedoteca, ela propôs a AR a possibilidade de que a aula da classe hospitalar no dia de hoje acontecesse na brinquedoteca. Cravo chegou à brinquedoteca em seguida. ÁGUA comunicou a novidade e os que escutarem a notícia, literalmente, pularam de alegria e deram um abraço apertado na ÁGUA.

A atividade⁵⁰ proposta por ÁGUA foi colorir o desenho do mascote da Copa de 2018 após a leitura de um pequeno texto sobre as Copas no mundo e seus mascotes. Coloriram com rapidez, dando a entender que ambos desejavam brincar logo e Cravo falou:

- Acabei AGUA! Olha aqui! Posso ir brincar?

Falou Cravo, entregando para ÁGUA a atividade colorida com poucas cores e poucos detalhes. Levantou-se da cadeira na mesa de crianças e foi correndo em direção à outra sala. O rádio estava ligado e tocava uma música alegre e, ao perceber a melodia, Cravo colocou as mãos na cintura e dançou rebolando como se estivesse brincando de bambolê.

Em seguida, foi a vez de Rosa juntar-se a ele. Os dois brincavam circulando pela brinquedoteca e a alegria vivenciada através de seus corpos preencheu aquele lugar.

ÁGUA estava sentada na cadeira infantil de cor azul e deu as mãos para que eles a ajudassem a se levantar. Sentada em um canto sobre o tablado, eu anotava minhas observações procurando detalhes em toques, gestos, olhares. Ela falou:

- Vou brincar com vocês!

Ao escutar a fala da ÁGUA, Rosa, esticou o braço direito e estendeu a mão à frente de seu corpo, começando todo o ritual da brincadeira com a frase: **- Pedra, papel, tesoura! Vamos esconder?**

Não demorou muito e Cravo falou alto:

- Também estou na brincadeira. Pedra! Sou pedra!

⁴⁹ DT: sigla que tem como significado designação temporária e é utilizada também professores da Rede Estadual de ensino do Estado do Espírito Santo. Fonte: <https://sedu.es.gov.br/Not%C3%ADcia/sedu-abre-selecao-para-contratacao-de-professores-em-designacao-temporaria>

⁵⁰ Atividade proposta: colorir o mascote da Copa do Mundo de 2018. (ver anexos)

A primeira a contar foi ÁGUA e os demais participantes esconderam-se. Era como se a alegria tivesse transbordado o lugar através de gargalhadas, gritos, euforia, muita euforia da ÁGUA e de seus dois alunos. Não existia o lá fora, nem o antes e o depois. Era apenas o agora. O tempo parou ali e eu fui alcançada com o olhar de ÁGUA, parecia estar envolvida em seu ofício pedagógico que ultrapassou a sala de aula. AR da porta observava a movimentação. Aproximando-se, me perguntou:

- Era tudo o que ele precisava, não acha Ana?

Balancei a cabeça afirmando que sim. Nessa tarde, observei que o saber não está indissociado no ambiente da brinquedoteca hospitalar. É impressionante como a escola, os materiais escolares e os modos de ser aluno aparecem repetitivamente no desvelar das brincadeiras na brinquedoteca hospitalar da ACACCI. A professora ÁGUA percebia isso, seus olhos tinham um brilho diferente, mas ela não brilhava sozinha, seus alunos seguravam em suas mãos, um de cada lado e a conduziam ao melhor caminho para uma didática fenomenológica existencial, que acontecia ali diante de meus olhos. Se colocar no lugar do outro é, às vezes, se permitir criar novas possibilidades a fim de que as experiências dolorosas possam ser (re)significadas.

E não parou por aí. Das 15h às 17h, o palco perpassou a vida em si, dando lugar à subjetividade que emana num processo de ludicidade e de afeto. Afeto e atenção, no qual a prática pedagógica foi reinventada através da sensibilidade daquela ÁGUA com o poder do brincar, expandindo sentidos, através das percepções e experiências em corpos brincantes que aparentemente desejavam ser naquele momento alunos num ímpeto de pertencimento de si e de mundo sendo e sentindo-se cuidados pela professora. A dor, o tratamento, o hospital, as feridas ficaram, ali, da porta para fora.

Cravo lançou uma fantasia no ar em direção a ÁGUA e falou:

-Tia ÁGUA, veste em mim?

Figura 19 - Fantasia escolhida e usada por Cravo



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 20 - Fantasia escolhida e usada por Cravo



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Aproximando-se da ÁGUA, Cravo foi erguendo os braços para que ela o vestisse com o vestido lilás com paetês rosa *pink*. Ele usando as duas mãos, puxou o vestido para baixo, encaixando-o ao seu corpo. Em seguida, respirou fundo, passou a mão no cabelo e foi em direção à prateleira de perucas e chapéus escolhendo, logo depois, uma peruca loira, a mais comprida. Para compor sua caracterização. Colocou a peruca na cabeça, virou-se, olhou para a ÁGUA e esse olhar bastou. Ela o conhecia. Aquele olhar era um convite à brincadeira. ÁGUA levantou-se, dirigiu-se à prateleira de perucas e entrou na brincadeira. Cravo a aplaudia euforicamente. Por fim, ÁGUA se sentou nas cadeiras de criança e falou:

- Tenho outra ideia! Vamos escolher um livro para leitura? Cada um de vocês dois escolhe um livro! Podem começar a escolher! A brincadeira já está valendo!

Cravo, caminhando em direção a ÁGUA, demonstrava, através de seus gestos, estar inquieto. Ele falava, andava em círculos e gesticulava apertando suas mãos uma contra a outra, dando a entender que desejava propor algo e a questionou:

- Tá bom, ÁGUA! Mas o livro tem que combinar com a fantasia!

Rosa ao escutar a proposta feita por Cravo dirigiu-se à prateleira para procurar um livro para o amigo. Rapidamente, escolheu o livro *A princesa perfeita*, da Editora Cultural. A capa do livro tinha o desenho de uma princesa de vestido cor de rosa na capa, bem parecida com a fantasia que Cravo estava usando:

-Tome, Cravo! Esse aqui é para você! Combina com sua roupa! Uma homenagem para você. Agora, leia logo! Vou escolher o meu.

Figura 21 - Livro escolhido por Magnólia para Cravo realizar a atividade que acontecia na brinquedoteca, proposta pela professora da classe hospitalar



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 22 - Livro escolhido por Magnólia para Cravo realizar a atividade que acontecia na brinquedoteca ,proposta pela professora da classe hospitalar



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Após Rosa caminhar alguns passos, entregou o livro escolhido para Cravo. Recorreu à estante de livros novamente. Sonolenta, folheava os livros que a interessavam, um a um. Rosa estava sob o efeito da medicação quimioterápica e ao perceber que todos aguardavam por ela, decidiu-se escolhendo para a sua leitura o livro *A água*, da Editora Disney. Ela direcionou seu olhar para onde eu estava sentada. Forçou um sorriso, com o pouco de disposição que ainda lhe restava, e falou:

Figura 23 - Livro escolhido por Magnólia para Cravo realizar a atividade que acontecia na brinquedoteca, proposta pela professora da classe hospitalar



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 24 - Livro escolhido por Magnólia para Cravo realizar a atividade que acontecia na brinquedoteca ,proposta pela professora da classe hospitalar



Fonte: Acervo da pesquisadora.

- Vem brincar, tia Ana! Você fica aí só estudando! Agora é a hora de brincar!

De imediato, deixei meu bloquinho de anotações sobre uma mesa e subi ao palco para procurar um chapéu, afinal de contas todos estavam usando algum acessório. Ludicamente inspirada, tive a ideia de brincar de show de artistas, fazendo o papel de apresentadora diante de uma plateia, que seriam ÁGUA e AR e dos artistas famosos, Rosa e Cravo. No palco, o lugar mais alto que alguém pode estar ali na brinquedoteca, eu e dois “artistas” começamos mais uma das brincadeiras daquela tarde. Como apresentadora, apanhei um microfone na prateleira, me posicionei no centro do palco, dando início à apresentação. Através de narrativas, demos vida aos nossos personagens e anunciei:

- Boa tarde! Obrigada pela presença de vocês! Nessa tarde, dois autores muito importantes estarão aqui conosco, apresentando suas obras e depois darão autógrafos na mesa ali do lado. Para começar, chamo ao palco o autor Cravo. Palmas para ele!

A plateia aplaudiu enquanto Cravo, fantasiado de princesa, subia ao palco. Após agradecer a presença de todos, mandando beijos e acenando com as mãos, começou a leitura do livro escolhido por Rosa. A história lida por ele era grande e percebi que ele estava ficando cansado, desanimado, desestimulado em continuar a ser o personagem combinado. Ao final da apresentação, ele encontrava-se de costas para o público e ao perceber a indelicadeza de sua parte enquanto um artista que está no palco diante de um público que o assiste, sua posição, virou-se sorrindo

e saudou a plateia abaixando seu corpo num gesto de reverência, como se tudo aquilo representado até aquele momento, fizesse parte de um grande espetáculo. Aproximei-me e falei:

- Muito obrigada pela sua participação em nosso evento de leitura. Palmas para ele!

Em seguida, apresentei Rosa, meio sonolenta, que leu o livro escolhido por ela. No entanto, parecia estar despertando de um cansaço que só ela conhecia. Cada um deles enfrenta o tratamento a sua maneira e hoje mais que nunca, ela desejava estar ali. Agradei pela presença da plateia e ela me interrompeu dizendo:

- Tia Ana! Agora um desfile! Anuncie um desfile! Vamos brincar! Isso aqui está muito legal!

Cravo, ao escutar o pedido de Rosa, me puxou pelo braço e, aparentando ter gostado da ideia, completou:

- Eu sou a Pedrita Pedra Rosa! Loira! Linda com meu vestido de luxo e vou desfilar!

Rosa apresentava hematomas nos seus dois braços e mesmo com o corpo fragilizado após o tratamento pela manhã, ela estava ali. Suas atitudes demonstravam o quanto desejava estar ali naquele espaço tempo, porém por um momento, ela não desejou ser ela mesma. Como se, ser ela mesma, fosse um fardo pesado para uma jovem menina. Falou-me:

- Sou Larissa! Não quero ser eu! Hoje não, tia!

O desfile começou e Cravo desfilou segurando a ponta do vestido. Rodopiava e balançava a peruca loira e seu corpo por inteiro acompanhava o seu sorrir. Ele estava leve, irradiando alegria. No rádio, tocava uma música de Festa de São João e a plateia participava, se envolvia naquela ludicidade ali presente, vivenciando junto aos “atores” o sucesso e a tietagem de um “artista de verdade”. Batendo palmas no ritmo da música, ÁGUA e AR falavam:

- Lindo! Lindo! Já ganhou!

Cravo acenava e mandava beijos para a plateia. Nem deu tempo para que eu apresentasse Larissa. Rapidamente, Rosa subiu ao palco, mandava beijos, acenava

para a plateia como uma verdadeira miss. De repente, ela parou. Virou-se para a plateia e com a mão direita acenou num gesto que chamava para junto de si, convidando a plateia para desfilar com ela. A confiança é um elo que ali os une através do brilho do faz de conta, em momentos em que corpo, experiência e percepção andam juntos.

Rosa e Cravo trocaram olhares, ficaram um de frente para o outro e pararam em suas posições, estavam a combinar algo. Como um olhar pode direcionar tanto? Eles se olharam e juntos, em uma total sincronia aplaudiram. Entretanto não aplaudiram um ao outro, os aplausos, o brilho era para ÁGUA e AR. Esticaram o braço e as convidaram para ocupar o lado mais alto da sala, o palco, ao lado deles. Tomaram as duas pelas mãos para a despedida do público como um *gran finale*. Sobre o palco, atores e junto a eles, a pequena plateia. Não tinha ninguém sentado para aplaudi-los. Abraçaram-se e me abraçaram também. As cadeiras estavam vazias e de cima do palco era possível observar o restante da brinquedoteca como se estivesse desabitada. Mas, pensando bem, aquele espaço, naquele momento, estava pleno, farto, transbordando sensações percebidas e experienciadas através de corpos que assim, parafraseando a canção *Brincar de viver*, de Maria Bethania: “Redescobriam seu lugar para enfrentar o dia a dia e a reaprender a sonhar”.

Após o encerramento, continuaram a brincar. Rosa escolheu ser a princesa Sophie (Disney) usando uma fantasia da própria personagem, um vestido lilás e rosa. Já Cravo, pediu que AR o ajudasse a trocar a fantasia, escolhendo o vestido branco com amarelo. Ele procurou o espelho que estava localizado próximo ao rádio que toca CD e observou o reflexo de sua imagem frontal e lateral. Parou, colocou a mão na boca e aparentando insatisfação, falou:

- E a coroa, tia AR? Está faltando uma coroa! Sem coroa não! Preciso achar uma cora para mim! Espere um pouco.

AR olhou o relógio e avisou a todos os presentes na brinquedoteca que estava quase na hora de fechar:

- Rosa e Cravo, vamos arrumar as coisas? A brinquedoteca já vai fechar.

Apressadamente, Cravo foi até AR, pegou no braço dela como se estivesse duvidando do que acabara de escutar e questionou:

- Que horas, tia? Você falou que horas são agora? Que horas são agora? Hora de fechar?

Figura 25 - Vestido branco escolhido por Cravo



Fonte: Acervo da pesquisadora.

AR olhou para mim e, através do seu olhar, percebi que ela queria que eu prestasse atenção em algo que não poderia ali me explicar. Com uma voz firme, respondeu para Cravo:

- Faltam cinco minutos.

Cravo continuou a brincar como não se importasse com o tempo. Ele segurou com as pontas dos dedos a lateral do vestido amarelo, dirigiu-se até AR e divertindo-se com a situação, falou:

- Cinco minutos, são cinco minutos! Ainda não acabou!

Ele saiu a desfilas pela brinquedoteca, balançando seu corpo pueril, como se estivesse curtindo ao som da música que tocava no rádio. Sua expressão de alegria contagiava a todos ali, que acenavam para Cravo retribuindo um cumprimento, que ele de alguma maneira, presenteava por onde passava.

Rosa ao perceber que já era hora de fechar foi em direção a AR e falou numa tentativa de expor o seu protesto:

- Aff! Isso aqui no final de semana é um tédio! Um tédio!!!!

Perguntei a ela:

-Rosa, isso aqui é um tédio no final de semana?

Rosa aproximou-se de mim, segurou meu braço e puxou-me com força para baixo, conseguindo assim, colocar nossos campos de visão na mesma altura. Olhando nos meus olhos e com uma voz embargada, como se estivesse com dificuldades em expressar emoções que gerassem tensão naquele momento, falou:

-Tédio! Téeeeeedio! Quer saber? É um tédio sim! A brinquedoteca fica fechada e não tem nada para a gente fazer. Entendeu agora? É isso mesmo! Pronto! Falei!

Balancei a cabeça em uma tentativa de demonstrar que eu a compreendia. Despedimo-nos com um abraço de saudade, enquanto o céu ficava cinzento, sinal de temporal.

O que posso falar do dia de hoje? “Fora do nível do julgamento, do predicativo, há o nível da experiência do mundo, da vida com o mundo.” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 509). Exatamente dessa maneira... A criança tem o direito de perceber sua corporeidade através de infinitas possibilidades de experiências e ali no espaço da brinquedoteca ela pode ser sendo! No mais, “A experiência da criança não é feita apenas de objetos, mas também de ultracoisas” (p. 510). A dor, o tratamento, a impossibilidade, são vivenciadas por essas crianças a todo o momento, porém o afeto e o carinho são possibilidades de (re) significação que ultrapassam as barreiras do imaginário.

17h. Hora de partir.

5.9 VIII ENCONTRO: A CASA DE MALMEQUER- 12/06/2018

Anis: 2 anos
Malmequer: 5 anos
Gerânio: 4 anos

Cheguei às 13h40min. Ao entrar fui saudada em coro com “bem-vinda!” pelo grupo presente. Através da janela de vidro, que separa a sala da recepção da brinquedoteca com as duas das três salas que a constituem, observei duas crianças brincando. O tempo estava agradável, nem calor, nem frio e o cheio de álcool

sobressaía no ar. Tirei meu sapato e senti através dos meus pés descalços, o chão gelado da sala.

Da porta de entrada, avistei duas crianças. Gerânio, quatro anos, ele brincava sentado sobre o palco com o Castelo do Batman. Malmequer, cinco anos, brincava de quebra cabeça e estava usando a fantasia da personagem Ana do filme infantil Frozen. Fico impressionada como meninos e meninas gostam dos personagens desse filme. Malmequer ao me ver entrar na sala foi ao meu encontro e pegou na minha mão, como se me tomasse para si, e juntas caminhamos até uma casa de plástico colorida, no fundo de uma das salas da brinquedoteca.

Figura 86 - Capa do filme Frozen: Uma Aventura Congelante



Fonte: <http://dvdslist.com.br/frozen-uma-aventura-congelante/>

Ao chegarmos à casa de brinquedo, ela soltou minha mão e direcionou-se para a lateral da casa. Afastei-me e fiquei a observá-la sentada sobre um tatame de EVA. Malmequer me procurou através de seu olhar. Ao me localizar, colocou o dedo indicador na frente do rosto como se pedisse silêncio e me falou:

- Xiiiiii! Eu vou fazer minha casa!

Ela estava de pé, e por alguns distantes observou a casa e ficou em silêncio. Em seguida, foi até a uma bancada com martelos e ferramentas e os pegou, colocando-os dentro de uma caixa. Com passos rápidos, dirigiu-se novamente para a lateral da casa. De vez em quando procurava meu olhar. Abaixou-se e pegou na caixa com ferramentas um martelo de plástico e bateu com força, várias vezes na casa expressando seus sentimentos, em sincronia com sua fala:

- Vou bater aqui! E aqui também! Vou bater mais um aqui!

Juntando as pontas dos dedos, ela segurava pregos imaginários e ludicamente dava anteder como se fosse seu desejo por segurança. Deu a volta em toda a casa e novamente, bateu com o martelo em vários lugares e após bater, sacudiu a casa para ter a certeza de que nada estava errado. Respirou fundo e falou:

- Agora sim! Ninguém vai entrar na minha casa!

Malmequer aparentava agora, estar livre de um medo que de alguma forma a aprisionava. Assim, após sentir-se segura, dirigiu-se ao interior da casa de plástico, que possuía em sua parte interna vários ambientes com adesivos que imitam espaços de uma casa de verdade. Logo em seguida, saiu da casa e inspirou fundo de maneira que era perceptível observar seu peito estufar com o ar. Calmamente, ela deslocou-se até o piano de brinquedo que estava localizado do outro lado da sala. Seu olhar, através de passos lentos, por um pequeno momento, permaneceu em sua casa. Eu estava ali, porém ela não permitia uma abertura para minha aproximação. Quando ela percebia meu movimento, esticava o braço dando o comando de “pare”.

Puxou o pequeno banco do piano, sentou-se, respirou fundo novamente e fixou seu olhar em direção à parede branca que estava a sua frente. Fechou seus olhos e ainda de olhos fechados começou a tocar uma melodia no piano. O som era forte, alto e desafinado. Ao abrir os olhos ela percebeu que estava só na sala. Malmequer levantou-se e para mim era visível ver o quanto ela estava apavorada, o fato de estar sozinha provocou naquela garotinha, o abandono, a falta de segurança. Ela saiu à procura de uma voluntária e não percebeu que eu estava do outro lado da sala, exatamente onde ela pediu para eu ficar. Ela retornou em seguida de mãos dadas com uma das voluntárias e pegou um bebê de brinquedo, um carrinho para carregá-lo e brincou de ser mãe desse bebê enquanto a voluntária ficava ao seu lado. Malmequer brincava:

- Cadê a chupeta? Vou procurar!

Mesmo sabendo que tinha alguém para brincar com ela, ela permaneceu só, não permitiu a voluntária na brincadeira. Malmequer parecia não desejar compartilhar sentimentos ali, apenas sentir-se segura com alguém por perto. A voluntária tentou novamente participar da brincadeira, porém não obteve êxito:

- *Malmequer nossa festa vai ser que horas?*

Malmequer recostou a boneca na lateral do carrinho de bebê, cobriu seu próprio rosto com suas mãos como se estivesse se escondendo. Aparentando nervosismo, ela respondeu para a voluntária que estava agachada:

- *Nenhuma! Hora nenhuma! Mudei a brincadeira!*

Em seguida, franziu a testa e se fechou em um mundo do qual só ela poderia participar, excluindo qualquer tipo de aproximação. Nesse momento percebíamos que aquela garotinha, naquele momento, vivia uma situação de extrema delicadeza, ela deseja ficar só e continuar brincando com a melhor companhia que poderia ter naquele dia, sua imaginação:

- *A chupeta e a cordinha, onde está?*

Malmequer colocou a bebê no carrinho e ao fazer isso, a chupeta caiu da boca da boneca. Ao se deparar com essa situação, colocou a mão na cintura, parou em frente à boneca lançando um olhar de quem estava muito agitada, insatisfeita e suspirou. Mais calma, voltou a empurrar o carrinho com a boneca que estava amarrada pela cintura, assim como os bebês e verdade, como medida de segurança, até a casa de plástico.

- *Olha! Chegamos em casa filha!*

Ela disse retirando a filha do carrinho e a tomando cuidadosamente em seus braços. Malmequer estava feliz. Com cuidado, ela abriu a porta da casa, entrou, colocou a boneca lá dentro e logo em seguida saiu cantando com os braços abertos a música da personagem do filme *Frozen*:

- *Let it go! Let it go!*

Sobre o piso de laminado colorido da brinquedoteca, deslizava com suas pantufas segurando a capa roxa de sua fantasia e continuou cantando:

- *Não importa a tempestade, nada vai me incomodar. Uuuuuuu!*

Voltou e entrou na casa de brinquedos pegando a filha no colo. A abraçou ofegante. A cada movimento de Malmequer, eu me arrastava para buscar uma aproximação visual de modo que ela não percebesse minha presença e minha interferência fosse

sentida o menos possível a fim de não afetar sua brincadeira/experiência. Dentro da casa apertada, ela agachava-se para brincar com a boneca. Ainda estava ofegante, não havia recuperado o fôlego depois de deslizar sobre o chão e cantar. Segurava a boneca em seus braços e a alimentava usando uma mamadeira de brinquedo que tinha do lado de dentro um líquido que imitava o leite de verdade. Assim que terminou de alimentar a “filha”, ela pegou a boneca e a sentou em uma cadeira. Com uma das mãos tocou o braço da boneca e falou:

- *Papai está viajando. Mamãe está aqui filha. Na nossa casa filha. Não se preocupe, mamãe vai cuidar de você e de nossa casa!*

Continuou a brincadeira e suas ações eram reforçadas através de seus pensamentos altos, restringindo suas ações apenas a seu mundo.

- *Depois vou guardar o carrinho dela aqui dentro.*

Voltou-se em direção a boneca e em um ato de impulsividade, gritou em tom de voz enfurecida:

- *Kelly do céu, você está me tirando do sério! Para de chororô! Você é um adulto, tem 11 anos!*

Continuou sentada com a boneca em seu colo. Observei que sua expressão era de tristeza e seu corpo curvava-se para baixo como se algo muito pesado a impedisse de levantar-se. Por um instante se esticou, alongando seu corpo, e deu um longo e estremecido suspiro, continuando a brincar:

- *Uém, uém!*

Ao observar a cena, eu percebia naquele gesto de chorar feito por ela como algo que para ela significasse um intenso sofrimento. Seu corpo estava trêmulo e fiquei me indagando como uma garotinha de apenas 5 anos tinha tamanha consciência do mundo dos adultos, da criação dos filhos e das emoções que envolvem sofrimentos de alegrias de pais e de filhos. E como num impulso com uma última tentativa de corrigir a boneca em suas falhas, ela gritou:

- *Você, 11anos e ainda chupando chupeta? Você não é bebê!*

Com as duas mãos ergueu a boneca para o alto e a observou. Mordendo os lábios ela posicionou a boneca ao seu lado. Aproximei-me da janela para ver o que

acontecendo no lado de dentro da casa e nesse momento, Malmequer apanhou a boneca e com uma das mãos lançou o brinquedo com força na lateral da casa. Logo em seguida, levantou-se e saiu da casa segurando as pontas de seu vestido a cantar:

- *Let it go! Let it go!*

Outra garotinha também estava na brinquedoteca, Anis, todos a chamam de Anis. Ela tem 2 anos e estava usando um vestido vermelho de veludo, era naquela tarde, uma bela fantasia de bailarina. Sua mãe a deixou com AR para ir para as atividades na casa de apoio, e a pequena Anis, como é chamada por todos ao perceber a falta da mãe em um tom de choro, perguntou:

- *Tia onde está minha mãe?*

AR com Anis que segurava em uma de suas pernas, respondeu:

- *Foi ao banheiro. Sua mamãe foi ao banheiro.*

Anis olhando para cima, em direção ao rosto de AR, tristemente falou:

- *Quero fazer xixi.*

Nesse momento as voluntárias que estavam presentes, tentaram chamar atenção dela mostrando através dos janelões de vidro, as nuvens do céu e os desenhos que elas formavam. Apontando para as nuvens e falando para ela:

- *Olha Anis, é um elefante! Olha aquela outra nuvem ali, parece um coração! Que lindo! Você está vendo?*

Anis, estava no colo de uma das voluntárias para poder avistar os desenhos nas nuvens no céu. Sua mão tocava o janelão de vidro como se quisesse alcançar o grande coração de nuvens formado no céu, como se fosse um presente da natureza em uma tarde ensolarada. O encantamento tomou conta do lugar e nesse percurso, entreteu-se e esqueceu que a mãe havia saído.

Após o lanche. Fui recebida por Gerânio, um garoto de 4 anos que ao me ver chegar, gritou:

- *Tia! Que bom que você veio!*

Ele me recebeu correndo em minha direção e agarrando minhas pernas como se tomasse para ele o meu ser. Com firmeza e seriedade, olhou para mim com a cabeça voltada para o alto e me deu boas vindas seguida de um forte abraço. Soltou-me e saiu correndo brinquedoteca adentro e eu o perdi de vista.

Na sala de recreação, destinada a crianças acima de 10 anos, estavam Girassol e Crisântemo, cada um sentado em uma cadeira em frente a um computador. Observei que Girassol jogava sinuca no vídeo game X-box 360 e Crisântemo assistia uma série de vídeos no youtube: *Os melhores memes, tente não rir*. Eles perceberam minha presença e Girassol timidamente falou:

- Quer jogar?

Respondi que no momento não podia, pois estava estudando, fazendo minhas anotações. Ele sorriu e voltou sua atenção para a tela do computador, resolvendo desligá-lo. Levantou-se e foi ao encontro de Crisântemo que estava na mesa ao lado, dando gargalhadas ao assistir os vídeos do youtube. A conexão com o mundo exterior é algo que acontece, mesmo nesse período em que esses jovens estão em tratamento oncológico. A internet, o youtube, os jogos virtuais são algumas das possibilidades e dispositivos que o espaço da brinquedoteca disponibiliza como uma de suas atividades.

Crisântemo e Girassol compartilhavam ali, naquele espaço, não apenas experiências, superações e dores. Eles dividiam um espaço e um equipamento que de alguma maneira os mantinha em uma conexão em tempo real com mundo lá fora. Mundo este, que ao meu olhar era muito importante para eles, devido ao tempo que ficavam nessas máquinas. Esses dois garotos vivenciavam possibilidades, estão juntos na maior parte do tempo na brinquedoteca e mesmo com a diferença de idade, se entendem. Duas cadeiras, um fone de ouvido, dois garotos e a leucemia!

Estou ali sentada, a observar e descrever e somente a partir da suspensão de juízo (epoché) me torno sensível para tal labor. Girassol, sentado ao lado de Crisântemo, retirou o fone de ouvido e tentou puxar conversa com Crisântemo que estava calado e quieto:

**-Você já assistiu os vídeos de um homem que imita um monte de animal?
Sinistro o som que ele faz!**

Crisântemo respondeu que não, sinalizando negativamente com a cabeça. Girassol, no entanto, parecia esforçar-se para não ver o amigo tão triste. Ele digitava na barra de ferramentas do computador palavras que o ajudasse a encontrar o vídeo que desejava. Suas muitas tentativas foram em vão, além de não localizar, seu amigo Crisântemo, naquela tarde, não aparentava estar disposto tanto fisicamente quanto emocionalmente. E mesmo assim, Girassol em uma atitude de cuidado, demonstrava conhecer na carne que estar só, muitas vezes não é o suficiente. Ele insistia:

- Muito difícil fazer esse som! Esse cara que te falei é muito bom! Precisamos encontrar esse vídeo! Mas vamos vendo esse aqui por enquanto!

O amigo acenou com a cabeça concordando, mordeu os lábios, virou seu rosto e timidamente sorriu para o amigo, continuando a assistir os vídeos em silêncio.

“Ver é entrar em um universo de seres que se *mostram*, e eles não se mostrariam se não pudessem estar escondidos uns atrás dos outros ou atrás de mim” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.105). A realidade vivida por cada uma dessas crianças e adolescentes é algo percebida e sentida através de seus corpos. O brinquedo e a brincadeira, rotas de fuga, mecanismos de defesa num processo de subjetividade onde o ser em sua essência resignifica sua dor, através de agressividade ou de silêncio como sofrimento retido. Percepções a partir de experiências corporificadas, sentidas na carne e significadas a partir de emoções que rompem barreiras. Experiências tais quais, que se mostram através de um corpo que treme quando sente medo do abandono, que agride sem querer através do silenciar-se, que sorri e que se cala a sua maneira. Sobre o amparo do outro, mesmo que revelado a partir de um brinquedo, em hipótese nenhuma, a realidade passaria despercebida.

17 h. Hora de partir.

5.10 IX ENCONTRO: DEPOIS DO HOSPITAL TEM BRINQUEDOTECA-
14/06/2018

*Lisianto: 12 anos
Acácia: 10 anos
Anis: 2 anos*

Gerânio: 4 anos

Cheguei às 14h. Hoje o dia está mais frio do que de costume. Sentei-me no tablado, sobre o palco da brinquedoteca, em um canto para observar e produzir dados para minha pesquisa. Pelo janelão de vidro a luz do sol entrava e aquecia minha perna. Enfeites, muitos enfeites! Hoje é o primeiro dia da Copa do Mundo 2018 e as crianças e os voluntários estavam em um movimento intenso, enfeitando as três salas que constituem a brinquedoteca.

A Anis, em companhia da mãe, chegou à brinquedoteca de banho tomado, perfumada, cabelo molhado e penteado para trás, usava um short jeans e uma camisa amarela.

Alguns voluntários estavam presentes no local e Anis abraçou um a um. Ajoelhei-me para receber seu abraço e nesse momento senti de perto o perfume daquela garotinha. Um cheiro de carinho de mãe misturado em uma colônia infantil. Anis falou em um tom de voz baixo e timidamente sorriu:

-Olha eu aqui!

A mãe dela achou engraçado ao presenciar e escutar a filha falando comigo e me contou:

-Desde cedo eu estou dizendo para ela que ela vai vir para a brinquedoteca. A manhã toda fiz isso lá no hospital. Ela pede para vir para cá. Vejo minha filha lá, daquele jeito, no hospital e ela pergunta. Eu não sei como ela consegue ainda pensar. Mas ela pergunta quando vem para cá brincar. Que bom que ela está aqui. É difícil imaginar que depois de tudo as crianças ainda querem brincar. Vou deixar ela aqui. Se precisar é só me chamar, AR sabe como me chamar.

A mãe de Anis a deixou na brinquedoteca ao perceber que sua mãe não estava mais presente, ela caminhou até uma voluntária e com uma das mãos a tocou no braço. A voluntária ficou de joelhos, e olhando para Anis, perguntou:

-Vamos brincar Anis? Você quer brincar de que hoje?

A pequena garota estendeu a mão e de mãos dadas, caminharam até a casa de madeira para brincarem de boneca.

Eis que um garoto entra na brinquedoteca gritando em tom de comemoração:

- Brasil! Brasil!

Acácia, ele tem dez anos e ao ver a movimentação que acontecia devido às atividades de decoração no local, gritou rompendo com o silêncio. Por ali mesmo ficou, sentou-se em uma cadeira e pediu para ajudar a recortar as bandeiras que seriam usadas para decorar o espaço. O ar condicionado estava ligado e o ar que saía balançava as fitinhas de plástico nas cores verde e amarelo presas em uma corda de barbante, que imitavam vários varais atravessando pelo alto de toda a brinquedoteca. A alegria, o movimento, o som, o perfume da Anis foram tomando conta daquele lugar num ímpeto de comemoração e alegria de festa.

Mais uma criança chegou. Agora, Lisianto, um garoto de doze anos, com a cabeça raspada e um boné na cabeça, estava vestindo um bermudão estampado, camisa regata. Entrou sem tirar o chinelo e sem higienizar as mãos com álcool em gel e foi direto para a mesa de totó. AR o alertou sobre os procedimentos de segurança e ele respondeu:

- Vixe! Já volto! Eu até esqueci. Estou desde cedo querendo vir para cá para me divertir um pouco. Eu vou jogar muito hoje!

Arrastando o chinelo, caminhou até a entrada da brinquedoteca e após cumprir com os procedimentos de segurança, retornou. Tirou o boné, colocando-o sobre a lateral da mesa de totó e começou a partida.

Acácia que jogava com ele, chamou sua atenção, pois o amigo estava jogando com muita agressividade e as bolas caíam no chão. As bolas de totó são pequenas, porém são pesadas e podem machucar se acertar em alguém. Lisianto tentou justificar sua conduta ao amigo e falou:

- Sabe. Hoje eu quero muito jogar. Acho que é por isso que eu estou assim, tão rápido. Você sabe como a gente fica feliz quando a gente está aqui e não no hospital. Acho que é isso. Desculpa.

Eu estava ali por perto, observando o movimento. Foi quando escutei uma voz de criança chamar por meu nome:

- Tia Ana, vem cá! Estuda aqui perto de mim! Estou aqui tem um tempão te olhando! Hoje você pode ficar só comigo tia? Estuda aqui pertinho de mim!

Eu estava curiosa e procurei de onde vinha o som, a voz a me chamar. Avistei Gerânio, um garoto de quatro anos que estava dentro da casa rosa de madeira, com o rosto apoiado. Fui até ele, me agachei e o abracei. Observei que do lado de dentro da casa tinha muitas bonecas Barbie e bonecos Ken, acredito ter uns cinquenta ou mais. Eu sorri e me sentei próximo a ele, que continuou a brincar.

- Aqui. Médico. Filha. Pai.

Aproximei em uma tentativa de alcançar uma boneca na prateleira porem ele falou:

-Não. Você só vai olhar. Eu vou brincar. Fique só vendo e pode estudar se você quiser.

Ele continuou enfileirando os bonecos. Sentado do lado de dentro da casa, esticou seu tronco a fim de me avistar e falou:

- O médico vai casar com ela.

Em uma das mãos, segurava uma boneca Barbie que estava vestida com uma saia longa cor de rosa e uma blusa prateada. E na outra mão segurava com força o boneco Ken, que estava vestido com uma calça cinza e um terno azul. Voltou-se para a entrada da casa, puxou as portas de madeira, e me falou:

- Agora você fica lá fora tá bom?

Respondi:

- Você quer que eu saia da casa?

Me dando as costas, diretamente em sua resposta, me respondeu:

-Sim.

Fechando-se em mundo que ali, naquele momento, pertencia só a ele. Falando alto, continuou a brincar.

- Óh moço, quer casar comigo? Casa com minha filha doutor!

Abriu a janela da casa e alegremente falou:

- *Que dia maravilhoso!*

Ele saiu da casa de madeira ajoelho para poder passar pela pequena porta, e dirigindo-se para o outro lado da sala, levou consigo, uma boneca Barbie e um boneco Ken. No trajeto escolhido por ele, parou em frente a vários carros. Examinou um a um e por fim escolheu um carro de bombeiros, colocando a boneca em cima e abandonando o boneco Ken na prateleira de carrinhos. Falava:

- *A menininha é a motorista? É o carro de bombeiros? Não! Não! Não! É o carro do doutor!*

Caminhava e segurava o carro de bombeiros com a motorista e brincava com eles como se fosse um avião, movimentando-os no ar. Voltou-se novamente para a prateleira de carrinhos e pegou uma ambulância, deixando para trás o carro de bombeiros. Por alguns segundos ficou parado em frente à prateleira e olhou para cima, onde havia diversos bonecos. Estendeu o braço e alcançou um pequeno boneco de plástico e imediatamente colocou o boneco dentro a ambulância e saiu a brincar pela sala da brinquedoteca. Gerânio imitava o barulho de sirene e em sua brincadeira também fazia o doutor dirigir a ambulância. Não era apenas uma ambulância que atravessava a sala, mas o som através da voz do pequeno Gerânio. Ele respirava fundo enchendo o peito de ar e falava alto dando voz de comando:

- *Acelera doutor! Rápido doutor!*

Percorreu um trajeto decido por ele até chegar ao tatame colorido feito de EVA, sentando-se e mais uma vez abandonado os brinquedos que estavam com ele. Observou seu entorno e ofegante levantou-se para pegar o lava jato que estava na prateleira. Por alguns segundos ficou quieto, em silêncio a observar e escolheu alguns personagens que estavam em uma prateleira. Entre eles: um pequeno cão astronauta e um caminhão azul. Gerânio colocou o animal dentro do caminhão azul e em seguida o empurrou. Ao perceber que o brinquedo não estava funcionando direito, reclamou:

- *Alguém estragou! O vilão estragou!*

Ele parecia estar eufórico com a possibilidade de poder brincar com tantos brinquedos diferentes que estavam ao seu redor. Alguns brinquedos estavam no chão, pois outras crianças brincaram ali antes dele e ainda não tinham sido

guardados no lugar. Aproximou-se de um pequeno boneco, o tomou para si através de um abraço e falou:

- *Eu vim te buscar! Filhinho vem embora!*

Desviando o corpo em direção a outros brinquedos que estavam espalhados perto do tatame de EVA, alcançou e apanhou uma Ferrari vermelha e uma boneca bem pequena e a colocou dentro do carro. Ajoelhou-se e saiu empurrando o carro até chegar ao outro lado da sala. Em um monólogo expressava através da linguagem oral, o seu brincar:

- *Filhinha, filhinha, vamos!*

Ao chegar, ao outro lado da sala, uma caminhonete preta, cheia de botões chamou a atenção de Gerânio. Sua curiosidade o levou a apertar um botão fazendo luzes acenderem e um som de buzina ser emitido. Ele caiu na gargalhada, imitando o brinquedo:

- *Bi, bi, bi! Que lindo! Que legal isso aqui!*

A partir desse momento, em plenitude, deitou-se no chão de bruços e abriu os braços; rolou; se arrastou e encostou sua face no chão colorido e gelado. Com sua mão direita ele acariciava o chão e por alguns instantes seu olhar permaneceu ali, em suas mãos. O silenciar, o desacalmar, o desacelerar, envolvidos em um movimento de percepção de si através da ludicidade. Levantou-se e voltou para a casa de madeira cor de rosa, sem levar nada nas mãos.

- *Você não vai entrar?*

Ele disse para si mesmo. Entrou sorrindo, achando graça em suas palavras. Cada gesto de Gerânio era percebido através da potência do seu corpo, desde a respiração ofegante, as expressões faciais, através do morder dos lábios, do franzir da testa, do ranger dos dentes, da leveza e a agressividade de seu toque. Agachado, dobrou as pernas para dentro em uma daquelas posições que o corpo de uma criança de quatro anos tem facilidades em ficar, e começou um novo monólogo procurando novos objetos que pudessem dar asas a sua imaginação:

- *Papai cadê você? Filhinha, filhinha! Já vou filhinha!*

Sentado próximo a porta, esticou o braço em um movimento de esforço em direção ao lado de fora da casinha de madeira, apanhando um helicóptero e um avião que estavam do lado de fora. Ao sair da casa de bonecas, falou:

- Agora é hora de voar! Papai sabe dirigir um helicóptero! Decolar!

Saiu da casa de madeira e andou pela sala e com as duas mãos segurou firmemente o helicóptero azul e brincando, o fez voar. Com seu olhar direcionado para cima, observava os bonecos abaixo de seu campo visual e plainava, deslizava, dava rasantes sobre os brinquedos enchendo o peito de ar e soltando sons de motores que aceleravam como se estivesse ultrapassando barreiras entre o céu e a terra.

Seu ponto de chegada foi o palco e sobre o palco estava um brinquedo, o Castelo do Batman. Subiu ao palco foi o centro de nossas atenções. O palco é um lugar para se representar algo, ele aparentemente desejava ser admirado.

Figura 97 - Castelo do Batman



Fonte: acervo da pesquisadora

Eu estava sentada, fazendo minhas anotações quando escutei uma canção tocando no rádio que estava ligado. A canção que tocava era *High*, da banda Lighthouse Family. Conhecia essa canção e me sensibilizei ao escutá-la ali. Ele ao perceber que eu estava pensativa, aproximou-se de mim e perguntou se eu entendia:

- Tia você entende o que estão cantando? Eles falam em outra língua!

Respondi:

- Sim, na verdade mais ou menos, mas eu conheço essa música há muito tempo, eu estudei na escola quando eu era jovem.

Ele sorriu como se estivesse achando engraçado e dançou sobre o palco ao som da melodia:

When you're close to tears remember
Someday it'll all be over
One day we're gonna get so high
Though it's darker than December
What's ahead is a different colour
One day we're gonna get so high
[...]

Quando você estiver à beira das lágrimas se lembre
Que um dia isso tudo vai passar
Um dia vamos chegar bem lá no alto
Embora esteja mais escuro do que em dezembro
O que está adiante é de uma cor diferente
Um dia vamos chegar bem lá no alto
[...] (LIGHTHOUSE FAMILY)

- O que está acontecendo?

Ele perguntou para si mesmo. Retirou uma boneca de dentro do helicóptero e a colocou dentro do elevador do Castelo do Batman e com uma das mãos rodou a manivela do elevador até a boneca chegar ao lugar mais alto, o topo do castelo. Olhou para os lados e quando se percebeu brincando sozinho, sem ninguém mais no mesmo espaço que ele, pois Acácia e Lisianto tinham ido para a classe hospitalar e Anis estava assistindo desenho na companhia de uma voluntária. Ele saiu correndo em direção a uma voluntária para chamá-la para brincar com ele. Ao aproximar-se viu que outra voluntária estava segurando medalhas. Ele correu em direção a ela, e gritou:

- Eu quero! Me dá uma dessas!

A voluntária aproximou-se dele, abaixou-se e colocou a medalha no pescoço dele e ele com a mão fechada bateu no próprio peito. Virou-se em minha direção e falou:

- Olha! Olha aqui! Eu sou um campeão! Você não está vendo?

Sorriu e voltou para a brincadeira sozinho. Sua felicidade era tamanha, a ponto de vez em quando parar de brincar para abraçar a medalha.

“Representar é situar-se por um momento em uma situação imaginária, é divertir-se em mudar de “meio”. [...]” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.189). Subjetividades

construídas a partir do contato com o brinquedo em um processo de tratamento de câncer e dor. Anis, uma garotinha que teve uma manhã difícil no hospital, durante o tratamento oncológico, porém saber que depois de tudo ela teria como recompensa num acordo com sua mãe, o brincar, a fortalecia. Gerânio, um garoto que apresentava uma pressa em cumprir rituais sociais, cuidar, Sr pai, socorrer. O ser criança enquanto sujeito de percepção está no mundo e no mundo se constitui, mas não podemos negar que estar ali era muito mais que uma adaptação meio. Um corpo fenomenal num devir ser criança através de uma abertura ao mundo imaginário. Corporeidade e experiência vividas em busca de uma percepção que fosse sentida do alto, plainando, voando... Subindo ao “meio”, ao pódio da vida, da existência, do ser no mundo e com o mundo!

17 h Hora de partir.

5.11 X ENCONTRO: AZALÉA SENTE SAUDADE DE CASA -15/06/2018

Azaléa:12 anos
Oleandro:11 anos

Recebi um convite feito por Luciene, para participar de uma reunião com os voluntários que aconteceria hoje na ACACCI. Após a reunião, eu e AR retornamos para a brinquedoteca.

Ao abrir a porta o que vi me fez sorrir por inteiro. Duas crianças estavam sentadas na mesa de atividades, Azaléa, doze anos, fazia atividades manuais. Essa foi a primeira vez que vi uma criança usando máscara dentro da brinquedoteca da ACACCI. Às vezes essas crianças estão tão fragilizadas que não tem força física para levantar-se da cama. Ambas estavam com a professora da classe hospitalar, que substituiu AR durante a reunião. Como brinquedista, eu defendo a ideia que o brincar é para todos e a criança mesmo impossibilitada de ir até a brinquedoteca, tem o direito a ter acesso ao brincar. Tanto que, em muitos hospitais existem brinquedotecas móveis que circulam pelas UTIs e pelas áreas de prevenção de contato. Rapidamente fiz os procedimentos de segurança e entrei. Eu estava curiosa e feliz. Falei com um sorriso que não cabia em meu rosto:

– Boa tarde. Sou a Ana Karyne.

Azaléa usava um vestido e sobre ele um casaco curto feito de linha rosa Pink. Estava sentada no fundo da sala em uma das cadeiras da mesa de crianças. Sobre a mesa muitos lápis de cor, tintas a base de água e algumas atividades de colorir. Azaléa estava segurando com uma das mãos um lápis de cor azul e coloria um desenho de uma boneca com estampas em patchwork. Ao perceber que eu estava ao seu lado, parou de colorir. Olhou para mim e pude ver através da máscara que cobria seu rosto que ela sorria. Respondeu-me:

- Boa tarde. Sabe de uma coisa? Eu vou para casa hoje. Vou ver minha sobrinha, não vejo a hora de estar em casa. Gosto muito de vir aqui, sabe. Aqui nessa brinquedoteca. Mas estou muitos dias longe de casa, estava no hospital. Vim de lá e vou para casa. Quero muito ir para casa e ver minha sobrinha que tem poucos meses de vida.

Oleandro, 11 anos, também estava lá. Eu ainda não conhecia. Ele estava lendo um livro sobre dinossauros. Quando entramos ele olhou para ÁGUA, fechou o livro e parou a leitura, dando a entender que agora que AR estava de volta, ele não precisava mais estudar e convidou Azaléa para jogar totó. Ela respondeu timidamente continuando a colorir seu desenho:

- Eu iria, mas não sei. Iria mesmo viu?

Vendo a situação, AR perguntou a Oleandro se ela poderia substituir a colega e ele disse que sim. Saíram em direção à mesa de totó e foram jogar e eu fiquei ali, sentada ao lado de Azaléa que logo puxou assunto:

-Oi. Você gosta de bebês? Você tem filhos?

Respondi que sim, que eu tinha um filho de quase 10 anos. Azaléa interrompeu minha fala, disse:

-Sabe Ana. Posso falar só o Ana, né? Eu gosto muito de bebês, mas amo muito minha sobrinha e toda vez que eu fico longe de casa sinto saudade dela. Fico torcendo para voltar logo para casa. Ela tem 11 meses e eu fiquei até hoje muito pouco com ela, pois fico muito aqui em Vitória. Você entende né? Por isso que estou tão feliz hoje. Mas eu também fico feliz quando venho aqui na brinquedoteca.

Azaléa demonstrava essa felicidade não apenas na sua fala. Ela estava fazendo uma atividade de colorir, e seu desenho tinha muitas cores alegres, além de flores, nuvens, traços que davam a entender que eram pássaros voando próximo aos raios do sol em cor amarelo ouro. Observei no desenho dela, bem no final da página, o desenho de dois corações, feitos com canetinha hidrocor vermelha e tudo isso a partir de sua criatividade, como expressão do seu ser. Um ser que demonstra amar e sentir a falta do lar, dos amigos, da sobrinha e estar junto novamente era algo que renovava suas forças.

Eu perguntei:

-Azaléa você vai levar esse desenho para casa?

Ela com um brilho no olhar, respondeu-me:

-Vou levar para a minha sobrinha. Esse coração aqui sou eu, e esse aqui é ela. E o sol é porque tem muita luz no dia de hoje, estou feliz. Sinto falta da minha casa, da minha família, dos meus amigos, mas muito da minha sobrinha. Entendeu? Agora preciso terminar, senão não vai dar tempo. Aqui já vai fechar.

A sexta-feira é um dia calmo, com pouca movimentação na brinquedoteca e hoje não foi diferente. AR comentou comigo que Acácia e Lisianto antes de irem para a classe hospitalar passaram por lá e deram um “oi tia” e perguntaram por mim. Tem dias que eles não querem estudar e enrolam até chegar ao destino final, que é a sala da classe. Assim como em sua rotina fora do tratamento, também tem dias que não desejam ir para a escola e não é porque estão em tratamento que deixam de serem crianças. São muito espertos! A vida é um ciclo, constituídos a partir de movimentos, de desejos de estar, de ser, de mudar, de ficar, de seguir!

“O papel do corpo é assegurar essa metamorfose. [...] Se o corpo pode simbolizar a existência, é porque a realiza e porque é sua atualidade” (p. 227). O que dizer de Azaléa? Corporeidade, percepção e experiências sentidas em um corpo que deseja ser. Ser no mundo e ser com o mundo e com o outro!

17 h Hora de partir.

5.12 XI ENCONTRO: SOU EU! SOU O FLAMBOYANT! - 26/06/2018

Rosa Amarela: 5 anos

Girassol 10 anos

Flamboyant: 10 anos

Narciso: 5 anos

Lisianto: 12 anos

Camélia: 17 anos

Cheguei às 13h52 min. Estive uma semana ausente da ACACCI por conta de uma viagem programada ao Rio de Janeiro e hoje ao retornar, fui recebida com muitos abraços. Abri a porta e quando entrei, Narciso correu em minha direção, agarrou em minhas pernas e quase me derrubou com seu abraço apertado. Com passos curtos caminhei até a lateral do palco e me sentei. Narciso e uma voluntária estavam próximos a mim e brincavam com um gigante quebra cabeças da princesa Sophia⁵¹. Ele usava uma bermuda jeans, camisa social verde solta pelo lado de fora da bermuda. Parou de brincar, foi em minha direção e em tom confiante me disse:

- Tia, estou bonito? Meu pai que me arrumou assim hoje! Estou igual a um homem de verdade. Me olha aqui direito!

Narciso é uma das poucas crianças que tem como acompanhante o pai, na verdade das 41 crianças que tive contato, apenas três tinham o responsável do sexo masculino. Ele brincava e algo o incomodava, estava inquieto com a camisa e reclamou:

- Camisa chata! Tá apertando meu pescoço!

Puxava a camisa na altura do colarinho enquanto caminhava em direção a prateleira que estava localizada no fundo do palco. Como se algo o sufocasse, ele nitidamente estava incomodado. Mesmo incomodado, provou diversas perucas e se divertia com isso. Percebi Narciso mais solto hoje, tinha um brilho diferente em sua face, estava alegre demais. Ele provou uma peruca moicana colorida, pegou um pequeno violão

⁵¹ Princesa Sophia: é uma série de desenho animado estadunidense computadorizada, produzida pelo Disney Junior e exibida desde 18 de novembro de 2012. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sofia_the_First

com uma das mãos e com a outra colocou no rosto um par de óculos verdes de plástico. Em seguida pegou um pandeiro de plástico, sorriu, gargalhou alto e gritou assustando as outras crianças:

- *Rocky and roll! Oh xente! Bora brincar minha gente!*

Foi a primeira vez que o vi sorrir. Com um sotaque nordestino arrastado em sua fala, ele levou todas as pessoas presentes na sala à risada e em seguida, ele saiu caminhando pela brinquedoteca a tocar um violãozinho e um pandeiro. Quando Narciso sorria era como se o mundo da fantasia do devir infantil sorrisse com ele. A alegria instaurada era algo que imanava em seu ser criança. Sua agitação, seus movimentos davam vida ao brincar e sua inquietude desvelava um ser que aparentava não parar. Às vezes AR tentava acalmá-lo, brincando com ele. Todavia, fazer uma coisa só, era algo que não acontecia. Pulsava o brincar, e o brincar pulsava através de um viver energeticamente. Narciso retornou ao palco, dirigiu-se a área de fantasias e escolheu para vestir uma saia rodada cor de rosa feita de tule, um tipo de tecido usado para confeccionar fantasias. Retirando a saia do cabide, murmurou:

- *Isso, isso. Pode ser essa aqui mesmo.*

Falou sozinho e sua imaginação transcendeu seu ser, ele deu vida aos seus pensamentos e saiu a cantarolar pela sala e pelo palco. Deslizando sobre o palco foi em minha direção, parou em minha frente me falou, dano a entender que desejava uma permissão:

- *Vou vestir tia! Espere para me ver vestido! Não sai daí não!*

Eu estava a observar cada passo de Narciso e confesso que estava feliz por ver no rosto dele um sorriso, sentido por mim como um sorriso sincero. Perguntei se ele precisava de ajuda e ele recusou. No entanto vestiu-se apressadamente, abaixando-se para entrar na saia de tule que aparentemente estava um pouco pequena para ele. Vestiu-se ali mesmo na minha frente, colocando a roupa por cima de sua bermuda. Após vestir saia, direcionou-se ao local das fantasias e falou:

- *Tia Ana, isso aqui parece um bazar!*

Fitei-o, ele franzira a testa, para dar a entender que não tinha entendido e, perguntei a ele:

- Parece, Narciso, Um bazar? Como assim? Não entendi.

Respondeu-me, colocando as mãos sobre a cabeça e batendo o pé sobre o piso de madeira do palco. Narciso tentava me convencer que estava certo, balançando a cabeça num sinal negativo como se não estivesse acreditando que e falou:

- Sim, porque estou vendo roupas, muitas roupas. Aff Maria! Não tá vendo não? Oh xente! Um bazar sim! Olha aqui, esse tanto de roupa. No bazar tem muita roupa igual isso aqui. Você estuda o tempo todo nesse caderninho e nem sabe o que é um bazar! Ox Xente! Acho que você não sabe mesmo então!

Em uma última tentativa esticou um dos braços e com as mãos apontou em direção as fantasias, tocando levemente uma por uma. Me deu as costas e caminhou pelo palco falando para as pessoas presentes:

- Sou a fada madrinha que manda aqui! Sem varinha de condão! Tá bom?

Mais uma vez parou na sessão fantasias e escolheu um vestido cor de rosa bordado com paetês. Contorcendo seu corpo, tirou a saia rosa que estava apertada, e vestiu uma nova fantasia em um movimento de subir e abaixar até o total ajuste do vestido em seu corpo. Antes de vestir as alças do vestido, arrancou a camisa social verde que tanto o incomodava, jogando-a sobre o palco. Estava livre, sem as roupas de adulto que tanto o incomodava. Agora era apenas uma criança e não um mini adulto. Deliciava-se em um movimento de liberdade, de gozo e de ruptura com objetos que aprisionavam seu corpo. E com as pessoas ali presentes, compartilhava sua alegria, desfilando um vestido de fada madrinha do mal com direito a peruca, coroa e agora, a uma varinha de condão. AR estava por perto e se ofereceu para ajudá-lo, arrumando a peruca que estava toda embaraçada.

Uma das voluntárias perguntou a Narciso:

- Quem é você?

Narciso respondeu dando gargalhadas e fazendo caretas, dava a entender que queria espantá-la:

- Sou a bruxa do mal!

Nesse clima de alegria diante do brincar, observei uma criança entrar na brinquedoteca. Acompanhado pela mãe Flamboyant, 10 anos, careca, deficiente físico, perna direita amputada na altura da coxa por consequência do câncer do tipo osteossarcoma. Ele entrou e deixou suas muletas encostadas na parede, sentou-se no palco, cruzou as pernas, passou as mãos no peito e olhou para sua camisa. Observei que usava uma camiseta regata vermelha com alguns personagens que são super-heróis, *Hulk*⁵² e *Homem de Ferro*⁵³. Sentado, arrastou-se até a ponta do palco e com as duas mãos apoiadas no chão, firmou seu corpo para levantar-se. Saiu pulando para a outra sala, enquanto suas muletas permaneciam encostadas no mesmo lugar que as deixou. Fiquei a observá-lo sentada em um canto do palco. Senti a necessidade de acompanhá-lo e sentada tentei da minha maneira, reproduzir os movimentos de Flamboyant, numa tentativa de me tornar o menos perceptível possível e estar no mesmo espaço que ele.

Flamboyant chamou AR para jogar o jogo *Cara a cara*, um jogo que tem como objetivo descrever as características dos personagens. Sentados nas cadeiras da mesa de crianças, começaram a jogar, porém ele estranhou o jogo e em tom de decepção, inclinou a cabeça para baixo e falou com ela:

- Tia AR esse cara a cara não é o cara a cara que eu quero! Não gostei não!

Ele inclinou o corpo em direção ao dela e se posicionou frontalmente, segurando firmemente na lateral da cadeira, repetiu com raiva:

- Não é esse que eu quero! Eu não quero jogar esse cara a cara! Não é igual ao meu, tia! Só sei igual ao eu! Não quero não! Desisti! Pode guardar!

Com a testa franzida e mordendo os lábios organizou o jogo guardando-o dentro da caixa. Quietamente e cabisbaixo ele colocou o dedo indicador dentro da boca, chupando-o. Flamboyant aparentava estranhar o diferente, não reconheceu o brinquedo, não é como o que ele tem pertencimento. O diferente o assusta e gera recusa. AR ao perceber a dificuldade dele apresentou o jogo para ele no intuito de mostrar que a versão que brincavam tinha suas qualidades, dentre elas emitia sons de comando.

⁵² Hulk: É um personagem de quadrinhos/banda desenhada do gênero *super-herói*, propriedade da Marvel Comics, editora pela qual as histórias do personagem são publicados desde sua criação, nos anos 1960. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hulk>

⁵³ Homem de Ferro: É um personagem fictício dos quadrinhos publicados pela Marvel Comics. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_de_Ferro

Ele sorriu e bastou ouvir o som de comando do brinquedo, algo novo para ele, para sua reação ser temporariamente positiva. Com o apoio das mãos, suspendeu o corpo para conseguir uma visão de cima para baixo em relação ao brinquedo que estava na mesa, observou, coçou a cabeça e falou:

- *Eu não entendi, eu não quero jogar! Tem jeito não! Eu já disse: desisti!*

Flamboyant desistiu de jogar convidou Narciso para brincar com ele.

- *Olha aqui Narciso. Eu cheguei. Podemos brincar agora!*

No entanto, Narciso o ignorava. Ser ignorado não o impediu de tentar de novo e Flamboyant foi atrás de Narciso. Sua limitação física não foi impedimento para ele circular pelas salas na tentativa de conseguir atenção do amigo, que respondeu:

- *Tá bom. Você quer brincar de quê?*

Com um sorriso no rosto, ele foi pulando até a estante de jogos e escolheu o jogo Banco Imobiliário e os dois se dirigiram rapidamente ao palco, sentaram e tentaram entrar em comum acordo sobre as regras da brincadeira. Flamboyant tomando a iniciativa a respeito da brincadeira, falou:

- *Eu vou jogar banco! Vou ser o banco. Fico com o dinheiro! Eu quero usar a peça azul e você quer qual cor?*

Narciso não aparentava estar envolvido. Sentado, ele observava ao seu redor e não prestava atenção no colega, tampouco no que Flamboyant estava dizendo.

- *É bom! Não quero não! Enjoei disso tudo aqui!*

Narciso que até então queria brincar, decidiu que não queria mais, deixando Flamboyant sozinho sobre o palco. Ainda sentado e com a perna cruzada, ele chamou AR para brincar, mas seu olhar estava voltado para Narciso e sua concentração era interrompida a todo o momento pelas atitudes do amigo que de certo modo, recusava brincar com ele. Flamboyant dividia seu olhar entre AR, o tabuleiro do jogo e os movimentos de Narciso, que corria de um lado para o outro.

Narciso resolveu se aproximar ao perceber que AR brincava com Flamboyant. Mais uma vez o colega aproximou-se dele, e em uma última tentativa de brincar com Narciso, ele se arrastou e foi em direção a um caixote com os pinos do Jogo de

boliche para brincar. Narciso ficou interessado e apanhou os pinos, arrumando-os lado a lado e disse:

- Vai! Joga logo!

Flamboyant conseguiu a atenção do amigo por alguns instantes. O banco imobiliário continuou sobre o palco, e Narciso ao avistar gritou:

- Oba. Isso aqui é grana!

Flamboyant gritou de onde estava e se direcionou para o palco, apanhando o jogo para si e colocando em seu colo. A expressão de sua face era de decepção, de angústia, de rejeição sentida em seu próprio ser, e com uma voz ofegante, ele falou:

- Você roubou, Narciso. Poxa né! Não quer brincar direito! Pegou o brinquedo? Tem que guardar de volta. Pode arrumar no lugar! Pode juntar esse dinheiro que você jogou para cima!

Nesse momento, uma voz de criança pequena, chamou a atenção de todos e Flamboyant o que estava fazendo para ver quem estava chegando. Era a Lavanda, a mascotinha de todos. Ele largou a caixa com o jogo sobre o palco, arrastou-se até a ponta do palco, pegou impulso para ficar de pé com a ajuda das mãos e foi ao encontro de Lavanda para abraçá-la e recebê-la:

- Oi Lavanda! Princesa linda!

Após abraçar Lavanda, retornou ao palco. Abaixou-se e deitou seu corpo no chão do palco, com a barriga para cima. Abrindo os braços e apanhando com as mãos o dinheiro que Narciso tinha espalhado sobre o palco e brincou com Lavanda colocando o dinheiro sobre sua barriga, falou:

- Eu estou rico! E agora? É a vez de quem jogar? Eu! É a minha vez!

Flamboyant estava ali brincando, e parecia divertir-se jogando o dinheiro para cima e rodopiando seu corpo no chão, sob o olhar atencioso de Lavanda. AR ao vê-lo rodopiar no chão, em um tom de preocupação disse:

- Cuidado Flamboyant! Cuidado para você não se machucar!

Ela foi a minha direção e me falou:

-Ana, observe o Flamboyant, por favor. Ele está sem nenhuma proteção na perna amputada e se rodopiar com força pode bater na lateral do palco e se machucar. Se eu ficar aqui olhando posso interferir com minha presença a atrapalhar sua pesquisa. Você pode observar isso para mim?

Balancei a cabeça em sinal positivo e nesse momento ele parou de rodopiar o corpo no chão e falou:

- Hoje meu irmão apanhou com força. Ele não queria fazer o dever de casa dele. Apanhou de chinelo e de correia e ficou todo marcado.

Após escutarmos sobre a surra de uma criança, o silêncio, por alguns segundos, tomou conta do lugar. AR dirigiu-se ao setor do serviço social para informar sobre a situação relatada por Flamboyant para que as assistentes sociais, incluindo TERRA, verificassem a veracidade do fato com o responsável. AR me contou que algumas falas são reais, outras vezes aumentadas e às vezes a criança foge da realidade para chamar atenção de alguma forma por isso a importância de antes de julgar, procurar saber a verdade de ambas as partes.

Em seguida, Narciso voltou a circular pela brinquedoteca, no entanto Flamboyant parecia incomodar-se com o fato de Narciso não ficar quieto em um lugar só:

- Poxa! Você está toda hora indo para lá! Não fica quieto em lugar nenhum! Fica sentado um pouco!

Eu estava sentada observando eles brincarem. Parecia-me que ali, Flamboyant, sentia em seu ser, a diferença física entre os dois e as possibilidades que o amigo tinha de movimentar-se o tempo inteiro. Sentia diante da expressão de sua fala embargada e de uma tristeza aparentemente expressada através de seu olhar. Arrastando seu corpo no chão, aproximou-se da voluntária mais próxima e perguntou:

- Você viu o portão vermelho? Um portão vermelho estragado? É lá que eu moro!

A voluntária olhou para Flamboyant, dando a entender que não estava compreendendo aquela fala, e diante disso respondeu:

- Não vi não. Mas onde você mora?

Ele, apoiando as mãos no palco, levantou-se e saiu pulando a procurar outros brinquedos que o interessasse e no percurso falava:

- Já te disse! Moro onde tem um portão vermelho! Ele está estragado! No portão vermelho estragado, é lá que eu moro!

E continuou a brincar, escolhendo um quebra cabeça e dirigindo-se ao palco. Colocou o brinquedo no chão do palco, o lugar mais alto da sala, e logo após sentou-se na beira do tablado. Com a cabeça baixa, falou alto:

- Quero brincar sozinho!

Ali permaneceu concentrado, cabisbaixo e sem querer conversar. Uma garotinha que estava na outra sala assistindo vídeos no *youtube* se aproximou dele. Violeta, 5 anos, cabeça raspada, em período de tratamento quimioterápico. Ela pediu para brincar com ele, porém foi ignorada. Flamboyant recusou a aproximação de Violeta puxando o brinquedo para próximo de si, e rapidamente levantou-se, pegou suas duas muletas, que em uma visão merleau-pontyana, diríamos, “a extensão de seu corpo” e dirigiu-se para a outra sala ao encontro de Narciso. Encostou as muletas na parede dirigiu-se para a cozinha e brinquedo para encontrar o amigo e no trajeto sentou-se no chão, pegou uma cadeira de plástico e a arrastou até chegar ao local.

Ainda nesse ambiente, um fogão, uma máquina registradora, uma cozinha com bancada para se alimentar. Flamboyant estava sentado na cadeira de plástico e Narciso em pé comandava a brincadeira, em tom ríspido falou:

- Não vou mais fazer isso com você não, viu? Faz o suco! Você é muito chato! Não faz nada!

Flamboyant, de alguma maneira sentia a rejeição, com os olhos cheios de lágrimas e a voz tremula ao falar, ele continuou a buscar a companhia de Narciso para brincar, sentado e diante de uma casa de bonecos:

- Prontinho, o suco está pronto! O banheiro é aqui tá?

Lisianto, um garoto de 12 anos e Girassol estavam jogando totó próximo a Flamboyant e Narciso e a conversa dos dois garotos chamou a atenção deles, de alguma forma pois interromperam o jogo para prestarem atenção. Eis que Narciso

joga o boneco que estava segurando no chão, como se seus olhos faiscassem de raiva, inquietamente e com a voz alterada respondeu:

- O banheiro é aqui na cozinha? Na cozinha, Flamboyant? Tá bom então eu não vou fazer isso com você não. Agora estou falando sério!

Dando as costas e dirigindo-se a uma máquina registradora de brinquedo que estava nas proximidades, mais uma vez Narciso saiu e deixou Flamboyant sozinho, que diante do abandono sentido, em mais uma tentativa de relacionar-se com o outro, extrapolou em suas emoções contidas até então.

Flamboyant avançou sobre o corpo de Narciso num impulso como se protestasse em sua defesa. Agarrou o colega pela camisa e o puxando pelo cabelo, tomou-o para perto de si. Demonstrava ali emoções sentidas à flor da pele em um corpo tensionado e agitado, corpo esse que apesar de suas limitações físicas, tinha forças para defender a si próprio e com uma voz firme e segura, face a face, falou:

-Não me trate assim! Nunca mais, viu?

Eu estava observando os dois, e quando avistei os dois brigando, de imediato gritei:

- Podem parar! E podem parar agora! Narciso peça desculpa para Flamboyant e Flamboyant peça desculpa para Narciso.

Narciso recusava-se a começar, a ser o primeiro. Rapidamente aproximou-se de mim e me disse:

- Foi ele que começou! Ele que peça desculpas primeiro!

Sem dar a chance de se explicarem, continuei:

- Quero que peçam desculpas! Não estou dizendo quem é o culpado! E nem quero saber quem foi! Narciso comece e depois é a vez de Flamboyant!

Narciso parecia desorientado com meu pedido, no entanto, atendeu-me. Logo depois, Flamboyant que estava com a respiração ofegante, pediu “desculpa” ao amigo e voltaram a brincar após Léo sugerir:

- Quer botar a casinha no chão?

Flamboyant estava de pé e permanecia com as mãos fechadas, dando a entender que estava se controlando para não agarrar de novo Narciso, caso se fosse rejeitado novamente e respondeu:

- Sim. Para a gente brincar melhor. No chão é melhor.

Os dois cordialmente se sentaram no chão e quando iam começar a brincar, foram chamados para o lanche.

Após o lanche o grupo participou de uma roda de contação de histórias, um projeto mensal de voluntárias da intuição. Após essa atividade cada criança escolheu um giz de cera e recebeu uma folha em branco. Foi solicitado a cada um dos participantes que fizessem um desenho. Flamboyant estava sentado próximo a mim. Ele inclinou seu corpo em minha direção e me mostrou o seu desenho⁵⁴.

Figura 28 - Desenho feito por Flamoyant



Fonte: Acero da pesquisadora.

- Olha o meu como ficou! Gostou? Achou bonito? Olha aqui!

Fitei-o e sorrindo respondi:

- Que bonito! Como você desenha bem!

⁵⁴ Desenho feito por Flamboyant: a partir dele apresentei com pesquisadores do Grupo de estudos e pesquisas em fenomenologia, educação e inclusão (GRUFEI) o artigo: O "DESENHO DE SI MESMO" NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O BRINQUEDO E O BRINCAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL SEGUNDO A CORPOREIDADE, EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO MERLEAU-PONTYANOS, recebendo o prêmio de 3º Lugar na categoria Melhor Trabalho Científico no I Congresso Internacional do Brincar-UERJ.

Ao escutar, Flamboyant aproximou-se mais para perto de mim, ficou de joelhos e me falou:

- Sei desenhar outras coisas! Roupas, casas. Vou desenhar para você! Você vai poder levar para sua casa! É para você de presente. Entendeu?

Agradei e permaneci sentada ao lado dele, aguardando meu presente. Aproximou-se para mais perto e de joelhos, se posicionou a minha frente. Usando suas duas mãos, ele me entregou cuidadosamente o papel com o desenho feito por ele com um giz de cera preto era um boneco. Em um gesto de carinho, de cuidado e respeito a sua arte e a si. Entregou-me e eu perguntei a ele:

- Vamos dar um nome para ele? Que tal?

Flamboyant apanhou rapidamente o desenho da minha mão, pegou um pedaço de giz de cera preto que estava próximo a ele e o observei escreve o nome Flamboyant. Sentado, levantou o olhar em minha direção e falou:

- Flamboyant!

Aproximou-se novamente e levemente tocou em meu braço e em seguida apontou para o papel soletrando calmamente:

- Flam-bo-yant! Sou eu tia! Não está vendo, sou eu?

Olhando para ele, respondi:

- Obrigada pelo presente. Gostei muito. Vou guardar com muito carinho!

E continuou a expressar a importância daquele desenho:

- Guarde mesmo viu? Lá na sua casa! Você vai lembrar sempre de mim agora!

Inclinou seu corpo em minha direção e me deu um abraço apertado. Senti ali, que nesse abraço ele selava nosso acordo, deixando comigo uma parte de si e levando consigo um pouco de mim. Apoiando-se no meu ombro, ficou de pé e seguiu para a outra sala da brinquedoteca falando assim:

- Tia Ana, agora quero recortar e colar! Vamos brincar de você ser minha professora? Temos pouco tempo, aqui já vai fechar!

Eu me levantei e fui até ele que me guardava sentado em uma mesa da brinquedoteca. Sobre a mesa, folhas de papel em branco, tinta à base de água, pinceis, cola branca, colas coloridas, guardanapos para limpeza e um copo de descartável com água para a limpeza dos pinceis. Puxei uma cadeira de criança, me sentei e logo recebi os comandos a respeito da brincadeira:

- *Você pega a cola, a tesoura, o papel, as coisas de escola tá? E eu vou recortar e colar.*

Flamboyant derramou cola sobre o papel e em seu braço e me chamou, sua expressão era de pânico:

- *Tia! Sujou! Me limpe! Por favor, me limpe logo!*

Respondi tentando acalmá-lo.

- *Calma Flamboyant, vou limpar você! É cola a base de água! Não se preocupe!*

Essas crianças sabem de suas fragilidades, de sua baixa imunidade e do risco do contato com certas substâncias, e ali ele externava suas emoções com um grito de “socorro”. Organizamos a mesa para a continuação das atividades, e fui até a uma bancada de materiais apanhando uma tesoura e revistas para colagens.

Rosa Amarela que também estava na brinquedoteca, pediu para participar da brincadeira de aluno e professor. Sentada de lado e com o corpo apoiado na mesa, ela esforçava-se para equilibra-se na cadeira. Rosa Amarela tem deficiência física de nascença, nos membros inferiores devido a esse fato, apresenta dificuldades em sentar e em equilibrar-se. Sentei-me em uma cadeira ao lado da sua a fim de ajudá-la se precisasse após observar que sua cadeira virava algumas vezes, fazendo-a cair. Imediatamente ela apoiava as mãos sobre a mesa, levantava-se e voltava a brincar.

AR foi ao nosso encontro avisando para Rosa Amarela que era hora dela ir embora, pois o ônibus da instituição tinha chegado, deixando Flamboyant chateado:

- *Poxa você vai embora? Vou ficar aqui sem ninguém para brincar comigo?*

Nesse momento, as roldanas barulhentas das portas de correr da entrada da brinquedoteca, anunciaram que alguém estava chegando. Meu olhar foi direcionado quase instantaneamente devido ao batom rosa nos lábios e o sorriso que entrava

pela porta através de uma adolescente. Camélia, uma jovem de dezessete anos que devido ao osteossarcoma tem a perna esquerda amputada na altura da virilha. Ela entrou usando duas muletas, brincos de pérola nas orelhas, olhos bem delineados, batom rosa combinando com a blusa, pulseira de couro no braço direito, bracelete de metal dourado no braço esquerdo e calça jeans de stretch, um material feito a partir de dois tipos de tecido, algodão e elastano, adaptada para a perna amputada. Sorridente ela dirigiu-se a janela de vidro para observar a construção do prédio no terreno ao lado da ACACCI. Encostou suas muletas na parede e puxou a confortável cadeira verde para sentar-se, acomodou-se e ligou o computador, começando a assistir um tutorial na internet que ensinava como fazer capinhas para celular. Seus olhos acompanhavam cada detalhe e rapidamente rolava o mouse para escolher novos vídeos. Ao perceber minha presença próxima a ela sorriu, como se estivesse me dando boas vindas, e me falou apontando para a imagem da tela do computador:

-Tenho várias dessas! Eu que faço!

Colocou um fone de ouvido e virou-se para o computador como se buscasse um momento de criação de uma artista, de uma artesã.

O que dizer sobre hoje? Como descrever a partir dos termos corporeidade, experiência e percepção? Flamboyant, o fenômeno Flamboyant, se abriu a partir de um desenho, se pontuando, se projetando por inteiro, sem as mutilações sofridas a partir do câncer. É perceptível observar o tamanho exagerado de suas mãos no desenho, são amplas e nos parecem procurar contatos sociais e interpessoais, em um mundo nem sempre cuidadoso e acolhedor. Procurou por uma companhia durante toda a tarde, e em cada negativa, uma nova tentativa até extrapolar-se em vias de fato. Pode-se dizer que o corpo é “a forma escondida do ser próprio” ou, reciprocamente, que a “existência pessoal é a retomada e a manifestação de um dado ser em situação” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 229). E o que dizer sobre Camélia? A sua existência se realiza através de seu corpo, corpo encarnado, num processo de percepção e experiências aonde o belo é permitido por ela em um processo de enfrentamento e superações. O perceber-se através do ato de maquiar-se, de enfeitar-se é muito mais que uma simples atitude. E (re)significar é muito mais que superar adversidades, é dar novos sentidos, é desejo de si, é viver!

17 h. Hora de partir.

5.13 XII ENCONTRO: SEMPRE HAVERÁ UMA COLOCAÇÃO PARA TODOS-
28/06/2018

Crisântemo: 14 anos
Girassol 10 anos
Lótus: 8 anos
Açafrão: 13 anos
Lavanda: 1 ano e 9 meses
Lírio: 17 anos
Camélia: 17 anos

Cheguei mais cedo, às 13h42min. Ao entrar na brinquedoteca, avistei um garoto deitado no chão do palco. Açafrão, um garoto de 13 anos, estava deitado e parecia-me bem à vontade. Ao me ver perguntou:

- *Você sabe jogar totó?*

Respondi que sabia pouco, mas sabia.

Ele espreguiçou seu corpo e levantou-se dizendo:

- *Então vem, vamos jogar? Eu te ensino!*

Caminhamos juntos até a mesa de totó. Sobre a mesa, encontrava-se um pequeno balde de plástico com as bolas do jogo e Açafrão colocou o balde ao seu lado e em seguida deu início a partida. Açafrão tinha dificuldade motora, seus movimentos eram lentos. Assim como sua fala, as frases ditas por ele não eram completas e a pronúncia era arrasada. Reparei que seu corpo era marcado por muitas cicatrizes, na lateral do pescoço, na parte de trás da cabeça, na face e vários hematomas pelos braços. Durante a partida, quando a bola ia para o lado direito, ele se virava por inteiro o mesmo lado da bola. Percebi sua dificuldade em utilizar o canhão do totó com a rapidez que era necessária para o jogo. Todas as vezes que tentava jogar utilizando as duas mãos, reclamava falando baixinho:

- *Muito difícil!*

Mesmo com toda a dificuldade, insistiu e conseguiu fazer o primeiro gol e em seguida fez vários. Vibrou experienciando naquele momento uma vitória externada em gestos que seu corpo possibilitava-o fazer:

- *Eu venci! Eu venci! Tia, eu venci!*

AR estava na entrada da sala e nos observava, aguardando terminarmos a partida para levá-lo para lanche. Ela o avisou que era hora de descer e ele não hesitou em falar:

- Vamos! Vamos para o lanche. Na volta quero ganhar mais tá?

Após o lanche, Lavanda chegou à brinquedoteca acompanhada pela mãe. Uma garotinha com menos de dois anos que falava pouco e se comunicava apontando o dedo indicador ou usando frases curtas. Ela estava usando uma blusa cheia de corações e isso a encantava. Ela brincava e orgulhosa apontava para a blusa mostrando o desenho de uma florzinha que aparecia em uma etiqueta. Seu cabelo caía em seu roto e isso aparentava a incomodar. Observei que por várias vezes ajeitou seu cabelo para trás, foi então que percebi que seu cabelo está em processo de alopecia⁵⁵, pois vi falhas em seu couro cabeludo. Calmamente dirigiu-se a um espaço da brinquedoteca que tinha várias bonecas. Tocou em uma a uma e escolheu uma boneca bem pequena, chamando uma voluntária para brincar. A partir desse momento, não aceitou presença de mais ninguém próximo a ela.

Fui para a sala de jogos, de recreação dos adolescentes. Açafrão estava sentado em uma confortável cadeira verde, em frente a uma mesa com um computador jogando vídeo game Xbox 360. Ele a me ver, disse:

- Senta aqui atrás de mim! Estude aqui! Olha o tanto de carro! Eu gosto de correr, mas com a Ferrari! Gosto do Felipe Massa porque ele corre na Ferrari, da fórmula 1 e é brasileiro!

Atendendo seu pedido, sentei-me próximo a ele e fixei meu olhar no monitor do computador. Nesse cenário virtual, acontecia uma corrida no Grand Prix na Austrália. Chovia muito, o céu estava escuro, sinal de tempestade. Açafrão segurava o controle do jogo com suas mãos e acelerava muito e jogava falando em voz alta dando a entender que queria me explicar o que estava acontecendo:

- Muita chuva! Agora está escuro! Perigoso demais! Nossa, vou ver se consigo chegar ao final da corrida!

Ele continuava a corrida e não desistia mesmo com promessa de temporal. Suas mãos seguravam firmemente o controle do Xbox 360 e com o polegar ele

⁵⁵ Alopecia: Também conhecida como alopecia, à queda de **cabelo** é uma das reações que podem ocorrer com alguns tipos de quimioterapias. Fonte: <https://www.hcancerbarretos.com.br>

manuseava rapidamente os botões. Seu olhar estava fixado na tela do computador, porém continuava a conversar comigo:

- Eu gosto de jogo de corrida! No jogo de corrida sempre haverá uma colocação para todos e uma hora você chega! Tem o primeiro e tem o último! Você dirige tia?

Eu respondi que sim e deixei-o continuar a falar:

- Tia, eu dirijo moto, a gente mora lá na roça! Dirijo trator lá na roça! Ela é muito bom! É muito diferente da cidade!

Continuei prestando atenção na tela do computador, Açafrão estava na 24ª posição, seu personagem era Felipe Massa, e foi desacelerando, pois chovia muito e o jogo indicava que ele precisava parar no pit stop. Ele aparentava estar empolgado e de repente em tom de irritação, falou:

- Já chega desse jogo! Você pensa que você é o melhor? Mas você é o pior! Isso é bom? É legal! Pode ser legal, eu faço a prova! Só isso!

Direcionei meu olhar para a tela do computador e vi que ele tinha ficado em último lugar. Açafrão procurou um novo jogo na pilha de DVD em cima da mesa do computador, escolheu o esporte ski na neve e começou a jogar escolhendo um competidor virtual para representá-lo.

Como esquiador, ele girou no ar e deslizou sobre a neve ao som de uma melodia que compunha o ambiente virtual, o envolvendo e ali, ele movimentava seu corpo de acordo as manobras e com o ritmo que escutava balançando seus pés, que estavam calçados com uma pantufa verde em formato de sapo.

Que corpo é esse que deseja viver emocionalmente? No esqui ele trilhava caminhos, superava avalanches, mas ele se permitia parar e recomeçar. Os desafios aumentavam e ele continuava ali, concentrado em busca da vitória.

Açafrão deixou o controle sobre a mesa e para respirou fundo. Nesse momento, foi possível vê-lo engolir a saliva e escutar o som de sua respiração. Tudo nele pulsava, pulsava vida! O jogo virtual é uma das possibilidades de percepção de corpo e de mundo. Açafrão demonstrava estar envolvido no clima lúdico do jogo. Ele vivenciou o estar no lugar do outro, o ser o outro, mesmo que o outro virtual. Caiu, levantou-se, imergiu na neve, se arrastou com dificuldades para andar por causa dos esquis e por fim, conseguiu voltar ao local de origem para ser resgatado pelo helicóptero.

- Cansei tia! Ufa, cansei!

Levantou-se e saiu me deixando sozinha em frente ao computador.

Fui ao encontro de AR e das crianças na outra sala. Escutei uma voz de criança me chamar, pude perceber sua agitação através de seu tom de voz:

- Tia Anaaaaa! Vamos brincar?

Lótus um garoto de oito anos me acolheu naquela tarde, e pegando em minha mão e me conduziu a um tatame de EVA colorido, e deu as coordenadas da brincadeira:

- Senta! Não, não senta não! Tem mesmo que deitar! Você é paciente! Deita que eu vou te examinar!

Seguindo as recomendações feitas por ele, deitei-me de costas com a barriga para cima e Lavanda que estava brincando de boneca com uma voluntária, se aproximou para participar da brincadeira. Mais que depressa ela pegou um termômetro levantou meu braço esquerdo e o colocou em minhas axilas dando a entender que estava aferindo minha temperatura para saber se eu estava com febre.

Lótus colocando o braço em sua frente, a interrompeu continuar brincando comigo. Dirigindo sua fala para mim, me falou:

- É sério! Muito sério! Você vai ter que operar! Farei uma cirurgia, vou te dar um remédio para você dormir! Vai ficar tudo bem!

Lavanda estava agachada sobre o tatame e com uma de suas mãos tocou levemente sobre minha testa e no meu braço. Aproximou-se de mim, me deu um beijo na testa e imitou o barulho do apito do termômetro, aproveitando para tirá-lo debaixo do meu braço:

- Pi, pi, pi.

Lótus continuou a brincadeira, ele era o médico e ela era a enfermeira, papéis agora, claramente definidos por ele:

- Olha só! Você já pode voltar para casa, mas antes vou te dar uma receita do que você vai comer! Arroz, macarrão, ou um, ou outro! Carne não! Nem pensar, só frango, ovo ou peixe! Agora vou te dar um remédio para você acordar direito! Enfermeira você já pode dar o remédio para ela!

Depois disso, Lótus segurou meu braço e abrindo a caixa de primeiros socorros de brinquedo, aplicou uma injeção em mim. Arregalei meus olhos para expressar que havia acordado. Ao perceber a situação, Lavanda caiu na gargalhada e Lótus bateu palmas como se estivesse se divertindo e me pediu:

- Tia me examine agora! E bem rápido!

Atendi seu pedido e reproduzi a fala sobre acordar rápido. Lótus fez careta com olhos arregalados acordando surpreso levando Lavanda cair na gargalhada mais

uma vez. Essa brincadeira de acordar foi reproduzida várias vezes e em todas elas, as gargalhadas dele e de Lavanda estavam presentes. Lavanda também desejou deitar, reproduzir a brincadeira, dar o seu significado. Ela deitou do meu lado e fez o som “úuuu” para nos assombrar e em seguida deitou no chão em meio às risadas.

“É como se fosse impossível estabelecer uma separação entre o que é vivenciado pelo indivíduo e o que é expresso por ele” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 555). Sobre o tatame de uma brinquedoteca, duas crianças brincavam e seus corpos desempenhavam papéis que davam sentidos as suas “condutas emocionais” e diante disso, develavam-se a partir do cuidado do outro consigo, diante da com a leucemia e suas intercorrências. Representavam ali, naquele momento, a rotina de cada um deles, através da brincadeira rituais que manifestavam “os próprios sentimentos para si mesmo quanto para os outros” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 555).

17 h. Hora de partir.

5.14 XIII ENCONTRO: HOJE VAI TER PESCARIA! - 29/06/2018

Girassol 10 anos

Lírio: 17 anos

Açafrão: 13 anos

Lavanda: 1 ano e 9 meses

Cheguei às 13h40min e após passar pela recepção segui em direção à rampa de acesso. Ao entrar avistei no pátio Lavanda, Lírio, Açafrão, Girassol. Ao entrar na brinquedoteca percebi que o local estava vazio, sem nenhuma criança, com o ar condicionado ligado e a luz apagada. A claridade entrava na sala através das grandes janelas de vidro e sobre o palco um jogo de pescaria confeccionado por AR para naquela tarde, apresentar às crianças da ACACCI, as brincadeiras brasileiras no período da Festa de São João. Os prêmios selecionados para a brincadeira foram alguns dos brinquedos entregues por mim, a partir de doação de alunos de uma palestra que participei como ex-aluna, em homenagem ao dia do pedagogo.

Figura 29 - Recibo de doação de brinquedos entregues pela pesquisadora através de uma ação voluntária

Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil
 Declarada de Utilidade Pública Municipal - Lei 463/08 de 13/09/08
 Declarada de Utilidade Pública Estadual - Lei 065/90 de 14/05/90
 Declarada de Utilidade Pública Federal - Portaria 2276 de 17/12/02
 Registro de CNAES - Processo nº 71000 040814/2011-92
 CNPJ: 31730278/0001-45
 Rua Domingos Póvoa Lemos Nº 267 - Jardim Camburi - Vitória - ES
 Cep: 29030-000 - Telefone: (27) 2125 2596/2992 - Fax: 2125 2976

12211

RECIBO

Recebemos de Ana Karina

CNPJ/CPF [redacted] Tel. [redacted]

Endereço [redacted] Cidade [redacted] CEP [redacted]

a doação de brinquedos

Vitória, 14/06/18

[Signature]
Assinatura

Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 30 - Brinquedos entregues pela pesquisadora através de uma ação voluntária



Fonte: acervo da pesquisadora

Lavanda foi a primeira criança a chegar à brinquedoteca e ficou assistindo desenho animado em companhia de uma voluntária até o horário do lanche. AR aproveitou o momento de calma para conversar comigo sobre as brincadeiras do dia de hoje, já que as demais crianças e adolescentes estavam na classe hospitalar⁵⁶.

⁵⁶ O funcionamento da brinquedoteca no período da tarde está ligado às atividades na classe hospitalar. As aulas acontecem nos seguintes horários: das 13:30 hrs as 15:00 hrs, crianças até 9 anos frequentam as aulas da classe. E das 15:30 hrs as 17 hrs, crianças acima de 9 anos e adolescentes frequentam a classe. As crianças e adolescentes que não estão em horário de aula, aguardam na brinquedoteca da instituição. Após as 17 hrs todas frequentam o espaço. O brincar é direito garantido por lei, assim como a educação também é.

No intervalo para o lanche, desci com Lavanda e hoje tive a oportunidade de brincar com ela no pátio. Ela entrou sozinha em um brinquedo em formato de automóvel feito de fibra e acenou com mão me chamando. O comando foi dado e eu entendi que ela queria que eu a empurrasse. Enquanto eu a empurrava ela dava tchau para as pessoas que estavam lanchando, e com a outra mão segurava firme no volante e sorria. Sorria muito. Ao ver que a filha se encontrava no pátio, sua mãe a chamou para lanche e ela falou:

- Não! Não mamãe!

Ao perceber a recusa de Lavanda, estacionei o carro e falei com ela:

- Lavanda, a tia vai esperar você aqui.

Lavanda demonstrou concordar com minha proposta e saiu do carro abaixando seu corpo, e curvando-se em direção ao carro falou:

- Pera aqui! Lavanda volta!

Mas não era comigo que ela falava, ela falava para o brinquedo. Carinhosamente, ela o beijou e acenou, dando tchau, uma forma de despedir-se para ir lanche, em companhia de sua mãe, que a aguardava. Retornou um tempo depois indo até mim e lançando-me um sorriso, tomou minha mão e me conduziu até o brinquedo. Uma garotinha em suas atitudes demonstrava saber a importância da confiança. Ela disse que voltaria e realmente voltou. E ali estava agachada em frente ao brinquedo e com o corpo bem próximo a ele, falou baixinho dando a entender que contava um segredo que ninguém mais precisava saber:

- Papei tudo! Viu?

Lavanda pendurou-se no carro e o abraçou e novamente acenou com a mão, me chamando. Eu a coloquei no carro e brincamos. Sua mãe acabou de lanche e dei a ela a direção do carro para que brincassem juntas. Retornei para a brinquedoteca.

Açafrão, um garoto de 13 anos, entrou na brinquedoteca usando uma cadeira de rodas e sua mãe nos relatou que o médico orientou o uso, pois ele não podia por causa do tratamento forçar as pernas durante uma semana. Lírio e Girassol estavam jogando dominó na brinquedoteca e ao verem o colega entrar usando cadeira de rodas, divertiram-se com a situação:

Lírio, esticando o braço como se desejasse chamar o amigo para perto de si, falou:

- Açafrão vem aqui que vou te dar motivo para você andar em uma cadeira de rodas! Anda, vem logo aqui!

Girassol divertia-se com a cena que acontecia diante dos seus olhos. Com a mão na boca e os olhos arregalados imitava expressão de horror e perguntou ao amigo:

- Tá fazendo o quê aí? É alguma coisa séria? Ou você está só de gozação com a gente?

Açafrão divertia-se e respondeu envaidecendo-se através de sua postura ereta e respondeu sorrindo:

- Estou chique! Vocês estão pensando o que? Comigo agora é assim, só na mordomia!

Ele batia as mãos no encosto de braço da cadeira como se quisesse mostrar que agora estava “chique” e com “mordomia”. A mãe dele, o acompanhava e diante da exibição do seu filho, o corrigiu. Ela balançou a cabeça discordando de como se não estivesse acreditando no que escutara, colocou a mão na cabeça e falou:

- Esse Açafrão! Não tem nada de chique! Foi o médico que mandou! Mas você gosta de fazer uma graça, hein Açafrão? Engraçadinho.

Figura 31 - Jogo de Pescaria, produzido manualmente por AR



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 32 - Jogo de Pescaria, produzido manualmente por AR



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Assim, nesse movimento de alegria e descontração, todos foram se acomodando e organizando-se para a pescaria e nesse meio tempo, AR explicava as regras da brincadeira onde criança e o acompanhante participariam. No entanto, Lírio que estava sozinho tinha direito a pescar duas vezes. Cada peixe tinha um número anotado atrás como o código de localização na listagem de brindes.

Após esse momento, foi dada a largada ao jogo e mães e filhos escolheram seus anzóis e começaram a pescar. A mãe de Lavanda a pegou no colo e com suas mãos juntas se transformam em um único ser, num gesto de ajuda mútua e carinho. A pequena Lavanda demonstrava estar feliz enchendo a mãe de beijos no olho, no nariz, na testa. Cada vez que um deles conseguia pescar um peixe, a comemoração era em conjunto. Todos gritavam:

- Uhuuuú! Agora quero ver o prêmio!

A mãe de Girassol ao pescar um peixe lilás, pulou sobre o palco comemorando e o filho que estava sentado em uma cadeira, a aplaudiu e gritou:

- Uhuu! Minha mãe é a melhor! Vocês estão pensando o que? Aqui é palio duro! Não tem para ninguém! Mãe igual a minha? Não tem!

Nesse clima, a mãe de Açafrão era demonstrava em gestos e palavras ser a mais empolgada e quando chegou o momento do filho pescar ela num gesto espontâneo, levantou-se da cadeira e gritou para ele:

- Não pesca o verde Açafrão! O verde é meu! Tô aqui desde quando cheguei namorando esse peixe verde! É o mais bonito e vai me dar sorte! Açafrão, Açafrão vê se me obedece!

Açafrão, contagiado pelo clima de descontração, ameaçou em algumas tentativas pescar o peixe desejado pela mãe, lançando a vara em direção ao peixe verde e com esse gesto brincalhão fez com que todos naquele espaço caíssem na gargalhada. A mãe dele lançou um olhar demonstrando estar brava, no entanto era apenas mais uma brincadeira e foi assim, nessa intimidade de olhares, de sorrisos, de querer bem que o garoto Açafrão pescou um peixe azul, e ele falou:

- Olha aqui mãe! Para você também! Combina com você! Olha para sua roupa! Minha mãe que é a melhor! A roupa dela combina até com a cor do peixe!

Ela olhou para si e apontou em sua camisa a cor azul. Ficou de pé mais uma vez e cruzando os dedos, num gesto supersticioso de atrair sorte para si, gritou:

- Açafrão pega o meu então! Pega o verde agora!

Pude observar que ali a mãe de Açafrão cedeu a vez de brincar na pescaria para o filho e fiquei ali refletindo sobre quantas vezes ela já devia ter feito isso antes. Mães que estão ao lado de seus filhos no decorrer do tratamento e que abdicam de um mundo lá fora. O ser no mundo se constitui a partir do outro por vezes ser feliz sozinho, não basta. Em uma visão merlau-pontyana a relação mãe e filho é uma transição do “em si” ao “para si”, como uma extensão de seu corpo, da continuidade de seu ser, que de algum modo a faz sentir que “a vida é necessária”.

O próximo a participar da brincadeira foi Lírio. Ele não estava muito disposto, sua aparência era de cansaço, estava sonolento e durante as comemorações ficou em silêncio, no entanto sorriu e pescou duas vezes e seguindo as instruções de AR guardou os peixes de papel em seu bolso. Os participantes estavam agitados, curiosos e pediam para ver os prêmios. Que estavam em uma caixa, embrulhados em sacos plásticos transparentes, sobre o centro de uma pequena mesa. A mãe de Açafrão falou:

- Isso é para a gente ver o que a gente não ganhou? Isso mesmo! Quero ver o que eu perdi! Pode mostrar! Só tive olhos para o peixe verde e quero ver agora qual vai ser o prêmio! Não vão rir viu?

Cruzando novamente os dedos numa crença que esse gesto garante sorte e mostrando para os demais, começou a procurar na caixa o número do brinquedo identificado. Seu prêmio foi uma grande caixa blocos de montar em madeira com o

jogo *engenheiro*. Imediatamente abriu o jogo, sentou-se em uma cadeira infantil e começou a montar falando para o filho:

- Vem Açafrão! Olha isso aqui! Muito legal! É meu! Tenho um brinquedo! Como é bom ganhar um presente!

Açafrão após ver a alegria da mãe dirigiu-se até caixa para identificar seu prêmio que era um jogo de damas e ele vibrou com isso, falando alto para todos:

- Uau! Vamos passar o final e semana todo jogando! E nada de ver televisão viu gente? Isso serve para todo mundo!

Nesse envolvimento de si com o outro, eles comemoraram com palmas a fala dita por Açafrão. A pequena Lavanda foi a próxima a ir até a caixa localizar o prêmio. Com a ajuda da mãe pegou o cubo colorido e uma boneca e com duas prendas, uma em cada uma das mãos, a pequena Lavanda beijava o rosto da mãe como um gesto de agradecimento.

AR anunciou que era a vez da dupla formada por Girassol e sua mãe localizarem seus prêmios:

- Oba vou ganhar um brinquedo! Vai ser meu viu Sol?

É assim que a mãe de Girassol se dirige ao filho, o chama de Sol. Ela ganhou um quebra cabeça e de imediato sentou-se em uma das cadeiras da mesa de crianças, abriu e começou a montar. Expressava através de seu sorriso, de seus gestos, uma sensação que não sentia a algum tempo a ponto de não se incomodar com o corpo encolhido para caber no assento da cadeira para crianças. Em pé, na lateral da mesa onde estava a caixa com os brindes, estava Girassol com uma expressão de decepção em sua face, após abrir o embrulho e deparar-se com um carrinho. Decepção essa sentida por todos os participantes, que interviam por ele junto a AR.

Após a troca, foi a vez de Lírio ir até a caixa de brinquedos, ganhando dois prêmios, uma caixa de miniaturas de carrinhos e uma boneca, levando todos a risadas. Lírio soltava-se aos poucos, era nítido ver que se esforçava para estar ali, estava feliz, queria participar, no entanto seu corpo físico não acompanhava, estava debilitado.

- Não quero não. Muito obrigada. Vou dispensar.

Sentou-se ao lado da mãe de Açafrão que continuava a montar seu jogo de blocos. Orgulhosa falou para todos:

- Olhem aqui! Esse brinquedo é meu! É meu viu?

Observei que Açafrão, sentado próximo da mãe, a observava. Seus olhos brilhavam, as lágrimas contidas caíam por sua face, ele rapidamente as limpou. Sorriu, timidamente sorriu, e se assustou quando sua mãe chamou por AR:

- AR vem aqui! Esse jogo está com defeito, aqui na caixa diz ter 42 peças e contei, mas tem 43 peças. Está sobrando! Como pode sobrar? Está certo então, não é? Se está sobrando, eu ganhei! Ganhar é melhor que perder! Tá bom assim! Isso aqui para mim é uma terapia! Vocês estão escutando o que eu estou dizendo?

Açafrão observava de perto e tentava brincar com a mãe, aproximando sua cadeira para o lado da dela, que olhava para ele e falava empurrando a mão dele:

- É minha vez de brincar, nem vem!

Ele insistia, como se desejasse a todo custo participar do momento de alegria que a mãe estava vivenciando:

- Põe o telhado aqui, mãe!

Mãe e filho estavam conectados pela vida e ali naquele momento, ele demonstrava desejo de estar perto, de estar junto, de estar com dela no exercício de montar pequenos blocos de construção como quem estivessem empilhando sonhos, desejos num mover-se de corpo por inteiro. Franzia a testa, virava o corpo, se abaixava para ver se tudo estava perfeitamente alinhado, olhando sempre para o filho que a observa sorrindo e por momento algum, se levantou do seu lado.

Eis que AR aparece com um dominó e rapidamente as duplas foram formadas. Ao perceber que Lírio estava em outra sala, jogando sinuca com uma das voluntárias, eu o chamei:

- Lírio vem jogar! Vem jogar conosco!

Lírio aproximou-se com a mão no queixo, pensativo. Sentou-se na cadeira e fazendo dupla com uma voluntária e com a dupla adversária formada por Açafrão e sua mãe

deram início a partida. Açafrão balançava seu corpo na pequena cadeira e falava com sua mãe que organizava as peças do jogo segurando-as em sua mão:

- Mãe poderíamos levar dominó para nossa festa de natal, né? Para todo mundo jogar! É bom para ficarmos juntos! É muito legal, não é? Imagina só isso? Vixe ficaríamos jogando e comendo e todo mundo poderia jogar!

Ela sorriu e concentrada no jogo, concordava balançando a cabeça. Parou, colocou as peças sobre a mesa, me olhou fixamente e falou:

- Ana, você sabia que isso aqui é uma terapia? Esqueci de tudo agora! Que coisa boa é jogar dominó! Esqueci de tudo hoje aqui brincando! O que foi o dia de hoje? Tem muito tempo que eu não ria assim com meu filho!

Essa foi à segunda vez que ela falou que o jogo, o brincar era uma “terapia para ela”, porém agora, ela falou “esqueci de tudo”. Percebo que não é só o filho que adoece, o a-dor-é-ser faz parte do ser junto, ser ao lado, ser com. Ela está lado a lado do seu filho e ele sabe disso e nela ele se apoia enquanto ser no mundo. Se conhecem na intimidade de um olhar que perpassa as esferas da existência num processo de experiência de vida donde a linguagem oral perde importância diante da linguagem afetiva. Eles não são apenas uma dupla que venceram a partida juntos, são cúmplices de uma vida.

Após a partida, Girassol e sua mãe, que estavam sentados no palco assistindo a partida de dominó, dirigiram-se a sala de recreação (brinquedoteca para adolescentes). Cada um foi para um local, ele começou a jogar Xbox 360 e sua mãe escolheu um filme para assistir no computador, *The antbully*⁵⁷, mas o filme não rodou no DVD e ela falou para AR:

- Poxa vida! Queria tanto assistir esse filme! Mas tudo bem, vou escolher outro!

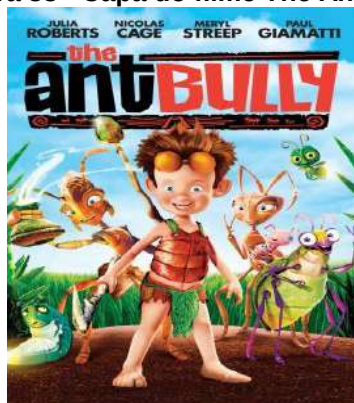
Não desistiu de assistir um filme, retornou, abriu a gaveta e escolheu outro filme, *Irmão Urso*⁵⁸. Estavam mãe e filho, na mesma sala, cada um em uma tela de

⁵⁷ Filme *The Ant Bully*, de 2006, produzido por Tom Hanks e dirigido por John A. Davis. Conta a história de “Lucas, um garoto que não tem amigos e é sempre gozado por grupos de meninos que se acham valentões. Fonte: <https://www.warnerbros.com>

⁵⁸ Filme animado *Irmão Urso*, de 2003, produzido pelos estúdios da Walt Disney, direção de Bob Walker e Aaron Blaise e um dos responsáveis pela trilha sonora é o cantor e compositor Phil

computador e apenas uma cadeira os separava. A mãe de Girassol alcançou um fone de ouvido e calmamente o colocou. Porém, tanto mãe quanto filho direcionavam seus olhares um para o outro de vez em quando, o afeto ultrapassava a barreira do silêncio. Sentei-me no fundo da lateral da sala e com meu bloquinho fiquei a fazer minhas anotações e em casa, à noite, transcrevi a cena⁵⁹ do filme dublado:

Figura 33 - Capa do filme The AntBully



Fonte: <https://www.warnerbros.com/ant-bully>

Figura 34 - Capa do filme Irmão Urso



Fonte: <http://www.gigantedascapas.net/2013/08/irmao-urso.html>

Essa história acontece há muito tempo quando os grandes mutantes ainda vagavam por nossas terras. É a história dos meus dois irmãos e a minha. Quando nós éramos jovens fomos ensinados que o mundo é cheio de magia. A fonte dessas magias são as luzes mutantes que dançam pelo céu. A xama de nossa aldeia nos contou que essas luzes são espíritos dos

Collins,Foi um dos filmes indicados em 2004 na categoria melhor filme de animação.Conta a historia de uma busca de vingança pela morte do irmão ter sido através de um ataque por um urso, o índio Kenai acaba sendo amaldiçoado pelos espíritos da floresta e é transformado em um urso. Obrigado a viver sob a nova pele, ele começa a ver a realidade sob a ótica dos animais. Logo faz amizade com outro urso, Koda, mas se vê em apuros quando seu próprio irmão começa a caçá-lo. Fonte: <http://www.adorocinema.com>

⁵⁹ Em casa assisti ao filme e transcrevia cena para o papel.

nossos antepassados e que eles têm o poder de provocar mudanças em nosso mundo. Pequenas coisas tornam-se grandes. Inverno vira primavera. Uma coisa sempre se transforma em outra. Mas a maior transformação que eu vi foi a de meu irmão. Um menino que queria desesperadamente se transformar num homem. (Fonte: <http://www.adorocinema.com>)

A trilha sonora desse filme, parece-me de certa forma, um recurso que compõem a narrativa da história e composta por canções de fé, de religião, de superação, de ajuda a partir da relação com os espíritos ancestrais. Enquanto ela assistia ao filme seus olhos lacrimejavam, abaixava a cabeça e olhava para o filho que estava concentrado jogando e fazendo a Ferrari de seu jogo rugir alto. A mãe de Girassol voltou seu olhar para a tela do computador e sensivelmente acariciou com sua mão esquerda a mão direita. Num gesto de carinho consigo mesmo percebi naquela mulher um olhar triste, lágrimas preenchiam seus olhos num olhar paralisado num visor a espera de um final feliz.

Estive os observando aproximadamente por 15 minutos e observei que apenas uma única vez Girassol olhou para a mãe e ao olhar, viu que lágrimas escorriam por sua face. Ele continuou a jogar, porém não acelerava mais a Ferrari com a vibração de antes, apenas concluiu o percurso do jogo quieto e sem expressar emoção e desejo de vencer relaxando seu corpo franzino na acolchoada cadeira verde.

- Tia vem jogar! Agora uma nova dupla!

Açafrão me chamou em voz alta e Girassol ao escutar o que o amigo falava, se virou e me falou:

- Vai tia, é sua vez de perder!

Deixei meu caderno de anotações no balcão de entrada, não tenho mais condições de observar e descrever por hoje. Hoje eu vi dor, vi tristeza em um lugar no qual a priori devemos sentir alegria. Mães, filhos, mães com filhos... Diferentes de crianças e adolescentes livres a brincar. A intimidade de uma criança e seu responsável, a maneira como experienciam todo esse processo de enfrentamento de câncer, eu precisava respirar, me distanciar da imagem de Girassol vendo sua mãe chorar. Observar o fenômeno é algo que dói, que marca, que fere, mesmo estando dentro de uma brinquedoteca.

Retornei à mesa de jogo e me sentei com AR, Lírio e uma das voluntárias. Açafrão e sua mãe ficaram no palco nos observando jogar. Nesse percurso Lírio ensinava a voluntária a contar os pontos do jogo de dominó e falou:

- São sete de cada! Agora conte, mas não conte alto para você não falar suas peças! Contou? Contou com as que estão na sua mão?

Em seguida, Lírio recebeu um passe de jogada de AR e sorriu. A voluntária disse para ele:

- Passou! Logo você? Você está me ensinando!

Lírio na maioria das vezes ganhava no dominó, e vê-lo passar era algo atípico e ele mesmo parecia estar se divertindo com aquilo tudo:

- Passei! Eita, que eu passei!

Estávamos olhando para ele e o clima era de descontração, porém Lírio franziu a testa e mudou a expressão alegre de seu rosto. Inclinou a cadeira para trás empurrando-a com o corpo e para o espanto de todos os jogadores, afastou o dominó que estava sobre a mesa, abaixou a cabeça e falou:

- Passei! Não pego nada! A única coisa que pego é câncer!

Foi a primeira vez que escutei a palavra câncer pronunciada por um adolescente ali naquele espaço. Num impulso, como uma pedra do jogo, lançou sobre a mesa do jogo a revolta, a dor, o sentimento de culpa. Diante disso falei:

- Não Lírio, você não pegou câncer! Você sabe disso!

Ele ainda na mesma posição, cabisbaixo, me respondeu:

- Sim, verdade! Câncer não se pega! Se adquire!

Olhou-me com um brilho diferente no olhar, brilho de lágrimas. E sorriu, timidamente sorriu, voltando a jogar.

Coletar dados perpassa querer ter as melhores falas, as falas perfeitas. Não sou psicóloga, sei do meu lugar. Sim, eu poderia ter perguntado: o que é e como é ser um adolescente “que pegou câncer”? Mas essa não seria eu. Estávamos ali brincando num jogo de dominó, com crianças de outras idades acompanhadas de

seus pais. Essas crianças convivem umas com as outras. Elas sabem das perdas, dos tratamentos, sabem quando uma delas vai a óbito. A ferida foi exposta, o próprio Lírío a apresentou, mas se ela sangrasse eu daria conta de tratá-la? Sabia que não. Assim continuamos a partida, com um ar pesado. “Para que percebamos as coisas, é preciso que a vivamos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 436). O medo de falar sobre a morte, o medo de falar sobre o câncer e falar sobre a finitude da vida, algo que para alguns é tão óbvio, ali é sentido, experienciado diariamente. Experiência sentida em seus corpos através de medicações quimioterápicas que podem permanecer em seus corpos por meses ou anos.

AR se aproximou da mesa e nos avisou sobre o horário. Era hora de partir. Na saída, às 17 h, chovia muito. O céu estava escuro. Decidi esperar a ventania e a chuva diminuírem, próximo aos responsáveis de Lírío e Lavanda em um espaço coberto onde eles aguardavam o transporte da instituição chegar. Estavam conversando sobre os programas de final de semana e sobre como a chuva iria atrapalhar. A mãe de Lavanda, ao perceber minha presença, puxou assunto comigo e perguntou-me:

- Não é verdade? Você não acha que a chuva atrapalha nosso final de semana?

Aproximei-me e respondi:

- É mesmo! A chuva atrapalha sim e a criança fica triste! Hoje mesmo meu vizinho faria o aniversário do filho, mas desmarcou agora pelo aplicativo do telefone. O aniversariante quer um brinquedo pula-pula e com chuva não tem como!

A mãe de Lavanda estava com a filha dormindo sentada em seu colo, e me respondeu:

- Eles adoram pula-pula! Lavanda que tem leucemia estava com a taxa bem baixa eu ali, vendo se ia dar febre, se desse eu teria que correr para o hospital. Minha pequenina queria pular no pula-pula e eu deixei. Quero ver minha filha feliz. Faça qualquer coisa para vê-la sorrir!

O pai de Lírío acrescentou, participando da conversa:

- Até a gente, adulto. Nós, adultos, pulamos quando eles não querem mais. Na chuva, no sol, é muito bom, todo mundo adora pula -pula. Tem que ter na festa!

Figura 35 - Entrada da ACACCI



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A chuva diminui e eu me despedi.

“O que é dado não é somente a coisa, mas a experiência da coisa, uma transcendência em um rastro de subjetividade, de natureza que transcende através de uma história”. (MERELAU-PONTY, 1999, p. 436). O que foi o dia de hoje? Repito aqui, a pergunta feita pela mãe de um dos garotos que estavam presentes na brinquedoteca. Ainda: “O mundo no sentido pleno da palavra não é um objeto, ele tem um invólucro de determinações objetivas, mas também fissuras, lacunas por onde as subjetividades nele se alojam ou, antes, que são as próprias subjetividades” (p.447)

Hora de partir.

5.15 XIV ENCONTRO: O DESEJO DE GLADIÓLO- 03/07/2018

Goivo:13 anos
Gladiólo:12 anos
Cacto:15 anos
Aro:8 anos
Lavanda: 1 ano e 10 meses.

Crisântemo: 14 anos

Cheguei às 14 h em ponto. Calmamente abri a porta de correr. Realizei todos os procedimentos de segurança e em seguida observei que na sala de jogos/recreações dois garotos estavam brincando. Girassol e Aro, jogavam no computador. O jogo selecionado era o *Minecraft*⁶⁰. Exatamente, 14h16min e eu ali observando e anotando em meu bloquinho. Eles estavam sentados e jogavam com a ajuda de um jogador virtual que falava:

- A minha estratégia é esperar amanhecer.

Girassol, sentado, virou o corpo e falou para Aro:

- Eu não estou com medo não!

Usando as duas mãos, segurou os encostos laterais da cadeira, ficando de joelho sobre ela. Encheu o peito de ar. Fixou o olhar na tela do computador e vibrava com seu corpo movimentando-se de joelhos sobre a cadeira. Em cada fase superada agitava-se ainda mais e falava com o jogador virtual:

Figura 36 - Jogo Minecraft



Fonte: <https://minecraft.gamepedia.com/File:Survival1.13.png>

- Boa cara! Você é demais! Sabia que você ia conseguir!

De repente escutei alguém alegremente gritar:

⁶⁰ MINECRAFT: é um jogo lançado em 2011 e permite que os jogadores entrem em um mundo e construa o seu próprio ambiente com blocos tendo a sobrevivência como característica principal. Fonte: <https://br.blastingnews.com/>

- Lavanda!

Era a pequena Lavanda, muito querida por todos, que chegava. Ela era considerada a mascotinha da brinquedoteca e sua chegada fez com que os meninos parassem de jogar para irem abraçá-la. Ela me viu e me chamou para brincar, acenando com a mão em gesto de “venha aqui”. Sua mãe me disse:

- Vou deixá-la Ana, qualquer coisa me avisa, tá?

Respondi que sim e de mão dadas entrei com a pequena Lavanda que falou:

- Neném!

Soltou minha mão, saiu correndo até a outra sala e escolheu para brincar uma boneca grande, quase do seu tamanho. Olhou para mim e de novo com o gesto das mãos, me chamou para acompanhá-la ao tatame. Com passos curtos, foi em minha frente e eu a segui. Quando chegamos ao local, ela sentou-se no tatame e falou:

- Senta! Senta aqui, tia!

Sentei. Ela dirigiu-me um olhar e apontou para uma caixa de médico que estava na parte alta de uma estante. Levantei-me do chão e apanhei, colocando a caixa branca com uma cruz vermelha no chão ao lado dela. Lavanda virou seu corpo em direção a boneca que estava próximo a ela, abriu a caixa e começou a brincar. Timidamente fez som de choro e em seguida delicadamente tocou o rosto da boneca com o dorso da mão. Sua expressão era de preocupação, e angustiada procurou o termômetro revirando a caixa branca de médico, despejando tudo no chão. Ao encontrar o termômetro, me olhou e sorriu, e num gesto de cuidado colocou-o embaixo do braço da boneca. Olhou para mim e disse:

- Uém! Uém! Sarou! Bebê sarou!

Direcionou-se novamente para a boneca e a beijou, a beijou três vezes seguidas. Com delicadeza apanhou a boneca e a colocou no colo, dando-lhe um abraço bem apertado e deitou a boneca de novo no tatame, aproximou-se dela e colocou a cabeça da boneca sobre seu colo. Localizou um aparelho de medir pressão, em meio aos instrumentos de procedimentos de primeiros socorros que estavam o chão, apanhou o aparelho de medir pressão e o colocou no braço a boneca. Apertou a bomba de ar do aparelho usando as duas mãos e em seguida delicadamente,

acariciou o rosto da boneca. Sensível, carinhosa e maternal. Como uma garotinha tão pequena pode se desvelar através do brinquedo desse jeito? Realmente o brinquedo é “mágico”, é a mágica do cuidado, do amor. Percebi Lavanda como um ser muito amado. Ela tirou o aparelho de pressão e disse para boneca:

- Peraí!

Levantou-se e andou até o local onde estava um carrinho e bebê para bonecas e o apanhou colocando o bebezinho dentro indo em direção as outras crianças. Ela me acenou com um “tchau”, pude a partir daí, perceber que ela não queria mais minha companhia. Segui brincando com as outras crianças que estavam na brinquedoteca e retornei para a sala de recreação.

Arrastei um pufe e me sentei atrás de Gladiólo, um garoto de 12 anos, paciente com osteossarcoma, perna esquerda amputada na metade da coxa devido ao câncer. Ele estava assistindo um jogo no computador, chamado Downhill Bike⁶¹. Ele percebendo minha presença, me disse assim:

- Tem que ter coragem para fazer. Tem que ter muita coragem!

Figura 37 - Uma competição de Downhill Bike



Fonte: <https://pedalada.com/artigos/que-downhill>

Boné marrom na cabeça, bermudão verde adaptado para a perna amputada, blusa listrada e com uma perna cruzada se acomodou para o jogo sentado na confortável cadeira verde. Percebi que minha presença o agradava, continuou a conversar comigo:

- Deve ser legal fazer isso! Deve ser bem legal mesmo!

Estávamos nós dois, por isso resolvi dialogar com ele, com cuidado para não expor suas fragilidades.

⁶¹ Downhill Bike: O Downhill é uma modalidade de esportes com bicicletas que consiste em descer o mais rápido possível um determinado percurso com diversas irregularidades ou obstáculos de uma dada montanha. Fonte: <https://pedalada.com/artigos/que-downhill>

- *Você está me dizendo que é legal?*

Ele virou o corpo em minha direção. Respondeu-me:

- *Sim, eu gostaria de fazer!*

Ele continuou a assistir e apoiou as mãos na cadeira aproximando seu tronco bem próximo à mesa do computador. O vídeo era falado em inglês, mas isso não era empecilho para que ele desistisse. Sua mão esquerda segurava a sua perna que estava cruzada, equilibrando seu corpo que acompanhava as manobras radicais dos esportistas da tela do computador. Respirou forte, relaxou seu corpo e tocou a perna amputada por alguns segundos.

- *Tá vendo?*

Ele me perguntou apontando o dedo na tela do computador, e eu respondi?

- *Vendo o quê?*

Ele continuou e insistiu apontando o dedo indicador para a camisa de um dos esportistas da competição:

- *Olha aqui! Cada um é de um país! Tem o emblema nas costas, esse aqui é da Itália e aquele ali é da Alemanha! Está vendo?*

Coçou a cabeça, mudou de posição e ficou sentado de lado, seu corpo ganhou uma nova forma acomodando-se na cadeira verde. A cadeira verde tem um formato que serve para acomodar, abraçar e assim ele ficou abraçado como se sentasse de lado no colo de alguém quando buscamos acalento diante de nossas fragilidades.

- *O ruim mesmo são as peças dessas bicicletas, custam caro!*

Ele me falou e ao ver o ciclista cair e se machucar imediatamente escolheu outro vídeo que substituísse esse. Procurou na barra de ferramentas o nome Dragonball⁶² e escolheu o episódio 10, Absalon⁶³ dublado. Encostou a perna na mesa,

⁶² Dragon Ball: Categoria: mangá. É uma franquia de mídia japonesa criada por Akira Toriyama. *Dragon Ball*, basicamente, é sobre a luta entre o bem e o mal. Um dos valores é sobre amizade, Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Dragon_Ball_\(s%C3%A9rie\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dragon_Ball_(s%C3%A9rie))

⁶³ Absalon episódio 10-Criado por um fã holandês, Dragon Ball Absalon passa um pouco depois do término da Saga GT e mistura um pouco com os elementos criados em outra saga alternativa, Dragon Ball AF. A história se passará no planeta Absalon, habitada por uma raça mestiça de Saiyajins, mistura equivalente ao que se passa na terra, aonde a raça procriou com humanos. Fonte:

encolhendo-a junto ao seu corpo, na sala fria por causa da baixa temperatura do ar condicionado e com uma voz calma e baixa me falou:

Figura 38 - Personagens do mangá Dragon Ball



Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/dragon-ball-absalon-13680729>

- Vou assistir tá bom?

Percebi que ele deseja privacidade e fui me retirando da sala olhando para trás, a música era forte e ele está cantando-a e tocando sua perna amputada. Da entrada da sala fiquei a observar. Ele cantou alto, dançou com seu corpo sentado na cadeira e bateu sobre a mesa quando escutou o refrão “meu compromisso é vencer”.

Posso pressentir o perigo e o caos
E ninguém agora vai me amedrontar
Com a minha mente vou a mil lugares
E a imaginação me dá forças para voar
Sonhos, desejamos alcançar
Ser alguém com o poder maior, que você já tem
Liberdade é correr pelo céu
Sempre unidos, vamos triunfar
E se a nossa luta é pra valer
Vou mostrar meu valor
Dragon Ball Z, meu compromisso é sempre vencer!
(Fonte: www.ouvirmusica.com.br/dragonball-z/1217640/).

Em uma das salas da brinquedoteca Goivo, um jovem de 16 anos e bem magro, estava sentado nas cadeiras de criança fazendo atividades manuais com barbante. Sobre a mesa, um rolo de barbante, uma garrafa pet, potes grandes de tinta a base de água, pinceis e um copo descartável para a limpeza dos pinceis. AR me contou que ele tem o hábito de ir para a brinquedoteca e ficar conversando, como se, estar com o outro, bastasse para ele ficar bem, essa seria sua terapia. Na maioria das vezes, ele ficava lá só conversando, sem fazer atividades, sem jogar ou sem assistir youtube como os demais jovens de sua idade. Lavanda estava sentada no chão brincando com uma boneca, e a voluntária perguntou para ela:

- Lavanda vamos colocar a boneca para dormir?

Lavanda sorriu, pegou a boneca e colocou de bruços dando tapinhas no bumbum cantando:

- Nana neném! Dedeira, neném quer dedeira! Vai mimi! Leite, leite!

Goivo estava usando as pantufas de sapo verde, sentado fazendo suas atividades e por uns instantes parou para observar Lavanda, e sorriu. Com sua voz suave falou:

- Ah Lavanda! Lavandinha!

E continuou a pintar pacientemente, com as cores verde claro e azul o barbante que envolvia uma garrafa pet. Tranquilamente ele deslizava o pincel sujo de tinta na lateral da garrafa, em um clima de calma com suas pernas dobradas e pés firmes no chão.

Durante a toda a tarde observei crianças e adolescentes que tinham muito a ensinar. Subjetividades únicas que a partir do contato com o brinquedo são resignificadas. Remeto-me aqui e agora, nessas simples linhas, a obra Dibs: em busca de si mesmo.

Somos personalidades que crescemos e nos desenvolvemos com o resultado de todas as nossas experiências, relacionamentos, pensamentos e emoções. Somos uma totalidade que, fazendo-se, faz a própria vida (AXLINE, 1985, p. 283).

Gladiólo desejava viver e viver a partir de seu próprio corpo, corpo que sente e expressa uma subjetividade revelada a partir de um brinquedo, de uma tecnologia que ali diante de seus olhos o transportava ao seu drama, mas que por momento algum demonstrava o impossível. Percepção sentida através da realidade em um gesto de “tocar” em sua perna amputada. Corporeidade vivenciada através de um desejo “tentar”. Experiência que o leva a pensar e “agir” sobre o mundo. É a redescoberta do próprio corpo através do brinquedo e a redescoberta de possibilidades da qual ele não desiste nunca, de viver e ser... Sendo!

17 h. Hora de partir.

5.16 XV ENCONTRO: ANIS CUIDA - 10/07/2018

Anis: 2 anos
Girasso: 10 anos
Lisianto: 12 anos
Crisântemo: 14 anos

Menta: 15 anos
Petúnia: 13 anos

Cheguei à brinquedoteca as 14 h. Fui recebida com “Oi Ana, bem vinda”. Como sempre, o acolhimento é surpreendente. AR veio em minha direção e me deu um caloroso abraço que com seu corpo de 1,80m de altura fez com que eu me sentisse protegida, acolhida.

Anis, uma garotinha de 2 anos, estava sentada em uma cadeira na primeira mesa e ao avistar Elaine me abraçando, levantou-se rapidamente e foi em minha direção. Pegou a minha mão e me puxou, levando-me para a outra sala, para o espaço das casinhas. Sentou-se no chão e olhando para cima para visualizar meu rosto, falou baixinho:

- Senta tia!

Sentei-me ao seu lado e coloquei meu bloquinho aberto ao meu lado para anotar os acontecimentos do dia. Ela começou a brincar e eu ali desejando dar atenção a ela e ao mesmo tempo fazendo minhas anotações. Foi em minha direção, abaixou seu corpo e olhando nos meus olhos soprou delicadamente o milho de plástico que segurava, passando-o de uma mão para outra. Dando a entender que reproduzia gesto de quando queremos esfriar algo.

Senti próxima a Anis, um cheiro forte que vinha da parte superior de seu corpo, um cheiro que me fazia recordar do dia que visitei o INCA no Rio de Janeiro, do qual fiquei um longo tempo sentada na recepção ao lado de pacientes em tratamento oncológicos e que esperavam para marcarem consultas ou fazerem procedimentos médicos. Ela continuou a conversar comigo:

- Achei o mio! Achei outro! Tá quente! Tia deixa eu cortar!

Descalço, virou-se, me dando as costas e seguiu até a uma fruteira. Introduziu sua mão em uma das prateleiras da fruteira branca de quatro andares a procurar algo que lhe interessasse. Pegou um limão verde e uma pequena faca lilás de plástico, que também estava dentro da fruteira. Notando minha presença a aguardá-la, redirecionou-se e falou:

- Pera tá?

Figura 39 - Espaço da brinquedoteca que representa uma parte da rotina de uma casa



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Falou comigo e seguiu em direção as bonecas no lado oposto da sala da brinquedoteca, voltando com uma boneca quase do tamanho dela. Anis é uma garotinha bem magra e delicada em seus gestos. Estava com seu cabelo cacheado preso por um coque no alto da cabeça. Após pegar a boneca, Anis não se dirigia mais à mim. Ela transitava entre o fogão, geladeira, fruteira e caixa de supermercado conversando sozinha, na verdade conversava com o mundo imaginário, pertinente a uma criança de sua idade. Pegou um telefone, colocou a mão na cintura e divertindo-se, falou:

- Oi quem fala? Você! Você me deu bala!

No silêncio da brinquedoteca, naquela tarde, os pés de Anis tocavam o chão pintado e tanto os seus pés como a fralda que usava a partir do movimento de seu corpo, marcavam seu trajeto com um som marcante ao locomover-se. Anis circulava pela sala e arrastava a pesada boneca demonstrando um acúmulo de experiências a partir da dor e do cuidado. Por um instante, parou e respirou fundo. Olhou em minha direção e falou-me:

- Tá pesado! Tá dodói! Tia ela tá dodói! Filhinha tá dodói!

Continuou a arrastar demasiadamente a boneca até chegar ao tatame de EVA, um local que está acima do chão e simbolicamente funciona como cama enquanto brincam. Abriu a caixa de médico que estava nas proximidades e com muita precaução colocou o termômetro na boca da boneca⁶⁴ (tem um furo para a chupeta)

⁶⁴ Boneca: Essa boneca tem um furo no meio de sua boca e como parte integrante do brinquedo, uma chupeta de plástico a acompanha. Essa chupeta não está à disposição das crianças por ser um objeto de alto risco, oferece ameaça e foi retirado e jogado fora pela instituição. Uma chupeta que em sua continuidade possui um segmento que seria a pega da chupeta feita de plástico duro, fino e comprido. Como brinquedista, posso afirmar que é uma arma branca e representa risco naquele espaço.

que estava deitada e saiu andando, deixando a boneca sozinha. Após alguns passos, virou-se e percebendo que eu estava ali, falou:

- *Você tá dodói também?*

Aproximando-se de mim, me perguntou e eu pacientemente respondi em uma devolutiva na qual era um aceite ao convite para participar da brincadeira, do mundo de Anis.

- *Sim! Tô dodói Anis!*

Figura 40 - Boneca escolhida por Anis para brincar



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ela sorriu e foi em minha direção tocando levemente o meu braço e deslizando seus dedos e fez um carinho em mim. Seu toque era tão leve que por um instante senti cócegas. Agachou-se, pegou o aparelho de pressão da caixa de médico e me pediu para deitar acenando com a mão e batendo sobre o tatame:

- *Vem cá! Deita!*

Deitei-me com a barriga para cima e ela sentou-se ao meu lado. Com muito cuidado pegou o meu braço e colocou em mim o aparelho de pressão. Apertou algumas vezes e saiu arrastando a boneca e deixando o aparelho em mim. Como se quisesse dar uma voltinha, uma espairecida enquanto eu fazia os procedimentos médicos. Deu uma volta completa na sala, passando em cada espaço a observar

com uma expressão de seriedade e voltou ao tatame de EVA. De repente Anis ficou brava, com um tom de voz ríspido falou:

- *Você tirou?*

Abaixou-se e pegou uma chupeta de outra boneca que estava no chão, continuando a falar com um tom ríspido com a boneca. Dirigiu-se em minha direção, abaixou seu corpo franzino alcançando um aparelho de examinar ouvido e para minha surpresa, falou-me:

- *Tia esse aqui dói! Tia esse dói! A neném Anis chora com esse!*

Figura 41 - Anis brincando com a boneca



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 42- Anis brincando com a boneca



Fonte: Acervo da pesquisadora

Ela imitou o som de choro. Eu toquei em seu braço marcado com hematomas de picadas de agulhas. Ela desejava mostrar-me algo, possivelmente esclarecia minha inquietude em relação ao cheiro forte que senti através de seu corpo. O cheiro forte que me incomodava possivelmente era uma inflamação em seu ouvido. Delicadamente perguntei:

- *A neném Anis é essa aqui?*

Ela encolheu seu corpo para junto de si, num gesto de proteção e cuidado consigo mesma e me respondeu tocando com as duas mãos seu peito:

- *Essa aqui! Neném Anis!*

Abraçou a si mesmo e sorriu. Tirou delicadamente o medidor de pressão que estava em meu braço. Em seguida colocou na boneca e com suas duas mãos juntas apertou fortemente o brinquedo para bombear o ar. Anis ainda não pronunciava palavras corretamente, nem tudo era de fácil entendimento, mas ela apontava, mostrava o que queria. Assim percebi Anis e a linguagem do seu corpo, que através dos gestos tinha tanta coisa para falar em uma sensibilidade única, aproximando-se de mim falou:

- *Não chora tia!*

Eu estava doente e a dor faz chorar, assim ela me percebeu. Percebeu em mim uma dor que é dela. Dor, corporificada através de sentidos, através de uma experiência sentida através de um corpo marcado por muitos hematomas devido a um tratamento oncológico. Percepção situada em um mundo circundante nos quais muitos profissionais a acompanham. Me deu um abraço apertado e virando-se em direção a boneca:

- *Tia ela tá de cocô! Tá de xixi!*

E tirou a roupa da boneca manifestando sua habilidade em cuidar do outro. AR aproximou-se e avisou que era hora de descerem para o lanche. Descemos para o pátio juntas.

Após o horário do lanche a sala de recreação ficou movimentada. Quatro garotos e uma garota brincavam agitando o lugar. Menta estava sentada tecando no celular enquanto assistia um desenho no computador e falou:

- *A única coisa que eles não são audaciosos!*

Crisântemo estava jogando no Xbox 360 e ao ouvir a colega falar, completou:

- *Eles querem dominar, mas não querem dominar o mundo. Eu sou ambicioso! O jogo não é mas eu sou!*

Ele interrompeu o vídeo, dando uma pausa na brincadeira e voltando a realidade de uma vida diferente da tela do computador, dirigiu seu corpo para o lado e me falou:

-Ana esse jogo é caro! Não tenho um desse em casa!

Figura 43 - Jogo X-Box 360



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Xbox_360#/media/File:Microsoft-Xbox-360-E-wController.jpg

O Xbox 360 é um jogo caro, o preço dele é quase dois salários mínimos, além dos jogos que são comprados a parte. Eles tinham realidade da sua condição financeira. Crisântemo chamou Girassol para jogar Xbox 360 e ambos ficaram fascinados pela Ferrari.

Desloquei-me para a outra sala e Petúnia, uma garota de treze anos estava colorindo uma flor. Sobre a mesa, materiais diversos incluindo uma grande caixa de madeira cheia de lápis de cor e giz de cera. Sentada ao seu lado estava Rosa Amarela, gripada e com o nariz escorrendo. Ao perceber o estado de saúde de Rosa Amarela, AR telefonou para o serviço social pedindo que uma das assistentes sociais fosse ao encontro da mãe e pedisse a mãe para buscá-la. Uma das regras da brinquedoteca é não frequentar a brinquedoteca gripada, pois as demais colegas também podem gripar e devido a baixa de leucócitos (de imunidades), é importante evitar. Fiquei me indagando, tentando compreender essa mãe e atitudes assim tenho aprendido a partir da fenomenologia, colocar-se no lugar do outro e não pré-julgá-lo.

Os projetos para os acompanhantes através das atividades nos diversos espaços da instituição, são entre outras possibilidades, um momento de lucidez, do direito a um tempo para si, é o “cuidar de quem cuida”. Como um porto seguro, para a mãe e para a filha, Rosa Amarela, que “ama” estar na brinquedoteca. Uma criança que

perde tanto, fazê-la sentir outra perda poderia gerar em Rosa Amarela e em sua mãe, sentimentos de culpa.

Sentada no canto do palco, continuei a observar o entorno. Anis veio em minha direção e me perguntou:

- Sarou tia?

Eu respondi que sim e ela sorriu. O cuidar e o doer são algo sentido, experienciado a todo o momento por Anis. O doer é tão vivo que ela não permite nem a boneca sentir, demonstrando isso quando pegou o aparelho de ouvido. O outro é como ela, sente dor como ela. Ela se percebe através do outro e mesmo em sua fragilidade na dor em seu corpo, ela cuida, cuida outro. A garantia do cuidar é algo que ela insiste, o tempo pode passar, mas ela não esquece. Ainda próxima a mim, ela levantou a barra do vestido e enxugou as lágrimas da boneca, vindo em minha direção e posicionando-se em minha frente, falou baixinho, dando a entender como se quisesse que apenas eu e ela escutássemos:

- Neném chorou tia! Igual eu! Dodói neném! Anis chorou! Mamãe cuida Anis! Anis cuida neném!

Segurou a boneca pelo pescoço e pulsando emoção em seu ser, deu na boneca um abraço apertado falando assim:

- Linda! Neném tá linda!

E saiu arrastando a boneca, um peso que ela carregava e ali se comprometia em estar ao lado. Provavelmente, seu corpo espelho do seu próprio mundo!

Anis, a Anis, sujeito de sensação, "potência que co-nasce em um certo meio de existência" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 285). Percepção, corporeidade e experiência envoltas em um mundo sentido através de um corpo de uma garotinha de apenas dois anos que através de sensibilidade propõem a si e ao outro não apenas o cuidado, mas sim uma comunhão.

17 h. Hora de partir.

5.17 XVI ENCONTRO: A NOTÍCIA DO ÓBITO DE RODODENTRO- 17/07/2018

Rosa Amarela: 5 anos

Copo de Leite: 9anos

Camélia: 17 anos

Cacto: 15 anos

Cheguei às 13h42min. Assim que entrei na brinquedoteca, avistei na sala de jogos, Camélia, com uma cartolina branca sobre o aparador do computador fazendo desenhos a mão livre. Muitas vezes ela está acompanhada de seu noivo, ele é o seu responsável, e hoje não foi diferente. Ele estava jogando sinuca com Cacto enquanto ela fazia outra atividade. Camélia rapidamente me explicou que estava fazendo um cartaz para uma das atividades da classe hospitalar. Com o computador ligado e sentada com as pernas cruzadas, ela buscava na internet desenhos com a temática alimentos e nutrição para reproduzir a mão livre.

- A ÁGUA, a professora da classe, me pediu para fazer um cartaz com desenhos sobre comidas saudáveis e não saudáveis! Estou vendo aqui na internet modelos para ter ideia!

Com a mão esquerda, ela firmava a cartolina sobre a mesa. E com a mão direita, ela desenhava segurando levemente o lápis, em um traçado firme ao deslizá-lo sobre a cartolina branca. E quando necessário, Camélia, apagava com uma borracha as falhas, num gesto de perfeccionismo numa tentativa de dar o melhor de si para o outro.

Percebeu minha admiração e lançou-me um olhar. Eu a elogiei perguntando se ela já tinha pensado em estudar artes na UFES. Ela abaixou a cabeça e me respondeu com os lábios presos:

- Não, não tenho dinheiro para isso!

Toquei levemente em seu ombro, “pedindo licença”, eu desejava falar. Expliquei a ela que a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) é gratuita e percebi que seus olhos pretos brilharam, ela sorriu e me falou:

- Ah, mas falta muito para eu concluir o ensino médio! Muito mesmo!

Esticou o corpo em direção à tela do computador e retornou à magnífica arte de desenhar que tão bem fazia. A linguagem do seu corpo traduzia seus desejos, ela

rapidamente rolava o mouse para encontrar um desenho que lhe agradasse. Por alguns instantes parava, abandonava o lápis, respirava fundo, relaxava a coluna, se aconchegava na cadeira verde. Coincidentemente ou não, ela não usava a mão esquerda, o mesmo lado de sua perna amputada, nem sequer tocava o teclado com ela, teclava apenas usando uma das mãos, a mão direita.

AR anunciou o horário do lanhe. Descemos para o lanche. No pátio Rosa Amarela ao me ver, correu em minha direção. Ela gritou:

- Tiaaaaaaaa!

Sua mãe me olhou e sorriu. Foi a primeira vez que eu a vi sorrindo para mim, nas outras vezes sempre está me pedindo desculpas, pois Rosa Amarela ao me encontrar, pendura seu corpo pesado em mim para andar, levando a mãe a dizer:

- Não Rosa Amarela! Deixa que eu te levo, você é pesada!

Rosa Amarela andando com dificuldades, aproximou-se apressadamente e disse:

- Tia você trouxe sua prancheta? Deixa eu estudar com sua prancheta e com seu estojo?

Eu senti medo, medo que Rosa Amarela caísse e se machucasse. Respondi após ela chegar segura:

- Sim eu trouxe!

Eu sequer imaginava que ali Rosa Amarela faria uma revelação que deixaria qualquer professor orgulhoso. Pedi que ela se sentasse na cadeira e entreguei a prancheta e meu estojo de lápis para ela. Ela sorriu iluminado sua face e me disse baixinho aproximando seu corpo ao meu:

- Tia me ensina a fazer letra deitada? Faz pinguinhos para eu cobrir? Vou ficar aqui esperando! Escreva meu nome! Depois o seu nome! Escreva princesa!

Ela se referia à letra cursiva, e enquanto sua mãe estava na fila para apanhar o ticket para o lanche fizemos atividades juntas. Ela escrevia as palavras em letra bastão e pedia para eu reproduzir em letra cursiva pontilhada para ela poder cobrir. Pediu para levar o papel para casa para estudar depois e eu concordei. Após o horário do lanhe, subi para a brinquedoteca e continuei a produzir dados para minha

pesquisa. A porta de correr foi aberta, o barulho das roldanas anunciou a chegada de alguém.

Olhei para o relógio que marcava 16h14min. Uma senhora alta segurava pelas axilas um garoto e cuidadosamente o arrastava. Ela abaixou seu corpo em direção ao chão, num gesto no qual seu corpo e o da criança abaixavam juntos, e o deixou de bruços, possibilitando que ele ficasse de joelhos. Com as duas mãos, ele se apoiou e engatinhou indo direto, sem parar para olhar ao seu redor, por nenhum momento, para a estante de brinquedos. Ofereci ajuda, porém ele não falava e eu não entendia o que ele balbucia. Fui pegando os brinquedos na tentativa de acertar até ele parar de balbuciar. Uma garota alta se aproximou de mim e falou:

- Tia ele é meu irmão! Ele fica quietinho! Não vai atrapalhar! Eu prometo!

Copo de Leite, tem 9 anos, e é uma criança com meduloblastoma⁶⁵ desde os 2 anos de idade e há 7 anos frequenta a ACACCI. Escutar o que a irmã dele acabava de me falar foi como um “soco” no meu estômago. Havia ali uma completa relação de cuidado que rompia com todas as teorias sobre o ser como único conhecedor dos seus desejos. Ela conhecia o irmão e sabia a importância daquele lugar para ambos.

Copo de Leite apresenta ali, a plasticidade a partir de seu corpo, de sua experiência como ser no mundo, que dava sentido e significado ao brinquedo e a uma vida da qual a linguagem constitui situação para ele a partir do *cogito (reflexão)*.

Cuidadosamente sua irmã, uma garota de treze anos, aproximou-se e pegou o pelas axilas e em seguida colocou Copo de Leite sentado em uma das cadeiras da mesa de crianças. Observou atentamente cada brinquedo da prateleira e selecionou alguns, colocando-os sobre a mesa. Em seguida, com as duas mãos dirigiu-se a face dele e retirou os óculos de grau do irmão, que tem baixa visão no olho esquerdo.

Ele estava sentado e tocava cuidadosamente os brinquedos, segurava-os com precisão e aproximava-os para bem perto do seu rosto e assim detinha-se a examinar um por um. Lentamente foi soltando seu corpo e deslizando pela cadeira até ficar de joelhos sobre o chão da brinquedoteca.

⁶⁵ Meduloblastoma: O meduloblastoma é um dos tumores no cérebro mais comuns e malignos em crianças. Fonte: <https://www.hopkinsmedicine.org/international/portugues/conditions-treatments/pediatric-brain-tumors/medulloblastoma.html>

Engatinhando foi em direção a uma carreta azul que estava em uma das prateleiras da estante. AR estava por perto e o ajudou, entregando a carreta nas mãos dele. Ela me contou que em casa ele tem uma carreta parecida com aquela, esse brinquedo é como um objeto de segurança emocional para ele. É a primeira vez que eu o vejo na brinquedoteca, no entanto já tinha visto ele com sua mãe algumas vezes no pátio.

Copo de Leite transparecia seu ser através do brincar. Através do toque e aproximando os carrinhos bem próximos ao peito ele identificava os carrinhos que estavam dentro da carreta. Ao tocar um carrinho de cor vermelha, percebeu que estava quebrado, faltando uma das rodinhas. O toque, não apenas com um dos seus órgãos, sua mão e sim com o sentir de todo uma unidade de corpo que pulsa através de percepções táteis que são traduzidas através da linguagem de seu próprio corpo. Murmurou bravo, movimentou seu corpo estereotipicamente tocando o capô do carro, as rodas, e em tom alto balbuciava nervoso. Não tinha o que ser feito o carrinho não tinha como ser consertado e esse fato parecia não o agradar, porém permaneceu ali, brincando com a carreta azul.

Cruzou as pernas e sentou-se relaxadamente, com a carreta azul posicionada na lateral de seu corpo colocando, carrinho por carrinho, dentro da cegonha da carreta. Colocava e tirava os carrinhos, um a um e seguia assim... a brincar. Silêncio, calma. Sua irmã estava por perto, deitada de bruços no chão, e desenhando com lápis de cor enquanto ele brincava. De longe ela o observava.

Nessa calma, AR aproximou-se de mim e me contou, com um nó na garganta, sensibilizada:

-Ana, sabe o Rododentro? Ele faleceu.

Eu estava diante do desconhecido, de uma situação que não estabeleci vivenciar. O maior fenômeno de todos ainda é a vida! Observar, descrever a importância do brinquedo em um processo de subjetividades. Para quê? A vida! Sempre a vida e o direito de vivê-la em sua totalidade a partir de um corpo encarnado... sim sou fenomenóloga e o meu entorno me afeta. Estava ao lado de AR e num gesto de descrença, perguntei-lhe:

- Morreu? Como assim morreu? Ele estava tão bem!

Fomos para a recepção da sala de entrada da brinquedoteca. AR estava com os olhos cheios de lágrimas e perguntei se ela desejaria falar sobre isso. Essa notícia a abalou e a mim também. Recordo-me bem... Dia 23 de Maio de 2018. Rododentro, 13 anos, um adolescente com câncer do tipo Osteossarcoma. Eu estive com ele meu primeiro dia na brinquedoteca, onde foi feito um bingo em uma sexta feira. Perguntei para ela se as crianças sabiam e ela disse que sim, porém não ouviu nenhum comentário ali na brinquedoteca sobre esse assunto. Contou-me que em casa chorou essa perda, chorou como nunca antes.

- Quando uma criança está bem e parte, você sabe, parte. É diferente de quando está muito debilitada e parte. Difícil explicar Ana.

AR respirou fundo, colocou as duas mãos sobre os olhos apertando as lágrimas contidas e enxugou-as em sua blusa. Não era apenas uma assistente social que conversava comigo, era um ser que permitia o desvelar-se a partir da perda do outro. E pelo outro, se recompôs, e retornou ao ofício do brincar junto as crianças e adolescentes que chamavam por ela.

Voltei-me para Camélia que estava sentada em uma cadeira de crianças na mesa que fica logo na entrada da brinquedoteca. Sobre a mesa, um copo descartável com água, tintas a base de água de cores diversas, lápis, caneta, régua e algumas folhas de papel em branco. Aproximei-me, puxei uma cadeira e me sentei ao lado de Camélia que sorriu e esticou o papel a fim de me mostrar sua obra de arte. Em uma folha de papel ela coloria com tinta guache um desenho impresso de bonecas contornando todo o desenho com tinta guache preto. Ela deixava sua marca através do “odor da paisagem”⁶⁶ (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 427), como se quisesse demarcar seu território, seus sentidos de dor, de ser e estar em sociedade, um pequeno mundo que se abre a partir de outro. Havia ali, uma completa relação através da pintura e de seu significado, impactados por sua experiência e sua personalidade através de seu corpo que “toma posse do tempo, ele faz um passado e um futuro existirem para um presente, ele não é uma coisa, ele faz o tempo em lugar de padecê-lo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 321-322).

⁶⁶ Odor da paisagem: termo observado por Maurice Merleau-Ponty, a partir das obras do pintor Cézanne. Enfatizando que uma obra tem características próprias, sentidos, cheiro, cor, propriedades táteis, sonoridade, existência e significados próprios.

5.18 XVII ENCONTRO: A SENSIBILIDADE DAS FLORES- 19/07/2018

*Crisântemo: 14 anos**Cacto: 15 anos**Girassol: 10 anos*

Cheguei às 14h na brinquedoteca. Ao abrir a porta direcionei meu olhar para Cacto que estava calçado com as pantufas verde em formato de sapo, e agradavelmente, me cumprimentou:

- Boa tarde Ana!

Na sala ao lado, Girassol e Crisântemo estavam brincando com jogos nos computadores. Aproximei-me, puxei um pufe e me sentei. Girassol estava feliz, sorridente e iniciou nosso diálogo:

-Tia você estuda?

Olhei para ele e respondi:

- Sim! Estudo sim!

Imediatamente parou de jogar, virou seu corpo em minha direção e franzindo a testa perguntou:

- Estuda o quê?

O que ele deseja saber sobre mim? O termo de consentimento esclarecido foi lido e dado para ele assinar, eu fiz isso pessoalmente. Respondi calmamente tentando observar qual seria a reação dele:

- Estudo brinquedoteca hospitalar!

Percebi que Girassol tinha algo a me falar. Estava inquieto, e diante desse movimento, Crisântemo aproximou-se e posicionou-se em pé ao lado do amigo como se quisesse mostrar que estava de acordo com as palavras ainda não ditas, do fiel amigo. Colocando as duas mãos na cabeça, com uma expressão de quem estava desapontado, me falou:

- Hospitalar? Como assim? Hospitalar em qual hospital? Ué, você sabe que lá no hospital não tem nenhuma né? Você acha que poderia ter?

Fui pega de surpresa. Um garoto, aliás, um garoto e um adolescente ali diante de meu ser pesquisadora, denunciando um sistema político que não cumpre as leis que ele mesmo aprova! Devolvi a resposta desejando saber mais:

- O que você acha?

Ele levantou o rosto e olhou para Crisântemo e me respondeu:

- Acho que seria bom ter!

Curiosa, continuei:

- Como assim seria bom ter? Me explique isso melhor!

Girassol lançou um olhar para Crisântemo como se pedisse para ele ajudar a me fazer entender que alguma coisa estava errada e eu continuei a me fazer de desentendida, que precisavam me explicar melhor pois ainda não entendia o que queriam me dizer.

- Tia. Aqui! Ajuda a gente a ter uma igual a essa lá no hospital? A gente fica feliz quando está aqui! Não é Crisântemo?

Olhei para Crisântemo que, mordendo os lábios, balançava a cabeça concordando com Girassol. Com a voz embargada, contida, respondi:

-Meu sonho.

Eles sorriram e Crisântemo puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de Girassol e juntos continuaram a assistir vídeos dividindo entre eles, um fone de ouvido. Retirei-me para a outra sala e fiquei a observar Cacto que estava usando pantufas. O rádio estava ligado, a melodia era agradável e o cheiro de álcool estava forte no ar. Todos estavam envolvidos em atividades manuais, recortando, pintando. Sentei-me no chão e Cacto ao me ver ali, me perguntou se eu era uma voluntária e respondi para ele:

- Não. Sou uma estudante de mestrado da UFES.

Cacto é um adolescente que segundo AR, gosta muito de conversar, de se relacionar com as pessoas, e continuou:

- Tia me fale sobre o que você estuda!

Pelo visto, não eram apenas Girassol e Crisântemo que desejavam me contar algo. Cacto estava parado, com o olhar fixado em mim aguardando minha resposta. Afastei meu corpo da mesa, respirei relaxando minha postura e me apresentei disposta a responder perguntas e não apenas a observá-los, como estavam acostumados:

- Pois bem. Sou formada em pedagogia e faço mestrado na UFES. Estudo a brinquedoteca hospitalar. Sou da linha de educação especial e processos inclusivos.

Em um movimento rápido tocando meu braço, como se já soubesse de tudo que eu estava falando sobre mim, interrompeu minha fala e agitado para me contar sobre si, falou-me:

- Tenho um primo que é autista. Ele é especial, não é?

Balancei a cabeça concordando com o que ele me dizia e continuei nosso bate-papo explicando que pesquiso para além do público alvo. Defendo a ideia de um quarto público alvo, entre eles as crianças e adolescentes com câncer. Falei de leis, de regulamentações que definem uma educação especial temporária e sobre o adoecer, sobre o processo de aprendizado, da importância do brincar e da brinquedoteca para a criança oncológica. Cacto me questionava e se expressava com uma seriedade de um ser que fala a partir de uma fala corporificada, experienciada e percebida em seu ser.

- Sim, eu mesmo não consigo raciocinar quando estou no tratamento. No tratamento mesmo entende? Mas no hospital em nunca vi uma brinquedoteca.

Balançando a cabeça sinalizando estar de acordo com sua crítica, calmamente respondi:

- Sim, sei que lá no HINSG não tem uma brinquedoteca. Por isso estou aqui. Essa foi a única que eu localizei. É hospitalar, pois tem todas as características que te contei, porém em ambiente não hospitalar.

Aparentava estar confuso com tanta informação coçou a cabeça e me perguntou:

- Mas era para ter? Era para ter no hospital?

Respondi falando firme com propriedade e militância:

- Sim! Era sim! É lei! Mas o que você acha?

Ele afastou seu corpo do encosto da pequena cadeira de madeira, inclinou-se para frente e através de seu olhar me apresentou seu entorno, a brinquedoteca da ACACCI:

- Seria muito bom ter no hospital. As crianças se sentem bem aqui. Quando brincam esquecem o mundo!

Instigando a dúvida, perguntei:

-Sério? Esquecem?

Cacto estava fazendo desenhos com pincel e tinta guache, sem pressa, desenhava, conversava comigo e voltava a desenhar. Realmente um bate papo como se fôssemos velhos conhecidos e que ali estávamos colocando nossa conversa em dia. Porém ao escutar minha pergunta, abandonou o pincel e empurrou o papel, dando a entender que definitivamente precisava esclarecer algo e inquietamente se posicionou em minha frente e esticando os braços me mostrou:

- Sim! Esquecem brincando. Aqui é muito diferente. Faz bem vir pra cá! Olha ao seu redor! Não está vendo como faz bem?

Sim, eu via. Eu via a alegria, os sorrisos e isso era o que ele queria me mostrar na sua verdade. Verdade vivida, sentida, experienciada, corporificada. E acrescentou:

- Olha só! Olha o Girassol quando está passando mal, fica no quarto quando é para ir para a classe hospitalar. Mas para a brinquedoteca ele não deixa de vir, de jeito nenhum, nem passando mal por causa do tratamento. Já eu, eu me sinto melhor quando venho par cá. Muito melhor!

Um garoto de 15 anos, debilitado e frágil, sentado numa cadeira de criança conversou comigo e no decorrer de sua curiosidade foi demonstrando por meio de palavras e gestos a importância daquele lugar na vida de todos eles. A alegria é algo que em certos dias da semana emana nesse espaço. Hoje foi um dia desses. Um dia de sol no inverno e o afetar-se aquecia aquele lugar.

AR anunciou a hora do lanche. Fiquei na brinquedoteca fazendo minhas anotações em meu bloquinho.

As portas de correr foram abertas por Girassol que anunciava que a hora do lanche havia acabado.

Em seguida Copo de Leite chegou sentado em sua cadeira de rodas, sendo empurrado por sua irmã. Ela delicadamente tirou os óculos que ele estava usando e a sandália que ele estava calçado e logo depois o retirou da cadeira de rodas segurando-o pelas axilas e colocando-o sentado no chão da brinquedoteca. Ele rapidamente engatinhou para o tatame a procura da carreta azul que havia deixado em sua última visita ao espaço. Entretanto a carreta não estava mais lá, e ele se fechou em seu mundo particular buscando algo que lhe restabelecesse segurança.

Com movimentos tipificados, aparentando nervosismo e agitação, ele batia os dentes em um abrir e fechar da boca. Observou seu entorno, ajoelhou-se e acalmou-se. Em seguida saiu engatinhando até a carreta azul que estava guardada em uma prateleira baixa e a pegou. Ele também pegou seis carrinhos da mesma estante. Deteve-se por algum tempo a examinar a carreta e após verificar que estava tudo certo, colocou os seis carrinhos, um a um, dentro da cegonha da carreta. Copo de Leite apoiou o peso do seu corpo sobre a carreta a fim de equilibrar-se e saiu a empurrá-la. Ele gritava! Balbuciava! Sorria! Dando a entender que estava feliz! Sua irmã estava por perto a observá-lo, e ao vê-lo gritando, aproximou-se em minha direção e falou:

-Ele está feliz tia! Está tudo bem! Não se preocupe com os gritos! Ele fica assim quando está muito feliz!

Figura 44- Copo de Leite brincando com caminhão azul



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 45 - Copo de Leite brincando com caminhão azul



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ele continuou brincando sozinho e, com o apoio das mãos, engatinhava como se demarcasse o seu território. Às vezes parava, observava seu entorno e continuava a engatinhar até chegar aos brinquedos para o palco da outra sala. Aproximou-se da mesa de crianças e ficou de joelhos. AR aproximou-se dele para ajudá-lo a se sentar em uma das cadeiras. Copo de Leite segurou firme em AR, olhou para ela e balbuciando, apontava para os bonecos que estavam no alto de uma estante. Ela foi seguindo calmamente, as instruções dadas por ele e pegou o que ele desejava. Ele voltou a se sentar no chão e a brincar com os bonecos, porém não demorou muito tempo naquela brincadeira, indo em direção da carreta azul.

Uma voluntária se aproximou e sentou-se ao seu lado. Pegou um carrinho de dentro da carreta e Copo de Leite sorriu, dando a entender que permitia a presença dela em sua brincadeira, em seu mundo lúdico. Ela sugeriu que jogassem bola e ele através de seus gestos, aceitou indo em direção ao cesto de bolas e pegando uma bola Laranja com uma das mãos. Copo de Leite não deixava a carreta longe de si, ele a carregava com a outra mão. Aparentemente esforçava-se para levar todos esses brinquedos e usar seu corpo para engatinhar para a outra sala. Durante esse trajeto de Copo de Leite, observei a marca de uma cicatriz atrás de sua cabeça que continuava até na parte da frente de seu pescoço, são muitas marcas no corpo de Copo de Leite.

Locomoveu-se até retornar à sala anterior e deixando os bonecos sobre o tatame e seguiu para o escorregador. Através do orifício nas laterais desse brinquedo, ele teve acesso à escada para descer o escorregador. Gritava, estava eufórico e por quatro vezes com a ajuda de sua irmã, ele escorregou, repetindo o mesmo trajeto.

Ele parou e observou seu entorno e avistou um helicóptero na prateleira. Apontou e sua irmã novamente o ajudou, pegando o brinquedo para ele que engatinhou com o helicóptero na mão até o palco, o lugar mais alto. Colocou o helicóptero ao lado da carreta, alinhando-os na mesma direção, exatamente na mesma direção e assim fez, até ficar satisfeito com o resultado. Ficou por um instante pensativo e retornou para sala anterior. Quando chegou ao tatame ele se acalmou, sentou-se e começou a balbuciar falando sozinho, demonstrando estar feliz. A irmã dele sabia que eu o observava, pois eu estava anotando em meu bloquinho. Ela me olhou e expressando um sorriso em sua face, falou:

- Ele está feliz! Ele gosta de vir para cá, sabe? Fica aqui e brinca e todo mundo cuida dele. Ele é bem-vindo aqui. Eu também gosto de vir para cá. Ele brinca do que quiser e eu também. Tem dia que eu o deixo quietinho, tem dia que ele não quer muito assunto e eu deixo. Ele só brinca se quiser. Ele fica bem. E quando ele grita assim é porque está feliz. Não se preocupe, é só felicidade mesmo!

Respondi e sinceramente desejava muito que ela acreditasse:

- Que bom! Fico feliz ao vê-los aqui!

Foi a primeira vez que ela foi ao meu encontro sem medos, sem ser apenas a irmã que estava ali para proteger o irmão. E continuou aproximando-se de mim para uma conversa:

- Ele só não pode vir aqui sempre. Mamãe tem que me pegar na escola. Daí ele não vem pra cá. Ela não me deixa andar sozinha. Ela fica preocupada em me deixar andar de ônibus sozinha, essas coisas de mãe mesmo. Eu queria muito que ele viesse muito aqui porque ele fica muito, mas muito feliz mesmo. Mas nas férias, me aguarde, eu venho aqui. Eu e ele. E você vai ver a gente brincar até!

Enquanto a irmã de Copo de Leite conversava comigo, pude observar que ele segurava a bola laranja com as duas mãos e seguia em direção ao palco. Porém percebeu a presença de AR e jogou a bola para ela. Através de seu corpo, de sua corporeidade a convidava ao brincar, ao estar junto. Ela imediatamente sentou-se no

chão, próximos ao palco, e brincaram de jogar bola um para o outro. AR alertava as demais crianças que estavam brincando na brinquedoteca:

- *Cuidado pessoal! O colega está aqui! Cuidado para não tropeçarem em Copo de Leite!*

Fiquei por ali, observando as diversas formas como o brinquedo impactava a subjetividade de cada um deles e como eles demonstram isso. Como Copo de Leite que matinha a carreta azul, um brinquedo parecido com o que tem em casa, ao seu lado. Eu estava guardando os brinquedos em uma prateleira alta e escutei uma voz em tom sereno, vindo em minha direção:

- *Tia Ana pega aquele urso ali!*

Era Girassol me pedindo um brinquedo. Nenhuma vez sequer, eu o vi brincar com carrinhos e bonecos, apenas com jogos. Ele chegou à brinquedoteca mais tarde do que de costume, pois estava no hospital. Aparentava não estar muito animado, não sorria e mantinha-se em silêncio até então sentado em frente ao computador. Seu olhar era apático, cansado, nem queria conversar com seu fiel amigo Crisântemo. Aproximando-se continuou a falar comigo:

- *E pegue a cabeça do urso também. Está do lado.*

Entreguei para ele o brinquedo e ele insistia em colocar a cabeça do urso no lugar até conseguir consertar. Sentou-se em um colchonete em um espaço para bebês, em um canto protegido. Percebendo a bagunça do lugar, faz um bico com boca e balançando a cabeça de forma negativa, demonstrando não estar satisfeito. Conferiu a mandíbula, a cabeça e o corpo do urso detalhadamente. Movimentou o urso fazendo sons em tom bem baixinho, colocando o urso em pé, deitado no ar e sobre seu campo de visão, levantou-se e seguiu para a sala de recreação levando consigo o pequeno urso.

Juntou-se a Crisântemo, que estava com os braços dentro da camisa abraçando seu corpo para esquentar seu corpo, a sala estava muito fria. Crisântemo ao perceber que o amigo estava ao seu lado retirou um dos lados do fone de ouvido e entregou para Girassol que recusou. Nessa tarde, nesse tempo vivido, Girassol não desejava mais assistir vídeos, dava a entender que desejava a solidão e recluso, chamou AR

para colocar um filme para ele. Escolheu assistir *Timão e Pumba*⁶⁷. Ele olhou para mim e falou:

- Ana vem cá. Quero te dizer que eu gosto desse filme, anote isso no seu bloquinho de anotações. Já assisti umas três vezes aqui na ACACCI, fora lá em casa. “Hakuna Matata. Hakuna matata”. Ana Hakuna Matata para você também!

Crisântemo que estava com o fone de ouvido assistindo youtube, tirou o fone e falou:

-Sol, “Hakuna Matata!”.

Girassol concordou balançando a cabeça positivamente, ele não sorriu e tão agradável é vê-lo sorrir. Os dois amigos demonstravam ali naquele momento, saber respeitar o tempo do outro. Retirei-me e observei que na tela do computador de Girassol passava a cena⁶⁸:

Figura 46 - Filme Timão e Pumba



Fonte: <http://www.garotasgeeks.com/personagem-da-semana-timao-e-pumba/>

Timão: Olha, garoto. Coisas ruins acontecem e não há nada que se possa fazer, certo?

Simba: Certo.

Timão: Errado! Quando o mundo vira as costas pra você, você vira as costas para o mundo.

Simba: Não foi isso o que me ensinaram.

Timão: Talvez você precise de uma nova lição. Repita comigo: Hakuna Matata.

⁶⁷ Filme Timão e Pumba: É uma série animada de TV feita pela Walt Disney Animation Television centrada nas aventuras da dupla Timão e Pumba, vistos pela primeira vez no filme de 1994 *O Rei Leão*. O show durou cinco temporadas de 16 de setembro de 1995 a 24 de setembro de 1999. Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

⁶⁸ Em casa pesquisei mais sobre a película e localizei em um site a conversa dos personagens. Fonte: <http://www.garotasgeeks.com/personagem-da-semana-timao-e-pumba/>

Simba: O quê?

Pumba :Hakuna Matata. Significa sem preocupações

Timão: 2 palavras que mudarão a sua vida!

Simba: É mesmo?'

(Fonte: <http://www.garotasgeeks.com/personagem-da-semana-timao-e-pumba/>)

Crianças e adolescente que vivenciam a todo o momento a existência, que surpreendem a todos com sua coragem. Cacto realmente estava certo, Girassol tinha necessidade de estar ali, na brinquedoteca. “Mas posso viver mais coisas do que as que me represento, meu ser não se reduz àquilo que, de mim mesmo, expressamente me aparece” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 398). O brinquedo simbólico tem uma riqueza de significações que levam Girassol a buscar uma força para renovar-se cuidando do outro como o cuidado de si, mesmo que o outro seja um brinquedo. Enfrentando e resistindo ao impacto da dor, dos rótulos presos em amarras que ali, diante da ludicidade eram ultrapassadas.

Corporeidade, experiência e percepção percebidas por Copo de Leite. Um corpo com cicatrizes e devido ao câncer com baixa visão, perda da fala e dificuldade de mobilidade física.

A experiência tátil não é uma condição separada que poderíamos manter constante enquanto fariamos variar a experiência “visual”, de modo a determinar a causalidade própria a cada uma, e o comportamento não é uma função dessas variáveis, ele está pressuposto em sua definição, assim como cada uma delas está pressuposta na definição da outra (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 169-170).

O ser é corpo. Corpo por inteiro através de uma linguagem própria, intrínseca ao outro. O corpo é um emaranhado de sentidos e percepções. A falta ou a deficiência de um dos sentidos corporais não descarta a linguagem, a comunicação com o outro, com o mundo. Copo de Leite, um garoto que apresentava dificuldades de locomoção, de comunicação oral e de baixa visão potencializou outros sentidos para resignificar sua existência. Seu campo de visão pôde ser vivenciado através do toque (tato) e através do cheiro (olfato) através do calor ou do frio (sensações). Assim como, a linguagem não verbal pôde ser expressada em gestos, olhares. Ele fez-se compreendido e ali, naquele espaço tempo, brincou consigo e com o outro.

17 h. Hora de partir

5.19 XVIII ENCONTRO: O DIA DO AMIGO! - 20/07/2018

Crisântemo: 14 anos

Girassol: 10 anos

Cheguei as 14h05min. Após passar pela recepção, fui à sala de TERRA, uma das assistentes social da instituição. De lá segui ao encontro de Luciene, superintendente e Regina, diretora presidente da instituição para contar que o artigo submetido ao I Congresso Internacional do brincar⁶⁹ tinha sido aprovado. E que hoje eu encerraria minha produção de dados.

Após o encontro, fui para a brinquedoteca. Hoje o caminho até a brinquedoteca foi percebido por mim de maneira diferente, refleti em meu trajeto sobre a importância dessa instituição para mim como pesquisadora, mas também para mim enquanto ser no mundo, ser com o outro. Cheguei a frente à porta de entrada e fiquei ali, parada, impactada, por alguns instantes. Respirei fundo. Abaixei minha cabeça, como se reverenciasse algo. Meus olhos estavam cheios de água e nesse momento senti como se estivesse ali pela primeira vez, "em meu destino". Estendi minhas duas mãos em direção à maçaneta da porta e fiz as duas portas correrem e anunciaram minha chegada através das roldanas barulhentas. Mais uma vez refleti e me indaguei sobre o porquê daquelas portas de correr? Me apresento ali, por inteiro, não sou fragmento e tampouco preciso anunciar-me com o espreitar de um olhar por de trás de uma porta. Ali cabe o meu ser por inteiro em sentidos e percepções, nada precisa ficar do lado de fora. Sou bem vinda em minha totalidade de ser encarnado.

O dia estava frio, o vento gelado foi sentido por mim através de minha pele, mas bastou eu adentrar para me sentir aquecida por um dos mais nobres gestos, a acolhida. Acolhimento, uma das características do ser AR.

- Oi Ana! Boa tarde!

FIGURA 47 – Cartaz da brinquedoteca da ACACCI

⁶⁹ I Congresso Internacional do brincar: Evento realizado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em parceria com a brinquedoteca do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE).



Fonte: Acervo da pesquisadora.

E não foi somente AR que me deu boas vindas. Girassol se aproximou até a porta para me receber e me convidar para ficar ao seu lado nessa tarde. O acompanhei e me sentei entre ele e Crisântemo, ambos estavam no computador. Crisântemo estava assistindo tutoriais no youtube e me perguntou se eu conhecia a área 51. Respondi que não. Procurou um vídeo que falasse sobre o assunto e colocou para eu assistir.

-Você tem medo de extraterrestre? Olha isso! Sinistro! Isso tudo é verdade! Os extraterrestres estão lá! Tudo muito secreto nessa base militar! Ela é secreta!

Eles dois aparentavam estarem se divertindo com minha presença. Eu percebi que estavam tentando me deixar com medo, me apavorar com os vídeos sobre uma área militar secreta nos Estados Unidos. Eles davam gargalhadas, estavam gozadores na tarde de hoje e eu tive a deliciosa oportunidade de estar ao lado deles.

- Pára com isso Crisântemo, minha barriga está doendo de tanto rir! Pare de fazer isso com a Ana, ela nem vai dormir direito de noite! Você hoje está animadinho hein? Ana, não liga não. Isso é para te apavorar, hoje ele está gozador, mas que sua cara prestando atenção está muito engraçada. Você fica séria quando está prestando atenção, igual como fica quando está com seu bloquinho estudando.

Falou Girassol colocando a mão na barriga e enxugando os olhos que lagrimejavam de alegria. AR através da janela de vidro assistia tudo e foi em nossa direção convidando a todos para uma partida de totó.

- Vamos jogar totó! Levantem-se Girassol e Crisântemo! Vamos? Vocês dois estão desde cedo nesse computador.

Assim chamou os dois que estavam desde cedo no computador para interagirem com ela a uma das voluntárias do dia. Eles, em comum acordo, estipularam quatro

partidas de doze pontos até a hora do lanche. Crisântemo vibrava ao fazer pontos e agressividade desse jogo era demonstrada através de pulos, gritos, e sorrisos de pessoas que extravasavam suas emoções. Girassol falou:

- Outro! Outro ponto! Sou bom nisso aqui! AR você me tirou da cadeira para perder desse jeito? Vou fazer mais pontos! Preste atenção e aprenda comigo a jogar totó!

AR anunciou a hora do lanche. Descemos para o lanche e AR convidou os responsáveis para participarem de uma atividade na brinquedoteca em comemoração ao dia do amigo.

Assim que todos chegaram, AR posicionou-se sobre o palco e explicou as regras da brincadeira. Naquela tarde, eles teriam que adivinhar o que o outro colega respondeu no questionário com algumas perguntas, entre elas: preferências individuais, o que mais gostavam de comer na ACACCI, qual time de futebol que torciam de onde eram, e outras. Após os esclarecimentos, colocou sobre a mesa algumas opções de brindes para escolherem.

As duplas estavam formadas, Girassol e sua mãe sentaram-se juntos, lado a lado no chão do palco e Crisântemo e sua mãe se sentaram um de frente para o outro em uma das mesas de crianças, dando início à brincadeira com o preenchimento do questionário e logo em seguida AR fez a leitura. Os quatro participantes interrompiam a leitura feita por ela, e falavam, gritavam se divertiam corrigindo as respostas erradas.

- Lasanha! Arroz, feijão e bife. Como você errou? Eu só como salada porque tenho que comer, mas não gosto de jeito nenhum! Deixa a nutricionista escutar isso, vai ficar até triste! Bife com caldinho de bife! A comida daqui é muito boa, mas o bife. Minha boca enche de água!

- Flamengo, ele é flamengo! Ele até usa a camisa, você nunca viu? Ai meu Deus do céu, nem viu isso!

- Do Rio de Janeiro! Claro que é do Rio de Janeiro! Olha o sotaque dele!

Todos se divertiam e AR bateu palmas para chamar atenção diante da euforia dos participantes na brinquedoteca, encerrando o jogo e avisando o resultado:

- Empate! Empataram!

Era chegada a hora da escolha dos presentes e mais uma regra foi estabelecida, era o momento de escolher o presente que o amigo iria receber. AR com voz firme falou, direcionando seu olhar a cada um dos participantes:

- Escolha um presente! Não pegue o brinde e dê para o colega! Pegue e segure! Mas esse você deve escolher pensando no amigo!

E os quatro participantes foram em direção aos brindes/presentes. Crisântemo estava segurando um presente e ao escutar AR falando as regras, ele imediatamente trocou. Girassol ao observar Crisântemo deixar o presente sobre a mesa, o pegou para dar a Crisântemo. AR atentamente, repetiu:

- Peguem e não entreguem, apenas segurem!

Foi à vez das mães e todos estavam ansiosos esperando para ver o que ia acontecer e mais uma vez AR pediu a palavra:

- Prestem atenção! O presente que vocês estão na mão é para vocês. Vocês devem tratar o outro como gostariam de ser tratados, desejar o melhor, como se fosse para você. Isso é amizade! É cuidar do outro como cuidaria de você mesmo. Foi nisso que pensei quando montei essa brincadeira para o dia de hoje!

As duas mães presentes se emocionaram, lágrimas desciam de seus olhos, mas os dois garotos olharam um para o outro, dando a entender que não estavam de acordo, e Girassol pediu a palavra:

- Tia AR! Quero falar! Isso não está certo não! Eu escolhi esse dominó aqui porque vi que ele queria! Eu mesmo não quero isso de jeito nenhum! Escolhi foi para ele depois de vê-lo deixar sobre a mesa! Me deixe trocar! Quebra esse galho pra mim!

Que lugar é esse que essa criança pode ser sincera e ser íntima do outro, no sentido de conhecer e cuidar? Quando Girassol se posicionou, ele favoreceu a escuta para si, mas proporcionou a alegria e descontração através de seu jeito de ser alegre e sincero, envolvendo todos os presentes a todos sorrirem e estarem ao seu lado tentando convencer AR a uma nova regra:

- Mas como vocês escolheram o melhor para o amigo, observaram o que agradaria o amigo, eu deixo vocês trocarem! Isso é amizade! Tá valendo essa nova regra!

Por um tempo os quatro participantes, permaneceram ali, sorrindo e comentando a atitude dos dois garotos. Em seguida, direcionaram-se para a mesa e sentaram em pequenas cadeiras de madeira. Mães e seus filhos, não mais pacientes e acompanhantes, jogaram baralho e nos convidaram para jogar. A mãe de Crisântemo falou, dando a entender que ordenava, para mim e para AR:

- Agora vocês vão jogar também!

Eu timidamente respondi:

- Eu não sei. Joguem vocês!

Ela continuou olhando para a senhora, mãe de Girassol, sorriu e disse:

- Eu te ensino, aliás, a gente ensina para vocês. Vocês nos ensinam tanto, queremos que se divirtam também! Sei que essa atividade foi feita para proporcionar momentos alegres nossos com nossos filhos, mas vocês são bem vindas aqui conosco! Sentem-se logo!

Elas nos ensinaram a jogar, éramos suas parceiras. O quarteto da partida foi transformado em seis por um, um único objetivo, brincar.

- Você pode contar cartas, ficar muito sério ou apenas jogar. Espairar e se divertir é melhor que ficar sério! Ninguém quer perder no jogo, por isso concentre-se no que seu adversário faz e tente ser melhor que ele. Apenas jogue treine, assim você aprende. Na próxima partida saberá mais um pouco e é assim, sem mistério. Jogue com quem saiba, mas jogue! Divirta-se jogando porque isso é muito bom! É uma terapia!

Já era hora de encerrar as atividades do dia e Ar avisou as pessoas presentes. Arrumando os brinquedos nos devidos lugares, me falou:

Ana, estou aqui há 1 ano e todos os dias me renovo aqui nesse local. Me recordo de uma criança que falou comigo que queria produzir algo para presentear a mãe dela. Daí eu sugeri a criança que fizéssemos uma pulseira, fizemos um molde e começamos a montar a pulseira aqui na brinquedoteca.

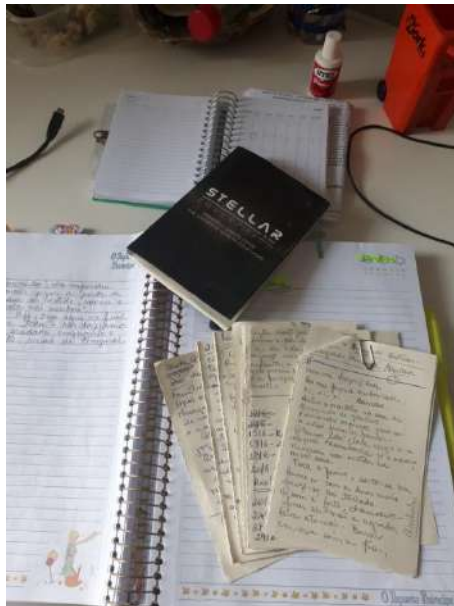
Eu sempre perguntava qual o gosto da mãe ela, as cores favoritas e a criança sempre respondia que eu poderia ajudar falando os meus gostos, pois ela confiava em mim. Na véspera dessa criança ter alta ela veio até a mim com um presente e quando eu abri, era a pulseira. Ela usou a mãe como referência. A mãe que sempre esteve ao lado dela e isso foi uma das coisas que me marcaram como profissional. Tenho até hoje essa pulseira e a guardo com carinho. Está chegando o final da sua pesquisa e nunca falei, sou tímida. Você pesquisa a brinquedoteca e esse lugar é muito importante. Viabilizar o direito ao brincar e esse direito não pode ser interrompido por conta do tratamento, pois o brincar (você está vendo isso com sua sensibilidade), contribui para esse processo de superação que estão passando por causa do tratamento. A criança não deixa de ser criança por causa da doença, do câncer. Fico aqui vendo sua cara esperando as portas serem abertas. Sim Ana, é maravilhoso ver alegria no rosto deles, aqui é muito diferente do hospital. Aqui é um refúgio, eles esquecem a parte dolorosa. Sei que são pacientes e compreendo as limitações que o tratamento causa, a dor, o silêncio e algumas vezes o isolamento. Mas quando as portas abrem eu vejo que são crianças! São apenas crianças! A cura não é só da criança. Tem responsável que vem aqui na brinquedoteca brincar e diz que quer descontraír, esquecer da vida brincando. Penso em propostas para auxiliar o vínculo entre o responsável e o filho, por isso as atividades das sextas-feiras e as rodas de leitura. Você percebeu quantas vezes as crianças encostam a cabeça do colo das mães? As mães acariciam o rosto, a cabeça dos seus filhos e na correia do hospital nem tem condição emocional para isso, estão sempre preocupadas. Eu reflito quando uma mãe vem me agradecer, respondo a ela que esse é meu papel, acolher. O importante é a autonomia dessas crianças, aqui na brinquedoteca, elas podem falar o “não quero” esse “não quero” é escutado. Lidar com a morte diariamente e a perda de alguém é algo que não desejamos para ninguém mas temos que saber lidar. Quando são adolescentes conversam sobre isso entre eles, mas as crianças lidam com a morte brincando. Uma criança uma vez falou assim comigo: “Tia eu sei que vou ficar aqui mais 23 dias, estou com medo de voltar para o hospital. Mas que bom que sei que vou vir para a brinquedoteca depois do hospital e não vou ver o tempo passar”. Quero te dizer que carinho e reconhecimento são vias de troca, de

aproximação e vínculo nesse local que muitas vezes serve para esquecerem o processo de adoecimento. Vamos embora Ana, já deu nosso horário.

Partindo do pressuposto segundo o dicionário Aurélio, que amigo é, ligar (-se) por laços de amizade. E ligar-se é perceber-se através do outro, no respeito e o cuidado que ambos têm por conhecer sua silenciosa dor. Digo silenciosa, pois nesses 18 encontros, só escutei a palavra câncer duas vezes. Certas palavras não precisam ser ditas, são vividas, sentidas, experienciadas e feridas devem ser curadas e não entrar em processo de metástase. Porém tive a oportunidade de observar a subjetividade de cada um deles sendo desvelada através do brincar, da ludicidade, do brinquedo como instrumento de terapia individual, transformando suas dores em alívio e o peso carregado nessa jornada num processo de resiliência onde o ser é lançado em uma existência negada pelo Estado, mas reconhecido pelos seus.

17 h. Hora de partir e seguir.

Figura 48 – Diário de campo



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 49 – Cabelo da pesquisadora doado para a instituição



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Após 18 encontros, alguns meses de convívio, parto. Porém não parto sozinha. Levo comigo um pedacinho de cada um deles, em parte detalhados nessas páginas. E deixo com eles um pedaço de mim, de meu ser na esperança de dia melhores. A esta instituição minha gratidão e a esses 41 seres no mundo, meu respeito!

6 PÓSCRITO

Eu estava ali. Era pesquisadora e, ao mesmo tempo, era uma pessoa, um ser no mundo entrelaçada com aquelas crianças que conforme o Parecer CNE/CEB nº 17/2001, no qual institui diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica, são em uma visão inclusiva, sujeitos da educação especial temporários. Impossível distanciar-me. Não há fenomenologia asséptica. Eu me misturo a elas e sou com elas. Brinco, rio, engulo, choro. Em alguns momentos, minha tradição mais positivista cobra um distanciamento. Estando ali, eu não consigo! As crianças brincam e em cada pequeno gesto eu vou conhecendo-as e também vou me conhecendo como mulher adulta capaz de brincar. Anoto coisas, tento gravar, mas o vivido continua a se me escapar. Ele é bem mais que aquilo que consegui reter nessa escrita!

(...) até que leio enfim suas palavras na própria intenção com que ele as escreveu. Não se pode imitar a voz de alguém sem retornar algo de sua

fisionomia e enfim de seu estilo pessoal. Assim a voz do autor acaba por induzir em mim seu pensamento (Merleau-Ponty, 1974, p. 28).

Flores, cada uma com sua peculiaridade, foram descritas para serem escutadas por todos com empatia através dessa pesquisa a partir de minha compreensão, do meu olhar, do meu envolvimento existencial e do distanciamento reflexivo enquanto pesquisadora. Na minha incompletude enquanto ser no mundo farei novas leituras e novas interpretações. Essa é uma das belezas da vida! Novas análises, novas interpretações a partir de leituras, minhas e sua, meu leitor. Como é ser criança e adolescente com câncer descrita com necessidades educacionais especiais inseridas na brinquedoteca hospitalar da ACACCI e como se revela a “corporeidade, a experiência e a percepção “desse ser diante do brinquedo e do brincar?

A criança ou adolescente com câncer não deixa de ser criança ou adolescente por ter câncer

Sim, é devastador!

Uma luta diária com a quimioterapia, com a radioterapia, com os fármacos e ainda as vezes precisam encarar as amputações de membros, a perda da oralidade, a perda da visão

A vida é finita, no entanto ainda é vida

Não só a delas, mas a minha e a sua

É um choque de realidade ver a alegria representada pelo brinquedo em meio ao silêncio, a dor física e emocional

A criança brinca quando está triste

Também brinca quando está feliz

Tampouco, não deixa de ser feliz só porque não sorri

Quando a criança sorri e brinca, seu sorriso parece ter poderes mágicos de iluminar o brinquedo

E quando não consegue sorrir, a mágica do brincar a transporta para bem longe e acolhe seu ser infantil

Que brincar mais triste, não é?

Engano! Puro engano achar que o brincar precisa ter sorriso e conversa

Forças físicas não são a essência do ser criança,

a essência é sua totalidade, não um fragmento

Tempo de descanso também é tempo de existência

E na infância...

Áh doce infância do brincar!

Brincando a criança se mostra ao outro e a si mesmo

Através do brinquedo percebe o mundo e projeta-se ali enquanto ser no mundo, entregando-se ao vivido

Silencia-se por vezes e divide consigo mesma a dor, a perda, a superação a resiliência de mais um dia vivido

Nesse silêncio comunica-se através de gestos, de toques, de olhares, de um sorriso preso na face, mas ela está ali, no espaço tempo do brincar.

Corporeidade, experiência e percepção indissociadas tendo o corpo como elo de existência

Corpo como possibilidade de sentidos, de conduta, de intencionalidade em benefício da expressão e de simbologia das coisas da vida e das coisas do brincar

A criança desvela-se quando brinca

Torna-se “herói” e mesmo que tenha como escudo e espada, apenas seu corpo e o brinquedo, segue a batalha encarando o percurso e a chegada mesmo que distante

Ser criança é ser criança e isso deve ser respeitado!

**Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe ao certo onde vai dar
Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá (TOQUINHO, 1983).**

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: SP: Martins Fontes, 2007.

Abong. **Associação Brasileira de ONGs**. <http://abong.org.br/questoes-juridicas/>

ACACCI. **ACACCI – Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil**. Disponível em: <<http://www.acacci.org.br>> [Acesso em: 30 de janeiro de 2018].

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AXLINE, Virginia Mae. **Dibs: em busca de si mesmo**. Rio de Janeiro: Agir, 1985.

AXLINE, Virginia Mae. **Ludoterapia: o método de ajudar crianças a se ajudarem**. Belo Horizonte: Inter livros, 1972.

BAHIA, Priscila Mary dos Santos. **A construção de zonas lúdicas no hospital: transformações sobre tempo, espaço e rotinas por crianças**. 18/08/2016. 225 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia): Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BAKEWELL, Sarah. **No café existencialista: O retrato de época em que a filosofia, a sensualidade e a rebeldia andavam juntas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

BANDEIRA, Manoel. **Libertinagem**. In: Antologia Poética. Rio de Janeiro: Do Autor, 1961.

BANDEIRA, Pedro. **Mais respeito, eu sou criança**. 2º Ed. São Paulo: Moderna, 2002.

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. São Paulo: Recors, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.

BOMTEMPO, Edda. **Psicologia do brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos**. São Paulo: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

BOMTEMPO, Edda; ANTUNHA, Elsa Gonçalves; OLIVEIRA, Vera Barros de Oliveira (org.). **Brincando na escola, no hospital, na rua...** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

_____. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. UNESCO, Jomtiem/Tailândia, 1990.

_____. **Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados**. Resolução 41/95 Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Brasília. 1995.

_____. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Imprensa Oficial, 1990.

_____. Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. **Plano Nacional de Educação/PNE**. Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm> [Acesso em: 10 de janeiro de 2018].

_____. Lei nº 11.104/2005. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação**. 2005. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11104.htm> [Acesso em: 10 de janeiro de 2018].

_____. Lei 13.019/14. **Estabelece o regime jurídico das parcerias voluntárias.** Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13019-31-julho-2014-779123-publicacaooriginal-144670-pl.html>> Acessado em: 07/12/2018.

_____. Lei nº 13.146/15. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm [Acesso em: 11 de dezembro de 2018].

_____. LEI Nº 13.257, 08 de março de 2016. **Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância.** 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm> [Acesso em: 10 de janeiro de 2018].

_____. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca.** Brasília, 1994

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** MEC. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=3019> [Acesso em: 10 de janeiro de 2018].

_____. Resolução CNE nº 02, 11.09.2001. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Ministério da Educação.** 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>> [Acesso em: 10 de janeiro de 2018].

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei no. 9394, 20 de dezembro de 1996. Brasília/DF: Imprensa Oficial. 1996.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. **Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> [Acesso em: 18 de abril de 2018].

_____. Ministério da Saúde. **Precauções**. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/artigos/918-saude-de-a-a-z/influenza/13807-recomendacoes-para-prevencao-e-controle>>. Acesso em: 19 de dezembro de 2018. BRASIL. MARCO Legal do Terceiro Setor. Cadernos Comunidade Solidária, Brasília, v. 5, jan. 1998.

_____. **A Importância do Brinquedo na Saúde e Educação**. In. Seminário Nacional sobre a Brinquedoteca: Importância do Lúdico, do Brinquedo na Saúde e na Educação. 2005, p. 41. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/documentos/relatorios-de-atividades/brinquedoteca120307.pdf>>

BRAGIO, Jaqueline. **O sentido de ser educadora das/nas brinquedotecas do Hospital Infantil de Vitória/ES: um estudo a partir dos conceitos de experiência, narrativa & cuidado**. 26/03/1994 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

CAPES. **Banco de teses**. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses>>. [Acesso em: 05 de setembro de 2017].

CARVALHO, Adnan de Carvalho. **A criança, o brincar e a aprendizagem no contexto hospitalar**. 26/03/2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia e engajamento: em torno das cartas de ruptura entre Merleau-Ponty e Sartre.** Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/chau-marilena-filosofia-e-engajamento-em-torno-das-cartas-de-ruptura-entre-merleau-ponty-e-sartre.pdf>>. [Acesso em: 27 de fevereiro de 2018].

COLODETE, Paulo Roque. **“Clínica-Ká-Surfe”: Potência & Políticas de expansão da vida-alegria nas diversidades e vicissitudes escolares e não-escolares.** 21/12/2009. 218 f. Tese (Doutorado em Educação): Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

CORALINA, Cora. **Melhores Poemas.** São Paulo: Global, 2011.

CORSARO, W. A. **A reprodução interpretativa no brincar ao "faz-de-conta" das crianças.** Educação, Sociedade e Cultura: Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação, Porto, v. 17, p. 113-134, 2002.

_____, W. A. **Sociologia da infância.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Suely A. F.; RIBEIRO, Circéa Amália; DE BORBA, Regina I. H.; SANNA, Maria Cristina. **Brinquedoteca hospitalar no Brasil: Reconstruindo a história de sua criação e implantação.** HIST. ENF. REV. ELETR (HERE). 2014 ago/dez; 5(2): 206-223. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol5num2artigo14.pdf>

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar.** São Paulo: Aquariana, 2011.

DALMASIO, Dora. Acacci 21 anos; **A construção de um sonho coletivo.** Vitória: Editora do Autor, 2009.

DICIONÁRIO online de português. **Dicio.** Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. [Acesso em: 28 de dezembro de 2017].

FELDMAN, Clara; DE MIRANDA, Márcio Lúcio. **Construindo a relação de ajuda**. Belo Horizonte: Crescer, 2002.

FLORES, Marilena. **O direito de brincar de todas as crianças**. 2016. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/11/23/o-direito-de-brincar-de-todas-as-criancas-VALERIA-marilena-flores>> [Acesso em: 08 de fevereiro de 2018].

FOLHA DE SÃO PAULO, 1997. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft240909.htm>> Acesso em: 08 de fevereiro de 2018.

FRIEDMANN, Adriana [et al]. **O direito do brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Edições Sociais: Abrinq, 1998.

FURLEY, Ana Karyne L. G. W.; PINEL, Hiran; BRAGIO, Jaqueline; COSMO, Marciane; BRAVIN, Rodrigo; LIMA, Hedlamar F. S. **A brinquedoteca hospitalar: um estudo bibliográfico de inspiração fenomenológica**. 2017b. (Disponível em: <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1476>> Acesso em: 30 de janeiro de 2018).

_____, Ana Karyne L. G. W.; PINEL, Hiran; FERREIRA, Herberth G. **A importância da ludicidade no pensamento de Jean-Jacques Rousseau e o seu Emílio: o brincar como instrumento de aprendizagem, trazendo-o para contemporaneidade**. 2018. Disponível em: <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1624>> Acesso em: 06 de Abril de 2018.

_____, Ana Karyne L.G.W.; PINEL, Hiran; DE SOUZA, Cleyton S.. **O corpo do aluno especial em uma perspectiva in/excludente do (ser) deficiente em uma escola comum: um estudo reflexivo bibliográfico fenomenológico**. 2017a. (Disponível em: <<file:///C:/Users/Ana%20Karyne/Downloads/ARTEFACTUM%201.pdf>> Acesso em: 30 de Janeiro de 2018.

_____, Ana Karyne Loureiro Gonçalves Willcox. Entrevista “**Conversa sobre o câncer infantil com a oncologista Dra. Glaucia Perini Zouain Figueiredo**”. Vitória: Do autor, 2018 b. 4p

_____, Ana Karyne Loureiro Gonçalves Willcox. Entrevista “**Conversa sobre o acolhimento na ACACCI**”. Vitória: Do autor, 2018 c. 6 p

GIMENES, Beatriz Piccolo. **Brinquedoteca: Manual em educação e saúde**. São Paulo: Cortez, 2011.

GIMENES, Beatriz Piccolo. **Jogos e brinquedos multidisciplinares: sucatas, criatividade e brincar-jogar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

_____, Maria da Glória. **Os Sem-Terra, ONGs e cidadania**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GONÇALVES, Ana Paula de Souza. **O brincar e a criança hospitalizada: um estudo sobre a brinquedoteca e os seus profissionais**. 22/07/2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional em Saúde): Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

HOSPITAL DE CÂNCER DE BARRETOS. **Hospital do Câncer de Barretos**. Disponível em: <<https://www.hcancerbarretos.com.br/osteossarcoma>>.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

IBICT. **Banco de Teses**. Sítio: <http://www.ibict.br/> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

INCA – **Instituto Nacional do Câncer**. Disponível em: < <https://www.inca.gov.br/>> .

JANNUZZI, Gilberta S. de M. **A educação do deficiente no Brasil: dos princípios ao início do século XXI**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; DOS SANTOS, Silvana. **Implantação de sistema de organização e classificação de brinquedos e jogos: a experiência do laboratório de brinquedos e de materiais pedagógicos**. Labrimp. (2012). Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/139786/ISSN2175-7054-2009-7771-7783.pdf?sequence=1> Acesso em: 13 de março de 2018.

LEBOVICI, S. **Significado e função do brinquedo na criança**. Porto alegre: Artes Médicas, 1985.

LIMA, Juselda de. **O brincar da criança hospitalizada na brinquedoteca hospitalar**. 2014. 108 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem): Universidade Guarulhos, Guarulhos.

LIMA, Mayara Barbosa Sindeaux. **Descrição e Avaliação das Brinquedotecas Hospitalares em Belém**. 18/03/2011. S/p. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade Federal do Pará, Belém.

LINDQUIST, Ivany. **A criança no hospital: terapia pelo brinquedo**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.

LOPES, Bruna Alves. **Um espaço de brincar: O cotidiano numa brinquedoteca Hospitalar**. 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas): Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

LYOTARD, Jean-François. **A fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1956.

MACHADO, Marina Marcondes. **A flor da vida: Sementeira para a fenomenologia da pequena infância.** 2007. s/p. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

_____, Marina Marcondes. **Fenomenologia e Infância: o direito da criança a ser o que ela é.** R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 249-264, maio/ago. 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____, Maurice. **As relações com o outro na criança.** Belo Horizonte:1984.

_____, Maurice. **O visível e o invisível.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

_____, Maurice. **A natureza: curso do Collège de France.** São Paulo: Martins Fontes, 2006 b

_____, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança:** Curso da Sorbonne 1949-1952. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____, Maurice. **O homem e a comunicação. A prosa no mundo.** Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

MIRANDA, Ruy Antônio Wanderley Rodrigues de. **Corporeidade, percepções e modos de ser cego em aulas de educação física:** um estudo fenomenológico existencial. 02/02/2016. 127p. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

MOL, Tônia Lopes Soares. **O (re) conhecimento do lazer em brinquedotecas hospitalares**. 28/07/2010. 99 p. Dissertação (Mestrado em Lazer): Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social**. São Paulo: Cortez, 2002.

MORAES, Mirian Soares de. **Brincando e sendo feliz: a pedagogia hospitalar como proposta humanizadora no tratamento de crianças hospitalizadas**. 19/03/2013. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade Federal de Sergipe, Sergipe.

MOREIRA, Virgínia. **De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia**. São Paulo: Annablume, 2007.

MOTTA, Alessandra Brunoro; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. **Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil**. *Psicol. Estud. Maringá*, v. 9, n. 1, p. 19-28, abr. 2004.

MÜLLER, Lutz. **O Herói: Todos nascemos para ser heróis**. São Paulo: Cultrix, 1997.

OLIVEIRA, Ana Luiza Brandão Leal. **A brinquedoteca hospitalar como forma de humanização: cartografando o traçado desta rede**. 05/04/2013. S/p. Dissertação (Mestrado em Psicologia): Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei.

OLIVEIRA, Marlene Gonçalves de. **A brincadeira no espaço hospitalar- um estudo etnográfico terapêutico à criança enferma**. 30/03/2015. 109 f. Tese (Doutorado em Educação): Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

OLIVEIRA, Roberta Ramos de. **A brinquedoteca no contexto hospitalar pediátrico: o cotidiano da enfermagem**. Dez/ 2012. 101f p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem): Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

OLIVEIRA, Tyara Carvalho de. **Um breve histórico sobre as classes hospitalares no Brasil e no mundo.** 2013. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/ANAIIS2013/pdf/9052_5537.pdf> [Acesso em: 02 de novembro de 2017].

OLIVEIRA, Vera Barros de Oliveira (org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____, Vera Barros de Oliveira. **Brincar com o outro: caminho de saúde e bem-estar.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____, Vera Barros de. **Brinquedoteca: uma visão internacional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____, Vera Barros de. **O símbolo e o brinquedo: representação da vida.** Petrópolis: Vozes, 1992.

PEIXOTO, Adão José; HOLANDA, Adriano Furtado (coord.). **Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares.** Curitiba: Juruá, 2011.

PÉREZ-RAMOS, Aidyl M. de Queiroz; OLIVEIRA, Vera Barros de. **Brincar é saúde: o lúdico como estratégia preventiva.** Rio de Janeiro: Wak Ed, 2010.

PESSOA, Fernando. **Poesias.** Lisboa: Ática, 1942.

PINEL, Hiran. **A família como obra de arte em Hanami: cerejeiras em flor.** In: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel (orgs). **A família vai ao cinema.** Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

_____. **Correspondência via e-mail.** Vitória: hiranpinel@gmail.com.br, 2017,2018.

PINEL, Hiran; SOBROZA, Marcio Colodete. **Pedagogia hospitalar: Uma abordagem centrada na pessoa encarnada.** São Paulo: Clube de Autores, 2016.

PINEL, Hiran; SANT'ANA, Alex Sandro; COLODETE, Paulo Roque (Org.). **Pedagogia Hospitalar numa perspectiva inclusiva: um enfoque fenomenológico existencial**. Teresina, Piauí: Edufpi, 2015.

POTASZ, Clarisse. **Brinquedoteca em hospital pediátrico: diminuição do estresse agudo e crônico e a relação com o sono da criança**. 18/09/2013. 297 f. Tese (Doutorado em Ciências): Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

ROSA, João Guimarães. **“A terceira margem do rio”**. In: _____. Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

SANTOS, Lulu. **Tempos modernos**. 1982. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/lulu-santos/tempos-modernos.html> [Acesso em: 09 de março de 2018].

TOQUINHO. **Aquarela**. 1983. Disponível em <https://www.letras.mus.br/toquinho/49095> . Acesso em : 30 de Dezembro de 2018.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (org.). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SOUZA, Maria Neusa G. Gomes; ROJAS, Jucimara Silva. **O brincar uma percepção**. Revista Rascunhos Culturais •Coxim/MS • v.1 • n.2 • p. 289 - 300 jul. /dez.2010.

TACHIZAWA, Takesshy. **Organizações não governamentais e terceiro setor: criação de ONGs e estratégias de atuação**. São Paulo: Atlas, 2007.

APÊNDICE

Visitando brinquedotecas

Durante o decorrer do ano de 2017 tive a oportunidade de viajar para algumas cidades onde apresentei trabalhos em Congressos e aprofundei meus estudos na temática através de cursos e de grupos de estudos no HUPE, local onde fiz grandes amigos e parceiros em pesquisa. Conhecer brinquedotecas hospitalares antes da minha qualificação de mestrado foi uma experiência enriquecedora e marcou o meu ser e minha subjetividade. Descrevo aqui algumas experiências onde pude observar o diálogo e a subjetividade de seres marcados por esse espaço e em alguns casos a minha presença já era uma interferência na rotina dessas crianças, seja através de conversa ou da minha presença que alterou o ambiente através de um rompimento de rotina.

Pesquisar, conhecer, buscar, um desejo de ir além e de superar minhas próprias expectativas, é exatamente isso que me comove. São Luís, Maranhão, dia 05 de outubro de 2017 às 14:30 horas. Estava na cidade para participar como ouvinte da ANPHED e resolvi ligar para o Centro de Reabilitação SARAH Kubitschek, eu estava desde o dia 28 de abril de 2017 em contato tentando uma visita, agendamos para o dia seguinte.

Apreendi a usar o aplicativo UBER, e o mundo se tornou pequeno para mim depois disso e assim iniciei minha jornada aos hospitais na cidade de São Luís. Cheguei na portaria principal, me identifiquei, apresentei meu documento com foto e autorizada a entrar. Desci do carro, dei alguns passos e uma porta automática abriu, vi escrito: Sarah São Luís. Fui até a recepção e me apresentei. Fiquei aguardando. Vi algumas crianças com microcefalia, muitas com deficientes físicas e mentais. As crianças com microcefalia me chamam muita atenção, talvez porque o período que a doença do Zica vírus esteve em alerta foi durante a primeira gravidez de minha irmã, e pude acompanhar de perto o medo que todos nós tínhamos de insetos. A partir de então

sempre estou me indagando: será que nossos professores e nossa sociedade estão preparados para receber em 2019 essas crianças no ensino fundamental I? Aproximei-me para observar de perto o painel grande de papel na parede com vários desenhos de crianças. A moça da recepção chamou por meu nome, pendurei meu crachá da ABBri, não pude entrar como estudante universitária, só foi possível a visita para conhecer as instalações da instituição e não para fazer pesquisa e coletar dados, até mesmo porque os procedimentos para tal seriam outros. Fui recebida e de imediato eu agradei, afinal de contas, a visita foi confirmada com um dia de antecedência.

Barulho, vida, movimentação, espaço, claridade, vento...muito vento. A psicóloga Arelly me acompanhou, me apresentou todo o espaço, mas o uso de celular como máquina fotográfica somente mediante a permissão dela. Tive a oportunidade de conhecer as bibliotecas e centros e estudos para pacientes e funcionários, que dão continuidade em suas pesquisas, e todas as alas. Após as explicações e a recepção, um segundo funcionário foi orientado a dar sequência a minha visita, e seguimos pelos corredores largos, típicos da rede SARAH. De um lado a brinquedoteca e de outro a classe hospitalar devidamente adaptada para cadeirantes. Destaco aqui que essa instituição é um centro de reabilitação e não um hospital, portanto não funciona nos finais de semana, mesmo possuindo alguns apartamentos para pacientes que não possuem outro lugar para ficar. Prosseguindo, chegamos aos consultórios. Como boxes, uns de frente para o outro, no qual todas as especialidades médicas estão reunidas nesse lugar para facilitar a sequência de atendimento e agilizar os procedimentos médicos, ali a saúde pede passagem, ela passa e fica. Um pouco mais a frente à sala do laboratório e produção de órteses para doação e adaptações de cadeiras de rodas para cada indivíduo na sua necessidade individual, donde o paciente traz a cadeira e a equipe Sarah faz os ajustes.

Impossível não descrever a experiência de presenciar uma aula através de um jogo de vídeo game, com um professor e um Terapeuta Ocupacional. Avistei a cena e pedi para esperar um pouco, pois eu desejava ver mais. A sala é imensa, mas diante da percepção de ser no mundo e da infinita possibilidade que o controle representa como ir além das possibilidades de presença corpórea, a sala torna-se pequena demais para aquele jovem de mais ou menos 14 anos e seus dois “parceiros”. Os

dedos mexiam, o corpo virava, movimentava-se com seus membros superiores e seu rosto brilhava, olhava para os lados e sorria. Sorria não, ele dava gargalhadas. Que confiança esplendorosa o ser humano é capaz de passar para o outro, a empatia tem o poder de trazer para o centro de cada um o equilíbrio que todos necessitam para o alcance de um ideal, e depois de ver essa cena... agradei, já era hora de partir. Precisava retornar a Anped, ainda teria um final de tarde e um início de noite, não queria perder nada.

Nos corredores da Anped conheci pessoas e o recurso *WhatsApp* foi meu grande aliado para a visita nesse hospital, foi através dele que todos os contatos foram feitos. Foi através de uma grande amiga, que tive acesso ao Hospital Aldenora Belo. Sexta-feira, dia 06 de outubro de 2017 as 8:00 horas, precisamente. Me identifiquei e enquanto aguardava Alice Dino, psicóloga do hospital, observava o entorno e via pacientes oncológicos em diversas fases da doença chegando, impossível não me sensibilizar. Hospital lotado, atendimento pelo SUS e convênios particulares; ambulâncias de várias cidades, ônibus que levava pacientes para tratamentos, um fluxo inesgotável de vida desejosos por viver transitavam nesse local. Um dos funcionários, me aponta uma jovem com um jaleco rosa que anda com passos rápidos, “é a Alice Dino”. Corri e chamei por ela que pediu desculpas pelo atraso, e damos sequência a minha visita a brinquedoteca da fundação Aldenora Belo. Alice é psicóloga e responsável pelas brinquedotecas, e seu envolvimento é notável visto que ao abrir a porta da brinquedoteca seus olhos brilhavam e ao descrever gestualmente como era o espaço anos atrás ela irradia paixão e orgulho daquele espaço que tão bem a faz. Conversamos sobre a ABBri e sobre meu projeto de mestrado. Não obstante, Alice pergunta se eu quero conhecer o hospital e a ala de internação da pediatria, uma vez que nesse local existe uma brinquedoteca hospitalar. Claro que eu aceito. A ala da pediatria estava passando por reformas para a instalação de uma UTI pediátrica e para isso alguns leitos foram desativados, mas a brinquedoteca permaneceu no seu devido lugar e seguia com suas atividades rotineiras.

Saí do Hospital Aldenora Belo e de Uber fui para o Hospital Universitário. Chegando, apresentei minha carteirinha de mestrado em educação, “Siga a linha no chão”, foi a informação que recebi. Avistei um garotinho que aparentava ter 3 anos, deitado em um banco com a cabeça no colo da mãe e perguntei:

-Oi. Bom dia. Você sabe me informar onde fica a brinquedoteca?

O garotinho deu um pulo ligeiro, fiquei apreendida, pois ele usava uma sonda no braço direito e poderia se ferir.

-Ele vai te levar lá.

Foi a única coisa que a mãe disse após me cumprimentar com um sorriso doce e um olhar de satisfação ao ver a alegria do filho.

Pequenino só no tamanho, pois sua esperteza e ligeireza eram do tamanho do universo, infinito. Foi na frente, não me deixou ultrapassá-lo. Deu um passo e esticou seu braço direito, me coloquei atrás dele. Olhou para mim e seguiu a caminhada. Um “logo ali” tão significativo e tão seu, que para mim foram quilômetros percorridos. Esticou seu braço tão frágil devido à sonda e aos hematomas (consequência das agulhas) era perceptível ao meu olhar e com seu dedinho indicador deslizava sobre a parede até a porta da brinquedoteca. Nesse trajeto, ele demarcava com seu corpo um espaço que chamava de seu, que conhecia bem e que ao apontar me mostrava como chegar. Bateu na porta e correu. Cumpru seu dever, me levou e sumiu. Não o avistei mais.

Fui recebida por Jacione, a pedagoga da classe hospitalar e convidada a me sentar em uma casa cadeirinhas infantis. A Universidade Federal do Maranhão possui um projeto de extensão no qual os alunos atuam nas classes hospitalares e esse espaço é lócus de pesquisa para muitos deles e recebe verba federal, pois está ligado ao EBSEH (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares). Conversamos sobre ser pedagoga e como a ludicidade ameniza a dor e o sofrimento dessas crianças que estão internadas, visto que através das cores, dos jogos, dos brinquedos a criança se reporta a uma realidade distante da vivenciada, o adoecer. Jacione me relatou uma experiência, na qual a psicóloga pediu que ela atendesse um paciente-aluno hospitalizado na classe. Essa criança tinha um comportamento agressivo com os profissionais e tinha paixão por super-heróis. Nesse dia um grupo de voluntários estava no hospital fantasiados de super-heróis. Conversou com a criança sobre seu comportamento, e usou o homem de ferro como exemplo, fez uma atividade educativa, destacando algumas qualidades, e desenhos. A criança fez um acordo no qual se comportaria, em troca a presença do personagem. Jacione falou com o grupo sobre a situação e eles apareceram na sala de surpresa. A classe, a

ludicidade do local é utilizada para atividades além das escolares, como apoio psicológico para crianças e adolescentes em período de tratamento ou internação.

Estive em São João Del Rei em 24 de outubro de 2017, para participar no I Congresso Internacional de Fenomenologia, Educação e arte realizado pela UFJS apresentando o trabalho intitulado: "A brinquedoteca no âmbito hospitalar: um estudo fenomenológico da relação pedagogo e paciente através da ludicidade educacional". Pessoalmente tive a informação que a brinquedoteca, assim como a pediatria do Hospital Nossa Senhora das Mercês havia sido remanejado para a Santa Casa de Misericórdia, e Rute que se envolveu com meus projetos, e levou até lá. Assim conheci a brinquedoteca do Hospital Santa Casa de Misericórdia. Nós duas entramos no hospital e eu avistei uma médica, me apresentei como aluna da UFES e perguntei se tinha uma brinquedoteca. Disse que sim e me ensinou chegar até o local, ainda disse: "Diga que você falou comigo". Subimos escadas e no segundo andar, a esquerda uma parede de vidro dividia o espaço das camas e bercinhos e de outro lado, uma ilha para as enfermeiras, um consultório, sala de medicamentos e a brinquedoteca. Chego e me apresento, são duas estagiárias de pedagogia e duas crianças, um menino de uma menina, brincando de jogo da memória.

O garotinho que deveria ter uns 8 anos se vira e me disse assim:

-Moça vem brincar com a gente! Você é o meu time.

Respondi:

-Poxa a moça aqui não pode agora, mas sei que você é um ótimo jogador.

Ele sorriu. A garotinha que estava sentada em sua frente sorriu também, aproveitei para perguntar para as estagiárias sobre o espaço. Não sabiam nada, era o primeiro dia delas ali, ainda teriam reunião com a pessoa responsável. Porém, o garotinho interrompeu minha fala e disse:

-Moça, pergunte para mim. Sei tudo. Sempre saio e volto. Aqui não pode fazer bagunça, não pode comer, não pode brigar. Quer saber mais o quê?

Agradei. Me despedi e voltei ao congresso. Gostei muito de encontrar ali, estagiárias de pedagogia, recordando-me da época que fiz estágio na ONG Vitória Down.

UFES, dia 30 de outubro de 2017 e meu celular toca. É do Rio de Janeiro, uma mulher pede para falar com Ana. Sentei! Não tive outra opção, a não ser me sentar devido a alegria e a importância da ligação que estava recebendo. Seu nome é Elisabeth, pedagoga do Hospital Jesus (antigo Hospital Menino Jesus) retornando meus contatos e minha insistência em conhecer a instituição. Me pergunta se eu desejava ter o hospital como locus de pesquisa pois se essa fosse a opção eu teria que entrar em contato com a Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro, e visitas com essa finalidade estavam suspensas devido a inúmeros fatores que não cabe mencionar aqui. Expliquei meu interesse como brinquedista formada no HUPE, pela ABBri e as portas se abriram. Elisabeth se formara duas turmas antes da minha, sabia que eu partia do mesmo princípio que ela e tinha formação para adentrar o ambiente hospitalar. Eu tinha desistido, já tinha recebido e-mails de recusa e desculpas. Sou orientada a enviar um documento protocolado da minha instituição de mestrado para a finalidade de justificar a entrada.

Busquei leituras a respeito dessa instituição hospitalar, especificamente a respeito da classe hospitalar e localizei um artigo publicado por Oliveira (2013, s/p) no qual destaca:

A classe hospitalar do Hospital Municipal Jesus, localizado na cidade do Rio de Janeiro, iniciou suas atividades no dia 14 de agosto de 1950, através da portaria nº 634, atendendo aos pedidos do Diretor do Hospital na época, David Pillar. [...] De acordo com Ramos (2007 p.53), a professora Marly Fróes Peixoto ficou internada no Hospital Barata Ribeiro durante vários anos para o tratamento de um quadro de reumatismo infeccioso, o que a mantinha em uma cadeira de rodas. Neste hospital eram atendidos vários alunos do Estado, que ficavam internados por um longo período. A Professora Marly vendo-se cercada por tantas crianças fora do espaço escolar, passou a lecionar dentro da própria enfermaria como voluntária. Em 1961, foi extinto o Setor de Assistência Educacional Hospitalar e criou-se o Setor de Ensino Especial e Supletivo. Nessa data, foi definitivamente oficializado o atendimento às crianças hospitalizadas pela Lei de diretrizes e Bases e pela Constituição do Estado da Guanabara que no seu artigo 83, parágrafo 5º diz: “A Educação dos Excepcionais será objeto de especial cuidado e amparo do Estado, assegurada ao Deficiente a assistência educacional, domiciliar e hospitalar” (OLIVEIRA, 2013, s.p.).

Quando estou no Rio de Janeiro para estudar tenho um roteiro estabelecido antes mesmo de chegar à cidade. Pois bem, dessa vez não foi diferente. Dia 07 de

Dezembro de 2017, acordei, me arrumei e dei um jeito de apressar o meu marido, pois ele me levaria de carro. Coloquei minha blusa da sorte, visto “GAP” todas as vezes que quero representar a minha posição de orientanda de Hiran Pinel e passei para comprar meu café da manhã na padaria da Urca. Cheguei bem antes do horário marcado, me identifiquei e aguardei observando o vai e vem de pessoas circulando na recepção do Hospital Jesus. Sentei-me em frente de um quadro, é Jesus Cristo. A decoração era natalina, uma pequena árvore sobre o balcão com bolinhas douradas e lacinhos vermelhos e um pisca-pisca refletiam as luzes no chão brilhoso do saguão. O prédio é antigo, para chegar à ala da pediatria, passei pela recepção central, subi algumas escadas e entrei em um anexo ligado por uma passarela. “Que lugar grande” é a primeira coisa que me vem à cabeça. Depois que sou anunciada, Elisabeth vem ao meu encontro sorrindo e me recebeu com um caloroso abraço. Expliquei para ela que pesquiso as brinquedotecas hospitalares, mas ao estudar o livro “A educação do deficiente no Brasil: dos princípios ao início do século XXI”, da Jannuzzi (2012) em uma disciplina senti uma imensa necessidade de conhecer e saber mais, que já assisti uma reportagem sua no canal do Youtube e li a respeito do hospital. Eu queria saber dela, saber o que era ser “Elisabeth, uma pedagoga hospitalar há mais de 30 anos na classe hospitalar do Hospital Jesus”, fui para conhecê-la e conhecer a classe hospitalar, descrita na literatura acima como a mais antiga o Brasil. Subimos as escadas para o segundo andar conversando, me contou como começou a ser pedagoga, particularidades só dela, me restrinjo apenas a escrever isso. Ela tinha uma rotina e eu não podia atrapalhá-la, nem queria. São 120 leitos de pediatria separados por riscos de contaminação em 2 andares de 4 alas de 15 leitos cada no qual a cada 2 alas, uma meia parede de vidro faz separação e a claridade é algo que chama minha atenção. O movimento de pessoas transitando é grande, enfermeiros, pais que acompanham, médicos, mas a presença de Elisabeth foi percebida por todos, por onde passava era recebida com um sincero sorriso e um “bom dia”. Fui apresentada como aluna de mestrado da UFES, apenas isso e isso basta. Conversamos sobre a educação especial e assim como eu, partimos do princípio que essas crianças estão impossibilitadas de suas capacidades educacionais e por isso são mesmo que momentaneamente, sujeitos da educação especial. “Coloque as mãos para baixo e não toque em nada”, essa é a única orientação que recebo. Elisabeth abriu a porta de uma das alas, está trabalhando e eu a segui.

-Elisabeth: meu pintinho você voltou? Senti sua falta. Pessoal essa é a Ana, ela é lá do Espírito santo e veio nos visitar.

A mãe de um menino de mais ou menos 10 anos, se inclinou da sua poltrona que ficava ao lado da cama da enfermaria que seu filho estava e me questionou:

-O que é essa sigla na sua blusa?

Seus olhos estavam arregalados, ela prendia e apertava a boca com os dentes, sua aparência transpareceu medo, raiva e preocupação. Expliquei que é GAP é uma marca americana, mas nem me deixou terminar.

-Essa sua blusa é do mau. Perdi uma filha por conta de uma blusa dessas.

Fiquei sem saber o que fazer, mas de repente percebi o meu papel. Elisabeth me olhou como se estivesse tudo bem, e respondi cortando a fala da senhora:

-É uma marca como outra qualquer, como Malwe ou outra, entendeu?

-Ah tá, entendi. Tá bem então.

O filho dessa senhora, um garoto com necessidades educacionais especiais, estava sentado na cama jogando um jogo de damas e se incomodou com a interferência da mãe e a agrediu verbalmente. Observei a reação de Elisabeth que seguiu para sua rotina.

-E o pintinho? Elisabeth se aproximou do paciente apelidado de pintinho e disse que antes de ir embora iria retornar para dar um abraço nele. Ele sorriu e nós saímos para outra ala. Ela me explicou que pintinho estava de capote pois não poderia ter contato físico, e antes dela ir embora ela passaria, o abraçaria e trocava de roupa para ir para casa, e colocaria o avental que teve contato com ele para desinfecção.

Perguntei sobre as caixas móveis que transportam brinquedos para esses espaços, e ela me apresentou uma delas na ala seguinte. Todas as 4 alas possuíam essas caixas móveis, no caso com brinquedos e materiais didáticos para as aulas da classe hospitalar nos leitos, uma parte trancada com cadeado e a outra arte a disposição com livros e jogos. No percurso da visita, uma adolescente que estava localizada próxima a porta de vidro na lateral a chamou, pois queria entregar um presente. A avó pegou uma sacola, retirou um vaso de flores vermelhas em um vaso de papel com um belo laço de fita, e contou que a neta fez ela sair para comprar

essa flor pois queria agradecer a professora visto que estava feliz por continuar estudando. A emoção tomou conta da sala gelada e o abraço caloroso que Elisabeth recebeu pôde ser sentido por mim que estava ao lado, uma das lembranças que guardarei para uma vida. Alegre, sensível e disponível, assim percebi essa pedagoga que abraça o mundo que vive, e vive muito bem sendo abraçada por todos.

-Vocês viram o coral essa semana? Perguntou à adolescente e a avó.

-Sim, foi lindo.

E o diálogo continuou, mas dessa vez, entre a pedagoga e a aluna hospitalizada.

-Você percebeu que aquela sua colega estava meio triste? Sabe o que ela tem?

-Sim, percebi. Mas não sei.

-Procure saber, como quem não quer nada. Aqui precisamos uns dos outros e às vezes ela quer conversar com alguém da mesma idade, é sua vez de ajudar e te fará muito bem também.

Elisabeth começa a cantar a música que o coral cantou e todos nós cantamos juntos, era assim: “Hoje o tempo voa, amor. Escorre pelas mãos. Mesmo sem se sentir. Não há tempo que volte, amor. Vamos viver tudo que há para viver. Vamos nos permitir. E não há tempo que volte, amor. Vamos viver tudo que há para viver. Vamos nos permitir” (SANTOS, 1982, s/p).

Com os olhos cheios de lágrimas seguimos nosso trajeto e por onde passávamos a música era cantada em lembrança ao dia que o coral visitou o hospital, pois era época de Natal e todo ano esses grupos de voluntários fazem esse serviço, levam a música e o movimento presente nas festas natalinas para as enfermarias hospitalares. Terminamos as visitas e voltamos para o segundo andar onde está localizada a brinquedoteca hospitalar. Me apresentou tudo, conversamos sobre higienização, sobre fantoches, sobre modelos que eu poderia usar caso fosse montar uma brinquedoteca móvel e na mesa de sua sala, fez um esboço de um cesto que a filha dela tem e que talvez possa me servir como modelo de brinquedoteca móvel. Logo após seguimos para a classe hospitalar, do qual me apresentou a rotina e a outra pedagoga presente na instituição, são 4 ao total em

turnos diferentes, mas todas são funcionárias ligadas a uma instituição de ensino fundamental público, não possuem vínculos com o hospital. Tal como a própria classe hospitalar que recebe verba dessa mesma instituição escolar, por isso o incentivo a tanto trabalho voluntariado e a necessidades de doações.

Estávamos sentadas quando Elisabeth fixou seu olhar e me disse com seu sotaque carioca: “Ana, você tem que ter comprometimento todo dia. Todo dia chego mais cedo, passo e vejo todos os leitos, e em seguida começo as atividades em si. Terá dias que uma criança estará com debilidades, e não poderá vir a classe escolar hospitalar e o material dela deverá ser montado para atendê-la no leito. Terá dias que ela não terá condições de estudar, que você pode ler uma história. Todo dia é um novo dia. Aqui é assim. “

Suspirou e me perguntou:

- Você está entendendo? -Sim, estou.

E continuou:

-Ana, quando você disser que vai passar, passe. Nunca deixe de fazer o que prometeu. Se não pode fazer, não diga nada. A confiança, a verdade é o que mais importa para essas crianças. Eles confiam em nós. Agora quero te levar em um lugar muito especial, você vai amar!

Levantamos e seguimos os corredores pelo segundo andar, no qual a luz entrava pelas janelas irradiando vida. Chegamos a uma antessala com as paredes todas coloridas, azul cobalto com bolhas de ar, como o fundo do mar e nessa sala, muitas mães acompanhavam seus filhos que aguardavam para fazer um exame de ressonância magnética. Eu estava prestes a conhecer o “submarino”, a ala mais linda e desejada pelas crianças no hospital. Foi muito rápido, tinha muitas crianças precisando usar o aparelho. Entrei em um intervalo, pedi autorização para a médica responsável para fotografar e saímos. Após a visitação, Elisabeth me levou até a sala da direção do hospital e eu conheci a dra. Ariane Molinaro, que me aguardava. Eu agradeci a oportunidade e parabeneizei pelo trabalho de sua equipe. Descemos juntas, eu e Elisabeth e nos despedimos com um forte e sincero abraço.

Raphael me apanha, e insisto com ele que quero parar na faculdade onde minha sogra, dra. Eliana Willcox Furley, estudou psiquiatria, na UFRJ-Urca. Não tive

escolha a não ser detalhar a importância do local para mim e o que eu disse foi mais ou menos assim:

- Amor, olha só ontem à noite eu e sua mãe ficamos conversando até tarde e ela me contou sobre os manicômios do Rio de Janeiro na época da faculdade dela e você acredita que eu estudei exatamente isso dia desses? Tudo isso da educação especial, aqui do lado e eu nunca fui lá ver? Nem acredito em uma coisa dessas, por favor me leve até lá? Se tiver aberto eu peço para entrar, mas acho que está de greve, prometo que será rápido. Ela me explicou que essa ala que relatei através das minhas leituras não existe mais, agora é um estacionamento, mas que ela se recorda bem.

É relevante o resgate histórico do Pavilhão Escola Bourneville para esse estudo, que somam memórias à cronologia da escolarização nos hospitais do Brasil. O Pavilhão-Escola Bourneville para crianças anormais, do Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro fundado em 1902 e extinto em 1942. No Brasil do início do século XX, era uma prática comum, a internação de crianças nos manicômios. Em parte, por razões de ordem econômica, dado que a internação livrava os pais da responsabilidade de “cuidá-las ou por razões profiláticas da ordem da saúde pública no qual a deficiência mental e anormalidades assemelhadas, ou equivocadamente interpretadas, eram motivo para internação hospitalar” (OLIVEIRA, 2013, s.p.).

Uma pena, estava fechado, de greve.

Conhecer o INCA antes de ir a campo era um desejo, visto que o instituto é referência em tratamento oncológico no país. Minha visita foi intermediada por Karleyla Fassarela, bioquímica do laboratório de patologia clínica, amiga da família. Pois bem, marcamos dia 11 de dezembro às 10:30 da manhã, porém, eu cheguei às 7:40. Entrei, me identifiquei e uma recepcionista com uma voz suave me orientou a esperar na recepção central, junto aos pacientes. Fiquei ao lado do guichê de marcação de consultas, exames e fiquei ali vendo os pacientes entrando e saindo, e as crianças que iam para o tratamento oncológico. Chamaram por meu nome, o segurança me orientou qual caminho seguir. Karleyla me aguardava no andar da pediatria, me apresentou para Mariana, terapeuta ocupacional, responsável pela brinquedoteca hospitalar. Mariana usava um jaleco cor de rosa cheio de frutas, conversamos por um bom tempo, me contou que a escolha do jaleco era por conta

da semana de nutrição, projeto para incentivar uma boa alimentação. Além de falar sobre o espaço, sobre as crianças, sobre os brinquedos; me perguntou sobre meu projeto e me levou para conhecer a classe hospitalar, que foi escolhido pelo programa de televisão “Santa Ajuda” para uma reforma. Agradei pela atenção que me foi dada e nos despedimos. No elevador, pego um caderno e anotei 3 falas de Mariana: “Aqui é o espaço de segurança da criança”, “Na brinquedoteca não entra remédio, nem procedimentos”, “Aqui ela é criança, não é um paciente”. Peguei o Uber e fui visitar a BrinQSaúde, no HUPE.

ANEXO A – LISTA DE FLORES

	Idade	Pseudônimo	
1	10 anos	Acácia	
2	5 anos	Alecrim	
3	2 anos	Anis	
4	7 anos	Amor perfeito	
5	14 anos	Crisântemo	
6	15 anos	Cacto	
7	10 anos	Girassol	
8	13 anos	Dente de leão	
9	16 anos	Cardo	
10	4 anos	Hortênsia	

11	5 anos	Orquídea		
12	17 anos	Lírio		
13	10 anos	Rosa		
14	1 e 9 meses	Lavanda		
15	5 anos	Violeta		
16	5 anos	Narciso		
17	9 anos	Coroa Imperial		
18	13 anos	Petúnia		
19	9 anos	Magnólia		
20	15 anos	Menta		
21	10 anos	Margarida		
22	8 anos	Lótus		

23	5 anos	Malmequer		
24	4 anos	Gerânio		
25	7 anos	Cravo		
26	12 anos	Lisianto		
27	11 anos	Verônica		
28	13 anos	Bogarim		
	15 anos	Tulipa		
29	3 anos	Iris		
30	16 anos	Açafrão		
31	13 anos	Goivo		
32	11 anos	Olenadro		

33	8 anos	Anturio		
34	5 anos	Rosa amarela		Def. físico- membros inferiores- nascença
35	10 anos	Flamboyant		Def. físico - perna direita amputada- câncer
36		Copo de Leite		Def. físico – não anda - baixa visão –câncer
37	12 anos	Gladiólo		Def. físico - perna esquerda amputada - câncer
38	17 anos	Camélia		

			Def. físico - perna direita amputada - câncer 
39	13 anos	Rododentro	 Def. físico - perna esquerda amputada – câncer
40	13 anos	Cornizo	 Deficiente físico, com membro inferior amputado na altura do quadril devido ao câncer do tipo osteossarcoma
41		Aro	

ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO

Oi, meu nome é Ana Karyne. Estou realizando um estudo sobre a brincadeira e o brincar aqui na brinquedoteca da ACACCI, então quero lhe convidar para participar do meu estudo. Quero te ver brincando e depois vou escrever no meu caderninho o que aconteceu. Vou tirar fotos de você brincando, mas não mostrarei seu rosto. E as vezes usarei um gravador para gravar suas falas enquanto brinca. Esse termo de autorização que quero que você assine, será feito em 2 vias, ou seja duas folhas iguais e uma ficará comigo e outra com você.

Topa? Já falei com o seu responsável e ele deixou. Outras crianças também farão parte do meu estudo, tá certo? Se não quiser, é só falar comigo e a gente pára tudo! Aqui está o meu número se você precisar falar comigo: (27) 99942-5693.

Eu

___ aceito participar do estudo. Entendi após a Ana Karyne fazer a leitura desse texto, que posso dizer sim e participar, mas que posso dizer não a qualquer hora e ninguém vai ficar triste ou furiosa comigo. A pesquisadora leu esse papel para mim e me explicou tudo e também conversou com o meu responsável.

Vitória, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do menor

Assinatura da pesquisadora

Página 1 de 1

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a):

Você está sendo convidado(a) participar dessa pesquisa de forma totalmente voluntária.

- Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.
- A pesquisadora deverá responder a todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar.
- Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento.
- A criança, mesmo que em tratamento oncológico, mantém o interesse de brincar, brincando no corredor, no leito, em qualquer lugar e a brinquedoteca hospitalar é um direito através da Lei n.º 11.104/2005. Para estudarmos melhor as muitas formas como as crianças se identificam diante do brinquedo e do brincar em um processo da construção de seu ser, a criança/adolescente _____

_____, de sua responsabilidade, está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de mestrado da aluna Ana Karyne Loureiro Gonçalves Willcox Furley, intitulada: **"BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: A IMPORTÂNCIA DO BRINQUEDO E DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL NUM PROCESSO DE SUBJETIVIDADES ATRAVÉS DOS CONCEITOS MERLEAU-PONTYANOS DE CORPOREIDADE, PERCEPÇÃO E EXPERIÊNCIA"**, sob a orientação do professor Dr. Hiran Pinel, do Programa de Pós-Graduação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), (27) 4009-2547/4009-2549 (fax) / E-mail: ppgeufes@yahoo.com.br.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A participação do menor acontecerá da seguinte maneira: observarei a criança ou o adolescente brincar e interagir com os brinquedos e jogos por 60 minutos em cada encontro. Anotarei em meu diário de campo suas falas enquanto brinca e interage com os brinquedos e com os jogos. Faremos uso de uma máquina fotográfica para capturar imagens da criança brincando, por exemplo: pegando um brinquedo, empurrando um carrinho, dando comida a uma boneca.

Além do uso de um gravador para gravar as falas, que será deixado em um espaço próximo a criança enquanto ela brinca. O que a criança disser será utilizado apenas para esse estudo e ela não será identificada em qualquer apresentação do trabalho. Assim como as imagens feitas, serão divulgadas de forma que não possibilite sua identificação.

O presente estudo pode demonstrar caminhos possíveis aos pedagogos e profissionais responsáveis pelas brinquedotecas hospitalares a respeito da importância da brinquedoteca hospitalar por conta da ludicidade através de todo o seu contexto, do brinquedo e da brincadeira em um processo de subjetividade do qual a criança é lançada a própria existência.

A Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, em suas diretrizes e normas para pesquisa com seres humanos indica: "V - Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados".

Durante a observação é possível que a criança se sinta envergonhada, tímida mas se isso acontecer e ela se sentir incomodada com minha presença podemos conversar e marcar outro dia. Para minimizar os riscos, durante a observação estaremos acompanhados por uma assistente social que é a responsável pela brinquedoteca da ACACCI, pois essa profissional está preparada para agir diante de qualquer intercorrência encaminhando-o(a) para um psicólogo.

Duração: A pesquisa e a observação terá a duração de 1 mês e acontecerá no espaço da brinquedoteca da ACACCI nos horários e nos dias que você escolher.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Sigilo: A pesquisa será convertida em uma Dissertação de Mestrado, onde não constará o nome dos sujeitos colaboradores da pesquisa, preservando seu anonimato e poderá ser posteriormente publicada em forma de artigo científico ou livro, bem como apresentada em congressos e similares. Você receberá uma via deste Termo que será redigido em duas vias, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas pelo participante e pelo pesquisador, sendo que uma delas será entregue ao participante. Onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto de pesquisa e sua participação em qualquer momento de realização da pesquisa e terá total liberdade para desistir da participação do paciente no estudo, a qualquer hora, sem mudar o tratamento aqui recebido.

Vale lembrar que você poderá ter acesso aos resultados desta pesquisa. Qualquer dúvida, você pode entrar em contato com a pesquisadora no número: (27) 99942-5693 (pesquisadora Ana karyne) ou no email: anakaryneloureiro@gmail.com

Benefícios da pesquisa: Proporcionar a criança momentos de ludicidade e a garantia de ser criança mesmo em momentos de internação e hospitalização. Demonstrar caminhos possíveis aos pedagogos e profissionais responsáveis pelas brinquedotecas hospitalares a respeito da importância do brinquedo e da brincadeira em um processo de subjetividade da qual a criança é lançada a própria existência.

Indenização e ressarcimento: É garantida indenização em casos de danos, comprovadamente, decorrentes da sua participação na pesquisa, por meio de decisão judicial ou extrajudicial. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de minha participação no estudo, poderei ser compensado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Assim como é garantido o ressarcimento em caso de despesa para participar da pesquisa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Em caso de denúncia/Intercorrência: Em caso de denúncia ou intercorrência na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Seres Humanos(CEP) telefone (27) 3145-9820, e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Eu _____
_____ afirmo que li, compreendi e concordo com a participação do
menor _____ sob a minha responsabilidade no
estudo supracitado.

Vitória, _____ de _____ de 2018.

Assinatura da pesquisadora
CPF: 052.257.767-95

Assinatura do responsável
CPF: _____

ANEXO D – LEI Nº 11.104/05

LEI Nº 11.104

**Presidência da República**
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos**LEI Nº 11.104, DE 21 DE MARÇO DE 2005.**

Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.

Parágrafo único. O disposto no **caput** deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação.

Art. 2º Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar.

Art. 3º A inobservância do disposto no art. 1º desta Lei configura infração à legislação sanitária federal e sujeita seus infratores às penalidades previstas no inciso II do art. 10 da Lei nº 6.437, de 20 de agosto de 1977.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor 180 (cento e oitenta) dias após a data de sua publicação.

Brasília, 21 de março de 2005; 184ª da Independência e 117ª da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Tarso Genro
Riumberto Sérgio Costa Lima

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 22.3.2005.

ANEXO E – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: BRINQUEDOTECA HOSPITALAR : A IMPORTÂNCIA DO BRINQUEDO DE DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL NUM PROCESSO DE SUBJETIVIDADES ATRAVÉS DOS CONCEITOS MERLEAU-PONTYANOS DE CORPOREIDADE, PERCEPÇÃO E EXPERIÊNCIA

Pesquisador: ana karyne furley

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 04351518.8.0000.5542

Instituição Proponente: Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.147.737

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de metodologia qualitativa que procura colocar em análise o que é ser uma criança ou um adolescente com necessidades educacionais especiais, estando ele numa brinquedoteca hospitalar. Tem, portanto, como objetivo descrever compreensivelmente o que é ser uma criança ou um adolescente com necessidades educacionais especiais, estando ele numa brinquedoteca hospitalar, a se mostrar subjetivamente pelo brincar. Para atender à isso, propõe-se recorrer a três conceitos merleau-pontyanos, quais sejam: corporeidade, experiência e percepção. Diante do exposto, o estudo lançará mão da observação como estratégia metodológica.

Objetivo da Pesquisa:

Descrever compreensivelmente como uma criança/adolescente com necessidades educacionais especiais na brinquedoteca da ACACCI se identifica diante do brincar e do brincar em um processo de subjetividades a partir dos conceitos merleau-pontyano de corporeidade, experiência e percepção.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Considera como risco a criança apresentar na situação de observação timidez, indicando que ela

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

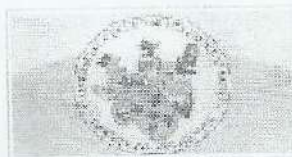
CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITÓRIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



**UFES - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO
SANTO - CAMPUS GOIABEIRA**



Continuação do Parecer: 3.147.737

poderá deixar de participar e escolher um outro dia para que a observação ocorra. Como benefícios apresenta a divulgação da obrigatoriedade da Lei 11.105/2005 e para as crianças participantes da pesquisa ter acesso a momentos de

ludicidade, com a garantia de ser criança mesmo em momentos de internação e hospitalização. De um modo geral a pesquisa poderá demonstrar caminhos possíveis aos pedagogos e profissionais responsáveis pelas brinquedotecas hospitalares a respeito da importância do brinquedo e da brincadeira em um processo de subjetividade do qual a criança é lançada à própria existência

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa atende a todas as exigências éticas na condução da coleta, tratamento e divulgação dos dados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentou todos os termos obrigatórios, sendo estes analisados com base na Resolução 466/2012 CNS, não havendo pendências, no âmbito das especificações exigidas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há inadequações. Indica-se a necessidade de atualizar o Cronograma, considerando a data de aprovação deste Protocolo de Pesquisa neste Comitê.

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicitamos que se atenda às demandas do relator, após o qual o projeto está autorizado para ser iniciado por esse comitê. As exigências referem-se a problemas de fácil correção. Não há conflitos éticos envolvidos.

Endereço do CEP:

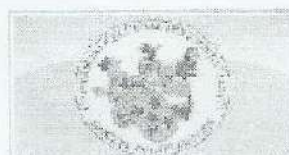
Comitê de ética em pesquisa com seres humanos, UFES/Campus Goiabeiras
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Campus Universitário de Goiabeiras,
Av. Fernando Ferrari, s/n, Vitória - ES, 29060-970

Tel: 4009-7840

Email: cep.goiabeiras@gmail.com

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN	
Bairro: Goiabeiras	CEP: 29.075-910
UF: ES	Município: VITÓRIA
Telefone: (27)3145-9820	E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



UFES - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO
SANTO - CAMPUS GOIABEIRA



Continuação do Parecer: 3.147.737

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO 1197223.pdf	10/12/2018 20:37:11		Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	06/12/2018 16:42:37	ana karyne furley	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	06/12/2018 16:42:28	ana karyne furley	Aceito
Parecer Anterior	parecer_anterior.pdf	06/12/2018 16:41:00	ana karyne furley	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE1.docx	05/12/2018 10:23:34	ana karyne furley	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.docx	05/12/2018 10:23:24	ana karyne furley	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	21/11/2018 15:41:19	ana karyne furley	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VITÓRIA, 14 de Fevereiro de 2019

Assinado por:
KALLINE PEREIRA AROEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras CEP: 29.075-910
UF: ES Município: VITÓRIA
Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com

Figura 50 - Planta baixa da brinquedoteca hospitalar da ACACCI



Fonte: Acervo da autora

Legendas:

- 1- Computador/ jogos eletrônicos/Xbox 360
- 2- Computador
- 3- Totó
- 4- Sinuca
- 5-Televisão (está quebrada)
- 6-Computador da recepção
- 7-Armário da recepção
- 8-Entrada da recepção
- 9- Cantinho da leitura
- 10- Armário baixo de materiais/pia para limpeza
- 11-Palco
- 12-Estante com TV e jogos de videogame e brinquedos
- 13-Cantinho do Bebê
- 14-Casa de Bonecas (madeira)
- 15-Tatame
- 16-Estante alta com brinquedos
- 17-Casa de bonecas (plástico) e Totó
- 18- Escorregador de plástico
- 19-Cantinho Simbólico com fogão, cozinha, supermercado.

Da esquerda para a direita: Denise Garon (quarta), Nylse Cunha (décima), em Estocolmo (Suécia) no Congresso Internacional "A Brinquedoteca e a Sociedade". E ao lado, a prof.^a Nylse com o presidente da Associação Sueca de Pediatria, o médico John Lindt e a prof.^a Ivonny Lindquist.

Figura 51 – Congresso Internacional “A Brinquedoteca e a Sociedade”



Fonte: <http://www.brinquedoteca.org.br/area-do-afiliado/> Acesso em: 10 de janeiro de 2018

A professora Aidyl Macedo Queiroz foi a fundadora da brinquedoteca terapêutica no curso de psicologia da USP.

Figura 5210 - Prof. Aidyl Macedo Queiroz Pérez Ramos



Fonte: <http://www.brinquedoteca.org.br/area-do-afiliado/>

Alunas do curso de graduação em Enfermagem em atividades recreativas às crianças internadas.

Figura 53 – Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo



Fonte: COSTA; RIBEIRO; DE BORBA; SANNA (2014).

Fotos tiradas no dia 07/12/2017, da entrada do Hospital Jesus, do tomógrafo e da classe escolar móvel, respectivamente.

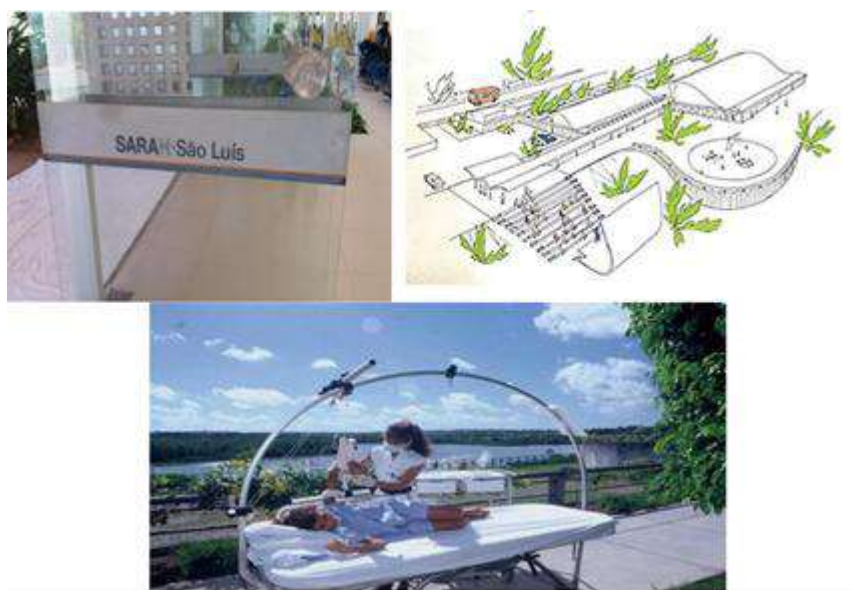
Figura 54 - Hospital Jesus



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Fotos representando a entrada da unidade de São Luís do Centro de Reabilitação SARA Kubitschek, sua planta baixa e uma criança fazendo reabilitação na área externa da instituição.

Figura 5511 - Centro de Reabilitação SARA Kubitschek



Fontes: Acervo da pesquisadora e <http://www.sarah.br/a-rede-sarah/nossas-unidades/unidade-sao-luis/>

Brinquedoteca do Hospital Aldenora Belo. Fotos tiradas em visita na data de 06/10/2017.

Figura 56 – Hospital Aldenora Belo



Fonte: Acervo da pesquisadora

Fotos da classe hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão.

Figura 57 – Hospital Universitário da UFMA



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 5812 - Santa Casa de Misericórdia- São João Del Rei



Fonte: acervo da pesquisadora

A foto foi tirada na brinquedoteca da Santa Casa de Misericórdia em São João del Rei, em Minas Gerais na data de 24/10/2017.

Figura 59 – INCA – Rio de Janeiro



Fonte: Acervo da pesquisadora

Visita realizada em 11/12/2017 à brinquedoteca do INCA da Praça Vermelha, Rio de Janeiro.

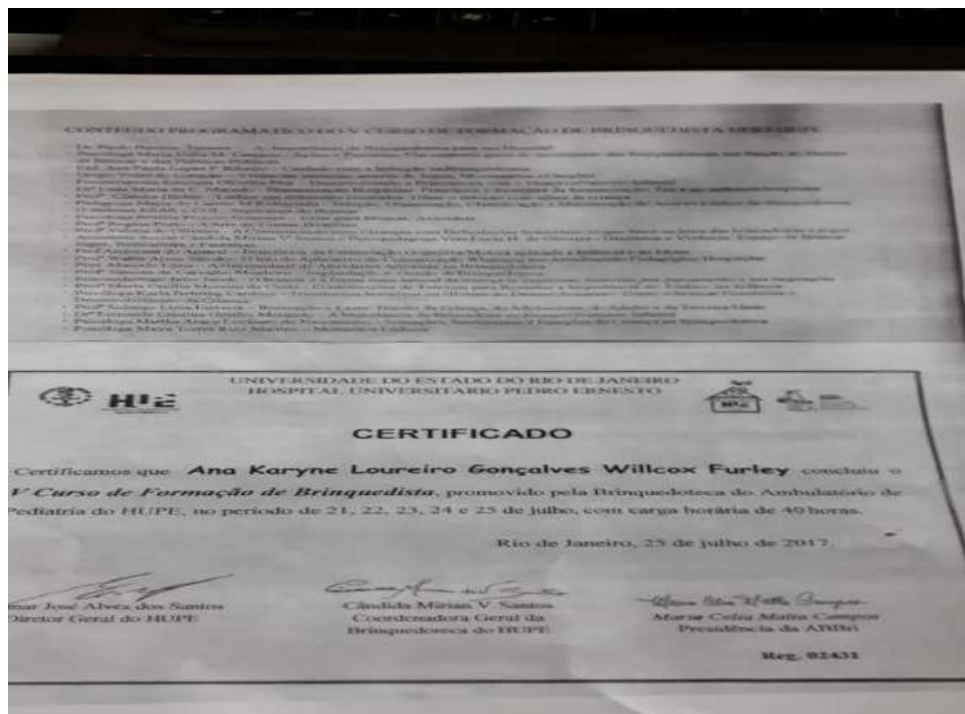
Figura 60 - Certificado do curso de Extensão/UFES/PROEX

Fonte: Acervo da pesquisadora

Certificado da autora de participação como co-coordenadora do curso de “Pedagogia, brinquedoteca e classe hospitalar: um enfoque fenomenológico existencial.”



Figura 131 – Certificado do I Módulo de Curso de Brinquedista-HUPE/UERJ- ABBri



Fonte: Acervo da autora

Certificado da autora de participação do V Curso de Formação de Brinquedista pela ABBri.

Figura 62 –Entrevista com a Ms. Regina Murad no Jornal A Gazeta de 22/04/2018



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 63– Formulário de registro de atendimento da brinquedoteca da ACACCI

	Título:	Código:	
	Registro de Atendimento:	FO - 015	
		Folha	Revisão
		1/1	02

Data: _____

Nº	Nome do Participante	Idade	Perfil	Nome do Acompanhante
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				
24				
25				
26				
27				
28				
29				
30				
Voluntários				
Observações				

Perfil: A - Acompanhante; P - Paciente; I - Irmão; O - Outros

Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 64- Atividade da Classe Hospitalar da ACACCI que foi desenvolvida na brinquedoteca



CLASSE HOSPITALAR- HOSPITAL INFANTIL

NOME: _____ DATA: ____/____/____

COPA DO MUNDO 2018 MASCOTE ZABIVAKA



Fonte: Acervo da pesquisadora
Figura 65– Artigo publicado no Jornal A Gazeta online

GAZETA ONLINE NOTÍCIAS DIVIRTA-SE ESPORTES MAIS LIDAS MAIS RECENTES

OPINIAO > Artigos > ESTÁ LENDO > Pelo Direito Das Crianças De Brincarem Nos Espaços...

Artigos Saúde

Pelo direito das crianças de brincarem nos espaços hospitalares

Quando brinca, a criança não busca apenas a fuga, ela também encara a realidade e a enfrenta, adquirindo a resiliência de cura

EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

Compartilhar: f t in

Publicado em 24/05/2018 às 07h53
Atualizado em 24/05/2018 às 07h53



Ana Karyne L. Furley*

No dia 28 de maio de 1990, foi criado pela ITLA (Toy Libraries Association) o Dia do Brincar. Este é um movimento pela defesa do direito do brincar garantido pela Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças e defendido mais tarde pela Unesco numa data oficial mundial. No Brasil, a data é promovida pela Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri).

O brincar é comumente livre e compõe o âmago do ser humano. Para isso, não é necessário ter brinquedos caros, é importante a imaginação e

Receba o 1º Kit Grátis

Livros selecionados por especialistas de acordo com a fase do seu filho.

>

Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 66– Certificado do II Módulo de Curso de Brinquedista-HUPE/UERJ- ABBri



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 67– Conteúdo programático do II Módulo de Curso de Brinquedista-HUPE/UREJ- ABBri

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO E FORMAÇÃO CONTINUADA DE BRINQUEDISTA UERJ-HUPE REALIZADO NOS DIAS 23,24,29,30,31 MARÇO 2019

- Psicopedagogo e Músico Junior Cadima – “Música, Neurociências e Psicomotricidade: Um diálogo transdisciplinar em prol do desenvolvimento infantil”
- Pedagoga Adriana A. Miranda – “Inteligência e funções executivas: Como desenvolver tais habilidades utilizando os jogos na Brinquedoteca?”
- Prof. Felipe Paschoal – “O Brincar e suas possibilidades na segunda infância: Estratégias lúdicas para o TEA”
- Psicóloga Sirlândia Reis de O. Teixeira – “O perfil do Brinquedista e suas Funções”
- Profª Janaína de Oliveira Macena – “Linguagens das Crianças: O Lúdico e a Arte”
- Profª Lathiane Ferreira Höfke – “Gestão e Missão do voluntário: direito e deveres”
- Profª Claudia Hlebetz – “Brinquedos que Contam Histórias: Cultura, Patrimônio e Laços de Pertencimento na Têssitura de muitas Infâncias”
- Profª Edicléa Mascarenhas – “O Brincar nos Espaços Hospitalares”
- Profª Solange Lima Ferreira – “A Riqueza do Brincar”
- Prof. Jonathan Fernandes Aguiar – “Ser Lúdico, eis a questão”
- Profª Elaine Manhães Soares Pinto – “Abraçando Ideias – Oficina de Materiais Pedagógicos, Adaptados e de Apoio”
- Profª Vera Lúcia de Mattos Nogueira – “Apresentação das Bases Teóricas para o Método GROWING UP”.
- Profª Claudia Nunes – “Emoção e Música: Saúde na Terceira Idade”
- Profª Beatriz Piccolo – “O Brincar e o Desenvolvimento Infantil na Primeira Infância (0-3 anos): Enfoque em Atenção Primária à Baixa Visão em Prematuros”

Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 68– Reconhecimento pelo Prêmio Científico no I Congresso Internacional do Brincar- UERJ. Coluna AT2 do jornal A gazeta- 08/11/2018



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 69– Carta de Parabenização concedida pela UERJ- HUPE



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PEDRO ERNESTO

A

Ana Karyne Loureiro G. W. Furley

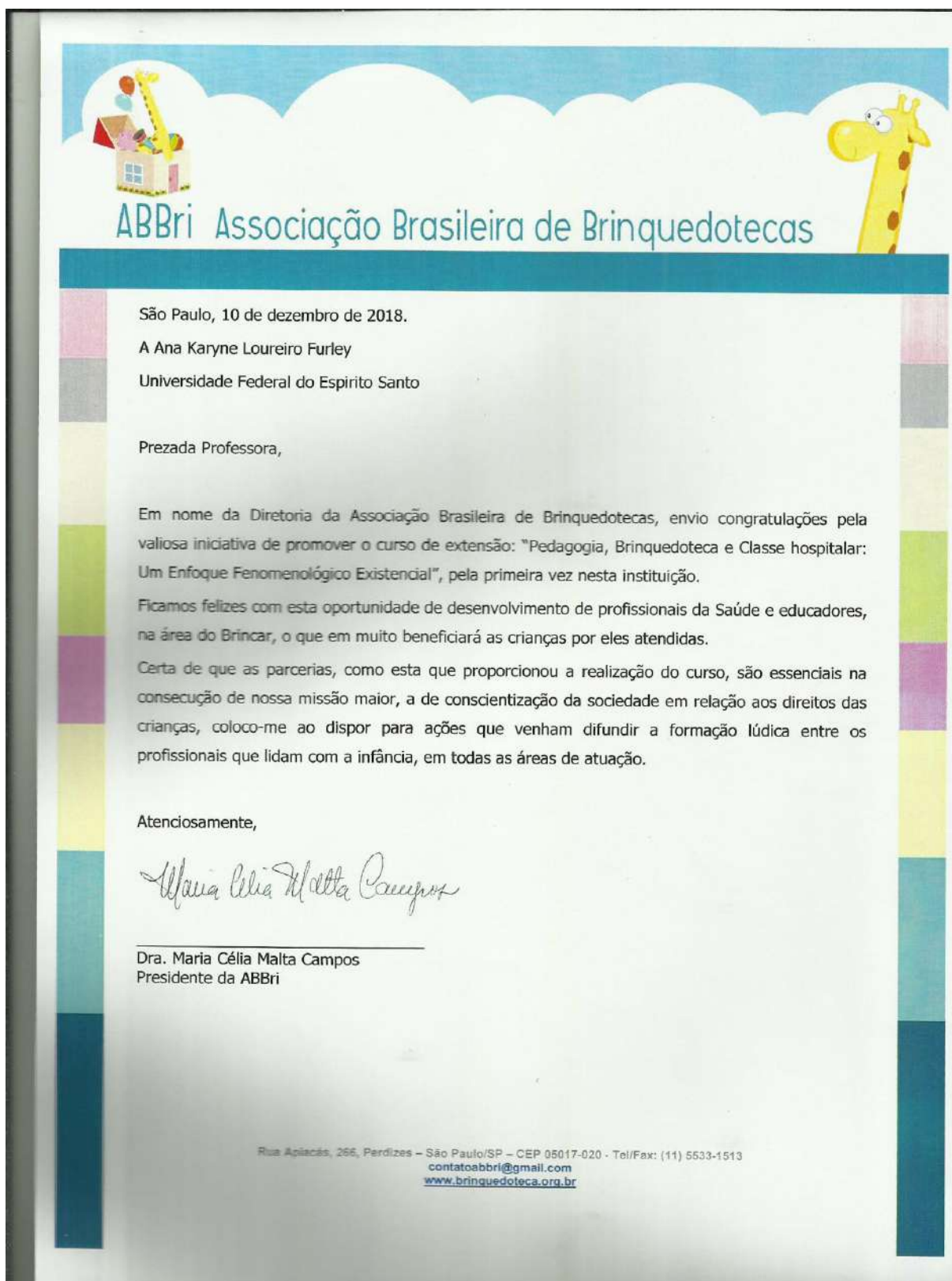
Parabenizamos pela realização do Curso de Extensão (UFES/PROEx) intitulado de **"Pedagogia, Brinquedoteca e Classe Hospitalar: um enfoque fenomenológico existencial"** ocorrido no período de setembro a dezembro de 2018, que contribuiu sobremaneira para formação dos profissionais que vislumbram atuar nas Classes e Brinquedotecas Hospitalares. Vale ressaltar que a Brinquedoteca é um agente importante na humanização hospitalar, pois tem a intenção claramente voltada para a melhoria do estado físico e emocional do paciente. Destacamos que a finalidade e a relevância do curso supra transcende as barreiras e respeita o ser no mundo em sua integralidade, refletindo ao nosso ver, um projeto de mundo melhor, que sonhamos justo, igualitário e de direitos.

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2018.

Cândida Miriam de V. Santos
Coordenadora da Brinquedoteca do HUPE

Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 70– Carta de Congratulações concebida pela ABBri



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 71– Carta de agradecimentos concebida pelo PPGE/CE/UFES



Vitória, 10 de dezembro de 2018

À Dra. Regina Murad

Diretora Presidente da ACACCI

Senhora Presidente,

Por meio desta, vimos expressar nossa alegria e nossos agradecimentos pela importante parceria desenvolvida entre a ACACCI e o PPGE. A realização dessa parceria contribuiu de forma significativa no processo formativo de nossos alunos ao permitir sua inserção na prática social, garantindo novas experiências de aprendizagens.

Vimos também registrar nossos agradecimentos à Superintendente Luciene Serra, ao Professor Hiran Pinel e às alunas Ana Karyne Loureiro Furley, Marciane Cosmo, Jaqueline Bragio e Rute Leia Augusta Nascimento pelo importante apoio dispensado para o sucesso dessa parceria.

Nossas cordiais saudações,

Eliza Bartolozzi Ferreira
Coordenadora Geral